BERNARDIM RIBEIRO

E

CRISTOVÃO FALCÃO

OBRAS

BIBLIOTECA DE ESCRITORES PORTUGUESES

SÉRIE A

BERNARDIM RIBEIRO

E

CRISTOVÃO FALCÃO

OBRAS

NOVA EDIÇÃO

CONFORME A EDIÇÃO DE FERRARA

PREPARADA E REVISTA POR

Anselmo Braamcamp Freire

E PREFACIADA POR

D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos

VOL. I

COIMBRA

IMPRENSA DA UNIVERSIDADE

1923

Desta edição
fez-se uma tiragem especial de 50 exemplares,
numerados e rubricados

I

RAZÕES PORQUE ESCREVO ESTA INTRODUÇÃO

HABENT SUA FATA LIBELLI. — Torna-se necessário dizê-lo mais uma vez a respeito duma obra portuguesa cuja *História* tem sido realmente acidentada.

Indispensável para a reconstituïção do texto dum *livrinho* que é uma das criações características da literatura nacional, ficou infecunda todavia desde que saíu à luz em 1554, apesar de logo reimpressa em 1559, porque *feita no estrangeiro* era suspeita, e não corria com a devida liberdade.

Só agora renasce a edição principe da *Menina e Moça* — ao cabo de três séculos e meio.

Poder-se há portanto proceder finalmente ao estudo *crítico* completo, e à edição definitiva dêsse poema em prosa, maviosamente belo, isso sim, mas estranhamente incorrecto e difícil, porque o autor, de temperamento melancólico e sensibilidade doentia, desem-

parado, no último quartel da vida, da luz do entendimento, já fraca desde muito, evidentìssimamente não lhe havia dado a última de-mão, nem *limae labor*, aprontando para o prelo o fragmento que escrevera depois duma catástrofe de amor, narrando *Tristezas* e *Saudades*, culpas e desculpas. Sem plano nem fim. Encobrindo e idealizando verdades. Dizendo-as vagamente. E tão desordenadamente, como em regra acontecem as peripécias das vidas humanas.

*

Este tardio ressuscitamento da edição de Ferrara, deve-o Portugal à generosidade eficaz de *Anselmo Braamcamp Freire*, o eminente investigador, cuja perda deixou consternados todos quantos trabalhamos no campo da história pátria.

Uma das últimas empresas que êle tomara a peito foi mandar fotografar em Londres as trezentas e trinta e seis páginas, ou 168 folhas, do talvez único subsistente e em todo o caso raríssimo exemplar da impressão de 1554, o qual se conserva no Museu Britânico. Na sua própria casa e sob a sua vigilância fê-las

trasladar depois com metódico rigor, linha a linha, letra a letra, com tôdas as abreviaturas e todos os numerosos erros, tanto tipográficos como de redacção, que lhes são peculiares e as autenticam como original *não-acabado* dum genial poeta, nem tampouco revisionado tècnicamente.

Entregue ao então director da Imprensa da Universidade, (o benemérito dr. Teixeira de Carvalho) passou, por morte dêle, às mãos de seu digno sucessor que, auxiliado pelo chefe das oficinas, cuidou desveladamente da composição das obras pastoris de Bernardim Ribeiro e das de Cristóvam Falcão, estreitamente unidas na mesma publicação, como tinham saido, um decénio antes (em 1543), as *Rimas* doutros dois amigos e inovadores peninsulares: Boscan e Garcilaso de la Vega.

A reprodução saiu fidedigna. Os erros que cataloguei (1), tanto podem ser de *caixa*, como de leitura e transcrição, e creio que êstes últimos predominam. A omissão do

---

(1) Eu tive a vantagem de conferir o texto impresso com as fotografias feitas em Londres, por favor penhorante da Ex.ma Sr.a D. Maria Luísa da Cunha Meneses Braamcamp.

Signet do editor, na fôlha derradeira do original, creio seria propositada.

A fatal doença que levou o grande mestre em Crítica, História e Genealogia, não permitiu, infelizmente, que êle delineasse o estudo esclarecedor que planeara.

*

Distinguida com o honroso convite de, em lugar do ilustre homem de sciência, redigir um compendioso Preâmbulo para o aniversário da data fúnebre, cumpro em primeiro lugar o pesaroso dever de mais uma vez lhe prestar homenagem sentida, de respeito e gratidão pelos serviços que desinteressadamente dispensou às letras nacionais em obras históricas que são fonte inexaurível de saber, em que todos quantos estudamos, temos bebido e beberemos.

Seguramente não vive quem evocasse do pó dos Arquivos e dos recantos das Bibliotecas tantos documentos como êle; quem, interpretando-os com os seus vastos conhecimentos, rectidão inabalável e perspicácia aguda, emendasse tantas fôlhas de Nobiliaristas, e solucionasse tantos problemas

mesmo intrincados da história da literatura, como p. ex. o de *Gil Vicente Trovador e Mestre da Balança.*

Quanto aos casos de Bernardim Ribeiro e Cristóvam Falcão, o segundo já havia despertado o seu interêsse durante os seus estudos sôbre a feitoria de Flandres, visto que João Brandão, o primeiro consul que D. Manuel mandara a Antuérpia, era pai de *Maria, a do Crisfal* como dizem historiadores e linhagistas, quando em 1908 começou a campanha de Delfim Guimarães contra a *lenda* do filho de João Vaz de Almada e a favor de Bernardim como verdadeiro autor não sòmente das cinco mais antigas *Eglogas trovadas* da poesia portuguesa, mas também das muito nomeadas e agradáveis *Trovas de Crisfal,* nas quais, sob tão peregrino apelativo, teria designado a sua própria pessoa! Como amadora e utilizadora de *crismas falsas* ou *crismos falsos!* E isso muito embora logo em 1554, em vida do histórico Cristóvam Falcão, se tivesse anunciado em letra redonda, que o nome do pastor que figurava nas *Trovas* era ou parecia composto das primeiras sílabas de *Cris*(tóvam) *Fal*(cão). Pelo mesmo processo que reduziu *Sal*(omão) *Usque* a *Salusque* (e deu nos

nossos dias á Germânia vencida termos como *Schupo* e *Sipo* (1).

Os *Brandões,* de antiga memória, os quais *com o resplendor que fazem — dão claridade e dão luz — de nobreza aos que os trazem*, e os Falcões, vindos da Inglaterra — *o duque mui afamado — d'Alemcrasto nomeado,* — *reinando el rey dom João* (2), ou pelo menos os dois rebentos quinhentistas mais conhecidos de ambos os troncos, sugeriram ao autor dos *Brasões de Sintra* um dos seus últimos estudos, em que, com materiais históricos quis socorrer Delfim Guimarães, apeando Maria Brandoa de heroína e inspiradora das *Trovas de Crisfal.*

Que êsse estudo, claro e convincente em tudo, menos no ponto da tradição relativa a factos íntimos da vida familiar, não escritos (como o do recolhimento temporário duma menina num convento), ficasse de resultado dubio, como em geral a campanha contra a capacidade poética do histórico fidalgo de

---

(1) *Schutzpolizei* e *Sicherheitspolizei*

(2) Bem sei que já havia Falcões em Portugal, no tempo de D. Fernando. Mas o próprio Fernão Lopes nomeia *Monsieur Johão Falcon* àquele que foi tronco dos de Portalegre.

Portalegre; ou antes pelo contrário que pela *possibilidade cronológica* de amores dêsse Cristóvam Falcão com Maria Brandoa, amores quási infantís, como a paixão clássica de Dante Alighieri por Beatrice Portinari, a tradição genealógica saisse para os despreocupados mesmo mais digna de fé do que fôra dantes, não diminui os créditos do nobre inquiridor, como não os rebaixou a injustiça provada com que tratou uma vez os Farias, e mais tarde os Sás de Coimbra, e sobretudo a Rainha D. Leonor, ilusionado pelo culto que rendia ao *Príncipe Perfeito*. Tornou-o mesmo para mim, humanamente mais simpático, visto que *errare humanum est*, e Braamcamp Freire no conjunto errou tão pouco que quási parecia sobre-humano. Sempre que reconhecia que se enganara, confessava-o de resto, — embora *Silex* — com gentil e fidalga cortesia.

Se êste caso se tinha dado agora, e se, além dos materiais aproveitados no *Arquivo Histórico* e na *Atlantida*, o incansável trabalhador já dispunha doutros, complementares, para a Introdução da *Menina e Moça*, e se porventura notara um pormenor importante que não tinha entrado nas suas considerações, ignoro-o, desgraçadamente.

Certo e lastimável é ùnicamente que já não nos fará ouvir Anselmo Braamcamp Freire a sua palavra com relação principalmente aos autores das obras pastoris, impressas em 1554 em Ferrara, e repetidas em Colónia ao cabo dum lustro, mas também com respeito aos editores de ambas elas.

Dum lado o Judeu português Abraham Usque que no refúgio italiano se afadigou nobremente em benefício de tôda a *gente da nação*; retraduziu para castelhano e imprimiu na sua oficina a celeberrima *Biblia de Ferrara,* ainda hoje de subido valor; dispensou, pela boca de Samuel seu irmão, *Consolação às Tribulações de Israel* e finalmente pagou o seu tributo de gratidão e admiração a Bernardim Ribeiro como introdutor do suave estilo pastoril e amor profundo da Natureza na literatura portuguesa, o qual, nas Eglogas e na Novela, lhe ensinara a linguagem ingénua mas patética que fez usar o seu *Ycabo* (anagrama de *Iacob*), no Diálogo com *Numeo (Nahum)* e *Zicareo (Zacarias)* em páginas não inferiores às de Bernardim. Do outro lado o culto Alemão da Colónia Agripina que pusera a sua arte ao serviço de Erasmistas e Humanistas neo-latinos como G. .s e Resende.

Mais do que opiniões sôbre o valor dos dois, lastimo contudo não formulasse sentença ponderada quanto ao processo moderno de reduzir a um só os dois Bucolistas — sentença condenatória das novas fabulações interpretativas que a ela se ligam — sentença que de resto, já começara a formular, concisamente e em globo, exceptuando ainda as que provém de Delfim Guimarães, por o ponto de partida dêsse sincero estar em duas *cartas-ofícios com valor de documentos*, que à primeira vista estão em desarmonia com as *Trovas de Crisfal*, pela desordem ortográfica e gramatical com que foram traçadas.

*

Pela minha parte darei apenas, singelamente, resenhas de há muito prometidas — dos factos até hoje apurados — a respeito das obras e das pessoas, assim como dos problemas que elas suscitam.

Depois de fazer a descrição *razoada* do exemplar conservado em Londres, tentarei esboçar a sorte provável da edição, tratada de *burlona* pelos impressionistas... que não a conheciam. Examinarei a autenticidade

das adjudicações e abjudicações de obras menores nela contidas. Indicarei influxos das maiores e das menores, em que ninguem reparara até hoje.

E embora a *Menina e Moça* e o *Crisfal* e o *Cancioneirito* do fim hajam provocado nos últimos lustros um número avultado de publicações (em especial sôbre as realidades da vida, idealizadas na Novela e nas Eglogas) e pessoalmente eu já tenha expandido as minhas ideas *conservadoras da tradição* em diversos estudos, estou certa de que haverá em todos os capítulos da minha exposição matéria nova e de pêso para a resolução do problema principal: *a autoria do Crisfal.*

De propósito deixo-o todavia em aberto. Para a decisão ser cabal faltam-nos datas *seguras.* Datas sôbre a saida dos Usques de Lisboa. Datas sôbre a doença de Bernardim, e a sua fugida à Arcádia de Entre Douro e Minho. Datas sôbre a composição das *Trovas de Crisfal* e da *Novela.* Datas sôbre o falecimento de Cristóvão Falcão. E na biografia da órfã Maria Brandoa, sôbre o seu recolhimento, ou digamos a sua residência passageira no convento de Lorvão, depois da morte da avó (1535).

¿Datas? ¿algarismos? Coisas que os neo-românticos portugueses desprezam, mas sem as quais não pode haver historiação acertada.

*

As inegáveis semelhanças que há nos assuntos, na técnica e no espirito das trovas pastoris de Bernardim e de Cristovam Falcão: o suave bucolismo em versos de medida velha e linguagem candorosa, arcaica quanto aos artifícios do gongorismo medieval que se cifra em *trocadilhos*, *antíteses* e *repetições* — e quanto ao espirito o sopro amoroso do Renascimento, temperado por meiga melancolia e a sensibilidade fina que distingue esta nação; e sobretudo a mescla constante de idealismo vago e traços peculiares da vida real (1) elas são tantas e tais que a *eventualidade* de serem do mesmo autor não se apresentou ùnicamente a Delfim Guimarães em 1908; *tinha-se apresentado a*

(1) Um traço dêsses é lembrado por Aubrey Bell. Avalor que remando vai atrás de Arima, e desaparece no mar, tem as mãos *feitas empolas* e as empolas desfeitas em vivo sangue.

quási todos os conhecedores das literaturas românicas, de Bouterwek, Sismondi e F. Denis em diante. O primeiro disse em 1805 que sem a epigrafe explicativa o *Crisfal* podia passar por obra de Bernardim Ribeiro. Independentemente cheguei à mesma conclusão. E Aubrey Bell (ainda na suposição falsa que, de idade quási igual, os dois freqüentaram a côrte ao mesmo tempo e eram amigos íntimos) inclina-se a crer que Ribeiro escreveu o *Crisfal*, afirmando que, a não ser assim, Cristóvam Falcão se identificou em absoluto com o poeta mais velho, despindo tôdas as qualidades individuais.

¡Erguer a *eventualidade* a *probabilidade*, com desprezo de tôdas as diferenças, igualmente inegáveis, quanto aos personagens (1), o entrecho, e às peculiaridades estilísticas que distinguem o *Crisfal* das cinco Eglogas (2), isso só podia ser (na falta de provas documentais) sob condição de, por ensejo do drama alheio de amor e casamento a furto, que perfaz o tema do *Crisfal*, Bernardim já entrado em idade, encanecido, abalado e

(1) E foram sensatamente expostas por Raul Soares.

(2) Os realismos no *Crisfal* são poucos e são clássicos como o fiar na roca e o cair do fuso.

gasto pela tragédia da sua própria vida, ter ainda assim tido a lucidêz e o vigor preciso para compôr, dum jacto, a mais extensa e melhor poesia bucólica da literatura nacional e talvez de tôdas as literaturas modernas! Poesia inspirada, nesse caso, por mágoas alheias—de propósito o repito—que o haviam impressionado, porque ver no pastor Crisfal o próprio Ribeiro — Jano — Amador — Narbindel — figura-se-me impossível.

Um *canto de cisne* disseram, dizem, e dirão. Mas êsse fenómeno (apregoado em Bestiários e Isopetes) passou à história, como tantas outras fábulas zoológicas (o que não impede que também empregarei essa figura retórica).

Que fôsse entoado após dezénios de silêncio, não é contudo digno de crédito.

Nascido em 1482, o poeta de Torrão escrevera poesias menores *antes de 1516*, tôdas elas (12) cuidosas e chorosas; quatro *Eglogas* e a *Menina e Moça* aparentemente durante a estada na Itália (1522 a 24) ou pouco depois do seu regresso, na côrte. Entre 1524 e 1530. Quando Sá de Miranda delineou o seu *Alexo* (1532 a 1534), o amigo e companheiro já ia caindo em melanconia insanável. Pouco mais produziu. A *Egloga V* julgo-a

composta no bom-retiro de Cabeceiras de Basto, solar dos Pereiras Marramaques (António e Nunálvares) que o autor do *Alexo* lhe preparara, a êle e a outros Arcades. Antes de 1540. O mesmo vale do romance *Ao longo de uma ribeira*, que é mais vago, fantasioso, e misterioso do que tudo quanto antes criara.

O *Crisfal*, claro e relativamente sereno, êsse foi escrito, segundo os cálculos melhores, entre 1536 e 1540, e impresso depois de 1543.

Para acreditarmos na suposição il-lógica do *canto* ou *pranto de cisne*, entoado depois de anos de demência (!) seriam indispensáveis documentos datados, de que carecemos de todo.

A primeira impressão das *Trovas de Crisfal*, em fôlha volante, nada diz do autor, em oposição àquela que propagou a Egloga III *(Silvestre e Amador), feita por Bernardim Ribeiro.* Na de 1554 há o nome *Cristovam Falcão* no *Indice*, e na epígrafe da Egloga. A segunda edição feita em Portugal (1557) proclama dar *todas as obras* de Bernardim, encontradas no seu espólio, e tiradas dos originais.

E entre elas não há o Crisfal!

Com o que André de Burgos diz nos

preliminares (em nome dos herdeiros?) concordam as declarações, sobre as *duas* impressões que se gastaram, feitas em 1645 por Manuel da Silva Mascarenhas, cujo avô fôra primo-coirmão de Bernardim.

No documento judicial de 1642, relativo a outro de 1552, menciona-se exclusivamente a *Menina e Moça* (incorrectamente embora, como se fôsse versificada).

Entre os escritores coevos das edições de Ferrara e Colonia, de Bernardim e do histórico Cristovam Falcão, de Portalegre, enviado a Roma em missão diplomática (em 1542) e nomeado Governador de Arguim em 1548, não houve um só que para o primeiro vindicasse as *Trovas* que a tradição ia atribuindo ao segundo — tradição *literária* e *genealógica*, com a qual o vulgo ignaro nada tem.

Em mil e seiscentos corria uma lenda sôbre a paixão de Bernardim pela Infanta D. Beatriz e sôbre *canções à maneira italiana* que para ela teria composto! Mas nem mesmo então — tempo das fábulas e fraudes — apareceu uma notícia, quer positiva, quer fantasiosa, sôbre êle como autor do *Crisfal*, ou sôbre relações dêle com *Maria*, a das lágrimas doces e beijos sabo-

rosos, que de saüdosa deixava cair o fuso dos dedos e, de parecer divino, cantava cantigas *dele dino*, como *Yo me iba, la mi madre*, *A Santa Maria del Pino*.

O inverossímil e excepcional parece portanto que foi realidade também desta vez (assim se resolve finalmente, hesitando, a pensar o criterioso Aubrey Bell): houve na primeira metade do seculo XVI em Portugal *dois* poetas-natos, oriundos do Alentejo, que cultivaram o mesmo género poético com gôsto natural e arte adquirida, em obras tão parecidas que um poderia haver escrito os versos do outro.

Não eram todavia de idade igual (como outrora julguei, imaginando até que o genial Cristovam, falecido muito novo, visto que só produziu *uma* obra-prima, seria o mais velho dos dois). Provadamente, Cristovam era menor ainda em 1527. Iniciador é portanto Bernardim; continuador ou imitador, o outro.

Que êsse, na espontaneidade da sua dor, estando já inebriado com os doces venenos propinados pelo grande poeta, criasse uma obra deliciosa *e depois nada mais*, é de estranhar na verdade; mas não está em oposição a quanto sabemos da usual cultura

poética dos mancebos nobres da côrte portuguesa de quinhentos, e da sua bizarra prodigalidade e notório descuido cavalheiresco.

A afirmações temerárias e edifícios construídos no ar, movimentado e muita vez tormentoso, das impressões subjectivas, prefiro a confissão singela que, inclinando-me a dar fé aos amores de *Crisfal e Maria Brandoa*, que a tradição assentou não só em numerosos *Nobiliários* mas também em livros históricos, fico, para me decidir, como já disse com relação a datas, à espera de que, após tantos documentos elucidativos sôbre os indivíduos Gil Vicente, Bernardim Ribeiro, Cristovam Falcão e os Brandões, surja ainda outro com referências claras e datas positivas sôbre a obra poética do filho de João Vaz de Almada, o de Portalegre.

Num conciso assento nobiliárquico lê-se que êle fôra *trovador*. Êsse é de um quinhentista, geralmente acreditado, e aproveitado a miúde pelo próprio Braamcamp.

Fidalgo que seguramente conhecera na côrte de D. João III, tanto o desventurado Bernardim como a Cristovam Falcão. *D. António de Lima* (fal. em 1582).

Após os indícios bibliográficos e biográ-

ficos, creio que isso basta (apesar das cartas-ofícios mal grafadas, mal pontuadas e mal estilizadas), como bastou para classificarmos Gil Vicente de *Trovador e Mestre da Balança* uma nota-sumário num documento da Tôrre do Tombo.

II

A EDIÇÃO DE FERRARA. DESCRIÇÃO DO EXEMPLAR DO MUSEU BRITÂNICO

Como os neo-românticos declarassem *burlona* e *falsificada* a impressão de Ferrara, é preciso que quem quiser ser juiz nas questões pendentes, leia com atenção êste resumo e olhe para a reimpressão diplomática com olhos de ver.

Um volume *in-8.º* (15,3 × 10,2 cm.), de CLVIII fôlhas, ou 336 páginas, de 28 linhas cada; ou seja de vinte e um *Quadernos* de papel; marcados de **A** II III IIIj até **X** IIIj *v.*, segundo a antiga praxe dos impressores. Tipo redondo. Só numa parte do frontispício algumas linhas explicativas estão em grifo. O formato e o tipo, quási não-usado até 1554 em Portugal, na oficina do activíssimo fornecedor régio Germão Galharde (1), e

(1) Vid. C. M. de Vasconcellos, *Autos de Gil Vi-*

também nas publicações de Luís Rodrigues (1), ficou sendo modelar para a obra de Bernardim Ribeiro (nas edições posteriores de Évora 1557, Colónia 1559, Lisboa 1645, 1785, 1852 e 1891). Por ser um *livrinho*, evidentemente.

O único exemplar, de cujo paradeiro se sabe, encontra-se em Londres, no Museu Britanico. O número de ordem é G 10140. Deve estar no *Catálogo dos Adicionais* (isto é dos volumes adquiridos no século XIX). Encadernado em marroquim castanho-claro, tem bordas douradas, e na lombada, em letras de ouro, a inscrição *Hyst. de M. e M. — Ferrara 1554.*

Na capa e numa fôlha de papel intercalada entre as custódias 2 e 3, há como indicação da proveniência, o brasão do *Right Honorable Thomas Grenville* (2), culto bi-

---

cente y de la Escuela Vicentina, Introdução à edição fac-simile do *Centro de Estudios Historicos* de Madrid, 1922 (p. 59-75).

(1) Êste livreiro régio, cuja actividade começou em 1539 com material velho, substituíu-o breve por outro moderno, coadjuvado na aquisição por Diogo de Teive.

(2) A livraria dêle foi descrita num Catálogo especial, que é uma raridade bibliografica: *Bibliotheca*

bliófilo que, por testamento de 1842, legou todos os seus livros neo-latinos ao palácio de livros da capital da Inglaterra (1).

Eis o que se lê na fôlha intercalada, além do título: «*Salvá, who furnished to the Supplément de Brunet all the Spanish articles, says of this edition that it is so rare as to have been unknown both to Nicolas Antonio and to the author of the Sommario*» (2). Informação verdadeira, em que contudo para maior clareza deveríamos substituir o título do deficientíssimo *Sumário* de Bento José de Sousa Farinha (1786) pela *Biblioteca Lusitana* de Barbosa Machado, sua fonte. E também devemos lembrar-nos de que, em bibliografia portuguesa, Salvá *não* brilha; e quanto a Bernardim Ribeiro

---

Grenvilliana or Bibliographical Notices of rare and curious books forming part of the library of the Right Hon. Thomas Grenville, by Thomas Payne and Henry Foss., Lond. 1842, 2 Voll.

(1) Entre êles havia as duas mais antigas e preciosíssimas edições do *Cancioneiro de romances* de Antuerpia (s. a. e 1550), a que terei de referir-me ainda.

(2) Não pude consultar a 4.ª edição, de 1834, com o *Suplemento* de 1843. Na Biblioteca Portuense há ùnicamente a 5.ª, de 1860 a 64. Lá se encontra o artigo no vol. IV c. 1273 (N.º 17659).

pouco ou nada soubesse comunicar a Brunet — e ao mundo.

Não é porisso no *Catálogo* dêle (1871), é no *Suplemento* do *Manuel du Libraire* que a *Menina e Moça* de 1554 foi registada pela primeira vez. O artigo de Brunet saíu porém, naturalmente, assaz pobre (1), porque o notável bibliólogo francês (1780-1867), ignorando a valia especial da obra portuguesa, de que vira dois exemplares no leilão de Paris, não se afadigara, tomando nota das particularidades deles, e do conteúdo (2).

Apenas assentara duas coisas: a existência, erròneamente deduzida do título, de *outra edição anterior*, de que me ocuparei no Capítulo V (3); e quanto à arrematação dos dois exemplares em Dezembro de 1822 o pormenor que um com capa em marroquim côr de violeta, foi vendido por oitenta francos e cincoenta centesimos; outro, em marroquim vermelho, por libras 3, sh. 1, a Hanrott (4).

---

(1) Pobre e defeituoso. Quanto ao valor literário, copia o dizer conhecido de Sismonde Sismondi.

(2) L'édition qui a passé sous nos yeux mais donc nous avons négligé de prendre la description.

(3) Citando a reimpressão de Colonia fala do *Crisfal* segundo Nicolas Antonio (I, 171).

(4) P. A. Hanrott, coleccionador em cujas mãos

E êsse último que, passado a Grenville, está no Museu Britânico, apesar de a indicação da côr não ser idêntica.

¿Onde ficaria o outro? Em Paris, provàvelmente. ¡Talvez venha um dia à superfície!

*

Das listas de Brunet a notícia irradiou, na sua magreza, primeiro para outros *Catálogos* como o de Salvá (1) e o *Diccionario Bibliografico* de Inocêncio da Silva (I, p. 358) e depois para estudos de literatura portuguesa como o de Varnhagen sôbre *Livros de Cavalaria* (1871, p. 127), os *Bucolistas* de T. Braga (1871 e 1897); a *Menina e Moça* de Pessanha (2); a minha *His-*

---

esteve o *Cancioneiro de Pedro de Andrade Caminha*, publicado por Dr. José Priebsch. A respeito dêle, e de D. Francisca de Aragão, o Inglês deu crédito a um conto romântico que o curioso encontra na publicação das *Poesias Ineditas*, p. XXXI. Lá está registado também o título do Catálogo do leilão Hanrott: *Catalogue of the splendid choice and curious library*, etc.

(1) N.º 1963.

(2) Ed. 1891, p. LXXVII e 256.

toria da Literatura portuguesa no *Grundriss* de Groeber (1893); as *Origenes de la Novela* de Menendez y Pelayo (1905), etc., etc. (1).

Ninguém a ignora hoje. Mas também ninguém tentou ampliá-la e comentá-la.

Só em 1897, tendo o direito de aceitar serviços literários da parte do publicador das *Poesias Inéditas* de Andrade Caminha, o Dr. José Priebsch, fiquei sabedora do paradeiro do exemplar Hanrott-Grenville. E obtive da sua gentil obsequiosidade descrição minuciosa do volume, decalques do Frontispício e do Índice, assim como a colacionação completa do texto. Tudo explorei imediatamente, com a idea numa futura edição crítica, logo que dispusesse dos restantes elementos indispensáveis; e tudo franqueei aos interessados, publicando além disso a quinta-essência em diversos estudos (2), de

(1) No seu *Bernardim Ribeiro,* afirmou Delfim Guimarães que um exemplar da edição de Ferrara se encontrava na posse dos herdeiros de Gomes Monteiro, — iludido por uma conjectura de Aníbal Fernandes Tomás. Posteriormente verificou que foi ùnicamente a de 1559 que existira até 1920 no Porto.

(2) O principal estudo, em que falei da edição de Ferrara, saíu em redacção alemã nos *Anaes de Filo-*

sorte que algumas particularidades importantes começaram a circular (sem indicação exacta da fonte, como é feio costume porguês).

*

O frontispício é constituído pelo *Título*, a *Marca* do editor, e no fundo o *Lugar* e o *Ano*: Em *Ferrara* — 1554.

O titulo, em capitais redondos, todos iguais, sem relêvo algum, diz: *Hystoria de Menina e Moca* (1) *(sic) por Bernaldim* (2) *Ribeyro agora de novo estampada e con (sic)*

---

logia Romanica de Vollmöller *(Jahresbericht*, vol. IV, parte 2.ª, p. 216 e seg.). Traduzido para português pelo Dr. Alfredo Pimenta, estava destinado para a *Revista Lusitana*. Ficou contudo inédito, por descuido.

(1) Como o êrro se repete na edição de Colónia suponho não existisse C maiúsculo cedilhado do tipo 10 nas tipografias respectivas.

(2) *Bernaldim*, com *l* dissimilatório, é a única forma usada na edição de Ferrara, e a que deu o anagrama *Narbindel*. — *Bimarder* (f. XXX) provém todavia de Bernardim, pela regra que sons consonânticos repetidos podem ser utilizados uma só vez. Ainda terei de falar de anagramas.

summa deligencia emendada. Em cursivo minúsculo termina com o acrescento: *E assi algũas Eglogas suas, com ho mais que na pagina seguinte se verá.* Singelo como é, contém revelações que exigem comentário que pouco a pouco se desenrolará diante do leitor.

A *Marca*, o *Signet* (1), ou seja o brasão distintivo do impressor, é fundamentalmente português. É a *sphaera mundi* ou *esfera armilar* que, dada por D. João II como divisa a D. Manuel com o Mote *Espera*, foi propagado por diversos tipógrafos nacionais e estrangeiros (2), ora com Motes similares

---

(1) *Signet* é a 3.ª p. do conj. pres. do verbo *signare.* Portugueses há todavia que, considerando-o como diminutivo de *signum (sino)*, escrevem e pronunciam *sinete.*

(2) No país houve pelo menos quatro impressores que se serviram do significativo emblema: Germão Galharde, André de Burgos, António Alvares e João Barreira. No estrangeiro posso apontar Gillet Hardouin (em Paris); e Peter Liechtenstein (em Veneza). Claro que antes de ter sido escolhido para o Rei Venturoso, o astrolábio figurara em obras de astronomia. P. ex. no *Opus Sphaericum de Sacrobosco* (o inglês Holywood) *cum Johanni de Monteregio disputationi* (1482). Cfr. Luciano Pereira da Sil[illegible], *O Regimento do Estrolabio da Biblioteca de Evora.* 1922.

em que há *spera* ou *spes* (1), ora sem dizeres. Desta vez há, em volta do pé da esfera, uma fita com a sentença bíblica *In te Domine spes mea.* Aos lados estão as letras *A. V.*, iniciais do nome do editor, que em conformidade com êsses indícios devia ser um Português patriota, residente em Ferrara.

No verso da fôlha temos o resumo do conteúdo (com erros, p. ex. na ordem das Églogas IV e V) (2), o tal *Indice* que eu tinha dado a conhecer em 1897, por conter a importante novidade que a edição de 1554, tal qual a de 1559 de Colónia, continha a *muy nomeada e agradavel Egloga chamada Crisfal*... (3) *que dizem ser de Cristovam Falcão, ao que parece aludir o nome da mesma Egloga*; e no fim o *Cancioneiro* com cinqüenta Cantigas e Esparsas e Vilancetes

---

(1) Em publicações manuelinas como as *Ordenações* há em regra *Spera in Deo et fac bonitatem*, ou apenas *Spera in Deo.*

(2) Erros há em quási tôdas as Taboadas portuguesas. P. ex. na da edição-príncipe de Gil Vicente.

(3) Por êrro *Cristal*... com antecipação das ideas de Lindolfo Gomes, partilhadas por Delfim Guimarães: *Ribeiro, cristalino* = *Cristal* — E só por engano ou capricho *Crisfal!*

de vários que, atribuído ao mesmo *C. F.* de há muito, suscitou controvérsias, ainda hoje não dirimidas.

Logo depois (Fl. A II) principia o texto de *Menina e Moça feita por Bernaldim Ribeiro* com a proposição *Menina e moça me levaram de casa de minha may para muyto longe*, continuando até Fl. LXXX onde termina com *Laus Deo*, depois de uma proposição interrompida — *disse... estas palavras...;* sem pontos de reticência, que ainda então não se usavam.

O texto que corre contínuo, sem divisão em Capítulos e Partes, apenas repartido em alíneas que principiam com Maiúsculas de tamanhos diversos (como terei de acentuar depois), corresponde com variantes numerosas, isso sim, mas pouco incisivas, aos trinta e um Capítulos da edição de 1557 (e posteriores) que constituem a *Primeira Parte;* e... aos primeiros dezassete da *Segunda.*

Mas onde acaba a Primeira Parte (a Fl. LVI), (quanto ao assunto com o casamento de Aonia, e o desconsôlo profundo de Bimarder) há uma particularidade tipográfica significativa, proveniente sem dúvida do manuscrito, aliás conhecidíssima de

quem manuseia livros e manuscritos arcáicos. As últimas proposições e a fórmula convencional de transição para a *Segunda Parte* estão distribuídas de sorte que produzem a forma cónica seguinte:

(ſe em algũa cousa deste mundo ouvere
segurança) mas nam na ha, que
mudança poſue tudo — lei-
xemola agora por-
em ficar assi.

Após essa frase (procedente dos livros de cavalaria do ciclo de *Amadis*), que portanto era *final*, a prosa continua ainda — no mesmo estilo e espírito, e na mesma redacção, filològicamente descuidada, até Fl. LXXX, onde conclui, já o disse, no meio de uma proposição fragmentada: *disse escontra a donzella que ho alli trouxera, estas palauras*... (1)

Laus Deo

Destacada do fragmento em prosa por uma página (LXXX *v.*) em branco, segue-se

(1) Outra vez sem os pontos de reticência.

a parte poética. Sem frontispício especial nem nome de autor:

Fl. LXXXI: *Egloga Primeira — Interlocutores: Persio e Fauno. Autor* (1). — A Fl. LXXXVII a rubrica *Fim da Primeira Egloga de Bernaldim Ribeiro.*

Fl. LXXXVII *v.*: *Egloga Segunda — Interlocutores Jano e Franco. Autor.* Sem rubrica final depois da Cantiga irregularíssima *Perdido e desterrado.*

Fl. XCVII: *Egloga Terceira: Interlocutores Silvestre e Amador, Autor.* A Fl. CVII *Fim da Terceira Egloga de Bernaldim Ribeiro.* — Sem os versos EM Eco da edição avulsa, reproduzidos na de 1852 (2), mas considerados apócrifos pelos hipercríticos modernos.

Fl. CVII: *Egloga Quarta chamada Jano.* Sem indicação dos personagens que nela falam. — A Fl. CXIII *v. Fim da Quarta Egloga de Bernaldim Ribeiro.*

A respeito da última há novidade de pêso. A epígrafe diz a Fl. CXIII *v.*: *Egloga Quinta*

---

(1) É característica esta maneira de considerar e marcar como *Interlocutor* o Autor, que diz as partes narrativas.

(2) Vid. cap. VIII.

A QUAL DIZEM SER DO MESMO AUTOR. — *Interlocutores Ribeiro e Agrestes, Autor.* — A Fl. CXXX *v. Fym da Quinta Egloga de Bernaldim Ribeiro.*

Fl. CXXX *v. Sextina de Bernaldim Ribeiro.*

Depois de *Finis* a Fl. CXXXI *v.*: *Cantigas com suas Voltas* QUE DIZEM SER DO MESMO AUTOR. São duas apenas: *Nam sam casado senhora* e *Para mim nasceo cuidado.* Ambas inéditas até 1554. Isto é não-contidas no *Cancioneiro de Resende*, nem nas Fôlhas-volantes que escaparam ao dente voraz do tempo e à incúria das gentes. O virem assinaladas como tradicionais a *Egloga V* e as *Cantigas* parece indicar que essas partes vieram à posse do editor por outro caminho do que a *Menina e Moça* e as quatro *Eglogas* com a *Sextina*, cuja autenticidade êle podia afiançar. Problema que depois terei de examinar.

A Fl. CXXXIII entram as obras alheias. As obras do segundo Bucolista e primeiro imitador português de Bernardim Ribeiro — o Garcilaso português — obras que constituem o distintivo particular da edição de Ferrara e da reimpressão de 1559. — Entram com a simples declaração: *Egloga* DE CRIS-

TOVAM FALCÃO *chamada* CRISFAL, seguida da *Carta do mesmo estando preso, a hũa senhora com que era casado a furto contra vontade de seus parentes dela, os quaes a queriam casar com outrem, sobre que fez — segundo parece — a passada Egloga.*

E finalmente, sem epígrafe alguma explicativa, vem o problemático e discutido *Cancioneirito* (de vários, como Bernardim e Sá de Miranda, certo A. L., e probabilìssimamente o tal Cristovam Falcão, pouco antes nomeado). — De Fl. CXIX *v.* a CL.

Na última fôlha acha-se registado o Alfabeto dos *Quadernos*, segundo o costume quinhentista. E novamente o *Signet* do editor, omitido na reimpressão.

III

OS EDITORES ESTRANGEIROS

Êles são dois: o de Ferrara e o de Colónia, com filial em Antuérpia. Ou apenas um só, êsse último, porque o de Ferrara é *estrangeiro* só *cum grano salis*, como Judeu, de nação portuguesa, como já nos fez supor a esfera armilar do *Signet*. Mesmo contando dois — desde já seja dito —, êles são os únicos estrangeiros que no século XVI imprimiram textos *portugueses*.

Deduzir regras dêsse único exemplo da *Menina e Moça* — excepção em tudo (1) — (ao qual podemos juntar apenas a *Consola-*

(1) Excepção também, como já indiquei e terei de repetir, em ter saído juntamente com o *Crisfal*. Unindo num só volume os primeiros Bucolistas portugueses o editor de Ferrara imitava Carlos Amoros de Barcelona que unira os primeiros Bucolistas espanhóis na edição de 1543. Autores de Églogas trovadas, em Redondilhas, aqui. Autores acolá de Églogas em estilo italiano.

ção, saída da oficina de Ferrara, e posteriormente repetida em Amsterdam), regras sôbre um costume, vulgar em quinhentos (!), de editores-impressores portugueses mandarem fazer, ou fingirem mandar fazer impressões lá fora, quer por saírem mais baratas, quer para não pagarem direitos ao autor, quer para escaparem às garras da Inquisição (1), é mera obra de fantasia borboleteante, sem base num sólido conhecimento tanto da história da Imprensa em Portugal como da história dos Cristãos-novos, que nessa arte ou sciência tamanha parte tiveram!

Mas vejamos os factos.

O brasão distintivo do editor que em 1554 exercia a arte de Gutenberg em Ferrara, eminentemente português como ficou dito, vai acompanhado das iniciais *A. V.*, que só podem designar *Abraham Usque*.

---

(1) Estrangeiros na Imprensa peninsular, isso sim é assunto vasto e muito interessante, já tratado por diversos, mas ainda não num estudo completo e definitivo. Aqui baste lembrar que até 1545 são raríssimos os imprimidores portugueses. Quem achar exagerado o têrmo, pensando em Luís Rodrigues — que principiou a sua carreira em 1539 — ou em João Álvares e João da Barreira — ponha 1537, ano da transferência da Universidade para Coimbra.

A prova está na própria *Consolação às Tribulações de Israel*, que todos os curiosos podem felizmente consultar hoje na excelente reedição do Dr. Mendes dos Remédios (1). Lá verão no frontispício facsimilado a mesma esfera armilar com a mesma divisa latina, e as mesmas iniciais *A. V.* Mas no fundo, em vez do brevilóquio — 1554 — verão a explícita e bemvinda declaração *Empreso en Ferrara* EN CASA DE ABRAHAM ABEN VSQUE *5313 Da criaçam a 7 de Setembro* (2). Datação judaica, levemente retinta de castelhano, mas em redacção portuguesa, como o título inteiro *Consolaçam às tribulacoens* (3) *de Israel composto por Samuel Vsque*, e tôda a audaz e bela obra.

Ignoro se a *esfera* figura também na *Biblia,* e nas vinte e tântas publicações menores, entre hebraicas e neo-latinas, que de 1551 a 1557 saíram da mesma oficina dos Usques de Ferrara. Em todo o caso o frontispício da *Consolação*, mesmo sendo único, é prova suficiente para assentarmos

---

(1) *Subsidios*, VIII, IX, X.

(2) Sete, e não 27, como às vezes se afirmou.

(3) Já disse que entre as maiúsculas tipo 9, não havia *cc* com cedilha, provàvelmente.

que o *A. V.* da *Menina e Moça* é idêntico a *Abrahan Aben Usque* (ou *filho de Usque*) na *Consolação* (1). Irmão de *Samuel*, autor daquela patética demonstração, dedicada em particular aos Portugueses, seus naturais, cuja língua *mamara* e não quis trocar contra a outra emprestada que tantos quinhentistas preferiam. Primos, ambos (e em todo o caso parentes) de *Salomão* o tradutor — para castelhano — das *Rimas* de Petrarca e colaborador no drama *Esther* (2). Aparentados, todos os três, com vários outros *Usques*, letrados e tipógrafos que, ameaçados ou amedrontados pelos Tribunais da Fé, haviam procurado refúgios quer na Itália (Roma, Ancona, Florença, Pisa, Liorne, Pesaro, Veneza, Nápoles) quer em Ragusa, Salónica, Constantinopla, ou em mais longínquos orientes (3).

---

(1) *Aben* ou *Ben* (*Ibn* em árabe) significa filho, como todos sabem. O segundo nome é patronímico, portanto.

(2) O pai de Abraham e Samuel, pode ser se chamasse Salomão. É todavia diferente do tradutor das *Rimas* e da *Tragedia*. Os nomes dêsse, anagramàticamente combinados em *Salusque*, foram por certos bibliógrafos transformados em *Seleuco Lusitano*.

(3) Consultem a *Biblioteca Española Portugueza*

Judeus portugueses. Gente da nação. Marranos. Cristãos-Novos. Descendentes dos que vieram de Espanha, obrigados pelo édito de expulsão de 1492 dos reis católicos.

Como tais haviam usado em Portugal, nos tempos de relativa tolerância, motivada por considerações políticas e económicas, sem dúvida alguma, da máscara obrigatória de nomes cristãos, desde o dia em que foram baptizados (quer em criança nos braços dos padrinhos, quer posteriormente, *de pé*).

Segundo combinações do erudito holandês Isaac da Costa (da família de Gabriel-Uriel), que me convenceram e também haviam convencido Kayserling, Abraam Usque tivera em Lisboa o nome *Duarte Pinhel* (1) — exactamente como *Jom Tob Athias*, filho de Levi,

---

Judaica de Kayserling, assim como as obras históricas do mesmo, de Amador de los Rios, e Dr. Mendes dos Remédios. Ou a *Historia dos Cristãos-Novos Portugueses* de Lúcio de Azevedo que acaba de saïr dos prelos da Livraria Clássica Editora (1922), inspirada pelo nobre empenho de tratar com imparcialidade tanto os perseguidos como os perseguidores.

(1) *Samuel Usque* fôra *Manuel Gomes* em Lisboa, segundo as mesmas autoridades.

seu colaborador, fôra *Jeronimo de Vargas*, e continuou a usar dêsse nome como tradutor (ou empresário e financeiro), da Bíblia castelhana, destinada à Cristandade peninsular; e como *Gabriel da Costa* ficou sendo entre os Hebreus de Amsterdam *Uriel Abadot*; ou como *Salomão Malco* era *Diogo Pires*; e *Amato Lusitano*, *João Rodrigues de Castelobranco* (1).

Abraam vivera em Lisboa como letrado: *grande jurista e mui sabio na Lei*, segundo Ribeiro dos Santos; e porventura interessado com os seus bens em emprêsas de livreiros-impressores. Em 1543 êle dera à luz uma gramática latina e um tratado sôbre o Calendário (2).

De 1551 a 1557 publicou em Ferrara, em tipografia pròpriamente sua (dizem que muito bem instalada, mui abastada de caracteres não só hebraicos mas também latinos) (3) uma extensa série de tratados e livros (4).

---

(1) O uso dos nomes duplos é incontestável. Falta todavia uma exposição documentada.

(2) Seria útil sabermos de qual imprensa saíram: se da de Galharde, ou da de Luís Rodrigues.

(3) Latino-góticos diz Ribeiro dos Santos.

(4) Ribeiro dos Santos, baseando-se principalmente

Na maioria, alheios (1). Pròpriamente sua, de árduo labor que deve ter levado anos de afanoso trabalho, é aquela tradução da *Biblia* em que, baseando-se embora em outras mais antigas, escolhera para cada vocábulo hebraico o verdadeiro correspondente castelhano (2).

Por isso calculo saísse de Portugal cêrca de 1545 (pouco antes ou pouco depois da horrorosa hecatombe de 1544 em que vinte Judeus foram queimados), refugiando-se com os seus à Itália, e fixando residência na côrte culta e tolerante de Hércules II e Renata de França, amiga de Calvino e Occhino. E lá achou o sossêgo e a segurança indispensáveis para realização dos seus planos literários, concebidos e talvez principiados em Portugal. Na capital do ducado, governado por príncipes da antiga casa de

---

na *Bibtioteca Hebraica* de Wolff, registou nas *Memorias da Literatura Sagrada dos Hebreus no seculo XVI* perto de trinta publicações saídas das oficinas de A. Usque *(Mem. Lit. Port.,* II, 364-414).

(1) Há na lista indicada dois tratados que o erudito autor citado atribui ao próprio A. U., sugerindo todavia que talvez só os retocasse e publicasse de novo (p. 383 e seg.).

(2) Vid. Samuel Berger.

Este, cujos chefes, tiranos embora, se haviam popularizado pelo seu gôsto por artes, letras e os luxos do Renascimento, e pela protecção dispensada outrora a Petrarca, e no século XVI a Bojardo, Ariosto, Bembo, e o infeliz Tasso. Quanto aos Judeus era-lhes concedida relativa liberdade, não sem que de vez em quando os duques cedessem às paixões anti-semíticas do século, de tal maneira que bastantes dos refugiados se transferiram para mais longe — caminho do Oriente, como alguns Usques. Ainda assim foi de Ferrara que continuaram a sair livros hebraicos, e livros neo-latinos de Hebreus (1).

Os que Abraam editou (eu costumo dizer que os *Usques* editaram, porque julgo que Samuel tinha parte nas emprêsas com o seu dinheiro e o seu saber) são na maioria religiosos (2). Mesmo sendo neo-latinos.

---

(1) Vid. João Bernardo de Rossi, *Comment. Hist. de typographia Hebraeo ferrariensi*, Parma, 1780.

(2) Eis a tradução de alguns títulos hebráicos: *Sermão da Unidade — Fundamento da Fé — Luz da Vida — Viático — Luz do Senhor — Lutas — Porto da retribuïção — Glória de Deus — Escudo dos Fortes — Do vedado e do lícito — Da salvação.*

Sem título hebraico há: *Vision delectable de la Philosophia* (1554) e *Libro de Oraciones de todo el año* (1551).

Já me referi ao mais afamado: a *Biblia* castelhana, antonomàsticamente chamada *de Ferrara:* o livro nacional por excelência dos *Sephardins* na diáspora, reimpresso sete ou oito vezes (1).

---

(1) Quanto aos diversos problemas que se ligam à *Biblia* de Ferrara, veja-se Samuel Berger, *Les Bibles Castillanes avec un Appendice sur les Bibles Portugaises par M.me C. M. de Vasconcellos,* Paris 1899. Metade da edição parece que, destinada aos Cristãos, tinha dedicatória ao Duque Hércules, por Jerónimo de Vargas. A outra metade era de Abraam Usque. Destinada aos Judeus, era consagrada a D. Gracia Nasci (Nassi, Nasi) — com o seu nome civil D. Beatriz Mendes de Luna — a riquíssima e bemfazeja Israelita que tantos escritores ocupou, e tantas *mercês* fizera *com suas largas mãos* aos Usques, que Samuel lhe ofertou também a sua *Consolação.* Se realmente Duarte Pinhel e Abraam Usque forem idênticos, de um lado, e do outro lado Jom Tob Atias e Jerónimo de Vargas, não haveria quatro colaboradores, mas apenas dois. E caso o Castelhano se restringisse a auxílios pecuniários, ficava em campo como verdadeiro renovador dos textos sagrados, Abraam Usque, exclusivamente. Com relação às curiosas diferenças que se notam nos exemplares da 1.ª impressão, não sei se o jovem Americano M. W. Milwitzky que estava a ocupar-se do assunto em 1899, publicou os seus resultados. Debalde tenho procurado, de ano a ano, o seu nome nos *Anaes* de Vollmoeller.

Portugueses verdadeiramente, redigidos em vernáculo, são apenas os dois que o leitor já conhece, e aqui nos interessam peculiarmente: a *Menina e Moça* e a *Consolação às Tribulações de Israel* — êste, o texto mais notável que um Judeu português escrevesse (1), hoje raro entre os raros e já tão difícil de encontrar em fins do século XVI que em 1599 a reimprimiram em Amsterdam (2). Êle é semi-religioso, em grande parte em estilo bíblico dos profetas; pastoril só no primeiro *Diálogo*.

Profana, beletrística, é exclusivamente a *Menina e Moça* de Bernardim Ribeiro.

---

(1) Os *Dialogos de Amor*, de Leão Hebreu (Judas Abrabanel), tinham saído antes da vinda dos Usques, e em italiano (1535, Ancona, Mariano Leni). A redacção castelhana é de 1568, segundo o Dr. Joaquim de Carvalho (p. 27). O suposto original português não subsiste. Quanto a Salomão Usque Hebreu e os *Sonetos y Canciones de Petrarca (con breves Sumarios y Argumentos que declaran la intencion del Autor, con Prologo de Alonso de Ulloa)*, foi em 1567, em Veneza, na tipografia de Nicolau Bevilacqua que êle os mandou imprimir. Enganam-se os que, com Ribeiro dos Santos, julgam que já anteriormente tinham sido editados em Ferrara.

(2) Costuma-se falar de reimpressão clandestina — sem razão, a meu ver.

Para que Abraam e Samuel fizessem gemer para ela os seus prelos deve ter havido um motivo particular, bem forte. Motivo de coração e intelecto. ¡Não de negócio! Aquele que já apontei e vou documentar agora. Profunda admiração e reconhecimento dos Usques pelo poeta que introduzira em Portugal o gôsto bucólico de Teócrito e Vergílio e do *Cantar dos Cantares*, o qual ressurgira na Itália, pela *Arcadia* de Sannazzaro, quando, de resto, já se haviam espalhado nas idílicas paisagens do antigo Portugal das *serranilhas*, nacionalizações das Églogas vergilianas (de Juan del Enzina), *Eglogas trovadas* do mesmo, e nos círculos palacianos e universitários, os originais do Mantuano e as imitações latinas de Enrique Caiado (1500), e certamente mais de uma modernização do *Cantico de Salomão*.

Admiração e gratidão pelas *Trovas Pastoris* tão portuguesas pela forma (octonários reünidos em *Nonas* ou *Décimas*) (1) como

(1) Modelos para essas formas estróficas, havia-os, no *Cancioneiro Geral*, nas traduções de *Heroídas* de Ovídio, feitas por Lucena e João Rodrigues de Sá e Meneses, assim como em Juan del Enzina (*Egloga* III e VII).

portuguesas pelo espírito e pela ternura amorosa que as caracteriza. Admiração sobretudo pela prosa poética do *Livro das Tristezas, Mudanças e Saudades*, nova na praia ocidental, mas igualmente tão expressiva da alma nacional que os primeiros Capítulos equivalem a uma Elegia soluçada, que mesmo traduzida em línguas germânicas produz o efeito de desolada melancolia.

O gôsto pastoril em si, o amor da Natureza e de emoções simples, inerente nêle, o expediente de idealizar figuras reaes, e mesmo os seus nomes-próprios por meio de troca-de-lugar das letras; o sabor do dialogar rústico, e a singular mescla de traços realistas de vida positiva e de sentimentos sublimados a que já aludi, tudo impressionara Samuel Usque e inspirou-lhe (salvo êrro) a idea de dar à sua obra a forma de *Dialogos pastoris*, em que *Ycabo* (anagrama de *Yacob*, representante do Povo Eleito) lamenta as desgraças dêsse povo, e *Numeo (Nehum, Nahum)* e *Zicareo (Zacarias)* o consolam como profetas (1).

---

(1) Todos sabem que quanto a Églogas versificadas ao modo peninsular, Sá de Miranda caminhava de mãos dadas com o seu camarada e amigo. E

Claro que não é o estilo vigoroso das acusações e lamentações, nem o histórico das partes narrativas, que mostra dependência de Bernardim Ribeiro. É a descrição do ambiente pastoril, no primeiro dos três Diálogos. O que lá se diz dos pastores da feliz terra de Canaan (p. 3 *v.*–5 *v.*), viçosos rebanhos de cabras e ovelhas, freixos sombrios, águas correntes, frautas e outros instrumentos vilanescos; namoradas pastoras; choupanas e choças; rans e grilos; lutas de pastores, capelas verdes para os vencedores, sempre que o li e leio, lembrou-me o idílico cantar *I-vos, minhas cabras, i-vos* da Égloga *Jano*, e a Introdução da Novela, em que fala a *Menina e Moça*.

Letrados portugueses, de certa idade, cuja vida se passara em Lisboa até 1545, pouco mais ou menos, os Usques podem ter conhecido muito bem, pessoalmente, o Dr. Bernaldim e o Dr. Sá de Miranda; e

---

quem momentâneamente o esqueceu, lembrado apenas da introdução dos metros novos, leia os meus *Novos Estudos sobre Sá de Miranda* (1917). Mas menos *lírico* do que Bernardim Ribeiro e Cristovam Falcão, êle não sugestionou *trovistas* e *trovadores*. Moralizante, ficou sendo guia e mestre sobretudo dos poetas clássicos e dos pensadores.

também Gil Vicente, Garcia de Resende e *tutti quanti*. E deviam conhecer a obra principal do poeta de Torrão, inédita. Lá mesmo adquiririam por compra, caso não o recebessem como brinde, um dos traslados que, segundo a moda bizarra desta nação fidalga, circulavam entre os entendidos da côrte.

Que o levassem consigo, com outros muitos papéis e livros seus e alheios, na redacção que puderam alcançar e talvez então fôsse única, incompleta e imperfeita, não preparada para o prelo, quer para o seu regozijo pessoal, quer já com a mira numa publicação futura, parece-me muito mais plausível do que a conjectura de só em Ferrara se haverem familiarizado com o estilo pastoril.

De Lisboa levariam também a convicção que, cheios de referências a amores no paço, os escritos todos de Bernardim Ribeiro (e talvez também a *Egloga Crisfal* com a *Carta*) deveriam ficar secretos emquanto vivesse o desventurado demente. E só depois de ter notícia do seu falecimento, se decidiram a tornar públicos os *inéditos* que possuíam e veneravam, certos de que com isso prestavam um serviço à língua e à lite-

ratura da pátria, a que tiveram de virar costas, mas que entranhadamente amavam.

*

Quanto a *Arnoldo Birckmann (Byrkman)*, editor-impressor de Colónia, que em 1559 reimprimiu os textos de Ferrara, tornados raros, quer por a edição relativamente pequena ter sido vendida ràpidamente, quer por as autoridades haverem pôsto embargos à sua entrada em Portugal, êle não era Cristão-novo. Nem escritor. Mas apaixonado pelos clássicos antigos, pelos Humanistas, e pelas ideas novas propagadas por Erasmo, Luthero e Melanchton. Seu pai, Francisco, trabalhara na oficina do grande Froben, de Basileia, até fundar em 1526 outra sua, pouco antes de falecer. Arnoldo estabeleceu-se em Colónia; e prosperando abriu filial da sua livraria em Antuérpia. A viúva e o filho João continuaram de 1562 a 1585 com as emprêsas, que finalmente ficaram pertencendo ao afilhado, genro, e antigo sócio *Arnoldo Mylio* (1585-1654) (1).

(1) Uma carta latina de *Mylius* foi publicada por

A marca da casa, de significativo bom-humor flamengo, era uma galinha gorda (1). *A la enseña de la gallina gorda — In pingui gallina — Ex gallina birckmannica — À la poule grasse* — são indicações da procedência de livros e cartas, nada raras. Para comprovar as relações que indiquei baste dizer que Birckmann editou em 1550 o *Tito-Livio* do simpático heterodoxo espanhol Francisco Enzinas, em companhia com Frellon, de Lyon de França; e que o *Plutarco* do mesmo foi impresso à custa dos herdeiros (1562) (2).

Como bibliópola remetia a Lisboa, em naus portuguesas, as publicações de Cristovam Plantino, além das pròpriamente suas. Seu correspondente ou representante lá era *Francisco Grafeo,* pertencente a uma familia de Antuérpia, de que *Damião de Góis*

Joaquim de Vasconcelos, nos *Novos estudos sobre Damião de Goes* (1897).

(1) Em França foi Cavellat quem usou da mesma insignia *In pingui gallina*, p. ex. numa obra de Pierre Forcadel, *L'Arithmétique*, como o curioso poderá verificar no *Manuel* de Brunet.

(2) Menendez y Pelayo, *Heterodoxos*, II, p. [illegible]6 e 240 da 1.ª ed.; E. Boehmer, *Bibliotheca Wiffenania.*

era amicíssimo (1); e posteriormente certo João de Molina ou João de Espanha (2).

Êsses mesmos Grafeos, ou outros negociantes portugueses, abastados, residentes em Antuérpia, como Fernando Ximenes, os quais Duarte Pinhel conhecera na capital, seriam os intermediários entre os Usques e Arnoldo Birckmann; e não os feitores de Flandres, cujos deveres oficiais lhes impunham reservas.

A respeito dos serviços que Birckmann prestou aos Humanistas dêste país, numa época em que Germão Galharde não estava só no campo e André de Resende já não se podia indignar contra a falta de tipos gregos

---

(1) *João Grafeo* foi um dos editores das obras latinas de Góis. *Cornelio Grafeo (Scribonio)* celebrou o douto cavaleiro português em dois poemas latinos, publicados nos *Opusculos* de 1554, e reimpressos por J. de Vasconcelos na sua edição das *Cartas latinas*. — Cfr. Guilherme Henriques, *Bibliographia Goesiana*, N.os 20 e 36. Êsse Cornélio é autor de um *Triomphe d'Anvers* sôbre a entrada de Felipe (II) na sua viagem a Flandres em 1549.

(2) Deslandes, *Documentos para a Historia da Typographia*, II, p. 29-33. — Em casa de Francisco Grafeo vendia-se também em 1565 a *Diana* de Jorge de Montemor, impressa na oficina birckmannica (Vid. Schoenherr, p. 84).

nas imprensas de Lisboa, baste recordar aos esquecidos, sem entrar em pormenores bibliográficos, a sentença geral seguinte, contida nos *Novos Estudos sobre Damião de Goes* (1) de Joaquim de Vasconcelos: «Não conhecemos nenhuma grande oficina tipografica do seculo XVI, tão benemerita como esta. Imprimiu numerosas e valiosissimas obras de Damião de Goes, Jeronimo Osorio, Achilles Estaço, Diogo de Teive, e colecções preciosas como as *Obras* de Resende (1600) (2) e a *Goesiana* de 1602» (3).

Quanto à *Menina e Moça* de 1559, seu formato é também *in*-8.º (0,14 × 0,95) (4).

O título é igual ao de Ferrara. Tem contudo disposição tipográfica diferente: *Hystoria / De Menina e Moca* (5) *por Bernaldim / Ribeyro agora de no/vo estampada e*

---

(1) P. 60.

(2) Vid. A. Braamcamp-Freire, *André de Resende*, p. 223.

(3) *Bibliographia Goesiana*, N.º 6.

(4) ¿Mais pequeno ainda do que o de Ferrara? Talvez apenas porque as margens do exemplar que descrevo fôssem mais aparadas. Seria precisa a medição da parte impressa (12,4 × 7,2) em ambas as edições.

(5) *Sic*. Como em Ferrara.

com summa deli/gencia emendada. / E assi algũas Eglogas suas com ho mais / que na pagina seguinte se verá.—Vendese a presente obra em Lisboa em casa de Francisco Grafeo; acabouse de imprimir a 20 de março de 1559 annos.

Abrindo com uma inicial de fantasia, o texto da Novela ocupa oitenta fôlhas, exactamente como na edição de Ferrara. Depois vêm as cinco Églogas; a Sextina; as duas Cantigas; o *Crisfal*, a *Carta* e o *Cancioneirito*, que termina a fl. CLXXI. ¡Tudo como na edição de Ferrara! No verso (dizem os que o viram) há a marca e o nome de Arnoldo Birckmann. Pena é não fôsse fotografado ainda; ¡e se o exemplar completo que estava em Portugal, ainda cá subsiste, era tempo de torná-lo público!

Sabe-se de apenas três exemplares dessa (terceira) impressão. Um, incompleto, acha-se na Biblioteca de Évora (1). O segundo existe no Museu Britânico, onde foi examinado pelo Dr. Priebsch, afim de fixar ao certo na minha mente a sua derivação directa da edição dos Usques. O terceiro exemplar

---

(1) Faltam-lhe o frontispício e as últimas duas fôlhas.

estava no Pôrto ainda em 1920, propriedade dos herdeiros de Gomes Monteiro (1). Hoje, depois da nova valorização dos impressos antigos, talvez já esteja na posse de outro coleccionador? Êsse serviu, um tanto à valentona, a T. Braga em 1897, e sôbre êle mandou compor a primeira edição moderna do *Crisfal* — provocadora, pelo comentário, do processo que ainda dura.

(1) Devo a descrição a Delfim Guimarães. Na fôlha que precede o rosto lê-se a dedicatória: «Off. ao Ex.mo S.nr Jose Gomes Monteiro o seu particular amigo Arnaldo Braga». — Mais minuciosa, conquanto não isenta de pequenas irregularidades, é a análise de T. Braga (1897, p. 295).

IV

SORTE DE LIVROS VINDOS DO ESTRANGEIRO A PORTUGAL

Antes de procurar a razão porque a *Menina e Moça* com o *Crisfal*, e também a *Consolação às Tribulações de Israel*, se tornaria rara entre as publicações raras, e não foram reeditadas em Ferrara — paro um instante afim de preguntar: ¿¡com que direito é que os modernistas que se constituíram advogados de Bernardim Ribeiro, num processo que êle não instaurou, tratam os Usques e Birckmann de *mercadores estultos e gananciosos; especuladores pouco honestos; falcatruantes; velhacamente acautelados; larápios de mentalidade; grafomaníacos impotentes; roubadores descarados; escribas de baboseiras* (1)!? ¿Em que sentido chamam *burlonas* as edições de 1554 e 1559? ¿Onde e quando fizeram o confronto crite-

(1) De *escriba-caruncho* não sei formar plural.

rioso dos textos impressos no estrangeiro e dos que foram publicados em Portugal, dizendo-nos, além disso, quais livros os impressores nacionais mandaram reproduzir no estrangeiro? ¿ou fingiram de mandar reproduzir lá fora (1)? ¿Por que motivo peculiar (*introuvable* para mim) se lembraram de considerar como relativo a tais abusos (!) e escândalos (!) o privilégio concedido a Fernam Lopes de Castanheda em 1552 para a *Historia do Descobrimento e Conquista da India*, visto dúzias de outros privilégios iguais ou muito parecidos haverem sido outorgados, antes e depois, a escritores portugueses (2)? ¿¡Como provam que os coevos dos Usques e de Birckmann (Germão Galharde e Luís Rodrigues) eram useiros e vezeiros de mentiras, fraudes, contrafacções, plágios?! ¿¡Que significa a afirmação que chegados ao *Finis* da *Menina e Moça*

---

(1) Livros *bem-vendáveis*, bem se vê (em vez de *vendíveis*).

(2) Êle é apresentado, como se fôsse coisa única, por Delfim Guimarães, Patrocínio Ribeiro, etc. E mesmo T. Braga baseia-se nêle (*Crisfal* de 1917, p. 263) para repetir a fábula que mandar imprimir fora do reino livros portugueses por contrafacção era realmente costume dos quinhentistas!

ou das cinco *Eglogas*, reconhecendo que o volume saíra diminuto, os editores pegaram *ao acaso* num manuscrito qualquer que tinham na sua posse (!) — e que êsse era *por acaso* o *Crisfal?!* ¿Que se explica, e que se lucra com hipóteses tão ôcas?

Eis a minha réplica. Desconheço as tais fraudes e contrafacções. Quanto a impressões feitas no estrangeiro, os contendores confundem livros portugueses com livros de Portugueses. Dêstes, existem bastantes, editados em Paris, Bolonha, Basilea, Colónia, Lovaina, etc. Mas sòmente obras redigidas em *latim* humanístico (ou, menos vezes, em *castelhano*), pelo simples motivo de Resende e Góis, e Teive, e Estaço, passando longos anos em França, Itália, Alemanha, e Bélgica, lá haverem encontrado oficinas mais bem apetrechadas do que em Lisboa, e pessoal mais adestrado.

Com relação a textos portugueses, torno a dizer que a *Menina e Moça* com o *Crisfal* e a *Consolação* são os únicos que tiveram essa honra e distinção.

O português era, e é, língua pouco sabida além das fronteiras. A sua composição tipográfica é difícil, mesmo na vizinha Espanha, por causa do til, dos ditongos na-

sais, e sai em regra defeituosíssima. Faria e Sousa, Rodrigo Mendes da Silva, e outros muitos dos que se serviram da língua espanhola, alegam como desculpa que a materna não era entendida, ao passo que a castelhana era *mundial* (1).

Do Império de Carlos V, em cujos vastos recintos o sol não se punha, veio-nos também o costume e o formulário dos privilégios, com a tal famosa cláusula, mal interpretada pelos modernistas, *que pessoa alguma pudesse imprimir o respectivo livro nem o vender, nem o trazer de fora do reino, a não ser com licença do privilegiado.* Alterada naturalmente quanto ao número de anos que havia de ser válida. Em regra dez; outras vezes seis ou quatro; em França e na Itália, no século xv e no primeiro decénio do xvi, um só ano. Alterada também quanto ao número de cruzados da multa, ela repete-se não-contadas vezes, desde que D. Manuel concedera privilégio em 1516 a Garcia

---

(1) Do assunto tratei por extenso mais do que uma vez: num *compte-rendu* do *Catálogo* de Garcia Peres *(Jahresbericht I)*; e há pouco na Introdução à Conferência do Dr. Ricardo Jorge sôbre a Intercultura luso-espanhola.

de Resende (1); e logo depois a Gil Vicente para todos quantos Autos escrevesse (2).

Pouco importava ao reinante venturoso que tais privilégios estivessem em contradição aberta com um seu regulamento de 1511 em que isentara de direitos (de dízima e sisa) os *livros de forma* que viessem de fora a estes reinos.

Breve veio, de resto, o tempo em que, sem ser abolido, êsse caíu em esquecimento (3).

Tudo quanto vinha de fora-parte, sobretudo do Centro e Norte da Europa, começava a ser considerado suspeito desde que houve Reforma; ou seja desde que Luthero

---

(1) O *Cancioneiro Geral*, que veio, como ninguém ignora, depois do *General* de Espanha, saíu com privilégio *que nenhũa pessoa o possa emprimir, nẽ troua que nelle vaa sob pena de dozentos cruzados e mais perder todollos volumes que fizer.* NEM MENOS O PODERAM TRAZER DE FORA DO REYNO *a vender ahynda que la fosse fejto, so a mesma pena atrás escrita.* — Pouco depois os 200 cruzados desceram a 50.

(2) Vid. Cap. 14 de *Autos Portugueses de Gil Vicente e da Escola Vicentina*, Madrid 1922 (p. 62-64).

(3) Por não ter havido abolição expressa, êsse antigo regulamento ainda era invocado no reinado de D. Sebastião e dos Felipes por livreiros espertos. — Vid. Deslandes, *Doc. Hist. Typ.*, vol. II, p. 29-31.

afixara as suas setenta e cinco teses contra Roma nas portas da catedral de Wittenberg.

A *Censura* principiou logo depois: irregularmente, com cartazes afixados nas portas das igrejas e outros edifícios públicos (1524-1544): simples listas de autores e livros defesos. Aumentadas, eram publicadas posteriormente em forma de *Catálogos* (1544-1558), *Róis* entre nós. E afinal como *Indices Librorum Prohibitorum* (1).

As matérias perseguidas eram e são (além das que pecam contra os bons costumes) *pravidades heréticas* e *superstições hebraicas*.

Administrativamente, claro que eram decretadas medidas alfandegárias, contra a importação.

Do Cardial-Infante D. Henrique como Inquisidor-mor há (além de um *Rol* de 1547 (2)

---

(1) Sirvo-me das publicações de Fr. Heinrich Reusch, *Der Index der verbotnen Bücher, ein Beitrag zur Kirchen-und Litteraturgeschichte* (Bonn 1883). — *Die Indices Librorum Prohibitorum des sechzehnten Jahrhunderts* (Tübingen 1886).

(2) Êsse Rol, imitação do de Lovaina 1546, foi descoberto há pouco, e publicado por A. Baião no *Boletim da Academia das Sciências de Lisboa (II Classe)*, vol. XII, p. 473-560, acompanhado de um estudo abundantemente documentado.

e outro de 1551) (1), uma ordem de 1550 a respeito de livros vindos do estrangeiro. Nela se estabelece que nem um só se tire *sem provisão do padre-mestre Frei Jeronimo de Azambuja*. Em outra se prescreve que um oficial da Inquisição esteja presente à abertura das remessas, sob pena de excomunhão e cinqüenta cruzados. Todos os livreiros da capital, uns dezasseis, tiveram de assinar têrmo a êsse respeito (2).

Os *Usques* deviam conhecer essas prescrições. ¿Mas fiar-se hiam na inocência da *Menina* e do *Crisfal*, e sobretudo no facto de as suas produções serem *portuguesas* (3)? Quanto à *Consolação*, de 1552, a sua entrada mal pode ter sido livre — cheia como está de referências audazes à Inquisição e aos expedientes iníquos de D. Manuel e D. João III. E êsse precedente devia dificultar (penso eu) a acolhida benévola que merecia de resto a obra inédita, e desejada, de

---

(1) Vid. Inocêncio, X, p. 387.

(2) *Todos* diz o documento. Mas eu não vejo lá o nome de Germão Galharde.

(3) No Rol de 1547 há cento e quarenta livros estrangeiros, em especial sôbre assuntos teológicos. Só meia-dúzia em vernáculo (em *linguagem*, provàvelmente *castelhana*).

Bernardim Ribeiro. Seguramente o fanático Frei Jerónimo não deixaria de reparar nos pormenores que a tornavam suspeita: proveniência de Ferrara, refúgio de hereges; e da oficina de um Cristão-Novo português, apóstata, talvez inscrito nas listas negras do Tribunal da fé. Mesmo a *Biblia*, privilegiada pelo Duque e examinada pelos Censores do seu principado, encontrou (salvo êrro) resistência.

Julgo não estar longe da verdade, supondo que exemplares avulsos chegariam às mãos dos interessados, com dificuldade embora, mas não provisão inteira destinada aos peninsulares.

Se a impressão de 1554 não fôsse custosa de obter, ¿para que se continuaria com a confecção de traslados manuscritos da *Menina e Moça?* Êles eram tantos que ainda hoje sobram mais do que exemplares impressos (como ainda terei de dizer), e exactamente da redacção de Ferrara.

Verdade é que não se proïbiu a obra de Bernardim no *Rol* de 1547, nem no de 1551, nem nos de 1559 e 1564. Só no de 1581 se condenou a *Menina e Moça*, sem explicação ulterior. E apenas no tempo do maior rigor

(1624) se procedeu a expurgações, aliás pouco numerosas (1).

Mas não faltavam ao Tribunal da Fé meios eficazes, ilegais embora, para embaraçar a venda de obras mal-vistas. ¿Longa detenção p. ex., com o pretexto de serem revisionadas?

A *Consolação* não está nos *Indices* portugueses do século XVI (2). Inspirou todavia a Nicolas António a nótula afamada: *Hinc vero utpote* SUPERSTITIONIS HEBRAICAE *penu, jure ac merito nigrum praefixit theta Expurgationis noster Index* (3).

Fora da península, ela circularia todavia sem dificuldade além da *Biblia*, entre os Sephardins, embora tratasse com indignação da perseguição dos Judeus em todos os países europeus, não havendo por isso necessidade de nova impressão senão quando realmente a primeira estava exgotada, (1599).

---

(1) Mais abaixo falarei delas.

(2) Vid. ed. Mendes dos Remédios, p. XXXV: «A esse manjar de superstições hebraicas antepôs com razão o nosso *Index* o sinal que o classifica de necessitado de expurgação».

(3) *Biblioteca Hispana*, II, 222. — Mal informado, o erudito bibliógrafo afirma contudo que a *Consolação* existia em redacção portuguesa *e castelhana*.

Em Amsterdam, que começava a ser refúgio de Judeus. Quanto à *Biblia*, de que se fizera provàvelmente tiragem avultada, a primeira reimpressão é de 1611 (1).

Quanto à *Menina e Moça*, pelo contrário, já houve conveniência de a reimprimir ao cabo de um lustro, quer porque a parte da edição de 1554 destinada a Portugal fôra destruída ou confiscada ou retida pela Inquisição, quer porque realmente se houvesse gasto nas pequenas colónias portuguesas da Itália, e em Portugal à socapa. Afim de haver garantia para a entrada livre, escolheu-se um livreiro-impressor de Colónia e Antuérpia, súbdito de Carlos V, e sujeito por isso às leis da censura, que de resto nada alterou na *Menina e Moça* e nas *Eglogas* de Bernardim Ribeiro; e pouco no *Crisfal* (como mostrarei).

E isso, apesar de no meio-tempo se haver editado em Évora uma edição com o título divergente de *Livro das Saudades*, em redacção também divergente — revista, retocada e completada quanto à *Novela*, mas sem o *Crisfal* e o *Cancioneirito* — edição cujos Preliminares atestam, como se verá,

---

(1) Vid. Salvá, N.º 3850 e seg.

que a primeira edição entrara, dum modo ou outro, em Portugal, abertamente ou a furto. Talvez mesmo por causa dessa publicação de André de Burgos, o livreiro do próprio Cardial-Infante, considerada como um repto, foi que os *Usques*, tenazes no seu propósito de glorificar os Bucolistas que admiravam, fariam reproduzir por A. Birckmann o volumito de 1554.

Digo *talvez*, porque ignoramos por completo se Abraam (cujas publicações, conforme deixei dito, abrangem o período curto de 1551 a 1557) vivia ainda em 1559, e tomou pessoalmente a determinação de entregar a obra a um livreiro *Cristão-velho*, relacionado com Portugueses ilustres, e insuspeito (quási); ou se foram os herdeiros que negociaram os direitos adquiridos.

Nos Preliminares da edição de Colónia não há indicação alguma a êsse respeito.

V

¿UMA EDIÇÃO DA «MENINA E MOÇA» ANTERIOR À DE 1554?

Pessoalmente tratei e trato, aqui e sempre, a edição de Ferrara de edição-príncipe; a de 1557, de segunda, embora sem dependência da primeira; a de 1559, de terceira, e mera repetição da inicial, sem valor próprio portanto (apesar de pequenas divergências, sobretudo no *Crisfal*, a que já aludi).

Para que um impressor expatriado tentasse no estrangeiro a excepcional, materialmente difícil e arriscada emprêsa de estampar e introduzir em seguida na pátria do autor um texto belestrístico, claro que êle devia ser um apaixonado como Usque, e o texto devia ser *inédito*, mas conhecido de fama e desejado pelos iniciados, retido da *praça* por motivos íntimos especiais até o momento em que a publicação fôsse lícita ou oportuna, prometedora com quási certeza de um grande e justo sucesso. Tanto

mais desejado quanto mais zelosamente se haviam resguardado os autógrafos, e propagado só alguns apógrafos — por causa, dizia-se, das graves inconfidências que a *Menina e Moça* continha, duplos sentidos misteriosos e cabalísticos dos nomes-próprios, alusões a amores no paço em alto lugar (1). E quanto à forma e à essência, o livro, impresso em circunstâncias tão especiais, devia ser, e era com efeito, uma *novidade* de subido valor: a primeira expressão em prosa e em verso da alma lírica nacional (2).

Não falta todavia quem suponha, nem quem afoitamente afirme, que antes de 1554 já devia existir e existiu outra impressão feita em Portugal — não em vida do autor, mas logo logo depois de o desventurado haver fechado os olhos para sempre à frouxa luz coada através das grades de uma cela no

(1) O facto de *Bernardim Ribeiro* ter sido protegido pela *ama* da Infanta D. Beatriz (que a acompanhou a Sabóia) pode ter sido, muito cedo, ponto de partida da lenda de êle se haver apaixonado doidamente por essa filha de D. Manuel.

(2) As obras de Sá de Miranda que entram em concorrência com B. Ribeiro — as Églogas *Basto* e *Alexo* — saíram em 1595.

Hospital de Todos os Santos. Até calculam (o que de resto não era custoso), que se tratava de um *in-fólio*, tipo gótico, à duas colunas, como os de Germão Galharde. Mal aparecida em 1552, houve todavia, segundo êles, *interdição*, por causa das tais alusões à infanta e fidalgas romanescas! ¡E acto contínuo nova impressão, inalterada, no estrangeiro! ¡Ou simples substituïção do frontispício por outro que fictìciamente tinha a tal indicação: *em Ferrara 1554!* ¿E depois? ¡Depois total desaparecimento dos exemplares, primordiais, sem que dêles ficasse vestígio!

¡O que não nos dizem êsses neo-românticos é se ela continha o *Crisfal* e o *Cancioneirito*; nem a razão porque essas duas parcelas foram suprimidas em 1557 (1)!

Não negarei que essas especulações tenham base. Ela está na fórmula bi-partida, usada por *Abraam Usque* no frontispício: *agora* DE NOVO *estampada e com summa deligencia* EMENDADA. — *De novo estampada e emendada*...

---

(1) Veja-se o Capítulo IX do *Bernardim Ribeiro* de Delfim Guimarães, talvez o menos sólido de todos os XXII do seu primeiro livro de crítica.

Naturalíssimo foi que, nos primeiros tempos da lingüística e bibliografia neo-latina, Brunet, Varnhagen, Salvá, os autores do *Catalogo da Academia*, e outros, interpretassem a locução adverbial como relativa a uma tal suposta edição anterior, que um estrangeiro *(inimigo — ipso-facto)* se atrevera a corrigir. Nem admira que ainda hoje o repitam os não-influídos por conhecimentos positivos dos dois ramos da filologia. Um dia partilhei a mesma opinião. Rectifiquei-a todavia de há muito.

De novo, novamente (de nuevo, nuevamente) significa hoje *mais uma vez* (1). Outrora era todavia equivalente de *pela primeira vez; de fresco; recentemente; agora mesmo* (2). Já o viram e disseram D. José Pessanha e Raúl Soares (3). E o judicioso

---

(1) Claro que também tinha êsse sentido nos tempos antigos, a-par do outro.

(2) Reforçavam-no freqüentes vezes com *agora*.

(3) D. José Pessanha, p. 257; Raúl Soares, *O poeta Crisfal*, p. 9; Aubrey Bell, *Portuguese Literature*, p. 136. O hispanófilo inglês diz lacónica mas acertadamente: «The phrase *de nouo* tells more *against* than in favour of an earlier edition, Rather *new* than *anew*». — Não *von neuem, noch einmal*, mas antes *neu*, acrescento eu. — Veja-se também T. Braga (1897), p. 293.

Brasileiro apresentou no seu *Crisfal* um exemplo: a *Segunda Parte dos Dialogos da Vida Cristã*, de Heitor Pinto, *agora novamente saidos à luz*. Em 1572, ano da *primeira* edição, segundo todos os peritos.

Mas como *uma só andorinha não faz verão*, vou apontar para os incrédulos, uma dúzia de casos, escolhida entre muitos mais de que fiz registo. Em ordem cronológica. Anteriores e posteriores a 1554. Que salte por cima dêles, segundo o conselho de Luís de Camões, quem já estiver persuadido de antemão, a meu favor. E sendo em desfavor meu, ¡que *prove* a existência de edições e traduções mais antigas de tôdas as obras que alego!

Dos prelos de Galharde, o único grande impressor de então, como já mais de uma vez lembrei ao leitor, saíu em 1530 a *Cronica del Triunfo de los Nueve*, tirada do original francês *Des Neuf Preux*. De fresco: *nuevamente trasladada*.

O *Espelho de perfeiçam* de Frei Bras de Barros foi *novamente imprimido*, e tirado de latim em *lingua português*, no ano de 1533 (1).

---

(1) No *Catalogo Samodães*, N.º 1124, encontro

O *Tratado da Sfera* de Pedro Nunes saíu em 1537, tirado *novamente* pelo próprio autor do latim em linguagem.

O *Preste Joam das Indias* do Padre Francisco Álvares saíu de casa de Luís Rodrigues em 1540, impresso *agora novamente.*

A *Historia da Vida e Martirio do glorioso santo Thomas Arcebispo, Senhor de Cantuaria*, foi *treladada nouamente de latim em lingoagem português* em 1554.

De Juan de Pedraza é um *Confessionario aora nuevamente compilado*, com a data 1559.

A *Comedia dos Vilhalpandos* de Sá de Miranda foi publicada *agora novamente impressa* em 1560 (1).

A *Eufrosina* de Jorge Ferreira de Vasconcelos, que havia circulado manuscrita, durante decénios, saíu igualmente dos prelos de André de Burgos em 1561 *De novo re-*

---

um *Espejo de Religiosos* de 1536 *nuevamente impresso e traduzido de lengua catalana en nuestro lenguaje castelhano.*

(1) Os *Estrangeiros*, êsses tinham saído em 1559 e saíram *novamente* (=pela segunda vez) em 1561. — Vid. *Instituto*, vol. LXIX, p. 241, onde Sousa Viterbo descreve o exemplar da Biblioteca Palha.

vista e em partes acrescentada. AGORA NOVAMENTE *impressa* (1).

A *Cronica do Principe D. João*, escrita por Damião de Góis, e dirigida a D. João III (em 1556) saíu em 1567 *composta* DE NOVO, em duas tiragens, tendo só uma *emendas* impostas pelo Cardial-Infante.

Frei Pantaleão de Aveiro mandou ao prelo o seu *Itinerario da Terra Santa* em 1596, *agora novamente acrescentado.*

A *Silvia de Lisardo*, ou segunda parte do *Crisfal*, foi *agora novamente impressa* em 1597, conforme já estabeleceu Raúl Soares (2).

---

(1) Nêsse título parece que se distingue entre *de novo* (= mais uma vez) e *novamente* (= pela primeira vez).

(2) Entre as minhas Notas encontro ainda a *Arte para bien confessar*, de 1527, *agora de nuevo corregida y emendada* (*Samodães*, N.º 203) e a *Summa de casos de conciencia* de Manuel Rodrigues Lusitano, *agora nuevamente vista, corregida y añadida por el Autor* (1595). — Caso especial parece ser o da *Tragedia de Agamenon.* Ela é conhecida hoje sòmente na 2.ª impressão de 1555 *agora novamente tirada de grego em lingoagem* E TROVADA *por Anrique Aires Victoria, cujo argumento é de Sofocles poeta grego (Catalogo Samodães*, N.º 54). — Julgo que *agora* se refere apenas à tradução e já se lia

Afim de fechar a lista com chave de oiro, reservei para o fim a *Primeira Parte dos Autos e Comedias feitas por Antonio Prestes* e outros dramaturgos, coleccionados por Afonso Lopes em 1587, *agora novamente juntas e emendadas* NESTA PRIMEIRA *impressão. Agora novamente — emendadas na primeira impressão.* Era dêsse testemunho explícito que precisava o incrédulo leitor, ¿ não é verdade ?

*

¿ *Emendadas?* ¿ em que acepção da palavra ? ¿ Havia então no século XVI hermenêutica e exegese para livros em vernáculo ? ¿ ¡ crítica de textos, exercida pelo impressor-editor ! ? De modo algum. Nem mesmo erros evidentes de copistas, que por descuido e ignorância haviam alterado os originais, involuntàriamente, foram corrigidos pelos chefes das oficinas, ou pelo seu pes-

---

assim no frontispício da 1.ª edição de 1536. À segunda impressão *emendada* refere-se apenas o final do explícito título *Agora segunda vez impressa e emendada e añadida pelo mesmo autor.* — Vid. F. M. Esteves Pereira, 1918.

soal. Certo é que textos arcaicos, do primeiro período da língua e da literatura, tardiamente impressos como a *Vita Christi*, o *Marco Paulo*, ou recopiados como a *Demanda do Graal*, eram revistos e retocados, sobretudo quanto a vocábulos antiquados, mas por espertos escolhidos antes de entrarem no prelo. No tempo áureo da literatura portuguesa, porém, pessoalíssima como a de Gil Vicente e Bernardim Ribeiro, ou clássica como a de Luís de Camões, quando pouco a pouco se iam fixando as normas da boa linguagem, do novo metro, e também as da ortografia e pontuação (depois de João de Barros haver assinalado a importância dessas parcelas da gramática) e quando os próprios autores (como Pedro Nunes) preparavam às vezes os seus manuscritos para o prelo, não houve (eu pelo menos não conheço) impressor algum que se abalançasse a *emendá-los* (tarefa reservada a censores como Bartolomeu Ferreira), a não ser naquilo que lhe competia: *erros de caixa*; e talvez falhas *evidentes* de copistas. ¡Uns e outras, muito menos vezes do que teria sido para desejar! Mesmo quando se instituíram *corretores ex oficio* em imprensas de obras latinas etc., em Coimbra e

alhures, as emendas e correcturas a que se referem as parcelas explicativas dos títulos, e às vezes *Epílogos* em verso por êles compostos, não são senão *tipográficas*.

*

A segunda metade da proposição adverbial que estamos a analisar, a fórmula um tanto superlativa *com suma diligencia emendada*, enunciada por Abraam Usque como impressor, não tem portanto outro sentido do que o simples *emendadas* de Afonso Lopes nas *Comedias*. Não a *Historia de Menina e Moça*, só a *estampa* foi revista e corrigida (1). Abraam e seu irmão Samuel velaram apenas pela exacta reprodução do manuscrito inédito da obra alheia que possuíam e iam, arrojados, lançar no mercado. Nada mais. E ainda assim... ¡quantos erros escaparam aqui e acolá! erros de leitura dêles, de uma escrita talvez mal legível; erros de escrita do copista ou do próprio autor. Da pontuação escassa e desigual não trato agora. Nem da ortografia

(1) Da *Consolação*, os Usques não disseram nada igual.

defeituosa. Nem das construções sintácticas incoerentes que (os admiradores) classificamos de encantadoras pela sua ingenuïdade *(charmingly incorrect).* Menciono essas imperfeições apenas para dizer que nelas e em tudo se vê o empenho dos publicadores de conservarem escrupulosamente, *religiosamente*, o que estava no original.

Contra a hipótese que êles tiveram de pôr em ordem capítulos baralhados fala a concordância com o texto de 1557.

*

Além da fórmula examinada há ainda outros dois indícios que, segundo os pseudo-críticos, provam a existência de uma impressão da *Menina e Moça* (com êsse título) anterior a 1554.

O primeiro seria uma referência aos *versos de* MENINA E MOÇA no processo judicial instaurado em 1552, imediatamente depois do falecimento de Bernardim, por pessoas aparentadas que tentaram, debalde, habilitar-se como herdeiros dêle (1) — processo

(1) Figura principal nesse processo era um primo

continuado no tempo de D. Sebastião, e terminado negativamente, em desfavor de Francisco Ribeiro em 1642 (1). Quanto à designação *versos*, ela prova apenas crassa ignorância, ou indiferença. Quanto ao título *Menina e Moça*, êle confirma que o autógrafo e os traslados corriam sem epígrafe, servindo como tal entre os leitores e trasladadores as palavras iniciais (2), que no fundo nada explicam.

O segundo indício consiste numa afirmação do impressor-editor de 1557 a respeito dos muitos TRADUZIDORES *do livro,* que (pensam os crédulos) trabalharam entre 1552 e aquela data. Replico que êsse têrmo, assaz impróprio para um livrinho, nunca vertido em línguas estrangeiras (3), estampado até

---

do poeta: João Ribeiro. — Vid. Pessanha, p. 250, e Delfim Guimarães, p. 30.

(1) Bisneto do primo João.

(2) Exactamente como sucedeu com relação ao *Auto dos Escudeiros* de Gil Vicente, que o público denominou *¿Quem tem farelos?* por principiar com êsse pregão.

(3) Uma minha Nota no *Grundriss,* relativa a uma tradução castelhana de Bautista de Morales (p. 295, 7), é uma errónea interpretação de um trecho de Ticknor.

então uma só vez, mas espalhado em apógrafos, segundo a moda fidalga da descuidosa nação, não pode ter outro significado do que *transcreventes, trasladadores, copistas.* Confirma-o o que sabemos por outras vias, especialmente pelos três exemplares manuscritos que subsistem.

De mais a mais o editor-livreiro do Cardial-Infante conhecia como edição primeira e *única* a *Hystoria* de 1554, visto que chama *segunda* a sua, no assaz confuso *Aviso aos Leitores*, em que com exagêro propositado, menciona as muitas coisas que no texto de Ferrara *acabam em contrario de como foram pelo autor escritas*, com *palavras diferentemente postas das que deviam ser* (1).

Nenhum dos dois indícios é portanto válido: a edição de Ferrara é realmente edição-príncipe da *Menina e Moça.*

---

(1) Verdade é que assim acabam, no texto acrescentado de Évora, e não no incompleto de Ferrara.

VI

A EDIÇÃO DE 1557 E O SEU IMPRESSOR: ANDRÉ DE BURGOS

Se na edição de Ferrara temos, como penso, a reprodução escrupulosa de um *apógrafo* do texto da *Menina e Moça*, incompleto, anterior a 1545, que os Usques haviam levado consigo (como ainda tentarei a tornar mais provável), aquela que foi publicada em Évora em 1557 podia muito bem ser — e, em teoria, deveria ser — a reprodução, também fidelíssima, de um *autógrafo* existente nas mãos de parentes próximos de Bernardim Ribeiro, por êles entregue a um editor de confiança da capital do Alentejo. Mas na verdade essa é realmente uma reprodução *revista e emendada*, ou por outra *preparada para o prelo*, quer pelo próprio editor-impressor — cavaleiro e livreiro do Inquisidor-mor e Cardial-Infante D. Henrique (rei de Portugal de 1578 a 1580) — quer por um encarregado

e conhecido dêle, hábil bastante para completar a obra interrompida, continuando e acabando, mal ou bem, as aventuras principiadas.

Como as duas sejam as únicas redacções que existem (1), e divirjam, sobretudo quanto à *extensão do texto*, como acabo de dizer, mas também quanto a pormenores lingüísticos, é o confronto consciencioso, palavra por palavra, que deve levar a crítica a

---

(1) As edições de 1645, 1785 e 1852 *(Obras*, em que a Novela é intitulada *Menina e Moça ou Saudades de B. R.)* reproduzem a redacção de 1557. As duas modernas (D. José Pessanha, 1891; e Delfim Guimarães, 1908 e 1916) baseiam-se igualmente na de Évora, aproveitando todavia as variantes de 1559, e portanto indirectamente as de 1554. — Com mais exactidão: *algumas das variantes*, mas nem de longe tôdas. — Os três manuscritos que existem no país vizinho, cingem-se, pelo contrário, ao texto dos Usques. — De uma suposta edição de 1578 (repetição da de Évora com amputações e deturpações) nunca apareceu vestígio seguro. As hipóteses que T. Braga enunciou a respeito dela (1897, p. 298) não têm razão de ser: todos os vinte e um passos amputados ou alterados (que os publicadores de 1852 registam) são da edição de 1645, cujo empresário Manuel da Silva Mascarenhas, descendente de um primo do poeta, confessa que algumas *palavras se lhe tiraram*.

valorizar uma e outra com justeza e justiça (1).

Faço-o aqui em glôbo. Quanto às minú-

---

(1) Possível é que nas mãos de Bernardim o texto passasse por mais estadios. Mas em regra, o poeta vai destruindo os estadios embrionários das suas obras. — Excepcional é o caso de Sá de Miranda: Do seu *Alexo* subsistem cinco redacções; do seu *Basto* doze ou catorze; completas refundições algumas. Mas essas duas Églogas ocupam também um lugar à parte nas suas poesias. Em geral, Miranda, por natureza de difícil gestação, era renovador da métrica, introdutor do hendecassílabo à italiana, e das formas estróficas do Soneto, da Canção, da Sextina, da Oitava, dos Tercetos em Elegias, Capítulos e Églogas. Renovador também do estilo peninsular, o qual tentou conduzir de uma loquacidade superficial à concisão e espiritualidade superior de Horácio. Todos o sabem. Mas o que ainda não se tem acentuado com bastante energia é que no *Alexo*, e sobretudo no *Basto*, êle quis conglobar o seu conceito do mundo, da vida, do homem, sentenciosamente, moralizando, — o que não era fácil — e ao mesmo tempo *nacionalizar formalmente* as ideas estrangeiras, assim como Bernardim Ribeiro o fazia nas suas Bucólicas. — Mais tarde afastou-se dêsse programa, reconhecendo que para os conceitos do Renascimento não servia a Redondilha, só servia o metro mais extenso italiano, cultivado primorosamente por Dante, Petrarca, Boccaccio, e no século XVI por Sannazzaro, Bembo, Rucellai, Ariosto.

cias, ou variantes de dicção, numerosas como já disse, mas pouco incisivas, claro que a documentação completa deve ficar para a edição crítica e definitiva (1).

A descrição resumida das *exterioridades* que vou dar, não é directa — com mágoa o digo. Nunca vi o exemplar de Lisboa, nem possuo decalques ou fotografias do que existe no Museu Britânico.

São indicações publicadas por Sousa Viterbo, correctas em regra conquanto nem sempre bastante pormenorizadas para o meu gôsto, que vou trasladar, conferidas com as que há nas reimpressões posteriores. O próprio título encerra *in-nuce* as teses principais que terão de ocupar-nos nêste Capítulo e nos seguintes: *Segunda Parte — Saudades — Todas as obras — O proprio original:*

«Primeira & segũda parte do liuro chamado as

(1) D. José Pessanha começou a fazê-lo. Com o intuito de tornar o texto fàcilmente compreensível, ortografou e em especial pontuou racionalmente; destacou os diálogos das partes narrativas; e consultando as edições tôdas (a de 1554 só na repetição de Colónia) procurou elucidar os pensamentos do poeta e explicar vocábulos caídos em desuso. Mas só registou uma parte das *Varias Lições*.

saudades de Bernardim Ribeiro com todas suas obras. Treladado do seu proprio original. Nouamente impresso (1) 1557.

« Este titulo dentro duma portada igual à de outros livros do mesmo impressor (2). No fim, no derradeiro folio da Taboa:

Imprimio-se estas obras (3) de Bernardim Ribeiro na muito nobre & semp̃ leal cidade de Euora em casa de Andre de Burgos caualeiro & impressor da casa do Cardeal-iffante nosso señor aos trinta de Janeiro de MDLVIIJ (4).

« In-8.º; CCLXXX folios mais 5 fls. inn. de

---

(1) Gramaticalmente em concordância com *treslladado do proprio original*, claro que a locução *novamente impresso* deve significar *pela primeira vez*, como nos passos acima citados, no Cap. V.

(2) Essa portada deve ser portanto a capelita que empregou nos *Exercicios* de Nicolas Eschio, ainda não publicada como ilustração de *Catálogos*. — De resto, André de Burgos usou de gravuras diversas, conforme o conteúdo dos livros que imprimia: um cálice para a *Omelia do Santissimo Sacramento* (1554); a esfera e armas reais nas obras de Garcia de Resende, etc. — Vid. Haebler, *Spanisch-Portugiesische Bücherzeichen*, p. XXIII e XXXIV.

(3) ¡*Sic!*

(4) Essa data final obriga-nos lògicamente a designarmos a impressão como de 1557.

Taboa — Tipo gothico — Bibliot. Nac. de Lisboa — Reservados » (1).

O que contém é a *Menina e Moça tôda inteira:* Parte I, de 31 Capítulos — Parte II, de 58, relativamente curtos e resumidos, pois juntos não avolumam tanto como dois terços da edição de Ferrara.

Num curto e tôsco *Aviso Aos Leitores* (que já mencionei a respeito dos *muitos traduzidores* da *Menina e Moça*) André de Burgos presta conta da sua actividade, mas sem exactidão e suficiência (2).

Enaltece os méritos da sua impressão: *tirada a limpo do proprio original.* Exagera os defeitos da outra, *primeira*, chamando-a *viciosa.* Acêrca das particularidades dessa primeira edição — o lugar, o ano, e o distintivo principal, a inclusão das *Trovas de Crisfal* e do *Cancioneirito* — não diz uma só palavra. Nem mesmo sôbre a matéria nova com que êle próprio se sai:

---

(1) *Movimento tipografico em Portugal (Instituto,* LXVII, p. 243 e 265). — Cfr. Braamcamp Freire, *André de Resende*, p. 72 e seg.

(2) O *Aviso* não está assinado. Por isso mesmo devemos atribuí-lo ao editor — única pessoa que nominalmente figura na edição.

a *Parte Segunda*, ou mais exactamente os Capítulos 18-58.

Designando como *tôdas as obras* de Bernardim que sacara do próprio original, aquelas que publicava, estabelece *ipso facto* e peremptòriamente, que entre os papéis do espólio (1) não estava o *Crisfal*, nem o *Cancioneirito* — facto importante que os críticos modernos não tiveram em consideração, declarando simplesmente que André de Burgos, *imbecil rabiscador*, *de ínfimo mérito*, useiro e vezeiro de *grosseiros trucs*, não merecia crédito algum (2)!

Do mesmo modo descartam também a afirmação dêle no *Aviso*, de que dava as Partes da Novela *tôdas inteiras* — colocando a sua edição completa com os 58 Capítulos da Segunda Parte acima da incompleta primeira com apenas dezassete.

¿Mas afinal quem era êsse André de

---

(1) É praxe empregar a respeito dêsses papéis o têrmo *legados*. ¿Mas *legados* a quem? ¿por testamento, estando internado como doido no Hospital de Todos-os-Santos? ¿Ou legados à posteridade? tendo sido dados a amigos leais ou vendidos, emquanto Bernardim Ribeiro estava de saúde.

(2) Vid. Delfim Guimarães (Cap. VIII) que o chama *Antecessor de Faria e Sousa.*

Burgos? Um *Castelhano*, evidentemente. Estrangeiro portanto como Birckmann. Chamado quer de Granada (onde residira e havia exercido a sua arte desde 1542), quer de Sevilha (onde às vezes estacionara) (1), mudou para Évora em 1553, e lá trabalhou activamente e com distinção durante quási três decénios (2), publicando obras de André de Resende, Garcia de Resende, Jorge Ferreira de Vasconcelos, Azpilcueta Navarro (3). *Cristão-novo* como os Usques, mas do número dos convictos (ou espertos) que não regressaram ao Judaísmo (4).

Apesar da confiança que depositava nêle o Cardial-Infante, de cuja casa era morador, André de Burgos foi preso uma vez e degredado, por se dizer que ensinava a fazer cartas de jogar — os famosos naipes de Andaluzia. Tal transgressão de uma lei transitória, claro que não nos autoriza a suspeitar da sua lealdade como editor-impressor, em geral; e em especial das *Obras* de Bernar-

---

(1) Vid. Haebler, *l. c.*

(2) Até 1580.

(3) Vid. Sousa Viterbo — *Instituto*, LXVII, p. 243-244 e 265-274.

(4) Vid. T. Braga (1897), p. 299.

dim Ribeiro, como não nos autoriza a tê-lo em conta de escritor êsse magro *Aviso*, e um *Prologo* sem importância que precede a *Vida de Don Frey Hernando de Talavera* (1). ¿Escritor de cuja pena saíssem os Capítulos 18 a 58 da Segunda Parte?

Inegável é todavia que, dados sem as devidas explicações, os pormenores relativos às obras de Bernardim Ribeiro, e os Capítulos novos despertam fortes dúvidas e hesitações — incomparàvelmente maiores do que os verdadeiramente ribeirescos dezassete, que são iguais aos da edição de Ferrara.

Preguntamos ¿por que motivo não revela quem lhe entregou os originais? ¿se êles eram realmente de mão e letra do poeta? ¿se o título *Livro das Saudades* lá estava, ou é invenção dêle, ou lhe foi sugestionado pelas autoridades que acharam inconveniente a familiar fórmula aliterante de *Menina e Moça,* usada entre os iniciados e sancionada pelos Usques? ¿se a repartição do texto em *Partes*, e dessas em *Capítulos* com epígrafes abundantes, é dêle (2)? Sobretudo queria-

(1) Sousa Viterbo.

(2) Todos os textos beletrísticos (romances de

mos saber, se teve nessa preparação do texto para o prelo um colaborador, que espontâneamente ou a seu pedido, composera a *Continuação?* ¿E quem era? ¿E que significa a declaração importantíssima no *Aviso* que lhe parecera conveniente dar as duas Partes tôdas inteiras *para mui certo conhecer quem ler uma e outra a diferença de ambas* (1)?

---

cavalarias e novelas pastoris e sentimentais) apareciam assim, fixados pela Imprensa. — Ainda assim, a *Diana* de Jorge de Montemor é repartida só em *Livros*, como talvez estivesse a *Menina e Moça* manuscrita.

(1) Podia ainda preguntar porquê André de Burgos não nos diz nada sôbre as discussões que haveria entre os letrados de Évora e os de Lisboa e Coimbra a respeito dos textos diversos da *Menina e Moça* e sôbre as duas Partes. — Dessas discussões podia resultar porventura que se tirassem e vendessem *traslados* novos da edição de Ferrara — exgotada, ou de difícil aquisição. — Três pelo menos subsistem. No país vizinho. O que pertence à *Academia de História* de Madrid (Col. Salazar, Est. 7, Gr. 2, N.º 76. Letra dos fins do séc. XVI) e foi copiado modernamente para a Bibl. Nac. de Lisboa (marc. Y-5-125). O que Gallardo descreveu no *Ensayo* (N.º 3615) com o título de *Tratado*. O que Nicolas Antonio menciona na *Bibl. Hisp.* (I, 171). Nos tempos dêle estava na posse de D. Tomas Tamayo de Vargas

¿Quererá isso realmente dizer (como penso) que êle tinha em conta de *apócrifa* a *Continuação* (Cap. 18 a 58); e sabia de quem era — comprometido contudo a não o revelar?

A tentativa de referirmos o numeral *ambas* às edições existentes, em vez de às *duas partes*, não dá resultado.

Deixando as minhas ideas relativas às partes *privativas* das edições de 1554 e 1557 para Capítulos especiais, repito que as divergências entre as partes comuns da *Menina e Moça* (contidas em ambas) são numerosas, mas não profundas. A proposição inicial tem na 1.ª o teor: *Menina e moça me levaram da casa de minha mãe pera muito longe*, e na 2.ª diz da *casa de meu pai pera longes terras*. Quem daí abstrair a conjectura que quási cada proposição teria sido alterada na nova redacção, engana-se todavia redondamente. O feio nome *Aqüelisia* (anagramatização tão imperfeita de *Lucrecia* que mal se pode adoptar) será êrro quer de leitura, quer da cópia.

(1672). Pela epígrafe de *Saudades ou Tristezas* podia ser igual ao publicado em Évora. — Vid. *Zeitschrift*, III, 33.

Bimarder, pelo contrário, bem pode ter sido anagrama de *Bernardim*, melhor até do que *Bimnarder* (1).

As variantes meramente gráficas ou de pronúncia (castigo enfadonho de todos os editores de textos portugueses) essas contam-se aos milhares. Sirva de exemplo a primeira proposição em que temos nas diversas edições: *may mai mae mãe; para pera; muito muyto; lonje longe; fosse fose; entõ entã entaõ emton emtão* (2); *leuada levada; ainda aynda inda ynda; pequena piquena; nõ nã não; agora aguora; parece paresce; ja jaa; foi foy.*

Metendo em conta separações diversas dos elementos constitutivos de composições, teríamos ainda *de aquela daquela da quela* etc. Há variantes lingüísticas como *são sou; ca que; todo tudo.* Verdadeiras substituïções de vocábulos são no *Preambulo* ou Cap. I *tristeza* (em A) por *paixão* (B) (3); *nojos* por

(1) O significado é *vim arder* (ou *vim a arder*) = *vim, vi e ardi* — imitação longínqua do *veni vidi vici* de César.

(2) As formas e grafias arcaicas estão ora na impressão de 1554, ora na de 1557.

(3) Com A designo a edição de Ferrara; com B a de Évora.

tristezas; cousa por *causa; engenho* por *engano; achar* por *ter.* Transposição de vocábulos, que no original talvez estivessem entre linhas ou na margem, encontro-a na frase incorrectíssima *antes tudo auia muito tempo como ha que he pouoado de tristezas* (A, fl. 4) e *antes havia muito tempo que tudo é povoado de tristezas* (B, p. 5)(1).

Incisiva, alteradora do arcabouço da composição não há nem uma só divergência.

Tudo quanto se tem aventado sôbre profundas modificações, feitas ao paladar dos Usques, e modernizações introduzidas por êsses estrangeiros, resulta fantasioso.

Contendo realmente uma redacção um pouco diversa, o manuscrito conservado em Portugal estava tão pouco preparado para o prelo pelo próprio autor como o de Ferrara. Alguém lhe deu a última demão, pontuando, separando, juntando e cortando algumas frases de referência a acontecimentos futuros que não condiziam com a maneira como êle *Continuador* depois as terminou na *Segunda Parte.*

---

(1) O sentido deve ser: antes já havia muito tempo que tudo era, como agora é, povoado de tristezas.

Dessa como apócrifa, do Capítulo 18 em diante, falarei no Capítulo VIII, aventando uma hipótese sôbre seu autor — compreensível só depois de, no VII, eu haver apresentado um personagem novo, castelhano, cuja intervenção, em Portugal e na Itália, conduz da *Primeira Parte* da *Menina e Moça* à *Novela de Clareo y Florisea* e dessa, vertida para português, à *Segunda Parte* da *Menina e Moça.*

VII

¿COMO CHEGARIA AOS USQUES O MANUSCRITO DA «MENINA E MOÇA» COM AS ÉGLOGAS DE BERNARDIM RIBEIRO? ¿E A DO «CRISFAL»?

O estado do texto da *Menina e Moça*, impresso em Ferrara, incompleto e imperfeito, de um lado, e do outro lado o carácter dos editores, cultos e honrados (se fôr lícito deduzir algo da atitude nobre e audaz que observaram na *Consolação às Tribulações de Israel*), leva-me a supor várias particularidades a que, de resto, já aludi ràpidamente nos Capítulos anteriores.

Nascidos, segundo cálculos dos Historiadores dos Cristãos-Novos, no último decénio do século xv, maduros portanto quando como latinistas e hebraístas editaram obras suas (de 1543 em diante) mal podiam proceder desonesta e desordenadamente com as alheias que publicavam. Deram-nos a reprodução

literal do texto da *Menina e Moça* que possuíam, embora não estivesse preparado para o prelo, nem quanto ao título e à divisão da matéria, nem quanto à pontuação, ortografia, emprêgo de maiúsculas, etc. Traslado, não de um mero rascunho ou borrão, com muitas emendas, entrelinhas, e cortes como os manuscritos de Sá de Miranda, mas sim de uma *redacção primitiva* — ou uma das primitivas. ¿Segunda? ¿terceira? ¿quarta? Ignoró-o, porque desconheço a maneira de trabalhar de Bernardim Ribeiro; as facilidades ou dificuldades da sua musa. Traslado de um original, de caligrafia regular e legível, mas que ainda assim causava de vez em quando embaraços (1).

Adquirido em Lisboa, e de lá levado, como levaram o manuscrito da *Consolação*, também inacabado então, mas adiantado, visto que no *Dialogo III* (Cap. 30) dizem

---

(1) Tanto na redacção de Ferrara como na de Évora há um pormenor que mostra às claras que a *letra* do original, a letra de Bernardim Ribeiro, era *medieval:* êle empregava *tt* curtos, à antiga, que tão fàcilmente se confundem com *cc*. Por isso lê-se dúzias de vezes na prosa da Novela *camanho (quam magnu)* onde o sentido exige *tamanho (tam magnu)*.

do monstro da Inquisição que *de há poucos anos he arribado*(1).

Contudo não insisto nessa idea. Pode ser também que o traslado lhes fôsse oferecido como brinde, ou para que o comprassem, por algum dos extraordinàriamente numerosos Portugueses que entre 1544 e 1554 pisaram o chão da Itália, indo a Roma. Por causa da Inquisição. Cristãos-Novos e Cristãos-Velhos. Eclesiásticos e Leigos. Filo semitas e Anti-semitas. Com missão oficial pública ou secreta. Ou enviados pela gente de nação.

¿D. Manuel de Portugal? ¿Brás Neto? ¿D. Martinho de Portugal? ¿Flávio Pirrho? ¿Cristovam de Sousa, embaixador por ocasião do conflito de Miguel da Silva, o *Bispo sem-Viseu*, com D. João III(2)?

---

(1) Fl. xxxii. — O Cap. 36, relativo a Pesaro, *o mais seguro porto da Italia que a piedade divina aparelhou aos Cristãos-Novos para descançarem da trabalhosa viagem que de Portugal fizeram*, e o 37, datado 5313 (=1553), claro que já foram escritos em Ferrara. Assim mesmo a Dedicatória à ilustríssima senhora Dona Gracia Nasci a quem *como feitura sua* (figura retórica muito usada) Samuel deseja *por obras, escritos e feitos satisfazer e mostrar-se grato das muitas merces que de sua larga mão tem recebido.*

(2) Por boas razões não penso no próprio Cris-

Ainda há outra possibilidade, na qual fusionariam os dois pressupostos. E explicaria bem um pormenor importante, já registado mas ainda não discutido: a diferença entre certos dizeres do *Indice* e as epígrafes do texto. Pode ser que os Usques adquirissem em Lisboa as primícias do estilo pastoril, que tanto os encantava: a *Menina e Moça* e as *quatro Eglogas* que Bernardim criara pouco depois do seu regresso da Itália, entre 1524 e 1532, quando andava na côrte, melancólico sim, mas com lucidez bastante para, pelo menos nominalmente, figurar como escrivão da câmara do reinante.

Isto é: as partes que constituem a primeira e principal parte do volume de Ferrara — as partes de cuja autenticidade os Usques residentes em Lisboa estavam absolutamente certos, e figuram no *Indice* e no texto como incontestadamente de Bernardim Ribeiro.

---

tovam Falcão. Em primeiro lugar porque esteve em Roma uma só vez, em 1542. Em segundo lugar porque mal podia contribuir para que as *Trovas* de tão íntima mágoa de alma fôssem publicadas. E se realmente fôsse o depositário dos manuscritos e instruísse os Usques, seriam outras as explicações dadas no *Indice* e nas epígrafes do texto.

Anos depois, em Ferrara, receberiam — talvez só depois do falecimento de Bernardim Ribeiro, quando procediam à publicação — receberiam das mãos de algum letrado, entusiasta da poesia bucólica como êles, a *Quinta* e última *Egloga* de Bernardim Ribeiro — o *Agrestes e Ribeiro* — escrita longe da capital, naquele bom-retiro de Cabeceiras de Basto que Sá de Miranda proporcionara ao amigo, cuja psique iam transtornando intrigas da côrte e paixões de amor.

Publicada porventura em fôlha-volante como a terceira de *Amador e Silvestre*. E juntamente receberiam as deliciosas *Trovas de Crisfal*, com a *Carta* e o *Cancioneirito*. Com explicações quer verbais, quer escritas, sôbre os autores, mas que de longe era dificílimo fiscalizar. *Dizques*, boatos que Abraam Usque lealmente registou como tais — inclinado, ou não, a acreditar na sua exactidão.

Entre o *Indice* do volume que elaboraram, e as epígrafes contidas no manuscrito que reproduziram, sem alterar um ápice, há não contradições, mas diferenças, dignas de nota.

Lembre-se o leitor de que, quanto à *Egloga V*, *Agrestes e Ribeiro*, registada no

Indice como *de Bernardim Ribeiro*, por estarem certos dessa autoria, lemos a Fl. 114 *a qual dizem ser do mesmo autor*; e com respeito às duas lindas Cantigas com suas voltas, igualmente *que dizem ser do mesmo Autor*: a atrevidíssima e para mim problemática que principia *Não são casado, senhora* (1) e *Para mim nasceu cuidado* (2).

Quanto às *Trovas de Crisfal* (3), elas são designadas no texto como *Egloga de Cristovam Falcão chamada Crisfal* (Fl. 133). No *Indice* lê-se todavia: *Egloga que dizem ser de Cristovam Falcão ao (ho) que parece aludir o nome da mesma Egloga.* — Como desconhecessem êsse poeta, hesitavam e deram expressão às suas dúvidas.

Quanto à *Carta* com a assaz indiscreta mas bemvinda interpretação de que *estando preso* a mandou *a hũa senhora cõ q̃ era*

---

(1) Vid. o Cap. relativo ao *Cancioneirito*.

(2) ¿Escrita em seu próprio nome? Impossível. ¿Escrita em nome alheio? Não vejo nem creio que o mais subjectivista dos poetas se prestasse a escrever *em nome alheio* e sôbre mágoas alheias.

(3) Segundo Aubrey Bell, *Port. Lit.*, p. 137, Nota 2, a questão do *Crisfal* consistiria no significado da preposição DE — (ABOUT ou BY). À vista da edição de Ferrara, talvez mude de opinião.

casado a furto cõtra võtade de seus parentes della, os quais a queriã casar com outrem, sobre que fez (segundo paresce) a passada Egloga, ela é no texto *do mesmo* (Fl. 167 *v.*) e paralelamente *do dito* no *Indice.*

Hesitações portanto desde o primeiro ensejo, em que se publicou a exquisita obra de arte, de erotismo casto, lágrimas doces, olhos tornados fontes, beijos cujo sabor nunca mais se evaporava dos lábios em que foram dados, a qual a princípio fôra publicada sem nome de autor, que também nesta segunda impressão, não o traz claramente expresso. Hesitações todavia apenas de conscienciosos editores, que não queriam afirmar senão aquilo que podiam ter jurado, pondo as mãos na Tora.

*

Com relação à maneira como o manuscrito da *Menina e Moça* viria ter a Ferrara há ainda outra conjectura. Segundo T. Braga que a lançou, a Novela fôra escrita *na Itália* (antes de 1524 portanto) (1).

---

(1) Eu diria que Bernardim talvez lá deixara um

¡E lá ficara! No ducado de Sabóia, nas mãos da ama da Infanta D. Beatriz: aquela Inês Álvares Zagalo, parenta de Bernardim, protectora dêle na sua infância e depois, que tinha uma filha: Joana Tavares, causadora da funesta paixão que dementou e matou o poeta. Mencionada pela mãe na carta a D. João III de 15 de Agôsto (de 1522, aparentemente) como recolhida num convento e tão doente que havia mester sempre duas e três mulheres e uma escrava para seu serviço — é idêntica à *prima* do poeta, de que se fala no processo de 1552 e 1642 porque os pretendentes à herança afirmavam descender dela e do poeta!

De Sabóia algum interessado teria levado a redacção primitiva e incompleta aos Usques.

Como o leitor sabe, eu creio que Bernardim Ribeiro escreveu a *Primeira Parte*

---

traslado. Possível é. Pouco provável contudo, a meu ver. Creio que emquanto lá andava, só estudava, como Sá de Miranda, a *Arte nova,* lendo as prosas e os versos de Sannazzaro. Sobretudo a resolução de ficar fiel à medida velha, e de nacionalizar também formalmente o espírito pastoril, mal pode ser obra de um momento: germinaria lá, mas amadureceu de-vagar, *na pátria.*

entre 1524 e 1530, na côrte; e os 17 Capítulos da *Segunda Parte* no bom retiro de Cabeceiras de Basto.

*

Chegado aqui devo adicionar à menção de *Cabeceiras de Basto* uma hipótese já expendida em outros trabalhos meus (1). E embora não despertassem eco algum, ela me parece cada vez mais plausível.

Naquele antigo solar, sob o tecto hospitaleiro de Nunálvares e António Pereira (2) (filhos de João Rodrigues, o Marramaque), tornado célebre pela Égloga *Basto* de Sá de Miranda e por uma *Carta* do mesmo, como pôrto principal a que haviam arribado, ou cabana abrigadora onde se haviam recolhido, fugindo das borrascas importunas da África, Índia e prenúncios da Inquisição, *pastores* nacionais e castelhanos: E eu julgo que com Sá de Miranda viera o infeliz Bernardim

---

(1) Vid. *Jahresbericht*, IV. — *Romances Velhos*, p. 131, 166 e 265. — *Novos Estudos sobre Sá de Miranda*, p. 53 e 149.

(2) Contei no *Sá de Miranda* que êsse se tornara suspeito pelos livros que lia, e tratados que escrevia.

(entre 1530 e 1540). A presença dos dois, e talvez dos primeiros adeptos dêles como *Jorge de Montemor*, transformara a ameníssima região de Entre Douro e Minho numa nova Arcádia. Deixando-se influir pelas flores retóricas de um dos *prosadores* da nação vizinha (1), Bernardim influíu aí mesmo nêsse, e em outro poeta, com os seus versos ternos e afectuosos e as meigas descrições bucólicas da *Menina*. O prosador é Feliciano da Silva, fértil autor dos Livros VII, IX, X e XI do *Amadis*, e introdutor nêsses livros cavalheirescos do elemento pastoril: o idílio de *Darinel e Silvia*. O poeta é o que os Portugueses conhecem e estimam como autor da *Novela de Clareo y Florisea: Alonso Nuñez de Reinoso* (2). Tenho-o em conta

---

(1) Mais abaixo dou um exemplo que há num dos primeiros Capítulos da Parte II.

(2) Oriundo de Alcarria (província de Guadalaxara), Reinoso tinha passado anos inteiros em Ciudad-Rodrigo, pátria de Feliciano da Silva, seu íntimo amigo. Mesmo se o último não conviveu em *Basto* com Bernardim, o primeiro pode ter-lhe transmitido o gôsto pastoril. E se fôssem absolutamente seguras as datas das primeiras impressões dos *Livros* VII, IX, X e XI do *Amadis*, podíamos deduzir delas conjecturas sôbre as da composição das obras principais

do melhor e mais entusiástico dos admiradores e imitadores de Bernardim. E visto êle haver visitado a Itália, imprimindo lá as suas obras (em Veneza, 1552), poderia muito bem haver levado então aos Usques a *Egloga V* do seu poeta, composta no solar de Basto, assim como o *Crisfal* e o *Cancioneirito*.

*

A prova de que a minha suposição é plausível, está em duas composições castelhanas da lavra de Alonso Nuñez: a Fábula da *Morte de Lagrimas e Diana* que se passa *Entre Tejo y Guadiana*; e a *Egloga de los pastores Balteo y Argasto*. Em ambas as poesias, escritas no ritmo suave das Décimas ribeirescas, há reminiscências de Portugal (Lisboa, Coimbra e o Douro), e sobretudo do lugar que os pastores chamam *Basto*; repetições textuais de versos e conceitos de Bernardim Ribeiro; imitações de outros; e *last not least* alusões aos protagonistas das Églogas do Português: *Silvestre e Amador; Agrestes; Jano; Persio e Fauno; Juana*, a

---

de Bernardim Ribeiro. — Vid. Menendez y Pelayo, e Henry Thomas.

linda, *la que las patas guardava!* E também as há a muitos outros pastores (1) que não sei identificar, mas evidentemente são retratos de poetas reünidos na *Arcádia* portuguesa, ou em parte de figuras por êles desenhadas (2): *Peñamor* talvez seja Montemor; *Lagrimas* podia ser Ribeiro ou Falcão; em *Florisendos* procuro Feliciano da Silva (3).

A respeito de versos repetidos e imitados sirva de exemplo a terra — *cercada toda de sierra* —, a pastora que *vestidos blancos vestia* — e *que hermosa bien parescia;* a gente estranha *barbara y sin razon.* A *çapata que Joana perdera* é transformada numa *trança que caiu* a Diana (!) Os versos

I-vos, minhas cabras, i-vos
gado bem aventurado:

aparecem transpostos em

Cabras mias, i-os, i-os,
ganado mio sabroso.

---

(1) Dirzeo e Rosano, Panflores, Silvano, Titiro, Coridon. — Quanto a pastoras: Armenia e Clarinda, Silvia, Florinda, Mora, Eufrosina, Silvana, Delia.

(2) P. ex. o *Andrés* de Sá de Miranda; e o *Fileno* de Castillejo.

(3) O nome ocorre em ambas as composições de Reinoso, e na Égloga V de Ribeiro.

Como repetições de ingénuo arcaísmo notei p. ex.

por nombre tiene Diana,
Diana por nombre habia.

no me mata la sed mia,
mas quedo muerto de sed.

cuando piensa descansar
entonces mucho mas cansa.

Na Itália, Alonso Nuñez permaneceu tempo suficiente para aprender bem a língua de Dante, e compor uma Novela: a já citada *de Clareo y Florisea y de los trabajos de Isea*, em que imita os *Raggionamenti Amorosi* de Ludovico Dolce, tirados de um fragmento do romance grego de *Leucipe y Clitofonte*, mas não sem nela meter alguns reflexos da *Menina e Moça* (1). Tempo suficiente também para redigir tentativas poéticas em estilo italiano, bruxuleante na verdade, mas, segundo o gôsto dos admiradores, tão belas que compararam o seu ingénio com

(1) Brito Aranha notificou no *Dic. Bibl.*, X, p. 31 (ad. III, 196) o facto que no *Clareo* havia vestígios da *Menina e Moça*. — O que admira é que Menendez y Pelayo, com tôda a sua argúcia e vasta leitura, não os descobrisse e sinalizasse nas *Origenes de la Novela*.

o de Garcilaso! Tempo de compor e imprimir tudo isso, juntamente com as composições trazidas da península ibérica, em Veneza (1), na oficina de Gabriel Giolito *de Ferrariis y sus hermanos* (1552) (2).

E nesta edição as *Cosas de verso, parte al estilo español y parte al italiano* são dedicados... ¿a quem? — ao sobrinho da ilustre Israelita D. Garcia Nasci, à qual Abraam Usque ofertara a *Biblia*, isto é a *João Micas* ou *Miques*, ou por outra *Joseph Nasci*.

Realmente entre todos os coevos dos Judeus portugueses que editaram a *Menina e Moça*, não há nenhum mais ìntimamente relacionado com Bernardim Ribeiro (¿e porventura com Cristovam Falcão?) e Sá de

---

(1) Reinoso estacionou em Veneza de Janeiro a Maio de 1552.

(2) Vid. Gallardo, *Ensayo* N.º 3247. — A novela, reimpressa na *Bibl. Aut. Esp.*, Vol. III (p. 431-468) foi traduzida para português, perto de 1560, talvez antes que André de Burgos publicasse a *Menina e Moça*. — Veja-se Deslandes, I, p. 91-93. — Uma *reimpressão* do único exemplar da *Isea* portuguesa (que das colecções Balsemão e Fernandes passou à de Fernando Palha) é um desiderando meu, de há muito.

Miranda; nenhum que mais pé nos dê pela sua vida e obra para o supormos intermediário de textos pastoris, escritos em Portugal e impressos na Itália, do que *Alonso Nuñez de Reinoso.*

Isso, se abstrairmos da idea que os Usques em pessoa própria os levaram, todos ou parte, na sua bagagem, quando se expatriaram cêrca de 1545.

VIII

OBRAS ERRÒNEAMENTE ATRIBUÍDAS A BERNARDIM RIBEIRO

Quem me acompanhou até aqui já sabe — ou porventura ainda não saiba — que eu atribuo a Bernardim Ribeiro apenas as obras publicadas em 1554 — isto é os trinta e um Capítulos da *Primeira Parte* da *Menina e Moça*; dezanove da *Parte Segunda*; as cinco *Eclogas*, a *Sextina*, a Cantiga *Não são casado, senhora* e a Glosa *Para mim nasceo cuidado*. — Além dessas composições, as doze poesias em estilo e metro nacional que estão no *Cancioneiro Geral* de Garcia de Resende (Fl. 192-193 (1) e 211-212) (2);

---

(1) Lembre-vos quam sem mudança — Nunca foi mal nenhum mor.

(2) Té 'qui me pud'enganar — Uns esperam a coresma — Antre tamanhas mudanças — Suspeitas. vedes m'aqui — D'esperança em esperança — Chegou a tanto meu mal — Antre mim mesmo e mim — Com

o Romance que, tendo saído no *Cancionero* de 1550, não entrou nas Obras do poeta senão em 1645, e os *Ecos* que são o remate da Égloga III na Fôlha-volante do quinto decénio do século XVI.

A respeito das últimas duas composições que acabo de citar, os Capítulos 18 a 58 da *Segunda Parte* da *Menina e Moça;* duas Glosas e um Soneto espanhol, impressas na fôlha-volante; três Trovas vulgares do século XVII; cantares pastoris anónimos do *Cancioneiro de Evora*; uma série de fragmentos em estilo italiano; uma Glosa do Solau *Pensando-vos estou, filha*, contida no *Cancioneiro Luis Franco* — bagatelas que a fantasia de Faria e Sousa, e nos nossos dias a de T. Braga e Delfim Guimarães, tentou vindicar para o Poeta, que adoram, afim de enaltecer a sua fama, irei dizendo porquê não aplaudo, rejeito pelo contrário, essas tentativas.

O *Crisfal*, êsse fica para o fim.

Há ribeiristas como D. José Pessanha e Delfim Guimarães que consideram postiça, medíocre ou mesmo de ínfima qualidade

---

quantas cousas perdi — Esperança minha, is-vos — Cuidado tam mal cuidado.

tôda a *Segunda Parte* e a suprimem nas suas edições (1), restringindo a Novela à *Historia de Belisa e Lamentor* e os amores de *Narbindel e Aonia*. A Parte suprimida, atribuem-na quanto aos primeiros dezassete Capítulos a *Abraam Usque* e o resto a *André de Burgos* — o que é um expediente cómodo, na verdade.

Outros, como eu, exceptuam, como é lógico, os dezassete capítulos iniciais, impressos em 1554.

Aqueles devem estar persuadidos de que a demência inutilizou o poeta justamente no instante em que tinha pôsto ponto final à *Primeira Parte!*

Para os que aceitam a minha hipótese — que com a luz do entendimento, já enfraquecido quando fugiu da côrte (c. 1530), Bernardim Ribeiro continuou a sua obra no bom-retiro de Cabeceiras de Basto, até a pena lhe cair da mão e a sua inteligência se

---

(1) Como artistas fizeram bem, porventura. Mas na edição definitiva, artisticamente *e filològicamente* exacta, não deve faltar a parcela notável dos amores de Avalor e Arima. Nem tão pouco a continuação apócrifa, para que, como no século XVI, o leitor veja a diferença de ambas as partes.

ennevoar por completo, tendo de recolher à cela do Hospital — ficam explicadas e desculpadas as incoerências e imperfeições dos tais dezassete Capítulos e dos *Romances de Avalor* e do *Cuidado e Desejo*.

Êles são, apesar de tais erros, ou mesmo por causa dêles, profundamente ribeirescos pelas subtilidades do pensamento, sensibilidade poética, e ingenuïdade pitoresca dos amores de Avalor e Arima, aquela filhinha de Belisa e Lamentor à qual a ama cantara o Solau: *Pensando-vos estou, filha.*

Afim de convencer os hesitantes da legitimidade dos tais Capítulos, vou dar-lhes de um lado um exemplo frisante de como, em Basto, na convivência com Reinoso, o autor da *Menina* deixou arrastar-se pela retórica crêspa e gongorizante de Feliciano da Silva; do outro lado lembrar-lhes hei que exactamente nas partes em questão, se encontra a scena mais memorada e característica da obra do apaixonado Bucolista.

Queiram ler a complicada proposição: *Ca quem quer per bem a alguma pessoa (porque lh'o ela quer, ou porque ela faz que lh'o queira), logo leixa de lh'o querer como falecem os meios por onde; mas quem o quer por só querer, ou só porque*

o quer, a este não pode falecer o querer de todo (1).

E depois recordem-se da seguinte, afamadíssima, oração de Feliciano da Silva, que inspirou a Miguel de Cervantes profunda admiração, misturada de espanto: *la razon de la sin-razon que a mi razon se hace, de tal manera mi razon enflaquece que con razon me quejo de la vuestra hermosura* (2).

A scena que poderosamente ajudou a intensificar a fama do poeta como leal e real namorado é aquela, em que no paço régio, num serão da côrte, Avalor, absòrto na contemplação de Árima, a donzela casta e meiga, cujo mover de olhos o enfeitiçara, caíu com estrondo do alto do seu cuidado, revelando assim a sua paixão secreta. Ela impressionou os coevos tanto ou mais do que o rouxinol de Bernardim, tornou-se proverbial, e foi repetida como anedota realmente acontecida ao próprio Bernardim, p. ex. na *Arte de Galantaria*, e em colec-

---

(1) Cap. VI.

(2) *D. Quixote*, I, Cap. 1. — Em Portugal cita-se mais vezes a fórmula reduzida da *razão que tão sem razão, por ser vosso, tenho* p. ex. de louvar o vosso livro.

ções de *Memorias*, *Casos memoraveis*, e *Apotegmas*.

E além dessa scena há também na parte em questão o *Romance de Avalor*, que já designei mais acima como um dos mais belos que a península produziu no género sentimental, embora se lhe deva aplicar a linda frase de *charmingly incorrect*. Logo falarei dêle e do outro cantar alegórico epigrafado por Garrett com as palavras *Romance de Desejo e Cuidado*, que mais longe ainda levou a fama do autor.

A favor da sua interpretação subjectiva e impressionista, os que rejeitam a *Segunda Parte* em globo alegam apenas o facto da existência de *Segundas Partes alheias* de obras-primas novelescas das literaturas peninsulares, como a *Diana* de Jorge de Montemór, e a *Silvia de Lisardo* (1), continuação do *Crisfal* — cedendo, nas suas explicações do facto naturalíssimo, um tanto à triste tendência nacional de procurar plágios, furtos, saques, roubos, interpolações, mentiras e falsidades literárias (2) mesmo

---

(1) Além do *D. Quixote*, do *Palmeirim*, e dos *Amadises*.

(2) Que realmente houve furtos na Península, é

onde há, na verdade, meras coincidências, justa liberdade, imitações permitidas, descuidos, repetições inocentes de ideas, por outrem tão bem expressas que ninguém as podia igualar ou superar — *furtos honestos*, como dizem os nossos vizinhos.

Com respeito ao estilo, não quero negar em absoluto que na parte contestada haja mais irregularidades do que na *Parte Primeira*, assim como maior número de frases ainda não polidas, de sorte que carecem da delicadeza habitual de Bernardim (1). Mas é

---

um facto, que não nego. O roubo do *Parnaso* de Camões em Moçambique, e o da *Decada VIII* de Diogo do Couto, fala bem alto. Quanto a plágios, baste lembrar a *Nise lastimosa* de Bermudez, e o *Palmeirim de Inglaterra* de Francisco de Morais, empalmado por Luis Hurtado de Toledo.

(1) Relendo-a noto a frase *cordção de pousada* — *honestidade feita à mão* — *mexericos* — *escorregado* — *não poder sustentar a carga de seu olhar*. Essas, e talvez outras, levaram-me, em tempos passados, quando também não conhecia a edição de Ferrara tão bem como hoje, a hesitar a respeito da autenticidade. Mas agora, avaliando-a cada vez mais alto, e metendo em conta a doença de Bernardim, não mais duvido. De resto, procurando bem nos trinta e um Capítulos da Parte Primeira, encontram-se também algumas faltas de delicadeza. P. ex. no Ca-

inexacto haver páginas e mesmo Capítulos baralhados. E a demonstração dos factos indicados está por fazer.

O que o continuador quis, sabendo que o público ocioso, devorador de *Amadises* e *Palmeirins*, não gostava de aventuras inacabadas, foi dar fim e remate a tôdas as que que Bernardim Ribeiro principiara ou prometera e até certo ponto preparara na *Parte Primeira*, relativas não sòmente aos dois amigos, mas também aos outros seis ou sete cavaleiros andantes, não travestidos em pastores; e, claro está, quis entretê-lo também com outras fábulas novas, no gôsto dos livros de cavalarias.

E fê-lo o mais de-pressa possível, em quarenta-e-um Capítulos, em parte curtos e resumidos, cuja linguagem muita vez sêca, precipitada, e oficiosa está cheia de frases de transição estereotípicas como: *deixemo-lo para seu tempo*, ou: *mas o nosso conto não é agora deste* (1). No desenlace das intrigas,

---

pítulo VIII relativo ao nascimento de Arima O que notei são pequenos saltos e erros. No Cap. III p. ex. devemos ler *saberde lo* em vez de *saber delles*.

(1) À frase que Bernardim Ribeiro empregou, na passagem da Parte I à II, já me referi mais acima.

ora se cinge aos prenúncios contidos no texto de Bernardim; ora se afasta dêles. Os amores de Narbindel e Aonia p. ex. têm fim trágico (depois do episódio matrimonial com Gato-Fileno, Orphileno ou Felino), e êle morre, como fôra anunciado (Cap. 19, Fl. xxxix), sob a sombra do freixo onde se pusera a primeira vez que saíra da tenda, como pastor da frauta (1). Os amores de Avalor, pelo contrário, concluem abruptamente, fazendo-se êle cavaleiro andante, e como tal protector de donzelas desamparadas, ao passo que Arima, recolhida temporàriamente num mosteiro pelo pai, encontra, segundo o último período da Novela, um refúgio definitivo no castelo construído por Lamentor, pertencente a *Bastião (Tasbião)* como seu herdeiro, casado com Romabisa. Isso, apesar de a dona dos tempos antigos se haver referido a *ambos os amigos leaes* como matados à traição, màmente, por falsos cavaleiros, e a ambas as donzelas como mortas pelas suas próprias mãos.

Com freqüência o continuador esquece que é a dona que conta a *Historia*. Fala, como *autor*, que explora um texto preexistente,

(1) Cap. 19. — Compare-se o Cap. 48 da Parte II.

de *cousas que não são escritas neste livro*; ou afirma que *verdadeiramente se escreve assim!* etc. Os anagramas novos de cavaleiros e damas *(Donanfer, Lamberteu, Jenao; Loribaina, Romabisa)* não são tão gentis como *Aonia, Belisa, Cruelcia, Narbindel.*

Alheia e anónima, inferior à *Primeira Parte*, a *Segunda* é o que podia e devia ser: *declaração* daquela, conforme dizia Manuel da Silva Mascarenhas em 1645, no sentido de *complemento* (1).

Sinais para calcular quem fôsse o continuador faltam. — Do que deixei dito acêrca de *Alonso Nuñez de Reinoso*, do seu *Clareo y Florisea* e da *Sem-ventura Iseo* (2), tiro todavia a conjectura que o tradutor português,

---

(1) Aubrey Bell, a cujas opiniões críticas e estéticas dou alto aprêço, como o leitor vê, não nega que a Segunda Parte seja mais intrincada e confusa e repleta de anacronismos do que a primeira. Reconhecendo todavia scenas lindíssimas, entende que foi o próprio Bernardim que nos deu a continuação tôda — inferior sim, mas ainda assim valiosa. Mas... dos Capítulos que cita como realmente belos, idílicos, cheios de apaixonada saüdade — o 9.º, 11.º e 12.º — pertencem ao fragmento que eu considero autêntico! — por ter sido impresso em 1554 — o que êle ignorava.

(2) Cêrca de 1560, bem podia ser 1557.

amigo e admirador de Reinoso e Bernardim, fôsse o continuador da *Menina e Moça*.

Infelizmente nada se sabe dêle. Nem mesmo o nome.

*

Abstraindo de verdadeiras *Segundas Partes*, há também, no século XVI, obras deixadas incompletas por seus autores, que foram acabadas por outrem. Baste nomear Luís Hurtado de Toledo (o do *Palmeirim*), que completou não sòmente as *Cortes de la Muerte* de Micael de Carvajal (1), mas também a *Comedia Tibalda* de Peralvarez de Ayllon (2).

---

(1) *Bibl. Aut. Esp.*, Vol. XXXV.
(2) *Bibl. Hispanica*, N.º XIII.

IX

OBRAS CUJA PATERNIDADE É NEGADA SEM RAZÃO A BERNARDIM RIBEIRO

Em primeiro lugar os *romances.* — O *cantar-romance de Avalor*, claro que não pode ser âutêntico para os que, desconhecendo até hoje a nobreza dos Usques e a valia extraordinária do seu esfôrço, fazem pouco da edição de 1554, e, sem prova alguma, a acusam de *burlona* e *falsificada ao paladar daqueles editores!* Nem ponderam que, atribuindo-lhes os dezanove Capítulos com o romance, lhes passam um atestado de arte e ingénio invulgar.

Começando poèticamente

Pola ribeira de um rio — que leva as aguas ao mar
vai o triste de Avalor — não sabe se ha de tornar,

o romance finda poèticamente com os versos:

Não sabem mais que foi dele — nem novas podem achar:
sospeitou-se que era morto — mas não é pera afirmar (1).

---

(1) Para mim os últimos quatro hemistíquios são

Ridícula baboseira, e enfiada de rimas, sem elevação nem senso-comum, infamíssima imitação, obra de um versejador da fôrça de Rosalino Cândido, aos olhos de Delfim Guimarães (1) e seus sucesores, o texto sempre me agradou deveras quanto à forma e ao espírito. Propositadamente monótono, e melancólica melopeia de trinta assonâncias agudas em *-ar*, é na essência a lamentação vaga e misteriosa de um verdadeiro amante que se despede da *rem do mundo que ele mais amava.* E felizmente vou na companhia de Bouterwek, Menendez y Pelayo, Aubrey Bell e Almeida-Garrett, de quem é o *veredictum* que em tôdas as vastíssimas colecções de romances não há nada tão belo e de tão elegante simplicidade (2).

---

um anexo inútil. E deturpado. Já fiz a proposta de lermos — como se fôsse um Epílogo — *Que o embarcou Ventura — pera só nisso o guardar: — mais são as magoas d'amor — do que se pode cuidar* (Vid. *Romances Velhos*, p. 266). — Melhor será todavia riscá-los simplesmente.

(1) Cap. XIII *Um romance apócrifo.*

(2) Repartir romances velhos, de género narrativo, em quadras, é um êrro, praticado por muita e boa gente. Ilusório evidentemente quando êles se compõem de um número de versos longos, únicos, não divisível por quatro, como êsse de Bernardim Ribeiro. — Veja-se a respeito do problema o cons-

Quer da impressão de Ferrara, quer de um manuscrito semelhante ao que serviu aos editores de 1554, o texto passou naturalmente aos traslados que se conservam em Espanha. Com certas variantes, que me ajudaram a reconstituí-lo, bem grafado e pontuado, êle tem encantado numerosos leitores, mesmo depois das diatribes de 1908.

*

O segundo romance ainda é mais caluniado, por não andar incluído na *Novela* (1). Êsse talvez seja o verdadeiro canto de cisne do poeta. Anterior a 1550. É o que começa

> *Ao longo de uma ribeira — que vai polo pé da serra,*
> *onde me a mim fez guerra — muito tempo o grande amor.*

---

ciencioso estudo de S. Griswold Morley: *Are the Spanish Romances written in Quatrains* (*Romance Review*, VII).

(1) *Romances Velhos*, l. c. — O romance de Avalor não se encontra só em tôdas as edições da *Novela* (1554 e 1559; 1557, 1645, 1785 e 1852) menos as modernas de D. José Pessanha e Delfim Guimarães; também está nos *Versos* de 1886, no *Romanceiro* de Almeida-Garrett, Vol. III; na *Floresta de Romances* de T. Braga (1867); e no *Ensayo*, de Gallardo, N.º 3615.

Mais vago e místico ainda que o de Avalor, é todavia mais individual (1). O poeta fala nêle na primeira pessôa e introduz no texto o seu nome, integralmente, à maneira dos trovadores provençalescos (como p. ex. *João de Guilhade*) (2). Com relação à forma escolheu desta vez uma das espécies que se usavam para coisas tristes (os fados primitivos): a dos *pareados discordantes* ou *dissonantes* (*ab/bc/cd/de/ef* etc.). Não está na edição de Ferrara. Nem na de Évora. Só de 1645 em diante aparece nas *Obras* do poeta (3). Sem explicação sôbre a fonte de que Manuel da Silva Mascarenhas o havia tirado. Motivo suficiente para o hipercrí-

---

(1) Todo êle é *mal cozinhado*, segundo Delfim Guimarães. Mesmo o êrro de caixa (ignoro de qual impressão) *nisto pôs-se o sol ao* AR, por MAR, serve-lhe para risotas.

(2) Esta particularidade irrita e indigna os críticos de hoje. Se Bernardim Ribeiro havia — dizem êles — sempre *velado* o seu nome, não havia de revelá-lo no fim da vida! — ¡Como se *Narbindel* e *Bimnarder* fôssem verdadeiras máscaras! Nem mesmo mascarillas, como as que antigamente chamavam *antifazes*.

(3) Aí como nas reproduções posteriores de 1785 e 1852 o romance vem ao cabo da *Egloga V de Agrestes e Ribeiro*.

tico de hojè preguntar, chasqueando, se certo Dr. Guadalupe, que obsequiou o publicador com um *Soneto*, seria o pai da criança (1)!

Sem sombra de razão.—Saiba e saibam todos quantos desejam conhecer a verdade que, antes de 1645, mesmo antes de 1554, ainda em vida de Bernardim Ribeiro, foi exactamente aquele alegórico romance que havia propagado aqui e no país vizinho lendas sôbre os seus amores, e inspirado outro romance castelhano, a respeito dêsse Português que morrera de paixão. É o que, principiando

Yá piensa Don Bernaldino a amante visitar,

conta como o protagonista, desiludido, se suicidou, e foi enterrado num rico moïmento, todo de cristal, com o letreiro

Aqui está Don Bernaldino que murio por bien amar (2).

E saibam qual a via, pela qual ambos os romances de Bernardim se espalharam pelo

---

(1) Almeida-Garrett reproduziu-o, conforme já disse, com o título de *Cuidado e Desejo,* a-par do romance de Avalor, e de *Pensando vos estou, filha.* Êsse está sobrescritado *A Ama.*

(2) Duran, N.º 293.

mundo fora. Pelo grande e fecundo e mais antigo *Cancionero de Romances*, que acendeu em tôda a Europa o gôsto pelo género épico e épico-lírico peninsular. Estampado em Antuérpia (Anvers, Amberes, Emberes) na casa de Martin Nucio, o da *enseña de las cigueñas*, sem indicação do ano. Êsse *Cancionero* é anterior ao de 1550, segundo as investigações minuciosas do grande especialista Ferdinando Wolf (1). E o Romance *Ao longo de uma ribeira* é o único texto *português* que teve a honra de entrar nêle (2).

Excepcional em tudo, êsse Bernardim Ribeiro!

E como todo o *Cancionero* é baseado em *Pliegos sueltos*, podemos e devemos conjecturar — à vista das fôlhas-volantes que contêm as *Trovas de dous pastores* e as *Trovas de Crisfal* — que também a *Egloga Quinta* e última do Português, juntamente com o romance, fôra impressa como *última no-*

---

(1) A documentação, clara e positiva, deu-a o ilustre Vienense num seu importante estudo de 1850, sôbre os oitenta Pliegos-Sueltos, da Biblioteca de Praga: *Ueber eine Sammlung fliegender Blätter*, 1852.

(2) O romance de *D. Duardos e Flerida*, de Gil Vicente, tem redacção castelhana, como é sabido.

vidade entre 1545 e 1550, em fôlha-volante.

Foi portanto da edição-príncipe da colecção espanhola (1), lida dentro e fora da península, ou de alguma das nove reimpressões que ela teve antes de 1645, que Manuel da Silva Mascarenhas extraíu o texto (2), a não ser que tivesse à vista a suposta fôlha-volante (ou uma das várias que porventura existissem).

Digo isso por não dar com o motivo porque o romance falta na impressão de Ferrara; ou por outra, porque Alonso Nuñez de Reinoso — ou quem levou aos Usques a *Egloga V*, e o *Crisfal*, e o *Cancioneirito* — não lhes entregaria também o tal romance (3). E suspeito houvesse várias edi-

---

(1) Do raríssimo *Canc. de Rom. s. a.* existe um exemplar no Museu Britânico, proveniente da livraria Grenville. — Segundo Duran, há outro na *Bibliothèque Nationale* de Paris. — Digno de ser ressuscitado pela *Hispanic Society*, ainda não teve, que eu saiba, essa fortuna.

(2) A tarefa de verificar, se *Ao longo de uma ribeira* ocorre em tôdas as edições, ou foi riscado por ser português, não será fácil de realizar, tão poucos são os exemplares que restam.

(3) O próprio Reinoso é autor de dois romances,

ções da fôlha-volante, com ou sem o outro romance que diz *Ao longo de uma ribeira* (1). Embora nenhuma subsista, há probabilidade de assim ser, haurida nas listas dos que escaparam a *injuria temporum* e *incuria hominum*: sem data, ou então dos anos 1534, 1536, 1537, 1540, 1541, 1550 (2).

*

A terceira poesia menor em metro hispânico cuja autenticidade é discutida, sem razão, é a dos *Ecos*. Brinquinho. Sem grande valor intrínseco. Estimável porque mostra que o poeta, em regra individualista, também se sujeitava às vezes à moda, como na confecção da bela Sextina *Ontem pòs-se o sol*, facto que, de resto, já documentei, quanto a um passo intrincado da *Menina e Moça*, cujo modêlo é de Feliciano da Silva. Foi

---

um também até certo ponto, autobiográfico como o de B. R. (Duran, 1362); o outro à maneira dos *Porquês* (ib., 1887).

(1) Nexo não o há entre as duas composições. A necessidade de encher páginas brancas que eventualmente sobravam nêsses folhetos, levava a juntar poesias menores à peça principal, como demonstrarei.

(2) Vid. Duran, Gallardo, Salvá, Heber, Palha.

provàvelmente durante a sua estada na côrte que o poeta inventou os seus *Ecos*, depois de Juan del Enzina haver intercalado bastantes na sua *Egloga de Placida y Vitoriano*, escrita e representada em Roma em 1514 (1), e mesmo depois de Gil Vicente haver ornamentado a sua *Comedia de Rubena* (1521) com uma imitação em quartetas (2) — provocado ou desafiado porventura a isso por dizeres de damas do paço. Com êles arrematou a *Egloga III* na fôlha-volante, a que às vezes me referi. Rejeitou-os todavia em autógrafos e apógrafos posteriores de *Silvestre e Amador* (3).

É um dêsses dois pastores (*Amador* segundo a fôlha-volante; *Silvestre* nas *Obras*

---

(1) Vid. *Teatro Completo*, p. 317–320. — A poesia, assaz extensa, diz:

> Aunque yo, triste, me *seco*,
> *eco*
> retumba por mar y tierra.

(2) Ed. Hamburgo, Vol. II, p. 58–63: *Oh o mais triste, onde vou?* — Em quartetas, a cuja rima *a (abba)* o Eco responde, ora em monossílabos (agudos), ora em bissílabos (graves).

(3) Acho estrambótica a décima que se segue à palavra *bradando* — como exemplificarei ao falar do *Cancioneirito*.

de 1852) que no fim do Diálogo se despede dos currais, do gado em geral, e em especial dos novilhos que vão *após as vacas bradando.* Imediata à outra décima — a dos *olhos quebrados* — vem então a didascália surpreendente

Aqui vai BRADANDO *e respondelhe um Eco:*
Quem foi nunca tão sandeu?
Eu! (1)

No fim o pastor dirige uma quintilha complementar à escondida ou invisível Ninfa. Mas essa foi excluída, como os *Ecos*, do texto de Ferrara, e do de Évora (salvo êrro):

Pois me não queres leixar
ir minhas magoas contando,
quero-me ora calar.
Irei comigo chorando
o que não posso falar.

Contudo, êsses mesmos *Ecos de Bernardim Ribeiro*, em forma alargada, ou outros *Ecos* semelhantes, andavam em Cancioneiros manuscritos da época. Estavam p. ex. no do *Padre Pedro Ribeiro* (de 1577) se-

---

(1) Intercalados na *Egloga*, claro que os *Ecos* não são mencionados no frontispício do folheto (onde só figuram as obras avulsas).

gundo o *Indice* de que o diligente bibliófilo Martinho da Fonseca possui o traslado; e também segundo Barbosa Machado que vira o volume na livraria dos Duques de Lafões, antes do terramoto. Começava: *Eco, pois pelo meu mal* e tinha uma nota marginal que dizia: *¡excelente poesia!*

Avaliando êsse facto, Delfim Guimarães talvez mude de parecer. Sobretudo se lhe aponto mais meia-dúzia de poetas quinhentistas (da medida velha, como Baltasar de Alcazar)(1); ou da medida nova, e entre êles vultos como Sá de Miranda (2), Luís de Camões (3),

---

(1) *Bibl. Aut. Esp.*, Vol. LI, p. 408: *Dialogo* (em quadras) *entre un Galan y el Eco.*

(2) No Soneto *Dialogo do pastor Salicio çom o Amor* temos seis Ecos — *Poesias,* N.º 88. — Outro Soneto há na *Miscelanea* de Miguel Leitão de Andrade (p. 275).

(3) No *Comentario* à mais conhecida das composições em Eco de Luís de Camões, (o Soneto de Liso e Natércia: *Na metade do ceo subido, ardia,* que acaba com o verso *E o Eco lhe responde pouco te ama*), Faria e Sousa expõe em quási doze colunas (*Rimas,* I, p. 141) tudo quanto a Natureza e a Arte oferecem de interessante a respeito do fenómeno natural. Delas extractarei apenas o facto assombroso que o próprio escreveu um poema de oitenta oitavas — ¡todo êle em Ecos!

Frei Luís de Leon (1), e o imprescindível Faria e Sousa, com Miguel de Cervantes Saavedra (2) que se ensaiaram em *Dialogos em eco* (3). E mais ainda, se lhe lembro

---

(1) Dêle é o afamado Soneto

> Mucho a la Magestad *sagrada agrada*
> que atienda a quien está el *cuidado dado*

De Damian de Vegas, o não menos citado

> De ser la gloria de mi *vida ida*
> causa ha la carne en quien *resido sido.*

De um Anónimo

> Es el amor, segun *abrasa, brasa;*
> es nieve que ha quedado al *hielo yelo*

(2) Só em sentido lato merecem o título de *Ecos* as *preguntas y respuestas*, contidas no *D. Quixote* (1, Cap. 27). Na verdade são apenas rimas:

> *Quien menoscaba mis bienes?*
> *Desdenes.*

Elas foram imitadas por Frei Agostinho da Cruz. Vid. Ed. Mendes dos Remédios, p. 381

> *Quien me tiene sin honor?*
> *Amor!*

E p. 349

> *Que mal não queres sentir!?*
> *Ouvir!*

¿E as rimas que são, senão ecos poetizados ou idealizados, contra os quais a crítica não se deveria insurgir?

(3) Faria e Sousa erra também na sua declaração do que são os ecos naturais. Muitos há (nós temos

que um verdadeiro poeta dos nossos dias como Ruben Dario não desdenhou utilizar o fenómeno natural de que mestre Ovídio fizera tão linda fábula nas suas *Metamorfoses* (II).

---

um no nosso Bom-Retiro das Águas Santas) que repete, bem invocado pelas vozes sonoras e potentes de nossos netos, duas sílabas como *Esel — Ohren — Daten — Enten.* Possuímos até um repertório de preguntas engraçadas cujas respostas sempre de novo despertam a hilariedade dos pequenos.

Vocábulos como *ando, onde* (em B. R.) e *ela, erra, isso, assa, sento* (em Gil V.) são muito aceitáveis.

Seco eco há em Enzina e também em Gil Vicente.

X

POESIAS MENORES, EM METRO NACIONAL (E UM SONETO) ATRIBUÍDAS ERRÓNEAMENTE A BERNARDIM RIBEIRO

Estão numa edição avulsa da *Egloga III*. Na fôlha-volante a que já repetidas vezes tive de referir-me. Num *Pliego suelto*, como dizem os nossos vizinhos, — isto é num dos folhetos ou cadernos delgadinhos, de uma única fôlha de papel, dobrada em quatro, oito ou dezasseis. Sem capa, e muita vez sem frontispício que preencha a página inicial. De impressão económicamente cerrada, em duas colunas, tipo 12 ou 10. Quási sempre sem indicação do lugar, do ano, e da oficina em que foram estampadas. Nem mesmo cosidas, ou coladas. Poucas com privilégio e *visto* das autoridades eclesiásticas. Relativamente baratas. Mas muito expostas a estragos, de sorte que pouquíssimas escaparam à *injuria temporum* e *incuria homi-*

num - - sobretudo nêste país da incúria e dos descuidos. Hoje raras e raríssimas, em geral únicas, como a que nos ocupa (1).

Sabemos desde há pouco que Gil Vicente, tendo privilégio de D. Manuel para tôdas as obras que composesse, igual ao que Garcia de Resende tivera para o *Cancioneiro Geral*, publicou os seus *Autos*, e também poesias menores, à medida que iam saindo do seu laboratório. Com o esmêro de que eram dignas. Mas em lugar

---

(1) Os Castelhanos, que naturalmente sempre possuíram muitos mais *Pliegos sueltos* do que os Portugueses, conservaram-n'os melhor. — Quanto a Romances, veja-se a lista esplêndida de Duran, na *Bibl. Aut. Esp.*, Vol. x. — E a lista está longe de ser completa! No *Ensayo* de Gallardo e no *Catalogo* de Salvá, podem-se colhêr suplementos valiosos. — As *Comedias* do século XVII são legião, relativamente bem impressas, cosidas e coladas.

De certas fôlhas-volantes de Portugal — com textos que se tornaram populares, desandando em literatura *de cordel* — i. é do teatro vulgar, sobretudo do século XVIII, se ocupou ùltimamente Albino Forjaz de Sampaio, proficientemente, conquanto incompletamente quanto ao século XVI — depois de numerosas terem sido registadas nos *Catalogos* de Heredia, Palha, Sabugosa, e de T. Braga haver tratado do género em várias das suas obras (p. ex. no *Povo Português*).

de dúzias, que seguramente forâm impressas e reimpressas, possuímos apenas duas amostras do tempo em que o poeta estava vivo: um exemplar da *Barca do Inferno* (1517) com gravura notabilíssima (1) e um do *Pranto de Maria Parda*, também com uma ilustração feita *ad hoc* (2).

Da segunda metade do século há mais (3).

Assim mesmo, em impressão feita com menos esmêro, visto o editor haver-se servido de material de ilustração já usado, saíu a *Egloga III*, intitulada *Trovas de dous pastores: Silvestre e Amador, feita por Bernardim Ribeiro*. E saíram as *Trovas de Crisfal*. E talvez saíssem tôdas as Églogas do introdutor do género pastoril em vernáculo português — em especial a *Quinta* de

---

(1) Vid. C. M. de V., *Nota Vicentina*, II, 1919, e *Autos Portugueses de Gil Vicente e da Escola Vicentina*, 1922.

(2) Vid. Braamcamp-Freire, *Gil Vicente Trovador e Mestre da Balança*, Gravura XVI.

(3) Entre os Autos publicados em fac-símile pelo *Centro de Estudios Historicos* há p. ex. o *Sumario da Historia de Deus*, e a *Farsa de Inês Pereira*. — Os *Romances de D. Manuel e D. João III* entraram como recheio nas últimas páginas do *Auto de Santiago* (N.º IV da colecção). — Na *Bibliografia* de Braamcamp-Freire registaram-se muitas edições.

Agrestes e Ribeiro. A fome de novidades devia ser necessàriamente grande no público de quinhentos (ao qual não devemos dar o nome de vulgo, plebe, povo), porque o pecúlio de obras beletrísticas era pequeno no país até 1537, e nunca chegou a ser de vulto.

A *Menina e Moça*, essa não aparecera em fôlha-volante, por ser volumosa de mais, e também porque prosas entraram mais tarde no repertório das fôlhas-volantes do que *Églogas, Autos, Tragédias, Romances, Cartas, Coplas, Disparates, Chistes, Porquês, Arrenegos, Sentenças* (1), etc.

O exemplar das *Trovas de dous pastores* e o das *Trovas de Crisfal* pertence felizmente à Biblioteca Nacional de Lisboa (2).

---

(1) Composições de medida velha, em regra; e por êsse motivo mais ou menos populares. Mas de mistura com elas, com certo luxo saíram também poemas de estilo culto, solene, patético como as *Coplas* de Jorge Manrique, as *Trezentas* de Juan de Mena, a *Comedieta* de Santillana.

Da *Donzela Teodor*, que parece ter sido prosa, e popular, meado o século XVI, eu dei notícia na Introdução aos *Autos*.

(2) As *Trovas feitas por B. R.* têm a marcação 218, 2.ª Série.

Por isso é conhecido, e foi aproveitado (defeituosamente embora) em 1852 pelos editores da *Biblioteca Portuguesa* (Mendes Leal, Júnior, e F. J. Pinheiro), empenhados naturalmente em enriquecer o mais possível a nova impressão das *Obras*. Segundo êles e todos quantos se referiram posteriormente ao folheto, e àquele que contém o *Crisfal* (1), ambos saíram impressos em 1536 da casa do mesmo impressor (que só pode ter sido Germão Galharde, digo eu) (2); em vida dos autores — talvez todavia sem autorização dêles.

As semelhanças exteriores dos dois, entre si, e com outro (castelhano) guardado no mesmo estabelecimento público (3) — a *Tragedia de los amores de Eneas y de la Reyna*

---

(1) Êsse, encadernado com as *Comedias do Chiado*, foi descoberto e aproveitado em 1875 por T. Braga (Vid. *Bibliografia Critica*, p. 38).

(2) A respeito dêsse excelente e activíssimo impressor de textos portugueses, castelhanos e latinos já foram publicadas notas importantes por Tito de Noronha, Sousa Viterbo, Haebler. Mas ainda não teve a monografia que merece.

(3) Ao redigir os *Romances Velhos*, tirei dos meus apontamentos a suposição falsa da existência de duas edições — uma sem data e outra com a de 1536.

Dido — hoje patentes quanto ao frontispício na bela reprodução de Delfim Guimarães (1) — dizem respeito não só à portada de luxo em que está incluído o título tanto da *Tragedia* como da *Egloga III*, mas também às figurinhas que representam personagens: um pastor de capuz e cajado que significa uma vez *Amador*, e outra vez *Crisfal*; e uma dama que é na *Tragedia* Ana, a irmã de Elisa-Dido, e Maria, a das lágrimas doces nas *Trovas de Crisfal* (2).

O principal traço distintivo é todavia a data 1536, comum à *Tragedia* e às *Trovas* de Bernardim Ribeiro. O *Crisfal* (cujo título não está dentro de portada — apenas entre duas tarjitas e por cima de uma árvore que separa o pastor da pastora) não tem data.

Aparentemente irrespondível, essa data não me convence todavia. Muito pelo contrário.

Os algarismos árabes (1536) não estão

---

(1) Vid. *Theophilo Braga e a Lenda do Crisfal* (1909).

(2) São as figuras N.º 9 e 17 dos *Autos* x, xiii e xiv da lista que publiquei na *Introdução*. — O pastor *Silvestre*, zagal com um naco de pão na esquerda, é o N.º 13 (19), e aparece nos *Autos* xv, xvi e xvii.

impressos. Estão insculpidos na base de uma das colunas que sustentam a arquitrave e o friso do pórtico (1) — a esquerda, na *Tragedia*, e a direita nas *Trovas feitas por B. R.* (2). Pertencem portanto à gravura. Designam o ano em que ela foi entalhada. E passaram inalterados a impressões posteriores em que de novo ela foi utilizada.

Suponho fôsse ideada e executada para a *Tragedia*, tirada do quarto livro da *Eneida* de Vergílio. *Clássica* no assunto, tem portada de estilo Renascença — tôsca e fantástica embora, a ponto de parecer *barroco*.

Ou então provinha da *Tragedia da Vingança de Agamenon*, de Anrique Aires Victoria, trasladada do grego de Sofocles (3),

---

(1) Gravuras que imitam pórticos constam em regra de quatro peças: base, pilares e tímpano.

(2) O escudete da outra coluna não foi aproveitado, como era costume, para as iniciais do gravador.

(3) Vid. Acad. das Sciências de Lisboa — *Monumentos da literatura dramática portuguesa*. II. *A Vingança de Agamenon* — Tragédia de Anrrique Ayres Victoria. — Conforme a impressão de 1555, publ. por ordem da Acad. das Sciências, por Francisco Maria Esteves Pereira. 1918.

visto que essa foi realmente publicada em 1536:

> A presente obra foy acabada
> de em nossa lingoagem se traduzir
> a quinze de março, sem nada mentir,
> na era do parto da virgem sagrada
> de mil e quinhentos, sem errar nada,
> e trinta e seis, falando verdade,
> no Porto que he muy nobre cidade;
> e por Anrrique Ayres foy tresladada.

Mas não agradando, talvez porque a tradução tivesse defeitos, essa primeira edição de que ninguém viu um exemplar até hoje, foi substituída por outra em 1555, feita em Lisboa, em casa de Germão Galharde, com ilustração crassa, representativa da cruenta scena da morte (1).

Ao todo, não era freqüente que o gravador datasse as suas invenções. Só o fazia, caso êle e sobretudo o escritor ou a Instituïção para a qual trabalhava, ligasse importância especial à novidade com que ia sair à luz, como as duas Tragédias clássicas que tive de citar nêste Capítulo, anteriores porventura à *Cleópatra*, nunca impressa, de Sá de Miranda.

---

(1) Vid. *Catalogo Samodães*, N.º 54.

De exemplo para o emprêgo repetido de uma portada com data, podem servir as *Constituições do Bispado de Evora*, impressas em 1534. Ela se encontra insculpida num escudete que faz parte da coluna esquerda, tendo no da direita as iniciais *F. D.* Pois tal qual serviu para os *Capitulos de Cortes*, de 1539 (1).

E pode servir o *Caballero Determinado* (2) de Carlos V e D. Hernando da Cuña — em cujo frontispício há, na edição de 1573 (Salamanca, Pedro Lasso), ornamentado com as armas de Espanha, na coluna esquerda (com o *Plus* da divisa imperial) as iniciais *I. D. V.*, e na direita (com *Ultra*), miùdamente entalhada, a data MDXLIIII (1544) que é a da primeira edição de Anvers, e também do primeiro privilégio, como se deduz da segunda prorrogação do mesmo, a favor de Calvete de Estrella, mestre dos pagens de Filipe II (3).

---

(1) *Catalogo Samodães*, N.º 853 e 580 (*Santos*, N.º 4870).

(2) Tradução de *Le Chevalier Déterminé*, de Olivier de la Marche, 1483.

(3) O volume, belamente impresso e ricamente ilustrado com vinte quadros alegóricos, encerra entre

Com relação às duas fôlhas-volantes com as *Trovas feitas por B. R.* e as de *Crisfal*, sou de opinião que não foram impressas antes de 1543. Entre essa data e 1547. *Talvez em 1545*. Depois de os Usques terem saído de Lisboa.

Não antes de 1543, porque foi nêsse ano que juntas num só volume tinham saído pela primeira vez as *Obras* de Boscan e seu amigo e camarada Garcilaso de la Vega (1) — Rei dos Líricos e Príncipe dos

---

outros louvores um Epigrama latino de Garcilaso. — Do variado e sucessivo emprêgo de elementos ilustrativos em obras muito diversas quanto ao assunto e à data, os mais estudados exemplos são a portada dos *Lusíadas* (de que tratei na *Introdução* aos *Autos Vicentinos*, p. 73) e a do *Livro Primeiro* da edição-príncipe de Gil Vicente, de que me ocupei naturalmente na edição fac-similada da Biblioteca Nacional. — Quem tiver o *Catalogo Samodães* compare o N.º 1553 (de 1541) com o N.º 2119 (de 1544); e 1140 (de 1540) com 868 (de 1555). — Casos há naturalmente em que obras, digamos datadas de 1527 como a *Historia de Deus* de Gil Vicente, foram metidas com essa mesma indicação, em portadas muito posteriores. Na dos *Lusíadas* p. ex. que fôra gravada em 1548 para a Ordem de Santiago.

(1) *Las obras de Boscan y algunas de Garcilaso de la Vega repartidas en quatro Libros* — Cum Privilegio Imperiali — Barcelona, Carles Amoros 1534

poetas castelhanos — os dois inovadores, já falecidos (1), que desde 1526 estavam revolucionando a arte peninsular (2).

Dessas *Obras*, novidades acolhidas com suma curiosidade e frenéticos aplausos (3), é que o chefe das oficinas de Germão Galharde ou das de Luís Rodrigues (4) tirou

— O quarto livro contém as poesias castelhanas de Garcilaso: 3 Eglogas, 2 Elegias, 1 Epistola, 5 Canciones, 38 Sonetos, 8 Cantigas. — As composições latinas, dispersas, muito estimadas, sobretudo na Itália e Alemanha, merecem edição de conjunto.

(1) Garcilaso falecera, batalhando, na flor da idade, aos 33 anos, em 1536. Boscan morreu em 1542.

(2) Ambos tinham-se convertido ao *dolce stil nuovo* da Itália, em virtude de conversas com o Embaixador de Veneza: Andrea Navagiero.

(3) Baste dizer que o volume de Carlos Amoros foi logo no mesmo ano reimpresso na própria Barcelona, e também em Lisboa; dizem que por contrafacção furtiva; mas sem exame minucioso dos respectivos textos e seus preliminares não me atrevo a repetir a acusação. Até fins do século (1597) saíram 21 edições diversas. — Vid. Ed. Knapp, Madrid 1875, *Las Obras de Juan Boscan repartidas en tres Libros.*

(4) A tal edição furtiva de 1543 — saída sete meses e treze dias depois da data da edição-príncipe — é de Luís Rodrigues. Portanto ..

duas das três poesias menores com que mandou preencher as fôlhas em branco que sobejavam no fim do caderno, seguindo uma praxe já vulgarizada (1).

---

(1) Eis alguns exemplos. A *Egloga de Placida y Vitoriano* de Juan del Enzina, saíu em 1514, seguida do *Nunc dimittis* do Bachiller Fernando de Yanguas e diversas Cantigas e Glosas de vários — Vid. *Teatro Completo*, p. 257-365 e 377, e C. M. de Vasconcelos, *Notulas sobre Cantares e Vilhancicos Peninsulares e a respeito de Juan del Enzina*, Madrid 1918. — Entre os dezanove *Autos Portugueses* de Gil Vicente e da escola Vicentina qúe D. Ramon Menendez Pidal descobriu na Biblioteca Nacional de Madrid e que o Centro de Estudios Historicos publicou, três juntam poesias menores ao respectivo texto dramático: o *Auto de Santiago* (N.º IV) vai, conforme já disse, seguido dos Romances de Gil Vicente à Morte de D. Manuel e Aclamação de D. João III. Depois do *Auto dos dous Ladrões* (N.º IX) vem um *Chiste* (Ley divina y humana); e umas Coplas de *Oy-me, la mi señora*. À *Farsa Penada* (XIII) foi acrescentado no cabo o Solau de Bernardim Ribeiro: *Pensando vos estou, filha*, sem indicação do nome, e designado como *Chiste* muy sentido, assim como diversas Coplas Castelhanas. — No *Cancionero de Romances* há um *Romance a manera de porque* POR ESTAS COSAS SIQUERA, com a nótula *porque en este pliego quedavan algunas paginas blancas y no hallamos Romances para ellas, pusimos lo que sigue.* — Vid. Pelayo, *Antologia*, VIII, p. LXXII

Novamente impressas (1), as *Trovas de Amador e Silvestre* vão seguidas no cabo, conforme o título, de *outros dous romances com suas grosas que dizem O Belerma* e *Justa fue mi perdicion* (2) e *Passando el mar Leandro.* — Sem nome de autor. — ¡Por êsse motivo foram atribuídos em 1852 ao autor do texto principal! Sem que se fizesse confronto com outros *Pliegos Sueltos!* Sem atender à língua em que estão escritas, da qual Bernardim Ribeiro não se serviu (3); e aos géneros literários — o das *Glosas* — que não cultivou, e sobretudo a ser o último um *Soneto*, sôbre um assunto clássico!

De facto, as três poesias que constituem

---

(1) Já falei de textos impressos *novamente* no sentido de *pela primeira vez*.

(2) Conforme a moda usada nos *Pliegos Sueltos*, o título diz *Trovas* etc. *com dous romances* — como se as Trovas constituíssem um romance.

(3) *Por nefas*, exclusivamente por causa das poesias menores, acrescentadas à *Egloga III* na fôlha-volante, é que Bernardim Ribeiro figura no *Catalogo Razonado de los autores portugueses que escribieron en castellano*, de Garcia Peres (p. 492)! — Êle reproduz os dous *romances*, observando apenas que o texto é incorrectíssimo. — Vid. *Jahresbericht I*, onde louvando a obra em geral, rectifico êsse êrro, e outros. — Cfr. *Romances Velhos*, p. 123.

o *Apendice* da fôlha-volante são as seguintes: em primeiro lugar a redacção comprimida de um belo romance carolíngio, em que Durandarte (personificação da Durindaina de Rolando), ferido de morte na de Roncesvales, recomenda ao primo Montesinos, levasse o seu coração à despiedosa Belerma que servira durante os sete anos tradicionais dos contos românticos — redacção tirada seguramente de outro *Pliego suelto* — exactamente como as doze décimas assaz insulsas em que um glosador anónimo parafraseou os doze versos épicos de que consta o romance (1).

---

(1) O texto encontra-se no *Cancionero de romances*, s. a. — segundo Wolf, 150 — para onde passou, em harmonia com o que expliquei no Cap. IX, de qualquer *Pliego suelto.* — No folheto 89 dos registados por Duran há glosa de Bartol. Santiago *Con mi mal no soy pagado;* no 95 outra em disparates, *El conde Partinuples;* no 129 mais uma de Alberto Gomez *Oyendo como salieron.* — Cfr. Duran, N.º 387 composto de três *(Oh Belerma — Montesinos — Muerto yace Durandarte)* com variantes; Salvá, *Catalogo,* N.º 60 e 84; Gallardo, *Ensayo,* I, p. 588 e seg., e N.º 757; *Canc. de Evora,* N.º 72. — A glosa do *Anonimo* começa *Quando está con la razon.* Ainda não descobri o *Pliego Suelto* de que Galharde ou Luís Rodrigues a tirou.

Em segundo lugar temos o *Mote antigo* de uma Cantiga (de Jorge Manrique) (1) que principia com o verso citadíssimo e discutidíssimo *Justa fue mi perdicion*, acompanhado de uma Glosa de Boscan que principia *Bien supo el amor que hizo* (2).

Em terceiro lugar está o Soneto epigramático de Garcilaso sôbre os amores de Hero e Leandro, imitação de Marcial, que inspirou em seguida mais de uma dúzia de Sonetistas peninsulares (3). Porque os hendecassílabos não cabiam no espaço de uma coluna, ficou todavia desumana e anti-estèticamente retalhado em 28 hemistíquios, de seis ou quatro sílabas — o que é de lamentar por ser o primeiro *Soneto*, salvo êrro, impresso e propagado em Portugal, onde, de resto, não essa maltratada amostra mas o volume inteiro, vindo de Barcelona, despertou grande entusiasmo por Boscan e Garcilaso (3) — salvaguardado como vinha com

---

(1) *Cancionero General*, N.º 329.

(2) São apenas as primeiras cinco décimas das catorze em que Boscan glosou a Cantiga inteira. — Ed. Knapp, p. 49 e 534, N.º XIII.

(3) Antes de 1543, claro que já havia alguns iniciados, em volta de Sá de Miranda, a quem a boa amizade de Nunálvares Pereira, o Senhor de Basto,

um privilégio especial escrito em português na chancelaria de D. João III (1) — entusiasmo tão grande que, gasto, foi logo reimpresso em Lisboa, em casa de Luís Rodrigues, onde apareceu sete meses e treze dias depois da edição-príncipe ter sido privilegiada para os reinos e senhorios de Portugal (2).

A falsa atribuïção das três peças castelhanas não foi repetida, embora T. Braga achasse ainda em 1897, num momento de sonolência homérica, que as duas Glosas

---

e talvez a de D. Isabel Freire em Castela (Celia) e D. Leonor de Mascarenhas, arranjara um traslado das *Eglogas* do genial Toledano. — Mas quanto ao *Soneto*, que foi anteposto ao Poema de Boscan, sobre *Hero e Leandro* (livre paráfrase de Museu) nada encontro de positivo no estudo de Menendez y Pelayo sôbre as diferentes composições que o assunto inspirou (*Antologia*, XIII).

(1) O *privilégio* foi reproduzido por Knapp, p. 482. Era, como de costume, para dez anos. A multa, de 50 cruzados para cada contravenção. Os *empremidores* de Lisboa, e das outras cidades, vilas, e lugares de Portugal são pùblicamente advertidos, em especial, da proïbição de imprimirem as obras dos dois Castelhanos.

(2) Dizem que por contrafacção. — Knapp, p. 486. — Exemplar em Göttingen.

condiziam com a situação amorosa de Bernardim, e que só o Soneto não lhe pertencia!

A prova de que os dois folhetos — mais peculiarmente o que contém as *Trovas de Crisfal* — circulavam antes de 1547, já a dei diversas vezes (1), chamando a atenção para as citações de versos de Cristovam Falcão na *Carta em prosa* que de Ceuta Luís de Camões escreveu a um amigo *(Esta vai com a candeia na mão)* (2). Pouco depois do falecimento (em 1545) da Princesa D. Maria, filha de D. João III e D. Caterina (3) — e talvez ainda em vida dela — corria em Castela não sòmente a *Egloga*, mas também mais de uma *Cantiga* não contida nessa, mas sim no *Cancioneirito*, com que acaba o volume de Ferrara, facto, que deduzi das *Côrtes*

---

(1) P. 288. — Falei da Fôlha-volante e seu conteúdo no *Circulo Camoniano*, I (num artigo sobrescritado *Justa fue mi perdicion)*; no *Jahresbericht* I e IV, etc.

(2) Vid. *Zeitschrift* VII, p. 439 e seg.

(3) Ao seu nascimento (15) foi escrito um *Auto*, por Gil Vicente. Seu casamento com Felipe II, o nascimento do desgraçado Infante D. Carlos, e sua morte quási imediata (1545) inspiraram poesias p. ex. a Jorge de Montemor e Jorge da Silva, publicadas em fôlhas-volantes, de beleza e originalidade peculiar.

de la Muerte de Miguel de Carvajal; tão importante que ainda tornarei a falar dêle.

Na resolução dos Usques de reünirem num volume as rimas de dois poetas congeniais — Bernardim Ribeiro e Cristovam Falcão — bem pode ter influído, consciente ou inconscientemente, o exemplo dado pela viúva de Boscan. D. Ana de Rebolledo, tendo em seu poder não só os manuscritos do espôso mas também os que Garcilaso a êle confiara — com encargo de os corrigir — antes de embarcar com Carlos V para a África em 1535, publicou-os conjuntamente: combinação que se sustentou nas vinte edições e uma que saíram no século XVI.

Tirar da reünião das obras de Bernardim Ribeiro e Cristovam Falcão um argumento para atribuir ao autor da *Menina e Moça* também as *Trovas de Crisfal*, é tão impossível como atribuir os versos de Garcilaso a Boscan.

XI

MAIS POESIAS MENORES ATRIBUÍDAS ERRÓNEAMENTE A BERNARDIM RIBEIRO

Modernamente. — Umas por Delfim Guimarães. — Outras por Teófilo Braga. — No Capítulo xxi da sua principal obra crítica, sobrescritado *Três poesias ignoradas de B. R.*, o primeiro tenta persuadir-nos de que são obra do cuidoso, melancólico e subtil filosofante alentejano umas trovas portuguesas, graciosas e alegres, mas vulgares, que leu numa fôlha-volante do século xvii, mas evidentemente já corriam no século xvi: as *Trovas da menina fermosa — Na fonte está Lianor — Isabel e mais Francisca ambas vão lavar ao mar.*

Que de Sá de Miranda, Luís de Camões, Jorge Ferreira de Vasconcelos (e mesmo de Cristovam Falcão), como grandes apreciadores e cultores do estilo popular, aparecessem paráfrases ligeiras de Passacalles ou

Cantares que as moças entoavam nas ruas ao adufe, não surpreenderia ninguém. ¿¡Mas de Bernardim, que nunca ia com a *volgare schiera*, nem se servia de Motes alheios?!

De resto, elas não eram ignoradas. A fôlha-volante de 1656, que Delfim Guimarães viu na Biblioteca Nacional (1) durante as suas pesquisas, já fôra descoberta em 1876 e reproduzida por T. Braga na sua *Antologia* (2), e pouco depois apontei no *Sá de Miranda* (3) edições de 1640 (4), 1730 (5) e 1761 (6).

---

(1) Está entre os *Reservados*, logo depois das *Trovas de dous Pastores*. — Marcação antiga A-2-43. Hoje 219, 2.ª série.

(2) N.º 198 *Trovas feitas à Cantiga da Menina fermosa à maneira de Dialogo*.

(3) *Poesias*, N.º 190, e *Comentario*, p. 598. — Cfr. *Novos Estudos*, p. 128 e 211. — Conhecidas de 1886 em diante pela minha edição, para onde eu as passara do manuscrito Juromenha, estão hoje patentes, na letra do próprio autor, tiradas do Ms. 3355 da Bibl. Nac., descoberto por Delfim Guimarães.

(4) Lisboa, Antonio Alvarez. — Vid. Salvá, 144. — Com três figuritas.

(5) Biblioteca do Pôrto, e da Ajuda.

(6) Na nossa Livraria. — Citado no *Folheto de Ambas Lisboas* de 8 de Junho de 1731.

A *Menina*, *fermosa*, mas *irosa* ou *despiedosa*, *crua*, *quebradora de olhos e corações*, era um tipo que não podia escapar nem à Musa popular, nem à áulica. Inspirou cantarzinhos de dois, três, quatro versos, em seguida glosados; e mesmo um *Auto*.

Temos a forma breve

Menina, pois sois fermosa
não sejais despiedosa

no *Cancioneirito* de 1554 (1); depois do *Rifão da Perigosa* no *Cancioneiro Geral* (III); uma triada de Sá de Miranda, mais fina e galante, pois brinca com o duplo sentido de menina:

Menina fermosa,
que nos meus olhos andais,
dizei porque mos quebrais! (2)

e finalmente a Quadra, que inspirou lindas Voltas a Luís de Camões, e ao Anónimo do folheto vinte e três oitavilhas e mais uma

---

(1) N.º 39.
(2) *A este Cantar de Moças.* Vid. mais acima, p. 149, Nota 3.

quadra, de loquacidade superficial, repartidas em Diálogo entre *Ele e Ela*:

> *Menina fermosa,*
> *dizei de que vem*
> *que sejais irosa*
> *com quem vos quer bem* (1).

As segundas *Trovas*, repetidas no mesmo folheto, baseiam-se numa linda quadra que inspirou Luís de Camões, Pedro de Andrade Caminha (2), D. Francisco de Portugal, Rui Gomes da Silva (3), e D. Francisco Manuel de Melo. Desiguais, são em parte (que julgo antiga) verdadeiramente líricas, em parte, conversa vulgar entre a mana Lianor que chora, sua amiga Luzia que nunca chora e... ¡o Rufião! *horribile dictu* para versos que querem atribuir ao suave Bernardim (4). Elas mostram a mesma facúndia

---

(1) No *Catalogo de Musica de D. João IV* cita-se um vilhancico de Natal, de Frei Francisco de Santiago, que principia *Menina fermosa* (f. 216). Parece que continuava *e bela*.

(2) N.º 303 das *Poesias Ineditas* publicadas por J. Priebsch.

(3) Vid. Gallardo, *Ensayo*, I c. 150 e II c. 994. — Cfr. Duran, N.º 1577. — *Zeitschrift*, VII, p. 428.

(4) O *Infante* que Luzia tem em mente, ao jurar

das primeiras, desenvolvendo em dezanove oitavilhas a cantiga:

> Na fonte está Lianor
> lavando a talha e chorando,
> às amigas preguntando:
> ¿vistes lá o meu amor?

As últimas *Trovas*, sôbre o tema antiqüíssimo de lavadeiras nas ribas do mar — futilidades gentis na sua forma primitiva

> Isabel e mais Francisca
> ambas vão lavar ao mar;
> se bem lavam, melhor torcem:
> namorou-me o seu lavar —

são as mais divulgadas das três, e aparecem, com numerosas variantes (1), desde os dias de Jorge Ferreira de Vasconcelos (2) —

---

que não amaria ninguém, nem que fôsse *o nosso Infante,* deve ser D. Luís — único que era popular e cujo nome entrou em colecções de Anedotas, etc.

(1) Em português e castelhano: *Vi Joana e mais Francisca — Juana vi e mais Francisca — Vide a Juana estar lavando* (Morel-Fatio, *Catalogue,* p. 211 e 218).

(2) É na *Ulisipo,* 2.ª das suas *Comedias,* composta quando, falecido D. Duarte (1540) estava no serviço del rei, que Jorge Ferreira faz dizer a um dos personagens: Fiz agora certos pés a *Vi Joana e*

que são os de Bernardim e Cristovam — até o tempo da *Fenix Renascida* (1) e de Lope de Vega (2), parafraseadas ora ao divino (3) ora ao profano (4), e muito profano como na Fôlha-volante de 1640 (reimpressa em 1656, 1730, 1761, conforme já deixei dito).

O texto, nessa contido — achado digno do autor da *Menina e Moça*, pelo mesmo crítico que rejeitou como vulgar e grosseira a delicada prosa dos XVII Capítulos da *Parte Segunda* e os formosos *Romances alego-*

---

mais Francisca .. que vos matarão... que os fiz a proposito de duas raparigas de gentil bico. E intercala umas quatro oitavilhas engraçadas, em que ora se inclina a Joana, ora prefere a Francisca.

(1) Vol. II, p. 310, *Romance ao Menino Deos nascido*, De Jeronimo Bahia.

(2) Como *intermezzo* de um Romance burlesco está (estropiada) uma variante da Cantiga que deveria ser

> Isabel e Margarida
> ambas vão a lavar ao mar:
> se bem lavam, melhor torcem,
> namorei-me de seu lavar.

Bibl. Aut. Esp., XXXVIII.

(3) Frei António das Chagas parece que também se interessou pela quadra. Vid. Alberto Pimentel, *Vida mundana de um frade virtuoso*, p. 40.

(4) Pedro de Andrade Caminha, Ed. Priebsch, N.º 361.

ricos — é a mais curiosa amálgama que conheço de sentimentos finos com realismos crus, de um mau gôsto dificilmente excedível (1); ou por outra, de belos trechos antigos e vulgarismos novos. — Releia-o, com olhos de ver, o intérprete das *Flores do Mal*, depois de haver parado no *Cancioneirito* de 1554, por êle próprio reproduzido na sua *Biblioteca Classica Popular* (p. 88 N.º 31) (2), e reconhecerá com espanto, como se enganou, vindicando para o seu poeta o *refazimento de rufião* (3), da poesia antiga, da qual o autor popular se apropriou as duas estrofes primeiras (estropeando-as) (4), e acrescentando depois outras vulgaríssimas.

---

(1) As lavadeiras ora são damas, ora ninfas. Em vez de duas, surgem seis. — Despidas! — Não falta Cupido.

(2) T. Braga não o meteu na edição da *Renascença Portuguesa*, das *Obras de Cristovam Falcão* — embora o *Cancioneirito* todo pertença a êsse poeta, segundo o parecer dêle.

(3) No meu exemplar principia com a rubrica *Diz o Rufião*, tal qual a quadra de *Leonor*. — ¡Literatura de cordel!

(4) O verso 7 deve ser: *lavam com doce cantar;* o 11.º *deitam a roupa a enxugar*, etc., etc.

*

Vejamos agora as poesias líricas menores, em que, segundo T. Braga, o autor da *Menina e Moça* teria continuado depois de 1516 a desabafar as suas mágoas e a idealizar os acontecimentos íntimos da sua vida. Atribuindo o *Cancioneirito* todo a Cristovam Falcão (1), lembrou-se de recorrer a uma colecção da Biblioteca da capital do Alentejo, publicada em 1875 com o título de *Cancioneiro de Evora.* E como quem procura sempre acha, colheu nêle uma dúzia de versos pastoris, de medida velha, à maneira antiga de Juan del Enzina e outros compositores de versos para música, educados na Côrte dos reis Católicos.

O primeiro impulso para explorar a colecção eborense viera-lhe de um artigo de A. F. Simões (2). Estando em Évora (em 1869) o ilustre arqueólogo reconhecera, fo-

---

(1) Quási todo. Da sua reimpressão excluíu naturalmente as doze Cantigas, atribuídas a Bernardim no *Cancioneiro Geral;* as duas de Sá de Miranda; e mais uma, omitida por descuido.

(2) Publicado no *Panorama Photographico de Coimbra,* 1869 (p. 48).

lheando um manuscrito, um *Mote* do Autor da *Menina e Moça* (1), e reparara em outro *Mote* do Capitão Bernardim Ribeiro (2).

Examinando os textos na impressão de 1875 (3), T. Braga descobriu numa das composições um verso igual a outro do *Crisfal*, *(os tempos mudam ventura)* (4). E como as

---

(1) É o Mote *Pera tudo houve remedio* (N.º 65) do Cap. 18 da *Menina e Moça* (Parte I). Mas as Voltas são outras.

(2) *Estar em risco a fee / Padecer a esperança / A Causa he a tardança* (N.º 11). Eu leio *Está* e *Padece*.

(3) *Cancioneiro d'Evora, publié d'après le manuscrit original et accompagné d'une Notice Littéraire Historique.* — O publicador V. E. Hardung, alemão residente no Pôrto, e professor excelente, não podia, na data, estar suficientemente preparado para a difícil tarefa de editor de poesias portuguesas. Ainda assim prestou um bom serviço com a publicação. — Vid. T. Braga, *Questões de Literatura e Arte portuguesa*, Lisboa 1881; e C. M. de V. em *Zeitschrift* V p. 565 e VII 95 *Zum Cancioneiro d'Evora*.

(4) É um dos versos *clichés*, proverbiais ou alados, que se encontram nas Trovas do século XVI. Eis mais algumas: *tenho a esperança perdida — entre tamanhas mudanças — sombra soy del que murio — d'alto se dá gran caida — ando perdido entre a gente — todo me morro de amores — antre tormento e tormento — não sou ja quem ser soia — antre cuidado e cuidado*, etc., etc.

composições em estilo pastoril — novamente em voga nos dias de Rodrigues Lôbo, Elói de Sotomaior etc. — não tivessem indicação do autor, atribuíu *tout court* as mais bonitas a Bernardim Ribeiro (1), conquanto êsse nunca tivesse escrito bagatelas da espécie, de mais a mais em *castelhano*.

Para rebater essas atribuïções, absolutamente injustificadas, basta o Capítulo XVI (2) que Delfim Guimarães lhe dedicou, mas como não intercalasse na sua crítica os factos e considerandos que eu expendira em artigos meus, vou extractar dêles o essencial.

O códice eborense (CXIV-2-2), de boa caligrafia, método Barata, de fins do século XVI, é uma miscelânea desordenadíssima de composições da Escola velha, e dos primeiros decénios da Escola nova. Líricas e épicas. Portuguesas e castelha-

---

(1) Os N.os 9 a 55 do *Cancioneiro*. Vid. *Bernardim Ribeiro e o bucolismo*, p. 307-318. — Onze têm redacção castelhana. Algumas são diálogos entre a Zagala e o seu *carillo* (= *queridinho*, *Liebster*), como os N.os 358, 360, 372, 373, 382, 395 do *Cancionero Musical*, publicado por Barbieri. — Portuguesas são apenas duas. — Só por engano é que o editor procurava a D. Tomás Carrilio na grafia errónea *carrilho*.

(2) P. 145-149 de *B. R.: o poeta Crisfal*.

nas. Profanas e divinas. Inéditas e impressas. Traslados mal-feitos do *Cancionero General*. Palacianas e em estilo popular. Inteiras e reduzidas a *trocilhos* (pequenos troços). De 1500 a 1600. A-par de Garci Sanchez de Badajoz, Enzina, Jorge Manrique, Cartagena, temos D. Diego de Mendoza com *Sonetos*, e D. Jorge da Silva com *Homílias* em hendecassílabos tão mal medidos e acentuados que parecem versos de arte maior.

A-par de romances castelhanos (de *Durandarte*, p. ex.) há trovas do feitio do *Solau* de Bernardim Ribeiro, ou seja *Fados*, em quadras dissonantes. Tudo trasladado sem esmêro. Ora falta a Volta de um Moté. Ora, o Mote de umas Voltas. Parcelas da mesma Cantiga estão distanciadas umas das outras. Duas ou três aparecem fundidas numa só (18 e 21). Há repetições (22 e 40). Um Soneto acha-se entremetido nuns Tercetos (56). As atribuïções são arbitrárias (68). Mesmo se lá estivesse o nome Bernardim Ribeiro, não havia necessidade de lhe dar crédito. Mas quem aparece na verdade, é o Capitão Bernardim Ribeiro (Pacheco), juntamente com Gil Severim de Faria e outros personagens do último quartel do século XVI: figura

histórica que tem seu lugar nas *Crónicas de D. Sebastião*, é citada no livro do *Cerco de Mazagão*, e no *Livro da Fazenda* de Falcão Figueiredo (1) como Capitão mor da frota de cinco naus que em 1589 foi à Índia. Seu filho Duarte Pacheco era em 1595 moço fidalgo de Filipe II (2). Barbosa Machado confundiu na biografia do poeta, o autor da *Menina e Moça* e o Capitão.

*

Resta-me elucidar o leitor a respeito de uma *Glosa* do *Solau* encantador de Bernardim Ribeiro (3) *Pensando-vos estou filha, Vossa mãe me está lembrando*, que sem nome de autor existe no *Cancioneiro Luís Franco* da Biblioteca Nacional de Lisboa, porque, publicada em 1876 por T. Braga na sua *Antologia* (N.º 142) prudentemente como anónima, foi vindicada pelo mesmo mais tarde para o próprio autor do *Solau*, por causa da intensa emoção pessoal que distingue as vinte e seis décimas da paráfrase

(1) P. 178.

(2) *Hist. Gen. Casa Real, Provas*, VI, p. 633.

(3) *Menina*, I, Cap. XXI; Ferrara, Fl. XLIII.

— com a explicação que a suposta filhinha, fruto dos amores com a prima Joana Tavares, talvez fôsse Maria, i. é, *Arima* como a da Novela (1).

Replicando que será difícil apontar poesias parafraseadas pelo seu próprio autor, Delfim Guimarães, pela sua vez, persuadido de que a *Glosa*, de estilo realmente ribeiresco, podia ser *ensaio* ou *exercício* de um discípulo de Bernardim (eu diria de um admirador, porque há mais provas do agrado com que o *Solau* foi acolhido), lançou a conjectura que êsse discípulo fôsse Luís de Camões (2). E desta vez funda-se no motivo extrínseco de êsse ilustre nome ter sido adicionado no *Cancioneiro Luís Franco* à epígrafe original *Glosa de Pensando vos estou filha por Bernaldim Ribeiro* (3) numa Nota à margem que, rezando *Camoens — Não anda* significa sem dúvida: *É de Camoens*, mas *não anda nas suas* RIMAS (isto é

---

(1) Vid. *Bernardim Ribeiro e o Bucolismo*, 1897, p. 188.

(2) Cap. XIV *Uma poesia de Camões atribuída a Bernardim*.

(3) É o que eu li e copiei em 1876 e 1896. E não *Glosas aos versos*, etc., como diz D. G. a p. 130.

na 1.ª edição de 1595)(1). Mas nela possuímos apenas a opinião de um leitor moderno(2), versado, isso sim, em literatura, e que examinara impressos e manuscritos, e indigitou (em geral com perícia) os autores das poesias(3) — mas de modo algum sem errar.

A nótula de que se trata, lá estava quando o Visconde de Juromenha, T. Braga e a autora destas linhas examinaram o volume. Do pormenor de ela ter sido apagada ou escondida a lápis, não me recordo.

Quanto à *Glosa*, ela é obra de um viúvo a quem a espôsa deixara uma filhinha(4). Ela principia enigmàticamente

> A morte mais me matou
> por me deixar com a vida

---

(1) Como há Notas marginais de três mãos diversas, *Camoens* podia ser de uma; e *não anda* da de outro pesquisador.

(2) Vid. Juromenha, na ed. monumental de Camões, Vol. II, p. XII-XVI; e C. M. de V., *Poesias de Sá de Miranda*, p. LX-LXV relativas ao *Ms. Luís Franco*.

(3) As nótulas mais freqüentes são *Cam.*, *Mir.*, *B.*, *J. M.*, *Mend.* Além disso *in.* = inédita.

(4) O facto é a tal ponto freqüente que não vale a pena indicar exemplos. Eu lembro-me do luto de D. António de Sá e Meneses.

e levar a quem errou
esta filha que deixou
de minha alma tam querida.

Proponho, sem ficar inteiramente satisfeita

A morte mais me errou
por levar a quem matou
e deixar-me com a vida
esta filha que deixou (1),
de minha alma tam querida.

---

(1) Entenda-se: e deixar-me com a vida — *a* esta.

XII

VILANCETES, CANTIGAS, ESPARSAS E GLOSAS CONTIDAS NO «CANCIONEIRITO»

No fim do volume impresso em Ferrara, depois da *Egloga de Cristovam Falcão chamada Crisfal* e da *Carta do mesmo*, está, como o leitor sabe, sem mais explicação, uma série de poesias menores — maior bastante do que a que vem imediata às obras de Bernardim Ribeiro (1). No *Indice*, elas são vagamente designadas como *outras cousas que entre lendo se poderão ver* (2) — frase

(1) *Sextina hontem posse o Sol etc. E assi algũs motes e cantigas do mesmo*, segundo o Índice. — Em realidade apenas duas *Cantiguas* com suas *Voltas que dizem ser do mesmo Autor: Nam sam casado, senhora* e *Para mim nasceo cuidado.*

(2) É assim que leio, dando a *poderam* o sentido de *poderão* (futuro), em harmonia com a grafia do tempo que exigia *-am* tanto para a nasal tónica,

que me parece ser versão livre da latina *nonnulla alia quae in fine videbis* (1). Nas cabeças das páginas, elas são *Cantigas*. Nas epígrafes especiais, mesmo onde de facto se trata de uma *Glosa* (N.º 41) ou de *Vilancetes* (2), lê-se ora *Cantiga*, ora *Es-*

---

como para a átona: *-ão* representava apenas *-anu* p. ex. em *mão* < *manu; vão* < *vanu; romão* < *romanu.* Por analogia e eufonia *-am* e *-om* foram pouco a pouco substituídos por *-ão.* — T. Braga, que costuma escrever *entrelendo,* considera *poderam* como pret. perf. E interpreta que o editor (Birckmann, porque dos Usques nada sabia) escolhera entre papéis muito mal escritos e desordenados aquelas Cantigas que mais fàcilmente se *podiam* ou *puderam* ler. — Vid. 1897, p. 296 e 298. — Na edição que fez das *Obras de C. F.* na *Renascença Portuguesa* introduziu de memória (a p. 151) a transcrição errada: *E outras cousas que* LENDO *se puderam* APROVEITAR, explicando todavia, como de antes, que se tratava de uns *cadernos contendo poesias cheias de emendas ou incompletas, com transcrições, de diversas proveniencias.*

(1) Essa fórmula convencional com que se abreviavam nos frontispícios dizeres extensos dos Índices, está p. ex. na *Patientia Christiana* de Jorge Coelho. O curioso pode verificá-lo no N.º 4140 do *Catalogo Metodico e Remissivo* da Colecção Camoniana de José do Canto (1892).

(2) São dezóito (12, 13, 19, 21, 26, 30, 33–38, 40, 43, 46, 48, 49 e 50).

parsa, ora o enfadonho mas indispensável qualificativo *Outra* (1).

Os historiadores da literatura portuguesa — Bouterwek, Sismondi, F. Denis, Costa e Silva, T. Braga, e a D. Carolina que traça estas linhas (2), assim como os bibliógrafos desde Brunet, entenderam por isso que as poesias eram obra do último autor representado, e nomeado no volume a Fl. CXXXV. *Isto é: de Cristovam Falcão.*

Desde que em 1871 começou o verdadeiro

---

(1) Essa vaga designação, sobreposta ou colocada ao lado da respectiva poesia da mesma espécie da que a precede, já foi ridicularizada por Gil Vicente com relação ao Cancioneiro particular do escudeiro Aires Rosado (Vid. a farsa de *Quem tem farelos?*). Como no *Cancioneirito* impresso em Ferrara se seguem repetidas vezes *Cantiga* — *Outra* — *Outra* — *Cantiga* — *Outra* — *Outra* — concluo que três preenchiam em regra uma página do manuscrito. — Às vezes falta todavia mesmo essa epígrafe (15, 17, 18). As Voltas também não estão sempre bem agrupadas. Sobretudo as dos N.os 15 a 17 que dizem respeito a *La bella mal maridada — la que por mi mal yo vi* — e à *Casada sem piedade — Vosso amor me ha de matar*. Numa palavra, a colecção estava tão pouco preparada para entrar no prelo — como a *Menina e Moça*.

(2) Aubrey Bell não se pronunciou a respeito do *Cancioneiro*.

estudo dos textos (1) — ou, mais exactamente, desde que o exímio filólogo Epifânio Dias publicou em 1893 a sua edição cuidadosamente anotada do *Crisfal*, baseada em tôdas as edições, menos a de 1554, ainda desconhecida, e logo depois, a meu pedido, as poesias menores, como *Fragmentos de um Cancioneiro do século XVI* (2), ficaram os in-

(1) Com as *Obras de Cristovam Falcão* contendo a écloga de *Crisfal*, a *Carta*, *Cantigas*, *Esparsas* e *Sextinas* (êrro) *com um Estudo sobre a sua Vida, Poesias e Epoca* por Th. Braga. — Edição Critica, reproduzida da de Colonia 1559, com a *Segunda Parte* apocrypha de 1721. — Porto 1871. — Que o benemérito publicador não procedeu com o devido cuidado e critério quanto às poesias menores, mostrei-o no *Literaturblatt* de 1894, Vol. XV, p. 267 e seg. — Embora eu dedicasse êsse *compte-rendu* à edição de Augusto Epiphanio da Silva Dias, *Obras de Christovam Falcão*. Edição Critica annotada — Porto 1893, — vão nêle naturalmente numerosas emendas que dizem respeito à Edição anterior.

(2) Foi a meu pedido que o amigo trasladou no Museu Britânico, da impressão de Colónia (porque ainda ignorávamos a existência, aí mesmo, da edição-príncipe de 1554) tôdas as poesias menores, e as publicou também em edição crítica na *Revista Lusitana*, IV, p. 142-174, aproveitando o fruto das minhas investigações, dado a conhecer no *Literaturblatt* e no *Jahresbericht*.

teressados sabendo que nem tôdas as cinqüenta trovas, comunicadas em 1554 e 1559, podiam ser de Cristovam Falcão.

Sete andam desde 1516 no *Cancioneiro Geral* como do *Doutor Bernardim Ribeiro* (1); mais uma é um fragmento da *Egloga III* (2).

Duas são de Sá de Miranda, anteriores também a 1516 (3).

Três são de um autor, designado apenas com as iniciais *A. L.* (4).

Considerando as anónimas como de Cristovam Falcão teríamos portanto um Cancioneirito de Trovas dos primeiros três bucolistas portugueses, e algum ou alguns seus adeptos imediatos. ¿Os que se haviam reünido em Cabeceiras de Basto?

---

(1) Antre mim mesmo em mim
Senhora nesse amarelo
Antre tamanhas mudanças
Em quantas cousas perdi
De esperança em esperança
Chegou a tanto o meu mal
Cuidados do meu cuidado

(2) Deixai-me cuidados vãos

(3) Coitado quem me dará
Comigo me desavim

(4) Olhos que veem o que veem
Acabai, acabai já
Como aí ouve bons olhos

Dos factos exteriores e objectivos não resulta (e muito menos resulta dos interiores e subjectivos) o direito para se atribuírem as 37 poesias anónimas a *Bernardim*, como quer Delfim Guimarães (1), opondo razões intelectuais, estéticas, artísticas, filosóficas às «banalidades» filológicas e bibliográficas. Resulta, a meu ver, algum direito para as atribuírmos a Cristovam Falcão, como fez e faz T. Braga (2), se raciocinarmos da seguinte maneira: Sendo a impressão de Ferrara composta das obras de DOIS poetas, coevos, e amigos, apesar da diferença de idade (3), e confrades quanto ao culto da arte bucólica — exactamente como o volume-modêlo de 1543 com as rimas de Boscan e Garcilaso) (4) — é lícito *supor* que o

---

(1) Vid. Cap. XV, *As trovas de Bernardim*, e a edição de 1908, da *Biblioteca Clássica Popular*. — Nela reproduz tôdas, menos as duas de Sá de Miranda e a de Bernardim que faz parte da *Egloga III*.

(2) *Obras de Christovam Falcão* — Ed. *Renascença Portuguesa.*

(3) Bernardim nasceu em 1482; Falcão depois de 1502 (e talvez bastante depois). — Boscan nascera em 1490, Garcilaso em 1503.

(4) Bom será fixarmos que em ambos os casos o mais novo (imitador, ou continuador), embora criasse

Cancioneirito, contendo versos de *um*, contenha igualmente versos do *outro*.

Mas... suposições não são certeza.

Essa, não a logrei, embora analisasse miùdamente o conteúdo. Encontrei, sim, um indício a favor da autoria de Cristovam Falcão quanto a uma das *Cantigas*; e simultâneamente a favor da hipótese que o *Cancioneiro* saíra antes de 1554 em fôlha-volante ou fôlhas-volantes. O leitor que julgue depois de haver lido as minhas anotações à *Cantiga* N.º 19(1).

Eis o Índice:

1 Vi o cabo no começo	Cantiga	
2 Nunca sinto um mal vir só.....	Outra	
3 Deixai-me, cuidados vãos.......	Esparsa	B. R., Egl. III

---

poucas obras, foi superior ao iniciador. — Os livros I–III de Boscan não valem, nem de longe, o IV, de Garcilaso. — Comparando a obra inteira de Bernardim com a de C. F., não se pode dizer outro tanto. Mas em particular o *Crisfal* é superior a cada uma das cinco Églogas.

(1) A maior parte das observações que vou fazer, já as publiquei (em alemão). Algumas são todavia novas.

4	Que forte fortuna sigo..........	Cantiga	
5	Senhora, pois por vos ver........	Outra	
6	Quem me vos levou, senhora..	Outra	
7	Esta só razão me ajuda.........	Cantigua	
8	Não posso dormir as noites .	Outra	
9	Coitado quem me dará......	Outra	Sá, N.º 6
10	Senhora, pois não deixais...	Cantiga	
11	Comigo me desavim..........	Cantiga	Sá, N.º 11
12	Partido fiz com meus olhos...	Outra	
13	Venturas sempre no mal.......	Cantiga	
14	Nada quero, tudo engeito.......	? (1)	
15	Casada sem piedade.........	Outra	
16	Solteira foreis, senhora......	Esparsa	
17	Quero tanto a meu cuidado..	?	
18	Se meus cuidados perdesse..	?	

---

(1) O sinal de interrogação significa *sem epigrafe.*

19 Em descuido de meu mal......	Cantiga	
20 Espalhei a fantesia.........	Outra	
21 Antre mim mesmo em mim..	Outra	B. R., III, 541
22 Pois tudo tam pouco dura...	Cantiga	
23 Pelos prazeres passados.....	Esparsa	
24 Se mas dais para contar.......	Cantiga	
25 Senhora nesse amarelo......	Outra	B. R., III, 539
26 Enganosas esperanças.......	Cantiga	
27 Quem vos visse e não cegasse...	Cantiga	
28 Mal empregada, senhora......	Outra	
29 Não passeis vos, cavaleiro.....	Outra	
30 Não vive quem vos não vio...	Cantiga	
31 Isabel e mais Francisca....	Cantiga	
32 Olhos que veem o que veem...	A. L.	
33 Acabai, acabai já	Outra do dito	
34 Como aí ouve bons olhos....	Outra do mesmo	
35 Não sabe quam bem parece...	Outra	

36	A verdade me matou	A hũa senhora a quem dixe hũa verdade que ela não quisera	
37	Perdi a vista no mar..........	Outra	
38	Nem me sei desesperar......	Cantiga	
39	Menina, pois sois fermosa......	Outra	
40	Cuidados, se descuidais.......	Outra	
41	A cabo de tantos anos	Outra	
42	Antre tamanhas mudanças....	Cantiga	B. R., III, 540
43	Em quantas cousas perdi.....	Outra	» » 542
44	De esperança em esperança	?	» » 541
45	Chegou a tanto o meu mal ...	?	» » 541
46	Cuidados do meu cuidado......	Outra	» » 543
47	Tudo seu tempo ha de ter.....	Esparsa	
48	Donde ei meu mal de pôr ...	Outra	
49	Cuidados assi vos quero........	Outra	
50	Mandais que leixe cuidado.	Outra	

Eis agora as minhas Observações:

1) Bouterwek assinalou essa cantiga como exemplo do estilo medieval, antiquadamente gótico, jôgo de palavras e ideas de contraste.

3) ¿Esparsa? — Parece-me que se trata de três fragmentos escolhidos como Motes para futuras Voltas, como os há no *Cancioneiro de Evora*, no de Barata, e outros. Por reconhecer isso é que Delfim Guimarães excluíu êsse número da sua edição, ou por saber que os primeiros cinco versos

> Deixai-me, cuidados vãos,
> desejos desesperados!
> Olhos mal aventurados
> quanto me foreis mais sãos
> se vos tivera quebrados!

são de Bernardim R.: última metade da décima que na *Egloga V* precede os *Ecos* na fôlha-volante.

Dêsses cinco os derradeiros três, apêlo aos olhos, segundo o estilo dos trovadores provençalescos, são no *Cancioneirito* o Mote (suprimido) da Volta, cheia de lugares comuns, que por engano aparece dentro da 6.ª poesia e tem o teor seguinte:

> Milhor me foreis quebrados (1),
> olhos, que nesta partida

(1) Depois de Ribeiro e Falcão, os *olhos que-*

verdes-me tirar a vida
e ficarem-me os cuidados!
Coitados olhos, coitados,
nascidos para chorar!
Olhos já fontes tornados
em que me hei de alagar.

Para os dois versos iniciais *(Deixai-me)* falta a Volta. Igualmente para a quadra final que Delfim Guimarães se lembrou, sem motivo plausível, de acrescentar à sua XXVII: *Quem vos visse e não cegasse.*

4) Frei Agostinho da Cruz — que portanto se servia do *Cancioneirito* — escreveu uma Glosa a essa quadra. Vid. Ed. Mendes dos Remédios, p. 341.

6) A Volta pertence, conforme deixei dito, ao Mote 3ᵇ. — Os versos *olhos que vos viram ir* — *nunca vos verão tornar* já eram proverbiais, ao raiar do bucolismo. Duarte de Brito empregara-os (*C. G.*, I, 366), assim como diversos romancistas, e antes dêles o

---

brados tornaram-se freqüentes na lírica portuguesa. Mas também já tinham sido invocados anteriormente (p. ex. no *C. G.*, II, 165). — Curioso é que OLHOS QUEBRADOS — que em outras línguas são apenas os dos moribundos e mortos, signifiquem aqui também os de expressão lânguida, amortecida, dissimulada, com geitos afectuosos. — Vid. *Aulegrafia*, IV, 2.

autor do *Poema de Alonso XI.* E ainda hoje cantam no Brasil a quadra

> Adeus fontes, adeus rios,
> adeus pedras de lavar.
> Olhos que me viram ir
> ¿quando me verão voltar?.

Vid. *Romances Velhos*, p. 120 e seg., e 214; e Oskar Nobiling em *Archiv*, cxxvi, p. 266. — A pregunta inicial *Quem me vos levou, senhora*, assim como o morar em *longas terras* lembram Gil Vicente, iii, 299.

9) É de Sá de Miranda: *C. G.*, ii, 323, e *Poesias*, N.º 6. Foi excluída por isso com justa razão por D. G. das suas *Trovas de Crisfal*. Tal como o N.º 11.

11) De Miranda: *C. G.*, ii, 320, e *Poesias*, N.º 11. Traduzida por Hoffmann, *Blüten*, p. 25. — Baltasar Estaço fez uma *Glosa* ao mesmo *Mote* que epigrafou: *do aborrecimento próprio*.

13) Na Volta leia-se *e no mal sempre ventura?* Diogo de Melo *vindo de Azamor e achando sua dama casada* escreveu umas queixas, repletas de reminiscências de *cantares velhos* e bordões líricos. As rimas do princípio

> Bem te conheço, ventura,
> que me quiseste mostrar
> *o prazer quam pouco dura* (iii, 308)

foram repetidas infinitas vezes. Vid. N.º 20 e 28.

14) Assentei no *Literaturblatt* que a estância *Nada quero* é uma composição independente e só por engano está ligada ao N.º XIII.

15 e 16) São dois temas diversos, mas relativos ao mesmo assunto popularíssimo das *mal-maridadas*, *mal-empregadas*, *mal-casadillas*, a que já aludi. — As queixas de Diogo de Melo que mencionei, ministraram o Mote

Casada sem piedade
vosso amor me ha de matar,

(caso êle não preexistisse já). A êsse dizem respeito não sòmente as primeiras seis Voltas, acabadas com o mesmo refram, mas também — como *Ajuda de outrem*, de final um tanto modificado (1), mais quatro que estão impressas depois da *Esparsa dialogada* N.º 16. — Curioso é que o não reconhecessem os editores; nem vissem que a *Volta doutrem*

Se à do mundo casareis

se liga à ante-penúltima linha da Volta 6.ª

o que quer minha VONTADE (2),

---

(1) Rima em *-ade*.

(2) *Se à* VONTADE *do mundo casareis*, portanto.

nem tam pouco notassem que nas últimas duas Voltas sobrescritadas *De uma pessoa a outra* é *Ela* que diz *Se vos vireis em tristeza*, e *Ele* quem responde *Baste o mal que me fazeis.*

Ao Comentário que escrevi em 1880 (*Poesias* de Sá de Miranda, p. 747 e 876) claro que poderia hoje acrescentar muitos materiais. Eis o mais importante.

Na estância que principia

> *Pera quem tam mal contente*
> *está de tal casamento*

há um verso incompreensível

> *não era ao mundo nem à gente,*

a que Epifânio se esforçou em vão de procurar sujeito e... sentido. Deveria ter duplicado o R, lendo *erra*; e tinha o sentido. Na edição de Ferrara está claramente enunciado o conceito em forma mais herética

> *não erra a* Deus *nem à gente,*

que o dedo do censor de Colónia *corrigiu* do modo indicado!

16) À Esparsa d'*Ele: Solteira foreis, senhora* pertence a resposta d'*Ela: Oh enganoso casar, Oh casar cheio de enganos!* O

Diálogo todo tem de entrar evidentemente em Voltas ao Mote conhecidíssimo de

La bella maridada
de las mas lindas que vi,
si has de tomar amores
vida no dexes a mi.

18) Também fui eu quem, separando essa *Esparsa* da anterior, a tratei de composição independente.

19) É o Mote de Vilancete

Em desconto de meu mal
não queria maior bem
que não mo saber ninguem!

E tem importância para a história do *Cancioneirito*. Em redacção diversa, êle entrou num drama castelhano (que já tive de mencionar): *Las Cortes de la Muerte* de Miguel de Carvajal (1), continuado por Luís Hurtado de Toledo, impresso em 1557, escrito todavia quanto às scenas principais, um pouco antes ou pouco depois de 1545 — isto é emquanto estava viva a Princesa das Astúrias D. Maria (2) ou quando mal fale-

(1) *Bibl. Aut. Esp.*, Vol. xxxv, p. 36, Scena xx).
(2) Seu nascimento foi festejado na côrte portu-

cera aquela filha de D. João III e D. Caterina, espôsa de Felipe II e mãe do desditoso D. Carlos, cuja morte o próprio pai involuntàriamente apressou, e cujo enlace tantas esperanças políticas despertara (1).

O teor que lá tem diverge bastante, pois diz

Um cuidado
que a minha vida teḿ
não o saberá ninguem (2).

E, claro, não se menciona o autor. Mas o vir seguido de uma das Cantigas entoadas no *Crisfal*, a que diz

Não sei para que vos quero
pois d'olhos não me servis,
olhos, a que eu tanto quis

---

guesa com a representação da *Tragicomedia pastoril da Serra da Estrela* — a mais bucólica de quantas fez Gil Vicente. — Sua morte foi chorada por Jorge de Montemor e Jorge da Silva em trenos publicados em Valladolid em fôlhas-volantes muito notáveis (Bibl. Nac. de Lisboa).

(1) As alusões a D. Maria são numerosas. Falando do Cardial (D. Henrique, porque D. Afonso falecera em 1540), e do Infante (D. Luís) alguém disse p. ex. que lhes levaram ou furtaram a Princesa — talvez com alusão aos boatos sôbre os desejos do mais querido e ilustre dos filhos de D. Manuel de casar com a sobrinha.

(2) A Volta lá está a tal ponto deturpada que não

não admite dúvidas. Torna-se verosímil portanto que não sòmente as *Trovas de Crisfal*, mas também as poesias menorés corriam em Espanha num mesmo *Pliego Suelto*, ou em dois diversos, antes de 1554.

21) É de Bernardim Ribeiro (*C. G.*, III, 541, *Vilancete seu*).

23) Parece-me ser Volta dupla do Mote anterior *Pois tudo tam pouco dura*.

24) Estou certa de já haver lido êsse *Mote a uma Senhora que lhe deu umas contas.* — De contas de rezar tratou também Luís de Camões em duas Redondilhas (*Storck* XIII e LVIII) mas de modo bem diferente.

25) De Bernardim Ribeiro. — Variante da Cantiga que no *C. G.*, III, 539, principia *Té 'qui me pude enganar.* Tome nota o discreto leitor de que o poeta se refere à Ninfa Eco nessa composição (uma das poucas um tanto humorísticas que escreveu).

26) Confira-se o Vilancete de Sá de Miranda

> Esperanças mal tomadas,
> agora vos deixarei
> tam mal como vos tomei (N.º 76 das *Poesias*)

---

me atrevo a retocá-la. — A obra castelhana é [illegible]almente curiosa — uma das mais antigas em que um Português fanfarrão se gaba de ser parente del-rei.

27) O Mote existe também em redacção castelhana

Quien (var. *El que*) *os viesse y no cegassse,*
ciego, señora, seria;
quien perdido no quedasse
mas perdido quedaria.

No curioso drama de *La Lena* de Alonso Velasquez de Velasco, de 1602, reimpresso nas *Origenes de la Novela*, III, p. 409, há umas Voltas insignificantes. — Delfim Guimarães mudou para o fim dessa Cantiga a quadra isolada com que finda o N.º 3: *Trabalho por não ser vosso.* Sem que a forma ou o conteúdo o autorizassem. Portanto, contra tôdas as regras da poética.

29) Cantiga em estilo popular, de menina em cabelo. Conheço a antiga variante castelhana

Non passedes, escudero,
tantas vezes por aqui,
que yo baxaré mis ojos,
juraré que vos non vi.

Vid. C. M. de V., *Zum Cancionero von Modena*, p. 17 (Erlangen 1899).

30) É a Cantiga das lavadeiras que nos ocupou no Cap. XI.

32-34) Indiquei três nomes de quinhentistas — do tempo de D. Sebastião — assaz

obscuros, que têm o monograma *A. L.* Procurando no *Cancioneiro Geral* encontrei um *Alvaro de Loronha* (= Noronha) e *Afonso de Loronha.* — Certo é apenas que *A. L.* não significa *Al.* Êsse pronome substantivo, proveniente do vulg. lat. *ale* (por *aliud*, clássico), nunca equivale ao simples *Outro, Outra.* Sempre significa *outra coisa*, como o curioso pode verificar no *Glossario do Cancioneiro da Ajuda* (1922).

37) O autor dos Romances *Ao longo de uma ribeira* e *Pola ribeira de um rio* bem podia dizer *Perdi a vista no mar.*

39) É a Cantiga da *Menina fermosa* que também nos ocupou no Cap. XI.

41) É *Glosa* de uma Cantiga de D. Rodrigo Lôbo (*C. G.*, III, 360), como já foi dito por A. Epifânio da Silva. — De Bernardim existe uma única *Glosa* autêntica (de *leixaprem*): a do Mote *Para mim nasceu cuidado*, de que ainda terei de falar (Fl. CXXXII).

42 a 46) Todos os cinco são de Bernardim Ribeiro (*C. G.*, III, 540–543). — O último Vilancete com a variante *Cuidado tam mal cuidado.*

Como se vê, o *Cancioneirito* é realmente constituído por composições líricas de medida velha: *Cantigas* (4 + 8, ou múltiplos de 8) (1); *Vilancetes* (2 + 7, ou 3 + 7, ou múltiplos de 7); uma *Glosa* (em oitavilhas, i. é, na forma mais primitiva); e *Esparsas* (simples e duplas). Nada mais. Nem uma só composição em hendecassílabos à italiana (2).

Tècnicamente e cronològicamente (também quanto à medição dos versos e às grafias sónicas com as interessantes crases de *-a* final com outro, inicial ou independente, observadas por Cornu quanto ao *C. G.*, Epifânio quanto ao *Crisfal*, e J. M. Rodrigues quanto aos *Lusíadas*) êle é sucessor ou continuador do *Cancioneiro Geral* (3), pa-

---

(1) O costume de separar o texto em quadras é injustificado, como se prova pelo sistema de consoantes, e pelos Vilancetes.

(2) Há mistura dos dois géneros em todos os Cancioneiros manuscritos de que sabemos (do Padre Pedro Ribeiro — Évora — Barata — Fernandes Tomás — Franco). E logo na impressão do *Cancionero General*, de 1527, 1537, etc. havia *Sonetos*.

(3) Ex.: *deitam a roupa enxugar* por *a enxugar*; *Francisca deixa molhar* por *deixa-a molhar*.

recido pelas tendências populares com o *Cancioneiro Musical* da côrte dos Reis Católicos: o mais antigo de quantos conheço. — De 1524 a 1545 (?). Único em ser exclusivamente português. As redacções paralelas castelhanas tanto podem ser modelos como versões.

Quem ajuntou êsses versos não se havia afeiçoado à arte nova, italiana.

Quanto ao espírito, êle é do melhor que há nas velhas colecções, fino, palaciano, *pensieroso*, mesmo onde se trata de paráfrases de cantares populares da rua, como a *Menina fermosa* e *Isabel e mais Francisca*. O espírito de Miranda e Ribeiro.

Se Cristovam Falcão foi trovador, conforme diz o genealogista D. António de Lima, bem podiam ser dêle as composições anónimas. Incluíu no *Crisfal* poesias parecidas, como vou recordar ao leitor no Capítulo seguinte. Se foi e é apenas suposto poeta, pseudo-trovador — incapaz de escrever a mais insignificante dessas poesias, como Delfim Guimarães deduziu das cartas-ofícios, vestidas de prosa de cotio, e não

(1) Duas composições são paráfrases de versos registados no *C. G.* (III, 308 e 360).

das roupas domingueiras de ver a Deus — então o livrinho será dos dois iniciadores (1): Bernardim e Miranda, e de alguns amigos e adeptos, conforme já disse mais acima. Talvez daqueles que estiveram em volta de Bernardim e Miranda em Cabeceiras de Basto, e aparecem nas *Eglogas* de Alonso Nuñez de Reinoso mascarados de *Lagrimas*, *Peñamor*, *Panflores*, etc.

*

Quanto à maneira em que veio ter às mãos dos Usques só há as duas possibilidades: fôlhas sôltas manuscritas; ou fôlha-volante impressa, semelhante às numerosíssimas que os nossos vizinhos ainda possuem, de *Canciones*, *Cantares*, *Coplas*, *Chistes*, *Disparates*, *Glosas*, *Porquês*, *Romances*, *Villancicos*. Semelhante às duas que contêm as *Trovas de dous pastores* e as *Trovas de Crisfal*, de que entretive o leitor.

(1) Bem podia ser de Miranda. Mas nos numerosos manuscritos do introdutor do estilo novo não aparece nenhuma das cinqüenta *Trovas*.

XIII

POESIAS MENORES SOLTAS, OU INTERCALADAS NAS MAIORES DE BERNARDIM RIBEIRO E NO «CRISFAL»

NÃO são muitas. E das principais já tratei. Só uma talvez seja alheia. Do amigo Francisco de Sá de Miranda.

1) Na *Menina e Moça* (I, Cap. XVIII, Fl. XXXVII *v.* da impressão de Ferrara) aparece o pastor da flauta, assentado sôbre um torrão, à beira de um ribeiro (1), tangendo mansozinho, e olhando para a parte oposta, onde a ama de Arima, essa filhinha de Belisa e Lamentor, acertara de vir. Eis senão quando o rebanho das vacas foge da môsca, e mete-se na água. Cuidoso um pouco, Bernardim improvisa um *Vilancete,* triste e «mais que de pastor». Exemplo admirável

---

(1) Atitude favorita do poeta que era de *Torrão e Ribeiro,*

da maneira como sucessos reais inspiravam ao poeta ideas abstractas, relacionadas com o próprio *eu* e o acontecimento positivo.

> Pera tudo houve remedio;
> para mim só o não houve aí:
> inda mal que o soube assi!
>
> Fogem as vacas para a agua
> porque a mosca as vai seguir:
> eu só triste em minha magoa
> não tenho onde fugir, etc. (1).

2) Estando a *pensar* (i. é, lavar, vestir e alimentar) a tal criança, em presença de Aonia, a dos olhos verdes que encantara o pastor da flauta, a ama canta uma melancólica canção, à maneira de solau (2), *que era*

---

(1) Suprimindo o Mote, afim de destacar a maneira como o autor diz coisas de alto ingénio e profunda dor, semeando-as de palavras rústicas, é que Pelayo enaltece a graça afectuosa de Bernardim Ribeiro (*Origenes de la Novela*, p. CDXL).

(2) *Solau* ou *Solam* (como se lê na ed. de Ferrara, Cap. XIX, Fl. XLIII). Ambas as formas subsistem na Galiza de Além-Minho. E representam correctamente o lat. *solanu*, tal qual *sarau* e *serão* representam *seranu*. A princípio devem ter designado, e nas *Comedias* de Jorge Ferreira de Vasconcelos ainda designam, composições entoadas ao ar livre, sem ins-

o que naquele tempo e partes nas cousas tristes se acostumava:

Pensando-vos estou, filha,
vossa mãe está-me lembrando.

Em quadras dissonantes como as do *Fado da Freira*, e mais fados quinhentistas *(xaab / bccd / deef)*, conforme tenho exposto e comentado em outros escritos meus (1).

3 e 4) Do *Romance de Avalor* (II, Cap. XI) *Pola ribeira dum rio que leva as aguas ao mar* ficou dito o necessário mais acima, assim como do *Romance Ao longo de uma ribeira que vai polo pé da serra.*

Nas *Églogas* versificadas e dialogadas era praxe antiga entoarem os pastores, quer ao desafio, quer em solilóquio, cantigas sentimentais.

5) Na II de *Jano e Franco* encontra-se a quadra

Perdido e desterrado
que farei? onde me irei?
Depois de desesperado
outra mor magoa achei,

---

trumento musical, em rodas de escudeiros, ou por mulheres sentadas, ao soalheiro, nos umbrais das casas.

(1) Vid. *Zeitschrift*, VIII, p. 606; Hardung, N.os 41 e 61; Morel-Fatio, *L'Espagne au XVIe et au XVIIe Siècle* (1878), N.os LII, LIV-LXVII.

acompanhada de quatro *Voltas* de construção estranhamente irregular (1). — É Franco — isto é: Sá de Miranda — quem as canta, tendo perdido a flauta. Mas pela regra ou pelo costume de as composições estranhas serem apenas alegadas pelo verso inicial, e de as inteiras serem obra do autor, ela deve ser de Bernardim Ribeiro.

6) E deve ser dêle também a que principia

> Que mal avindos cuidados
> me tem tomado sobre si!
> Nunca taes cuidados vi (Estr. 14),

entoada por Agrestes, outra personificação de Miranda na *Egloga V*, que tem o seu nome e o de Ribeiro. Mas desta vez há a particularidade de no fim da Égloga ambos os pastores repetirem juntos o mesmo Mote. ¿Com Volta nova? ¿Será porque realmente Sá de Miranda, entre cujas *Poesias* há o mesmo Mote, e outra terceira Volta (N.º 15), fôra inventor do tema? Cuidadoso como é nas suas indicações, o Velho da Tapada não declara, pelo menos, que êsse é *alheio*. —

(1) Sobretudo a 3.ª e 4.ª afastam-se da regra na impressão de 1852. Na de 1554, três triadas interrompem as estâncias.

Inclino-me portanto a adoptar essa explicação.

7) A nomeada *Egloga de Silvestre e Amador*, não termina com cânticos. E só na fôlha-volante substituíu-os por *Brados* a que responde a *Ninfa Eco*.

À última quintilha (ou metade final da 53.ª décima) que na mentalidade dos leitores se decompõe em duas sentenças ou dois Motes (1):

> Deixai-me, cuidados vãos,
> desejos desesperados!

e

> Olhos mal aventurados
> quanto me foreis mais sãos
> se vos tivera quebrados!

já me referi no Capítulo relativo ao *Cancioneirito*, e ainda terei de tratar dela.

*

8) Das composições líricas avulsas que se seguem às *Églogas* nas edições de 1554

---

(1) Bastantes *Motes* há que na primitiva tinham sido parcelas de composições.

e 1559, é de tema e espírito muito singular a que diz

> Não são casado, senhora
> que, ainda que dei a mão,
> não casei o coração,

tão estranhável que nenhum dos biógrafos de Bernardim se atreveu a tirar dela elementos positivos, deduzindo que *casado* (a furto embora) o poeta dera a mão à prima, por obrigação, conservando livre o coração, a vontade, os olhos, o pensamento e a liberdade, que em seguida ofereceu a outra inspiradora, desculpando-se com a declaração

> se a outra dei a mão,
> dei a vos o coração (Fl. CXXXI *v.*) (1).

¿Não será como artista, propositadamente, que, em réplica às Trovas da *Bela mal maridada*, *Casada sem piedade*, etc., êle quis

---

(1) Da rareza das impressões de 1554 e 1559 é testemunho o facto que os editores do século XIX conheceram o cantar directamente por Costa e Silva e indirectamente por Bouterwek que (sem ser o primeiro que o publicou) o trata de audacioso e ao mesmo tempo extremamente ingénuo. — A p. 375 da ed. de 1852 leia-se *Solteiros e vossos são* (e não *Solteiros os versos são*).

fazer outras novas de um *Mal maridado?* — Talvez seja assim (1).

9) Não é *Mole* com *Volta*, mas antes com *Glosa*, de mais a mais de *leixaprem*, o que diz

> Para mim nasceo cuidado,
> cuidado, desaventura;
> para mim nasceo tristura!

Falta, como 8 e 10, nas edições derivadas da impressão de Évora; mas não na moderna de Delfim Guimarães.

10) A *Sextina Ontem pôs se o sol* (2) foi, a meu ver, escrita depois de 1524, no período em que Ribeiro e Miranda, de regresso da Itália, freqüentavam a côrte, onde tentaram preparar os espíritos para introduzir as novidades trazidas de estranhas partes, nacionalizando-as, com raro entendimento e gôsto, fiéis à medida velha.

A respeito do género cuja forma era considerada como a mais difícil e complicada de tôdas (3), e da bela espécie de R., não

---

(1) Confira-se *Solteira foreis senhora* — e *Casada soy, marido tengo.*

(2) Ferrara, Fl. cxxx *v.*; Colónia, cxxx.

(3) O próprio Miranda disse: *Esta composição das seistinas é a de mais artificio de quantas em Italia se usam.*

repetirei os louvores excessivos (de T. Braga), dizendo que há nela versos que excedem todo o poder da língua humana; nem tão pouco repetirei a crítica oposta sôbre frialdades negociadas por galanes de antano!

Repetirei o que já outrora disse: nessa melancólica poesia de desalento há realmente ideas, arte, engenho, concisão; e as mesmas raras qualidades encontro-as na Sextina de Sá de Miranda *Não posso tornar os olhos* (1); como também nas duas espécies um tanto diversas que juntos, ou de comum acôrdo, os dois dirigiram às damas do paço (2).

Que só de uma, especialmente culta e pensativa, e que especialmente agradava a ambos (a Sr.ª D. Leonor Mascarenhas) recebessem resposta, trespassada de negação

---

(1) Vid. *Poesias*, N.º 74 e p. 163; e C. M. de V., *Novos Estudos sobre Sá de Miranda*, p. 177. — No manuscrito *P* a rubrica que registei sem comentário, tem o teor seguinte: «Uma maneira de canção italiana a que chamam *Sextina* porem no nosso é medida». Evidentemente deve ser *na nossa medida*, como em B.

(2) *Poesias*, N.º 51 e 52. — Na primeira têm a palavra Bernardim e D. Leonor. Na segunda, mais bela, Miranda e a mesma dama.

resignada, não pode admirar, como não admira, o entusiasmo com que, certamente não só por essa demonstração de talento, mas por outras que desconhecemos, Miranda a classificou de marquesa de Pescara ou Vitoria Colonna de Portugal.

11) Admira, isso sim, que os estudiosos modernos não admitissem, ou antes, que o estudioso moderno que reeditou Ribeiro e Miranda, não admitisse entre as poesias menores do primeiro a estrofe recordativa, ou Sextina, ponderada, cheia, prenhe mesmo de pensamentos, a que acabo de me referir e diz:

> Uma cousa cuidava eu —
> causa de outras muitas cousas!
> Razão tinha de o cuidar.
> Dão-me sem-razão cuidado.
> E inda ei de pedir a outrem
> De minhas culpas perdão!

D. Leonor deu resposta decisiva no estilo prescrito, poetando:

> Uma cousa vos digo
> que não são pera essas cousas!
> Razão fôra não cuidar
> em tam sem razão cuidado.
> ¿Pois ei de sofrer a outrem
> culpas que não tem perdão?

Bernardim replicou ainda:

> A mim me ei de tornar eu
> pera vingar muitas cousas
> que não são pera cuidar.
> Foram pera dar cuidado.
> Seja minha a culpa de outrem —
> que assi val mais que o perdão!

Miranda acrescentou um segundo ataque sobrescritado *Outro dialogo que lhes tornamos a mandar*. Aí fala de desejos demasiados, amorosos com certeza. Mas é só *êle* quem fala, e a quem *ela*, em harmonia com as suas aspirações divinas e a sua casta vida, quási de freira, diz claramente:

> Meus desejos e cuidados
> não são postos nesta vida.

P. S. — A respeito de D. Leonor (a quem naturalmente eu dedicara alguns esclarecimentos na minha edição das *Poesias* de Sá de Miranda, p. 744 e 875) há um capítulo de Delfim Guimarães (XXII) intitulado: *A amada de Sá de Miranda*. E apareceu em 1916 um estudo de Patrocínio Ribeiro em que, sôbre a base exclusiva dos versos citados de D. Leonor, e do misticismo da sua vida, ela é declarada *A Bem-amada de*

Bernardim Ribeiro! — A divina *Vittoria Colonna*, essa aparecera em outro estudo do mesmo como *A verdadeira Celia de Sá de Miranda*, cuja morte teria sido lamentada não só pelo poeta indicado, mas também por Miguel Ângelo, e Francisco de Holanda!

¡Felizes aqueles, cuja fantasia deslinda com tanta facilidade as realidades escondidas nas ficções poéticas dos idealistas!

*

No *Crisfal*, ao qual julgo que me devo referir finalmente, o aspecto é diverso. Quanto a poesias menores intercaladas, a Égloga contém, ou nela se alegam, poesias *alheias*, *populares*, *castelhanas*, das que se cantavam na côrte espanhola e portuguesa (1).

Na discutida estrofe 42 (a do *Canto de ledino* ou *dele dino*) (2) a serrana queixosa, de

---

(1) Na estrofe 39 há alusão ao *Cantar* alegre sôbre o *Velho mao*.

(2) Vid. *Rev. Lusitana*, Vol. III, p. 347: «Uma passagem escura do *Crisfal*». — *Literaturblatt*, 1894, p. 274. — *Jahresbericht*, IV, p. .

parecer divino, entoa frases do cântico de romaria

Yo me yva, la mi madre,
a santa Maria del Pino;

e fazendo isso, embora vestida de sêda, lembra ao poeta a decantada *pastora Mengua, la del Boscal* (1) (ou *Bustar*).

Além disso, o autor refere (na estrofe 56.ª) como ouvira dois doces cantares, que lhe na alma caíam, sôbre um tema tradicional, tratado tanto na primeira época, trovadoresca, da lírica peninsular, como na segunda e terceira: o das longas noites de insónia da namorada que está *só e senheira*, dirigido freqüentes vezes aos olhos que estão em conflito com o coração, ou são os fidelíssimos intérpretes dêle, velando sem adormecer (2).

---

(1) *Canc. Mus.*, N.º 380. — Cfr. 346 e 351.

(2) Releia quem gostar de arte primitiva no *Canc. Vat.*, N.º 782:

Aquestas noites tan longas
que Deus fez en grave dia
por mim, porque as non dôrmio,
¿e porque as non fazia
no tempo que meu amigo
solia falar comigo?

— *Ib.*, 771

Sen meu amigo manh' eu senlheira
e sol non dormen estes olhos meus.

O primeiro que diz:

> Não sei para que vos quero
> pois que d'olhos não servis,
> olhos, a que eu tanto quis.

(estr. 57) entrou (inteiro) nas *Côrtes de la Muerte* e na *Primavera* de Rodrigues Lôbo (II, Flor. 3) com novas Voltas. O segundo, cantado pela mesma bôca feminina principia .

> Como dormirão meus olhos?
> Não sei como dormirão
> pois que vela o coração!

(estr. 63-66) e é repetição (versão) de outro que já fôra entoado em Castela na linda forma mais primitiva

> *¿Como dormiran los ojos*
> *pues que vela el coraçon?* (1)

Na terceira e última das Voltas, o poeta invoca, de madrugada, os passarinhos, para repararem na fadiga, no agravamento, ou na quebreira dos seus olhos:

> em meus olhos agravados
> vereis se tenho razão (estr. 66)

---

(1) *Canc. Mus.*, N.º 253. — Cfr. *Ib.* N.º 258, e *Cancionero de Enamorados* (de Linares).

E depois, na parte narrativa, o pastor Crisfal conta como Maria, caminhando ao seu encontro, emparelhara com êle, exactamente no momento em que ia entoando os dois versos citados, e êle replicara:

> *¿são agravados?* podem logo os meus dizer
> que são *bem-aventurados*
> pois que vos poderam ver (estr. 71-72).

A respeito dêles e de todos os versos de que acabo de falar, disserta o adversário de Cristovam num *Capitulo* (1) de tão santa simplicidade que não o compreendo, nem mesmo como *troça* brincada. Das duas premissas *a*) Cantigas *estranhas*, que servem de *Intermezzo* musical em poemas bucólicos, não são reproduzidas integralmente; são alegadas apenas pelo verso inicial; *b*) O autor do *Crisfal* reproduz por inteiro a Cantiga *Como dormirão meus olhos*. A conclusão deveria ser: a Cantiga é do autor do *Crisfal*. Não é alheia.

Mas como na mentalidade de Delfim Guimarães o autor do *Crisfal* é Bernardim Ri-

---

(1) Cap. xx: «O snr. dr. Theophilo Braga reconhecendo o verdadeiro autor da ecloga de *Crisfal*».

beiro, claro que temos nêsse o poeta dos *olhos agravados*.

T. Braga, pela sua vez, afirmava no seu estudo sôbre *Crisfal* (o de 1897, p. 358) que na estrofe indicada de Cristovam Falcão havia alusão a uma *Cantiga* de Bernardim Ribeiro, esquecendo-se todavia de explicar ao cândido leitor onde podia encontrar a tal Cantiga.

¿Estará nêsse facto a graça ou o gracejo de Delfim Guimarães?

Talvez T. Braga confundisse, momentâneamente, os olhos *agravados* de lágrimas e vigílias com os *malaventurados* e *quebrados* com que acaba a *Egloga III*, de que mais acima tratei.

XIV

REFLEXOS DAS OBRAS DE BERNARDIM RIBEIRO E DO «CRISFAL» EM AUTORES PENINSULARES DO SÉCULO XVI

Recapitulando o que ficou espalhado nas páginas anteriores a êsse respeito, fixemos que há no próprio *Cancioneirito* reminiscências ribeirescas — nas *Cantigas* 3 e 6 — além das sete poesias já impressas em 1516, e repetidas nêle integralmente. — O Mote *Pera tudo* (ou *todos*) *ouve remedio*, serviu de tema a uma *Volta* nova (anónima), registada no *Cancioneiro de Evora*. *Que mal avindos cuidados* foi aproveitado por Sá de Miranda, e talvez fôsse dêle o *Mote* com uma das *Voltas*. Frei Agostinho da Cruz teve ocasião de repetir e glosar a exclamação *Que forte fortuna sigo, A que grande estremo vim*, que tive de registar, como parcela do

Cancioneirito (1) (N.º 4). — Um Vilancete dêle (N.º 19), em lição divergente, e uma das lindas Cantigas sôbre olhos que não dormem, contidas no *Crisfal*, entraram no poema dramático castelhano das *Cortes de la Muerte* — onde é um Português (fanfarrão caricaturado) que as recita (2). Alonso Nuñez de Reinoso cita e imita na sua Égloga *Lagrimas* tantó a *Jano*, como a *Persio* e *Fauno, Amador* e *Silvestre*, *Agrestes* e *Ribeiro:* numa palavra, todos os pastores de Bernardim Ribeiro! E menciona *Joana*, a que *patas guardava* e *vestido branco trazia*, assim como as palavras de despedida *Ivos, minhas cabras, i-vos.* — Jorge Ferreira de Vasconcelos introduz na sua *Aulegrafia* um personagem que, em viagem à Índia, pretende passar o quarto da modorra, cantando (acompanhando-se no alaúde), tantó

---

(1) Vid. Ed. Mendes dos Remédios, p. 341 e 441.

(2) Scena xx (p. 36 da *Bibl. Aut. Esp.*, Vol. 31). Ao Mote

Um cuidado
que a minha vida tem
não o saberá ninguem

segue-se, grifado como se fôsse Volta, uma estrofe estropiadíssima de transição para *Não sei para que vos quero,* a que já me referi.

I-vos, minhas cabras, i-vos, como *Joana patas guardava* e *Pensando-vos estou, filha* (1)! Êste Solau entrou numa fôlha-volante, com o *Auto de Santiago*, para preencher espaço branco que sobejava no fim (2). A Glosa que se conservou no *Cancioneiro Luís Franco*, atribuída por Teófilo Braga ao próprio Bernardim, e por Delfim Guimarães a Luís de Camões, é anónima, como expliquei, e recebe a meiga luz que a envolve, do esplendor do original. *Amador e Silvestre* (talvez por a *Egloga III*, espalhada em fôlha-volante, ter tido numerosos leitores) são as figuras mais vezes citadas como tipos amorosos em Autos como o de *Guiomar do Porto*. Uma das estrofes (a 24.ª *As cousas que não tem cura, Amador, não cures delas*), inspirou uma imitação a um anónimo do *Cancioneiro Geral*, de Barata (3).

---

(1) Fl. 163. — Aos olhos quebrados alude na mesma *Comedia*, IV, 2. É o D. Galindo que apregoa que olhos quebrados são quebrados para quebrar todos os gostos passados.

(2) Vid. *Autos de Gil Vicente e da Escola Vicentina*, N.º IV.

(3) P. XIX e 11. — Êsse *Cancioneiro*, classificado pelo editor e o seu prefaciador (T. Braga) como *Continuação ao de Garcia de Resende* (Évora 1909),

Maria, a das lágrimas doces e beijos saborosos, foi freqüentes vezes recordada, sobretudo no acto de deixar cair o fuso, e imitada, como já provaram T. Braga e D. Guimarães. *O longo uso dos anos que se converte em natureza; a dor dissimulada que ainda assim dá seu fruito;* a frase consoladora que *os tempos mudam ventura* são lugares comuns (1) gentis, que Luís de Camões colheu no *Crisfal* e meteu numa sua *Carta em prosa*, escrita de Ceuta a um amigo, entre 1546 e 1549, segundo os melhores biógrafos, ou entre 1549 e 1551, segundo outros.

¡Mas em todos os passos a que acabo de aludir, falta o nome — *Cristovam Falcão!*

E o de *Bernaldim Ribeiro* também não é mencionado, por mais conhecido e afamado que fôsse, a não ser uma única vez numa outra *Carta familiar* do autor dos *Lusíadas* (2).

é uma colecção de trovas à antiga, parte inéditas, e parte já impressas, e de Sonetos, Églogas, etc., à maneira italiana — mais desordenada e defeituosa ainda do que o *Cancioneiro* de Hardung.

(1) Lugares comuns, para os quais poderia indicar numerosíssimos paralelos. Sobretudo para o das *mudanças do ano.*

(2) Descoberta e publicada por Xavier da Cunha

No estilo da moda de então, repleta de alusões e citações, ela contém o passo seguinte: «Antre algũas nouas que mandastes ui que me gabaueis a uida rustica como são agoas craras, aruores altas sombrias, fontes que correm, aues que cantão e outras saudades de bernaldim Rib^ro (1) *quae vitam faciunt beatam!*».

Escrita de Lisboa é anterior à primavera de 1553, e refere-se provàvelmente a um traslado que o Poeta adquirira e lia aplaudindo e admirando.

De poesias à maneira italiana não há vestígio, nem reminiscência.

(no *Boletim das Bibliotecas e Archivos Nacionaes* de 1904, p. 26-50), ela é tão característica que da sua autenticidade só pode duvidar quem ainda não estudou o curioso género, do qual me ocupei na *Zeitschrift.*

(1) É evidentemente alusão a pormenores bucólicos da *Menina e Moça,* em cujas descrições as *saüdades (soidades)* são freqüentíssimas. E não ao título da obra que em 1557 foi adoptado pelo livreiro do Cardial-Infante.

XV

VERSOS À ITALIANA
ATRIBUÍDOS A BERNARDIM RIBEIRO

Da viagem à Itália de Bernardim Ribeiro sabemos exclusivamente por um verso de Sá de Miranda. Nas poesias do próprio não há reminiscências. Mas êsse verso relativo à *estranha parte* ou *lexos parte*

donde un tiempo ambos andamos (1)

é tão afirmativo, e tão numerosas e positivas são nas obras do introdutor da medida nova e das formas do Soneto, da Canção, da Oitava, do Terceto, etc., cultor do estilo pastoril e amigo verdadeiro das musas, as alusões a novidades que os dois trouxeram de lá, que não há que duvidar do facto.

Em teoria, não seria portanto impossível, nem mesmo estranhável, que o poeta se

---

(1) Variantes: *do buenos dias passamos* ou *donde anduvimos entramos*.

houvesse entusiasmado em Roma ou Florença não só pelo espírito do Renascimento e particularmente pelo género bucólico de Teócrito e Vergílio, renovado por Sannazzaro na sua *Arcadia*, para o qual a sua nacionalidade e o seu temperamento meigo e suave o arrastavam e mesmo predestinavam, mas também pela parte técnica do *dolce stil nuovo*, e que antes de Boscan e Garcilaso e Sá de Miranda houvesse tentado construir hendecassílabos e arquitectar Canções e Sonetos.

Mas na realidade factos de pêso se opõem a tal suposição. Conhecido de todos é que alguns anos depois do regresso de Bernardim (e porventura de Sá de Miranda), o embaixador veneziano Andrea Navagiero impeliu em Granada a Juan Boscan Almogaver a *provar* em língua castelhana *Sonetos e outras artes de trovas usadas pelos bons autores de Itália* (1) e que de Boscan e Garcilaso aprendeu Sá de Miranda. As obras autênticas de Ribeiro, as que vieram à luz em 1554 e 1557, e antes dessas datas em fôlhas-volantes, são tôdas de medida velha, pronunciadamente e propositadamente ra-

(1) Ed. Knapp, p. 169.

cionais. Quanto à expressão, são de uma vagueza misteriosa que às vezes desanda em escuridão, e quanto ao ritmo, daquela fluência trocaica, lisa e suavemente acariciadora que todos amamos tanto nas quadras e nos romances populares como nas Redondilhas palacianas de Luís de Camões. Sempre escolheu octonários (coordenados em estrofes de oito a doze versos) para tôdas as suas obras poéticas. Mesmo para os dois únicos casos em que imitou efectivamente uma construção usada na Itália e desconhecida em Portugal: a artificiosa dos antigos versos *recordativos* de rima *equívoca*, transformada em *Sextina* por Arnaldo Daniel e cultivada por Dante (1), Petrarca e Boccaccio. Já falei da poesia à italiana de Bernardim que principia

> Ontem pos-se o sol, e a noute
> cobrio de sombra esta terra.
> Agora é já outro dia!
> Tudo torna! torna o sol...
> Só foi a minha vontade (2)
> para não tornar c'o tempo

(1) A Sextina era *Novum aliquod atque intentatum artis* para o próprio autor da *Divina Comédia* (*De vulg. eloq.*, II, 13). Coisa complicadíssima.

(2) ¿ A *vontade* foi ou foi-se? ¿ em que sentido? ¿ A

Ela continua aproveitando os mesmos substantivos finais, em outra ordem, como rimas de mais cinco estrofes (1). Mencionei também a outra que, em concorrência com o amigo e companheiro, dirigiu a D. Leonor Mascarenhas, a culta dama da côrte que veneravam por causa das suas aspirações ao divino: *Uma cousa cuidava eu* e *A mim me hei de tornar eu* (2).

Quis demonstrar e demonstrou portanto, de mãos dadas com o autor do *Alexo* e *Basto* e da Sextina *Não posso tirar os olhos*, que tudo se podia dizer em metro peninsular: os conceitos artificiosamente encadeados das *Sextinas*, e o diálogo relativamente singelo, conquanto também cheio de conceitos sentimentais (3), dos pastores de *Églogas*. Para o meu gôsto, são realmente

---

fôrça de volição diminuíu? ¿o gôsto de viver? ¿*Willenskraft und Lebensmut*? ¿Haveria já entre 1520 e 1530 prenúncios de certa inércia intelectual e sentimental?

(1) A princípio a regra era que o verso 6 passasse a ser 1; 5, 2; 4, 3, etc., etc. No fim havia e há em regra uma *Finda* de três versos.

(2) Miranda, *Poesias*, N.º 51. — Vid. Cap. 13.

(3) Sentimento, tornado espírito, como nos Sonetos petrarquescos.

mais *idílicas* as *Trovas* pastoris dos dois Bucolistas, e sobretudo as do *Crisfal*, do que as *Eglogas* em metro heróico (oitavas e tercetos, etc.) que Sá de Miranda excogitou mais tarde (a *Celia*, o *Andrés*, o *Nemoroso*, o *Encantamento*, o *Epitalamio*, a *Fabula do Mondego*) — para não falar agora dos de Luís de Camões, Diogo Bernardes e outros continuadores clássicos.

Apesar dêsses factos positivos há todavia em algumas scenas pastoris de Sá de Miranda incidentes de que parece resultar que, *conquanto nada subsista de tentativas à italiana de Bernardim Ribeiro*, elas existiram e tinham sido exibidas na côrte — sem êxito porventura. E, salvo êrro, são êsses incidentes, que vou apontar, que levaram Faria e Sousa a atribuir a Bernardim Ribeiro certos fragmentos de Canção, e certas Églogas em hendecassílabos; e levaram o segundo Bernardim Ribeiro (o Capitão Pacheco, de fins do século), a escrever uma Canção inteira, cheia de sensibilidade confusa, na esperança de que ela passaria por obra do seu grande homónimo.

O verso principal, já citado, relativo à estada de Bernardim e Miranda na Italia, assim como as alusões incidentais, encon-

tram-se, como é natural, nas Églogas *Alexo* e *Basto*, dedicadas àqueles Senhores de Cabeceiras de Basto, Nunálvares e António Pereira, que pensadores e poetas, inclinados à vida natural, rústica e simples, adversários dos fumos da Índia e da vida da côrte, criaram em volta de si a *Arcádia de Entre Douro e Minho* (1), durante a presença de Bernardim, Miranda, Alonso Nuñez de Reinoso e outros moços cultos de ideas avançadas e reformadoras, empenhados em modernizar e nacionalizar a quási morta poesia palaciana.

Ao todo há seis composições de Miranda

---

(1) O que são e significam essas duas *Églogas*, escritas na medida velha e em que o poeta trabalhou não sòmente durante os nove anos de Horácio, mas durante tôda a sua vida, por nelas querer dar expressão ao seu credo filosófico e estético, e também o que elas revelam a respeito de B. R. e as intrigas da côrte que os impeliram a ambos a refugiarem-se ao solar de Basto, já o disse ràpidamente mais acima, e mais explìcitamente nas minhas duas tentativas sôbre o reformador da poesia portuguesa, cujos altos méritos alguns, que mal o leram e meditaram, querem hoje amesquinhar. — Vid. Sá de Miranda, *Poesias*, p. 765-769, e *Novos Estudos*, p. 160.

em que intervém *o seu bom amigo Ribeiro*, ou em que há referências a êle como primeiro e verdadeiro introdutor do género bucólico, trazido a Portugal das terras estranhas onde andara, e onde êle já era cultivado; os N.os 51 e 52(1); 102 *Alexo*(2); 103(3), 116, 164 *Basto* em redacções diversas(4); e 151 um *Epitalamio* pastoril ao

---

(1) Dêsses Diálogos trocados por Bernardim e Miranda com D. Leonor Mascarenhas, já ficou dito o suficiente.

(2) Essa *Égloga* é «de muitas figuras», como se acentua em todos os manuscritos, e se exterioriza no autógrafo publicado pela Academia das Sciências, p. 87 e 155. Dividida em 7 scenas sucessivas, ela é o primeiro *drama* bucólico da literatura portuguesa, da extensão quási dos *Autos de Gil Vicente e da Escola Vicentina*. De 800 a 1.000 versos. Dedicada numa das recomposições derradeiras a António Pereira.

(3) N.º 103, a Égloga *Basto*, é dedicada, como indica o título, ao Senhor de Cabeceiras de Basto, Nunálvares Pereira. Nela há alusões ao abandôno da côrte, da parte de ambos (p. 766), provocado por ressentimentos de influentes palacianos (Ataídes) que haviam interpretado mal certos versos. Provàvelmente os do *Alexo* sôbre *o enemigo cruel que tal consente*.

(4) Na *Egloga de Gil e Bento* (N.º 116) que é *a mesma que Francisco de Sâ mandou a Nunalvares*

casamento de D. Camila de Sá. Relativas à ida à Itália são contudo apenas as *Eglogas* I e II.

Na scena VI do *Alexo*, que se passa entre os pastores Antão e João (1), num local que para êles está cheio de recordações — sala dos Serões no paço da Ribeira? ou jardim

---

Pereira, mas emendada em muitas partes, há, além do suspiro pelo seu falecimento recente

> (o meu bom Ribeiro amigo
> que em milhor parte ora sê),

uma alusão à sua prudente fugida do paço (estr. 38).

Na redacção N.º 164, anterior ao N.º 116, falta êsse suspiro sôbre a morte de Ribeiro. Apenas há uma referência à intervenção dêsse amigo do *Torrão* no afastamento de Miranda dos paços reais (Estr. 51, v. 402). — Menção do lugar de Torrão, há-a também no N.º 103, 352.

(1) Acho precária, arriscada e irrealizável com êxito a procura das personagens da vida real que serviram de modelos ao poeta. Já mais de uma vez proclamei que se enganam os que procuram nesta e em outras Églogas nada mais do que relatos e retratos do natural — tão fiéis que a crítica os possa utilizar como documentos (Vid. *Novos Estudos,* p. 166). Mas em casos como êste de Bernardim Ribeiro é natural preguntarmos se se tratará de António de Sá e Meneses? ou de António Pereira Marramaque?

do paço de Sintra? — é João quem suspira e quási chora

> porque aqui cantó Ribero;
> aqui nuestro amo escuchava (1);
> rodeavanlo pastores,
> colgados de la su boca,
> cantando el los sus amores (2).
> Gente de firmeza poca,
> que le dio tantos loores
> i aora gelos apoca!

Antão relembra a última vez que ouviu cantar Ribeiro, em *duetto* com o próprio João. Por ser canto ou pranto de cisne fixou bem o som e as palavras. João (quer personifique Miranda, quer não) não esqueceu a sua própria parte, e observa o que já sabemos:

> *fue (sabes) de estraña parte*
> *donde un tiempo ambos andamos.*
> Io le llevava el descante;
> el se entonava primero
> con el su triste semblante,
> *al modo e son estrangero.*

Segue-se êsse cantar, *en un modo estrangero*, de acusações contra o Amor como

---

(1) *¿Nuestro amo?* ¿quem seria?
(2) As *Eglogas*, provàvelmente.

inimigo cruel. Cantar alternado (ou amebeo). Em oitavas à castelhana *(abbacddc)* (1) com um quebrado entreposto no meio (à maneira de Torres Naharro e Gil Vicente)(2). Mas não nos versos-longos medievais, *de arte maior*, de doze sílabas, com acentos na 2.ª, e 5.ª, 8.ª, e 11.ª sílaba. Pelo contrário, em verdadeiros *hendecassílabos* à italiana (com acentos na 10.ª e 6.ª), que Miranda já teria tentado em algumas poesias menores.

Distribuídas por partes simétricas entre os dois pastores, as oitavas (mais exactamente as cinco primeiras) estão ligadas entre si pelo artifício do *Leixaprem*, renovado por Sannazzaro na *Arcádia*, mas ainda não imitado em Portugal até 1532.

A idea de que nas estrofes ímpares dessa composição de dois — segundo a ficção do poeta — possuímos realmente obras de Ri-

---

(1) Podemos chamá-las *Oitavas à castelhana* ou *à peninsular*, visto que os Portugueses as cultivaram também, desde os dias do *Condestável D. Pedro de Portugal.* As famigeradas do *Rouço da Cava*, claro que são artefactos do tempo de Bernardo de Brito, e Faria e Sousa.

(2) Vid. *Novos Estudos*, p. 34; e *Poesias*, p. 771.

beiro (1), só a pode nutrir quem ignore a história dos Idílios de Teócrito e Vergílio e os Renascentes italianos (2). Mas mesmo na mentalidade dêle ela devia desfazer-se perante as numerosíssimas e incisivas variantes que o texto tem nas diversas redacções do *Alexo*.

A mim sempre me mereceu especial atenção a tentativa evidente de Miranda de tècnicamente combinar e fundir na novidade o estilo velho com o novo, o nacional com o estrangeiro. Em ponto pequeno êle faz o que Ribeiro já ensaiara nas suas *Eclogas*, Ribeiro a quem sempre cede o primeiro lugar, e a quem presta homenagem, imitando-o na tentativa de altear o nível da poesia portuguesa, acompanhando-o lealmente no empenho de conservar a nossa medida.

Mas dessa vez tentou o hendecassílabo e... atribuíu-o ao amigo.

E ainda em outra poesia, no *Epitalamio*

---

(1) Vid. *Poesias*, p. 772, v. 615. — A Cantiga *Perdido e desterrado*, entoada na Égloga *Jano* por Franco, não é de Miranda, mas sim homenagem que o amigo tributa ao amigo — já o estabeleci mais acima. O mesmo vale da que principia *Que mal avindos cuidados*, na *Egloga V*.

(2) *Novos Estudos*, p. 168 e 170.

pastoril (1), escrito em honra de D. Camila de Sá e Meneses, surge Ribeiro (2) com uma Canção petrarquesca (hendecassílabos misturados de septenários) sôbre os males de Amor, o qual novamente é tratado de *enemigo cruel* (3). Outro pastor dá-lhe a réplica, com louvores ao mesmo, em ritmo correspondente. E embora as variantes nem de longe sejam tantas como na primeira tentativa, o caso é o mesmo.

Não se trata de versos de Bernardim Ribeiro: mas a Ribeiro atribuem-se versos à maneira italiana.

•

Êsses factos e as alusões de Miranda às *Eglogas*, *zampoñas*, ou *flautas pastoris* de estranha parte, combinadas com a lenda da

---

(1) N.º 151. V. 205-321. — Nêsse trecho existe a referência a *quanto Ribeiro pudo en tañer, quanto en cantar.*

(2) Vid. v. 187, 213, 322, 335.

(3) A forma estrófica é a das *Canzoni* x e xi *In Vita di Madonna Laura,* com a diferença de as consoantes *b* e *c* serem agudas em português *(abc abccdecedff).* Quanto às ideas neo-platónicas, elas parecem-me inspiradas por Pietro Bembo.

paixão do bucolista pela Infanta D. Beatriz (proveniente, como já indiquei, porventura da positiva demora dêle na côrte de Sabóia, onde Inês Tavares Zagalo, a protectora da infância de Bernardim, residia na qualidade de ama da altiva e varonil filha de D. Manuel, neta dos reis católicos e cunhada do Imperador) levaram o apaixonado polígrafo Faria e Sousa a procurar em miscelâneas quinhentistas, além de textos que merecessem ser de Luís de Camões, outros que pelo estilo lembrassem a veia brandíssima do autor dos chorosos Diálogos pastoris de *Persio e Fauno, Silvestre e Amador*, *Agrestes e Ribeiro* (1).

E como para êle, como, valha a verdade, para todos nós, a verdadeira e mais fecunda novidade vinda da Itália era o hendecassílabo, e o Soneto e a Canção, etc., procurou e encontrou ou arquitectou a frio alguns fragmentos de poesias que pudessem passar por *ensaios* do metro novo. E meteu-os, aos bocados, nos Comentários às *Rimas* de Luís de Camões, apontando conceitos, em que o seu Poeta havia imitado

---

(1) Que Faria e Sousa era capaz de pias fraudes, está amplamente demonstrado.

ou mesmo plagiado o antigo *Egloguista*, a quem — afirma — chamava o seu *Enio* (1).

Fragmentos de uma Canção dedicada à Infanta D. Beatriz!

Vejamos alguns.

Na *Egloga V* de Luís de Camões (escrita em sua puerícia, segundo uma exagerada didascália antiga) há uma estância em que o namorado exclama:

> Torna, meu claro sol! torna, meu bem!
> Qual é o Josué que te detem?

---

(1) O culto de Camões por Bernardim é para mim uma das mais bonitas invenções de Faria e Sousa, se realmente fôr invenção. Eu acredito nêle porque tenho por autêntica, como o leitor sabe, a Carta em prosa descoberta por Xavier da Cunha e publicada no *Boletim das Bibliothecas e Archivos Nacionaes*, III (1904). Vid. p. 205 desta *Introdução*. — Mas o título clássico de *Enio* ¿onde e quando o aplicou o Poeta? O porquê, fácil é adivinhá-lo: por Bernardim ter tido a primazia em escrever Églogas. — Aos que se inclinam a dar fé ao engenhoso fabulador-mor, observarei que só foi no fim da vida (1645) e no quinto volume das *Rimas Comentadas* (p. 303 e 312) que êle contou o seu conto, e na 2.ª edição da *Fuente de Aganippe* (1644). No primeiro passo que descobri, Bernardim é ainda em geral *o Enio da literatura portuguesa* (I, 44, *nuestro Enio portuguès*), como Gil Vicente era *o nosso Plauto*.

Êsse mesmo conceito de sabor bíblico fazia parte, também em forma de pregunta, da tal Canção à Infanta. Afirmando-o, Faria e Sousa cita os seis versos seguintes:

Vós senhora que sois esta luz minha,
descuidada estareis onde vos estais
daquela grave dor que por vós tem
quem não tem mais que o ser que vós lhe dais?
Porque tardais, meu Sol? oh vinde asinha!
Qual é o Josué que vos detem? (1)

Na *Egloga VI* do autor dos *Lusíadas*, a dos *Satiros*, um dêles queixa-se da forma seguinte das Ninfas fugitivas:

Ah ninfas fugitivas
que só por não usar humanidade
os perigos dos matos não temeis,
¿para que sois esquivas?
Que inda de nós não peço piedade
mas dessas alvas carnes que ofendeis.
Ah ninfas! não vereis
que Euridice fugindo dessa sorte
fugiu do amante, e não da fera morte?
Tambem assi Eperie foi mordida
da vibora escondida.

---

(1) *Rimas*, v, p. 270. — Cfr. Juromenha, III, 399. — Braga, *B. Ribeiro e o Bucolismo*, p. 150. — Para o último é *Madrigal* ou *Balada* o que para Faria e Sousa é fragmento de Canção.

Olhai a serpe oculta na erva verde:
quem o rigor não perde, perde a vida (1).

Puro estilo clássico camoniano, com mitologias, e imitações de predecessores italianos. Mas o fabulista — autor de centenas de poesias no mesmo estilo, em geral bem feitas, embora sem originalidade — deriva êsse trecho da tal Canção de Bernardim à Infanta D. Beatriz, e comunica cinco ou sete fragmentos:

Porque foges, oh vida desdenhosa,
de quem te segue e ama e te deseja?
Vòlve esse rosto a mim tam desejado, etc.

Vê que o fugir mil males tem causado:
exemplo te dirão (2) do tempo antigos
quando (3) lhe são naturaes os perigos (!), etc.

Olha bem que fugindo
podes de uma má bicha ser mordida (4)
que estará entre as ervas escondida:
Euridice fugindo temerosa

---

(1) *Rimas*, v, p. 312: estância XVII.

(2) Talvez: *exemplos to dirão.*

(3) Proponho: *quanto.*

(4) Vid. Delfim Guimarães, Cap. x: *Bernardim Ribeiro e a Escola Italiana;* e em especial p. 112. — *Má bicha* por *víbora* parece hoje feio e ridículo. De resto, quanto à idea, trata-se de um lugar comum usadíssimo: modêlo vergiliano.

de Aristeo pastor, quando a seguia
de uma bicha mordida venenosa
foi no pé delicado, etc. (Vol. v, p. 312).

Não sabes que fugindo já Aretusa
foi numa fonte de agua convertida
c'o pastor que a seguia juntamente? etc.

Dafne fugindo
de Apolo foi tornada em loureiro, etc.

Siringa, indo fugindo ao Deus pastor,
em silvestre e vã cana foi mudada, etc. (1)

Outro trecho, muito mais poético, foi colhido pelo Visconde de Juromenha num dos três in-fólios inéditos dos *Comentarios* de Faria e Sousa, de que possuía um borrão (2). Mais poético, por ser tradução livre de Petrarca (3), êle diz:

Estando na suavidade do cantar
as aves, ceo e terra [e] tudo atento,

---

(1) *Rimas*, v, p. 320; estância 28 e 34 da Egl. VII.

(2) Eram os volumes com o comentário das *Eglogas* IX a XIV; *Redondilhas*, e *Comedias* que, apesar dos defeitos de Faria e Sousa, fazem grande falta. Não consegui saber onde êsses volumes ficariam no leilão do espólio literário do benemérito, embora pouco criterioso editor das *Obras* de Camões.

(3) Vid. Petrarca, *Canzone* XI: *Chiare, fresche e dolci acque.*

de uma nuvem de flor vos vi cuberta,
derramada de um fresco e manso vento.
Tomava na agua e terra seu lugar.
Ditosa a que cair [se] em vos acerta.
Entre si tinham elas gram referta
sobre qual aos cabelos ha de ir ter
por perolas sobre ouro parecer,
e as que nele[s] caiam
por certo o pareciam.
«Por aqui (disse então) anda o Amor
e com o vento das asas cae a flor» (1).

Ainda outro passo há em Faria e Sousa que êle atribui a Bernardim Ribeiro. Fingindo que a Infanta se convertera em cerva veloz que lhe fugia, o apaixonado português imitava a certo *Fileremo Fragoso*, autor de *La Cierva branca*, sôbre cuja existência e data não fui capaz de coordenar notícias. ¡E desta vez há mesmo um vocábulo italiano no meio do texto!

Mas surda, em pouco tendo
o que eu lhe ia dizendo,
a vi ante meus olhos na fugida
em *picoletta* cerva convertida.
Conforme a já tomada ligeireza

---

(1) Vid. Juromenha, III, 439; Braga, 151. — Transcrevo, como sempre, pontuando criteriosamente, e propondo emendas.

de vista em breve espaço a perdi
e o rasto todavia fui seguindo, etc. (1).

Veja o leitor se reconhece o autor da *Menina e Moça* nêsses fragmentos, que só Faria e Sousa viu! de que não apareceu vestígio algum em manuscritos que subsistam, ou foram vistos, antes do terramoto, por Barbosa Machado. — Eu, a-pesar-de julgar possível que Bernardim se ensaiasse no metro novo (sem resultado), *não* o reconheço.

*

Há todavia ainda mais textos *à maneira italiana* atribuídos a Bernardim Ribeiro — e tão perfeitos quanto ao ritmo e ao estilo, que Faria e Sousa os atribuíu ao Poeta, e que outros críticos os vindicaram para outros clássicos dos fins do século, cujas iniciais eram *B. R.*

A principal dessas obras problemáticas é a *Egloga de Ergasto, Delio, Laureno.* Impressa em 1623 na miscelânea de *Rimas de Estevam Rodrigues de Castro*, coleccionada e editada pelo filho do notável cate-

(1) *Rimas*, v, p. 248.

drático de Pisa, ela está encimada apenas das letras *D. B. R.* Achando-a digna da pena de Camões, o fanático Faria e Sousa atribuíu-a ao seu Poeta, declarando que sem nome de autor estava num manuscrito, em que a maior parte dos textos era de Luís de Camões (1).

Por causa das iniciais impressas em 1623, Barbosa Machado atribuíu a Égloga *Agora ja que o Tejo nos rodeia* (imprimindo por engano *Egestio Dalio e Laureno*) a Bernardim Ribeiro (2). Na opinião de outros *B. R.* significa *Bernardo Rodrigues*, se-

---

(1) A Égloga pertence ao número das que não entraram no Volume v das *Rimas* comentadas, sendo publicadas em 1772 por T. J. de Aquino, tais quais estavam no Vol. vi inédito de Faria e Sousa. — Cfr. Juromenha, iii, 452; Storck, iii, p. 137 e 438-440; T. Braga, *Bernardim Ribeiro e o Bucolismo*, p. 303, 343 e 359. — Outra Égloga intitulada *Ergasto* (xvi *Nas ribeiras do Tejo a uma area*), acolhida por Juromenha na sua edição (iii, 158), é indubitavelmente, segundo êle, do mesmo autor, escrita no mesmo local e no mesmo estilo como a de que se falou.

(2) *Bibl. Lus.*, i, 519. — A respeito do raríssimo volume de 1623 (Florença), reproduzido em parte por A. L. Caminha, como *Obras Ineditas* (1798), veja-se Gallardo, *Ensayo*, N.º 3.670.

gundo T. Braga introdutor da *Ballata* em Portugal, e íntimo amigo de Camões (1). *Bento Rombo de Carvalho* foi apontado por Delfim Guimarães como o verdadeiro autor a que *deve pertencer* a Égloga (2).

A atribuïção abrange em todos os três aspectos ainda outros versos contidos no volume de Florença: o Soneto *Não era mortal cousa o seu passeio* (3); e três *Ballatas* a *Violante* (4).

Lògicamente, devemos dizer: *De Autor incerto.*

Inteira como as composições de que acabo de tratar, existe uma *Canção*, epigrafada não-sòmente com as iniciais *D. B. R.*, mas com o nome explícito *De Bernardim Ri-*

---

(1) *Manual*, p. 303; *Historia de Camões*, p. 178 e 180; *Vida de Camões*, I, 363 e seg.

(2) Vid. Cap. X: *Bernardim Ribeiro e a Escola Italiana*, p. 111.

(3) Vid. T. Braga, p. 165. — Atribuir a Bernardim o Soneto de Camões *Quantas vezes do fuso se esquecia* — ¡por causa dos versos que lembram Cristovam Falcão! — é esquecer quantos poetas imitaram o dito de Ovídio *et colus et fusus digitis cecidere remissis.*

(4) *Violante, a rede foram teus cabelos. — Violante, sejas tu imiga minha. — Violante, bem sei eu que me ameaça.* — Vid. T. Braga, p. 303.

beiro, nas *Flores Varias* que constituem o *Cancioneiro Fernando Tomas* (1). E essa, vaga e misteriosa, que principia *Esconde, Diana bela, os raios belos*, está escrita em estâncias de *leixaprem*, como o cantar *amebeo* de Antão e João no *Alexo* de Sá de Miranda, e uma das *Cantigas* do *Cancioneirito*.

Delfim Guimarães, cuja bela fantasia de poeta é expedita em interpretações, supõe que foi o escrevente do *Cancioneiro* que, ao trasladar uma poesia assinada no modêlo apenas *D. B. R.* (como o *Ergasto* do *Cancioneiro Rodrigues de Castro*), interpretou e assentou afoitamente *De Bernardim Ribeiro* (2).

Conjectura contra conjectura, talvez a que vou apresentar, tenha mais direito a ser aplaudida.

Pelo *Cancioneiro de Evora* sabemos que no último quartel do século houve um Bernardim Ribeiro — o Capitão B. R. Pacheco — que poetava, e cuja biografia actuou na inexacta que Barbosa Machado nos deu do grande Bucolista.

---

(1) Vid. C. M. de Vasconcelos, *Estudos Camonianos. I. O Cancioneiro Fernandes Tomás*, Coimbra 1921, p. 5–17, 116 e 129.

(2) Vid. p. 15 do meu estudo.

Nos sessenta anos de decadência, em que as falsificações e as fábulas literárias floresceram, a homonímia (tão enfadonha e perturbante em infinitos casos) pode ter levado aquele coevo de Faria e Sousa, seguramente conhecedor da lenda sôbre os amores do Bucolista, a construir *Canções à Infanta D. Beatriz*, num estilo que pudesse passar como de *Ensaios no metro novo* do poeta que estivera na Itália. Assinando-as *De Bernardim Ribeiro* não mentia.

Os hendecassílabos que possuímos e de que tratei nêste Capítulo, não são todavia a meu ver, êsses *Ensaios*, que o próprio, descontente, anularia. Uma Canção, evidentemente apócrifa, sôbre a paixão de Jorge da Silva pela Infanta D. Maria, existe no Museu Britânico (1), e está feita no género e espírito da de Bernardim Ribeiro: *Esconde, Diana bela, os raios belos.* Inferior a ela, e a todos os fragmentos publicados por Faria e Sousa, é, ainda assim, um paralelo, que fala a favor da minha hipótese.

---

(1) *De Jorge da Silva à Infanta D. Maria quando a namorava.*

XVI

ANAGRAMAS E A SUA INTERPRETAÇÃO

É COSTUME designar Bernardim Ribeiro como primeiro autor português que se serviu de anagramas para, modificando nomes-próprios comuns, mascarar, em obras de fantasia e arte, pessoas da vida real que lhe haviam servido de modêlo, e dar ao mesmo tempo novidade e sonoridade a formas lingüísticas vulgarizadas.

Principalmente alterou o seu nome individual, transformando-o em *Narbindel* e *Bimnarder*; e o da menina e moça que amou, passando-o de *Ioana* a *Aonia*, mas também o de outras donas e donzelas que o inspiraram e de amigos íntimos como *Francisco de Sá de Miranda*, mudado em *Franco de Sandovir* (1). Mas, como nas obras ribeirescas haja, a-par dêstes verdadeiros anagramas, perfeitos e imperfeitos, outros nomes-

(1) *Sandemir* seria mais regular; e *v* por *m* talvez seja mero lapso, de leitura ou imprensa.

-próprios significativos, mas sem relação exterior com o nome e apelido do poeta, de cuja psique há reflexos em tôdas as figuras — p. ex. em *Silvestre*, *Amador*, *Agrestes*, *Fauno* — muitos críticos consideram também êsses como pseudónimos dêle (1).

Costume é igualmente indicar como fonte em que Bernardim Ribeiro haurira a idea de enflorar com nomes poéticos o onomástico pastoril e novelesco, a *Qabbala* dos Judeus, ou seja a Parte II dessas especulações teosóficas medievais, chamada *Themura* (isto é: *Alteração* ou *Transposição*), em que se trata realmente da arte ou sciência, para não dizer artimanha, de descobrir nos elementos constitutivos de vocábulos hebraicos, significados ocultos, misteriosos, proféticos, agourentos, e nêsses um comentário exotérico dos textos do *Velho Testamento* (2).

---

(1) As sentenças que *Nomes servem apenas para o diálogo*, e *A pessoa criadora é sempre uma só* — claro que não se podem aplicar senão *cum grano salis* a obras dramatizadas.

(2) Quem quiser inteirar-se de como os místicos judaicos, baseados na doutrina neo-platónica da Emanação, idearam as suas lucubrações, consulte as obras seguintes: Frank, *Die Kabbala,* Leipzig

*

Ambas as afirmações, repetidíssimas, contêm um fundo de verdade, pôsto que requeiram ampliação e rectificação histórico-literária.

Falar de tendências *cabalísticas* de contemporâneos do poeta — p. ex. de Crìstobal Colon — é justo, porque há realmente segredos e mistérios — *Geheim-kunst* e *Geheim-lehre* — não-sòmente nas complicadas firmas do descobridor da América (1), mas em todos

---

1844; Jellinek, *Beiträge zur Geschichte* der *Kabbala*, 1851–1852; L. Geiger, *Die Kabbalistische Kunst des Pico de la Mirandola*, 1891. Em português há o *Tratado da sciencia cabala* ou *Noticias da arte cabalistica* de D. Francisco Manuel de Melo.

(1) Quanto ao nome, à pátria e à firma de Cristobal Colon, tido em geral em conta de Genovês, porque assim o dissera, há investigações recentes, dignas de estudo, de Espanhóis que julgam fôra de Pontevedra. E são: Celso Garcia de la Riega, *Colon Español* (1914); Rafael Calzada, *La Patria de Colon* (Buenos Aires 1920). — Com relação à firma parece-me definitivo o belamente conciso artigo que o Bispo de Tuy D. Manuel Lago Gonzalez publicou no *Boletin de la Real Academia Gallega*, N.º 151 (1923). — Na tentativa de a explicar, feita por Patrocínio

os escritos dêle, mesmo nas indicações sôbre a sua pátria e sucessos da sua vida.

Não há todavia motivos especiais para aplicarmos o título, algo pomposo, ao saber de Bernardim Ribeiro e posteriores bucolistas. Para tal não basta ter sido um psicopata de vida inditosa, perturbada por uma violenta paixão amorosa, cujos pormenores desconhecemos, a-pesar-de tôdas as investigações, em parte felizes. Nem basta o seu estilo vago e indeterminado, e o facto de como introdutor do gôsto pastoril haver velado o seu nome comum, levemente, numa Novela autobiográfica, e em Églogas que, segundo a regra, contêm também elementos pessoais e alusões a pessoas e ocorrências reais.

Algumas obras poéticas dêle saíram, emquanto vivia, com o seu nome civil: em 1516 no *Cancioneiro Geral*, e entre 1536 e 1546 em fôlha-volante. Não havia portanto nêle o propósito de se esconder como poeta.

De mais a mais, embora na introdução de

Ribeiro em *O Caracter Misterioso de Colombo e o problema da sua nacionalidade*, não me satisfazem as últimas páginas, como francamente lhe dei a conhecer.

jogos de letras, em *prosas* portuguesas de imaginação, imitadas de Sannazzaro, Bernardim fôsse efectivamente iniciador, bastantes versificadores, nacionais e estrangeiros, já se haviam servido de anagramas ou hipérteses, palíndromos, acrósticos, logogrifos e labirintos, antes de Bernardim haver completado e aperfeiçoado os seus estudos literários na Itália — de sorte que não havia necessidade nem vantagem em êle recorrer novamente à *Qabbala*. Nem mesmo em estudar as obras dos filósofos místicos do Renascimento: Marsílio Ficino e Pico de la Mirandola (da Academia platónica de Florença) e Pedro Pomponazzo, os quais de facto se haviam internado na *Cabala* dos Israelitas, como na Alemanha Agrippa von Nettesheim, e Paracelso, e Reuchlin, o verdadeiro fundador dos estudos hebraicos (1).

Bastava-lhe a êle, e aos outros, conhecer alguns dos exemplos a que a Igreja Católica havia dado expansão na pasilíngua latina em tôdas as terras cristãs; e os que diversos Renascentes haviam inventado na Itália.

---

(1) Os *Rudimenta hebraica* saíram em 1506.

Por exemplo o palíndromo *Eva-Ave*; a abreviatura *INRI* em vez de *Iesus Nazarenus Rex Iudæorum*; a explicação do simbólico peixe do Cristianismo — ἰχθυς — por *Iesous Christos Theov Hyios Soter*; a interpretação anagramática de frases como *¿Quid est veritas?* por *Est vir qui adesl*; ou *Paulus Apostolus* por *Tu saluas populorum*; ou então, no campo profano, gracejos como *Tiberio Claudio Nero* lido *Biberio Caldio Mero* (1). Um letrado português como êle, que depois de 1500 freqüentara a

---

(1) Èsses, e numerosos outros brincos anagramáticos engenhosos, encontra-os o amador no *Larousse* grande. — P. ex.: *Voltaire = O alte vir*. — *Révolution française = Un Corse la finira*, mas também *La France veut son roi*. — Volumes de conjunto são a *Anagrammatopeia* do rei dos tipógrafos João Froben (1460–1527) e um tratado de Wheatley, *On Anagrams* (Lond. 1852), de cuja leitura sempre se tirará mais alguma cousa do que a convicção que *tous ces renverseurs de noms ont la cervelle renversée*. — No *Bernardim Ribeiro* de T. Braga, tanto no de 1872 como no de 1897, há informações, resumidas naturalmente, mesmo sôbre o Lycophon, coevo de Theócrito, que introduziu o anagrama na côrte dos Ptolomeus. — Mas não há lá — salvo êrro — *El qu'amo és* por *El Camões*, inventado por um Castelhano.

Universidade de Lisboa, mal podia ignorá-los. E na Itália se familiarizou sem dúvida directamente com a *Arcadia* de Sannazzaro, antes que na península os que acenderam o novo lume, se servissem de criptónimos como *Salicio* e *Nemoroso*.

Pode ser também que o Português, formado em direito, visitasse Bolonha, e adquirisse lá as *Eglogas* de Ermígio Caiado, dedicadas a el-Rei D. Manuel; ou mesmo já as lesse em Lisboa (1) — estando informado portanto do facto de três alunos dêle — Tristão, Luís e Álvaro, filhos do Chanceler-mor o Dr. João Teixeira — figurarem, metamorfoseados em *Thyrsis*, *Lygdamus* e *Alphesibeus* na *Egloga VI*, a dos *Irmãos* ou *Adelphos* (2).

Por intervenção do mesmo, ou de algum camarada (como João Rodrigues de Sá de Meneses, o velho pai das Musas), estaria mesmo relacionado com o mais fecundo dos primitivos cultores italianos da *Egloga recitativa*, aquele António Tebal-

(1) Vid. *Corpus Illustrium Poetarum Lusitanorum*, Vol. I. — *Ermigio* é anagrama livre de *Emrique*.

(2) *Ib.*, p. 97. — Cfr. Cerejeira, *Clenardo*, II.

deo (1) que foi imitado por Juan del Enzina (2).

Certo é, em todo o caso, que lera no *Cancioneiro* português a pobre Cantiga de Álvaro de Brito, escrita em nome do Príncipe D. Afonso quando em 1490 esperava pela noivita — cantiga que principiando com as letras *sym-pecar* balbuciava ao mesmo tempo *sub rosa* e com recato a alocução *prymcesa* (3)! — Igualmente não ignorava o *Moto* de Duarte da Gama, feito das letras do nome de uma senhora (4). Nem o de Diogo Brandão, em que à maneira de Acróstico se diz o nome por quem o fez (5). Nem

(1) As poesias dêsse Tebaldeo, de Ferrara (1463–1537) tinham saído em 1499. Quanto a relações dêle com E. Caiado, veja-se *Corpus*, I, 225 e 232.

(2) Vid. J. P. Wickersham Crawford, *The source of Juan del Encina's Egloga de Fileno y Zambardo* — em *Revue Hispanique* (1914). — Um exame cuidadoso das Églogas dêsse Tebaldeo, reimpressas no Vol. XVI do *Parnaso Italiano* (Veneza 1785), talvez leve a resultados dignos de interêsse. — Vid. E. G. Gardner, *Dukes and Poets in Ferrara* (New-York 1919).

(3) Fl. 31[b].

(4) Fl. 133[f]. Ainda não sei qual seja o nome que se esconde no *Mote Na vyda mal e temor*. Talvez *Dona Vyolamte (?)*.

(5) Fl. 93[c]. Outra *Dona Vyolamte*.

tão-pouco aquelas *Trovas* a Fernando o Católico, em que os vocábulos todos das oito parcelas começam sucessivamente com *F-e-r-n-a-n-d-o* e as imediatas à Raínha D. Isabel com *E-l-i-s-a-b-e-t* (1).

Com essas, por-certo incompletas, lembranças, fica provado que a *Menina e Moça* não foi o primeiro livro, em que no país se brincou com letras de nomes-próprios, e do outro lado que só indirectamente podemos reconduzir à *Qabbala* os processos nela e nas *Eglogas* empregados. Ainda assim estou convencida de que Bernardim tinha a consciência e se orgulhava de ser o primeiro autor que na ocidental praia lusitana metia anagramas em prosa de arte, ligando-lhes sentido profundo e profético.

Se não fôsse assim, êle não acompanhava o principal anagrama do Conto, relativo a *Bernaldim Bernardim*, da extensa explicação que lhe deu, inventando a sabida anedota do mateiro.

Tendo-se queimado a roupa (ao cortar (?) lenha) (2) à rústica figura que só nessa passagem, e exclusivamente para o fim indi-

---

(1) Fl. 28[d] e [e].

(2) Ao *queimar* lenha, penso eu.

cado, surge na narrativa (1), pregunta-lhe lacònicamente outro do ofício: *¿Queimado?* e êle responde na sua fala galega: *Bim-narder* (2), articulando *B* por *V* (3). Em vez de dizer simplesmente: Sim, senhor, queimei-me. E o protagonista da Novela, que é retrato do autor — cavaleiro que viera de longes terras buscar a aventura da ponte, chegando no momento fatídico em que *Aonia, a mais fremosa rem do mundo*, pranteava a sua irmã *Belisa* — cavaleiro cujo nome ainda não fôra enunciado, segundo o sistema do autor (4), mas que numa epi-

(1) Fl. XXIX da edição de Ferrara. Cap. XIV da portuguesa de 1557.

(2) *Bimarder*, defeituosamente nas impressões de 1554 e 1559. *Bimnarder* na de Évora e reproduções de 1645, 1785, etc. — No original *Bĩnarder*, suponho eu, visto que tanto *Bernaldim* (*C. G.*, fl. 192c) como Bernardim (*ib.*, fl. 211c) se compõe de nove fonemas, sendo nasais uns dois, um transcrito com *m* ou til, e *n* e outro — caso em que sempre foi lícito, mas não obrigatório, empregá-lo uma só vez. — Vid. ed. Pessanha, p. 121.

(3) Assim está a fl. XXX. No texto de 1557 há todavia o acrescento: *e* R *por* M, ao qual não encontro sentido. — D. José Pessanha imprimiu R *por* N, o que não melhora o caso. R por L serve, se partimos da forma *Bernaldim*, ou *Narbindel*.

(4) Na *Menina e Moça* as figuras surgem sem

grafe da edição de Évora é *Narbindel* (1) — a êsse cavaleiro pareceu-lhe mistério, cheio de significado simbólico — *porque ele era aquele que tambem se fôra arder!* Nas chamas da paixão fulminante por *Aonia*. E quis-se chamar *assi de ali avante: Bimnarder* (2).

Muda de nome portanto. Mas como outrora um adivinhador lhe prognosticara que seria para sempre triste, caso *mudasse* de vida e de nome, resolve *transpor* apenas mas não *substituir* por outras as letras do seu nome (3), no pressuposto de com essa maçonaria infantil (4) enganar os fados.

---

nome: apenas como *dona velha* a que principia a contar a *Historia dos dois amigos*; a *donzela* que ouve o conto (Cap. 1-4); o *cavaleiro da ponte* (Cap. 5 e 6); a irmã do cavaleiro da ponte (7 e 8). E quando o autor se resolve a comunicar nomes, diz entre parênteses *que assim se chamava*. É o que acontece com *Lamentor, Belisa, Aonia*.

(1) Cap. 10.

(2) *Queimado* fôra a alcunha de um trovador que nas suas Cantigas morria constantemente de amor. — Vid. *Canc. Ajud.*, II, 350.

(3) Fl. XXX: «cuidou de *trocar* as letras do seu nome de maneira que assi nam no *mudara*, nem atentara os fados».

(4) *Infantil* — sem limite de idade. Quando eu era

Note-se que evitando estrangeirismos, simplesmente à portuguesa, chama ao processo *troca de letras*, tomando o têrmo *troca* na acepção de *muda*, *transposição*, *translocação*, *transferência*. Nem *anagrama!* Nem *crisma falso!*

E aplicando tal troca fica sendo *Bimnarder* como apaixonado de *Aonia* (1), sendo *Narbindel* (2) (e às vezes *Narbinder*) (3) como ex-amador de *Cruelsia*, aquela senhora que o mandara experimentar a aventura da ponte *e que lhe queria bem a ele, mas ele a ela devia lhe mais do que lhe queria.*

Os restantes anagramas, contidos na Novela, vão naturalmente sem comentários.

---

menina e moça, em 1864, grassava na nossa escola a moda de brincarmos de muitas maneiras com a língua materna e os nossos nomes, procurando nêles prognósticos gloriosos ou fúnebres. Anagramatizações pela espécie *Crisfal* serviram p. ex. para apelidarmos *Carbeck* ao mais querido dos nossos professores: Karl Goldbeck.

(1) *Bimnarder.*

(2) *Narbindel* na epígrafe do Cap. 10; e na *Parte II* no Cap. 26, e 41–48, em que figura o amigo *Tasbião.*

(3) *Narbinder* sòmente na *Parte II* nos Cap. 30 e 31.

Tanto os regulares como *Avalor* e *Armia*, *Belisa* e *Aonia*, *Enis*, *Cruelsia*, como os irregulares *Lamentor* (1), *Fileno* (2), *Aquelisia* (3).

Nas Églogas encontram-se, a-par de nomes-próprios anagramatizados como *Jano (Joan)*, outros significativos, conforme já disse: *Ribeiro* e *Ribeira*, *Fauno*, *Silvestre*, *Amador*, *Agrestes*, *Celia*, *Dina*, mas também diversos *comuns*, como *Caterina*, *Joana*.

Nem um só é de forma extravagante ou de sentido esdrúxulo, misterioso ou alegórico como seria *Crisfal*, se realmente tivesse alguma das acepções que Delfim Guima-

---

(1) Segundo T. Braga *Cruelsia* seria Lucrécia Gonçalves, da família de Ribafria, a respeito da qual o curioso deve consultar a admirável obra de Braamcamp Freire relativa aos *Brasões de Sintra* (1, p. 498 da 2.ª ed.). Se realmente a proposição citada se referia a uma pessoa viva, é preciso confessar que era de notável falta de discreção.

(2) O anagrama *Almeno*, correctamente tirado de *Manoel*, é de uma Égloga de Luís de Camões.

(3) ¿*Fileno* por *Felino*, na acepção de *Gato*? *(Orphileno* na *Parte II)*. Também a introdução dessa figura seria estranhável, se realmente *Aonia* (Joana Tavares) estava ou estivera casada com Pêro Gato. — Em Juan del Encina há *Fileno*; *Phylenio* em A. Tebaldeo.

rães, Sílvio de Almeida, Lindolfo Gomes, Patrocínio Ribeiro lhe querem atribuir e designasse a Bernardim. CRIS*ma* FAL*so!* — CRIS*t*AL! — FAL*to de oiro!* — *Cicrano* FAL*a!* etc. etc., como depois direi.

Mesmo do feitio dêsse nome pastoril, considerado como abreviatura de *Cristovam Falcão* — i. é: composto das sílabas iniciais de um nome e apelido — não há exemplo algum na *Menina* e nas cinco Églogas.

Todos os que citei (ou deixei de citar) são enigmas, fáceis de solucionar quanto à *matéria:* meras transposições de letras ou sílabas. E relativamente pouco numerosos (1).

---

(1) Na *Segunda Parte* — apócrifa do Cap. 16 em diante — há um número mais considerável de figuras com nomes anagramáticos. Simples como *Tasbião, Lamberteu, Donanfer, Romabisa, Godivo, Zicelia,* ou arbitràriamente formados como *Olania, Loribaina, Fartasia, Florbando, Jenao.*

De várias espécies de *jogos de letras* que posteriormente entraram nas literaturas não me é lícito ocupar-me no texto. Apenas direi em Nota que na Introdução ao utilíssimo embora incompleto *Diccionario de Pseudonimos* de M. A. da Fonseca ficava bem um Excurso sôbre Criptónimos de estrangeiros notáveis como *François Rabelais* = *Alcofribas Naşier; De Maillet,* o predecessor de Lamarck e Darwin,

*

Problema dificílimo é, pelo contrário, descobrir quais pessoalidades das que figuram

---

que se assinava *Telliame;* o espanhol *Timoneda = Diamonte;* os ingleses *Golde = Lodge (Fig por Momus* 1595); *Donroy = Roydon.* Debalde procurei também alguns nacionais como *Numa Mascelino de Molfordes* (Francisco Manuel de Melo). Falta um parágrafo acêrca da espécie em que apenas uma sílaba lembra o verdadeiro nome do autor: *Corildo = Correia; Arciolo = Ercilla; Artemidoro = Artieda; Arbelo = Abreu; Albânio, o Duque de Alba; Sessénio, o de Sesa.* Outro sôbre pastores caracterizados apenas quanto à nacionalidade, como *Lusitano* por *Montemor; Vandálio* por *Cetina;* ou quanto aos rios a cujas margens cantaram: p. ex. *Limiano* por Bernardes, o cantor do Lima; *o do Neiva* por Sá de Miranda.

Também não ficava mal uma nota sôbre os processos modernos de reduzir cinco palavras a cinco letras, como em *Hapag* por *Hamburg-Amerika-Paketfahrts-Aktien-Gesellschaft;* ou de *couper la queue* a vocábulos um tanto extensos, dizendo *géné* por *génération; enthouse* por *enthousiasme; Doc-Blan* por *Docteur Blanche; Gab de Toil* por *Gabinet de toilette; Cop* por *Coppée*; *Lo* por *Lotti,* etc., etc.

E a respeito da época em que sociedades secretas tinham por Schiboleth p. ex. o nome *Verdi* para significar *V*ittorio *E*mmanuele *R*è *D*e *I*talia; a tendência

nas obras de imaginação de Bernardim Ribeiro e nas de Sá de Miranda, Cristovam Falcão, Nunes de Reinoso, e o desconhecido autor da Égloga *Erbrandino* (1), são realmente retratos, mais ou menos fiéis, de entidades da vida real (2) — Identificá-las.

As razões são óbvias. Duas, a meu ver. Em primeiro lugar: nenhuma obra *de arte* — inclusive as pastoris — é mera reprodução da realidade, porque essa, sempre

---

instintiva com que a bôca infantil transforma *Maria* em *Mia; Rodrigo* em *Roy* (hoje *Ruy*); *José* em *Sé* e *Manuel* em *Nel*, conservando apenas a vogal tónica e a consoante inicial. Os anagramas dos Portugueses da Escola italiana, e muitas outras maneiras de *trocar* letras merecem também atenção. Páro todavia aqui para não enfadar.

(1) Esta terceira ou quarta forma anagramática de *Bernardim* encontra-se numa Égloga inédita, que um jovem erudito descobriu na Biblioteca do Pôrto e conta publicar. — Se não me repugnasse antecipar-me aos resultados que, certamente, já colheu, eu lançaria a hipótese de ela ser obra de um dos pastores da Arcádia de Entre Douro e Minho que se haviam agrupado em Cabeceiras de Basto em volta de Ribeiro e Sá de Miranda.

(2) Assentando o mesmo parecer numa Anotação já remeti mais acima o amigo leitor a escritos em que tratei do mesmo assunto: *Sá de Miranda*, e os *Novos Estudos sobre Sá de Miranda*, p. 146 e 166.

incoerente e cheia de incidentes perturbadores, exige para sair lógica e estética que quem a descreve omita, idealizando, o inútil; aproxime o distanciado, preencha lacunas, nivele contradições, e mire como conjunto, com princípio, meio e fim, o que na realidade está *in-terminado.*

Mesmo nas típicas *Confissões* ou *Máguas de Werther,* em que o jovem Goethe teve a audácia de deixar inalterado o nome da amada Lotte — tal qual Cristovam Falcão na Égloga *Crisfal* o de *Maria* — o desenlace trágico é da vida de Karl Wilhelm Jerusalém.

Em tôdas há um amálgama de ficções e realidades, que são reminiscências, transformadas todavia pela faculdade criadora concedida à divina fantasia dos poetas *(prose-poets* ou *verse-poets).* E nessas, em que avultam sempre *nomes,* que são lembranças, é que está a alma e vida das Novelas, como T. Braga sempre acentuou, com intuïção clara. Na *Menina e Moça* e no *Crisfal,* mais do que em outro qualquer livro da literatura portuguesa. Sobretudo no *Crisfal* que, simples embora, é realmente obra de arte, ligeiramente dramática, em que a pessoalidade do autor e a sua própria expe-

riência quanto a amores e tristezas, se manifesta de modo inconfundível. Compreendo bem o desejo dos interessados de, por meio de investigações através de *Histórias*, *Memórias*, *Livros de Gerações*, *Documentos*, descobrir os modelos visados, e achar notícia, sucinta embora, das ocorrências românticas das vidas dêles.

Mas em segundo lugar acho arrojada e quási irrealizável a efectivação do desejo.

O que já foi dito pelo melhor conhecedor da Gente dos *Brasões de Sintra*, a Gente do *Cancioneiro* e dos *Autos* de Gil Vicente («em muitos casos idêntica») (1), repito-o convicta: «muito poucos entre nós estão habilitados, em virtude do número restrito dos documentos e memórias publicadas, a distinguir nas obras de imaginação dos nossos autores do século XVI a verdade da ficção, a afastar as personagens fabulosas e a reconhecer e identificar as reais; muito poucos portanto estarão habilitados a acertar a maior parte das vezes — porque sempre será possível.

(1) Braamcamp Freire, *Atlantida*, I, p. 356, no estudo sôbre *Maria Brandão* ou *Brandoa*, a que me refiro no Capítulo final.

*

Para comprovar a variabilidade das interpretações ideadas até hoje a respeito da inspiradora de Bernardim Ribeiro, darei a lista das que sucessivamente foram propostas, e aceitas, por intérpretes que também viram o retrato de Bernardim, não sòmente em *Narbindel* e *Bimnarder* e *Ribeiro*, mas também em *Jano* e *Amador*; e no *Alexo* e *Andres* e *Gil* e *Gonçalo* de Sá de Miranda (1).

Encontrá-la entre as rainhas, princesas e infantas do tempo, ou pelo menos entre as nobres aparentadas com D. Manuel, eis a ambição dos que, persuadidos de que cada poeta deve ter altos os pensamentos, a procuraram com afan — sem se importarem com a enorme superioridade hierárquica das que apontavam, nem com diferenças de idade.

D. Beatriz, a filha segunda do *Venturoso*, nascida quando o poeta, vindo do Torrão,

---

(1) Tirando-se aos *anagramas* o aliás diminuto valor biográfico ou autobiográfico, contido nas suas letras, ficam abertas as portas a tôdas as arbitrariedades.

se namorou, contando vinte e um anos, foi a primeira, escolhida afoitamente, a princípios do século XVII, pelo erudito e activo fabulador-mór Manuel de Faria e Sousa, com certeza porque a tradição literária e genealógica, assente em livros de apontamentos e linhagens, relacionava o nome Bernardim Ribeiro com o da Duquesa de Sabóia — não sem razão, visto que a *ama* que acompanhara D. Beatriz — Inês Álvares de nome, fôra parenta, madrinha e protectora do poeta. Por isso mesmo foi dado fé à tradição pelo Abade de Sever, e no século passado por Herculano e Almeida-Garrett (1).

Reconhecendo quanto havia de improvável nessa hipótese, A. de Varnhagen construíu a muito mais improvável (2) de a loira dos cabelos ondados ter sido Juana la Loca (1479-1554), viúva desde 1506 de Felipe o *Fermoso*, de cujo cadáver não se queria separar, mãe de Carlos V, o Imperador Fernando I, e nossa vistosíssima Rainha

---

(1) Veja-se a exposição sucinta de D. José Pessanha, p. XXXII–XLVIII.

(2) *Da Litteratura dos Livros de Cavallarias*, Cap. IX.

D. Catarina — também loira de cabelos ondados — a-pesar de aquela ter vivido sempre reclusa e doente em Tordesillas (1).

Já nos nossos dias houve um neo-romântico que substituíu D. Beatriz de Sabóia e Juana la Loca pela *Infanta D. Maria*, a última filha de D. Manuel (1521-1577), a instruída dama que, segundo outros, inflamara Jorge da Silva e Luís de Camões (2).

Antes dessa conjectura T. Braga vira, nas suas primeiras investidas aos misteriosos e cabalísticos anagramas da *Menina e Moça* e das cinco Églogas, em *Aonia* e *Joana — uma de sangue real que se criou em Castela* — a orgulhosa D. Joana de Vilhena que el-rei D. Manuel casou com o Conde de Vimioso.

---

(1) De D. Catarina (e sua mãe) se ocupou há pouco proficientemente, no acto de ser recebido na Real Academia de la Historia, D. Felix de Llanos y Torriglia — Madrid 1923.

(2) Quanto ao autor dos *Lusíadas*, veja-se J. M. Rodrigues, *Camões e a Infanta D. Maria* (1910); quanto a Bernardim Ribeiro, Patrocínio Ribeiro, *O autor oculto do Chrisfal*, em *Atlantida*, II, N.os 21 a 23. A p. 713 ouvimos que o autor do *Crisfal* não fala de si! Refere-se a Jorge da Silva! E... é Luís de Camões! Se não me custasse ferir sensibilidades eu repetiria o horaciano *Risum teneatis, amici.*

Mas desde que apareceram os documentos, em parte judiciais, por que hoje nos governamos, êle pensa e todos nós pensamos em *Joana Tavares*, filha daquela Inês, *ama* da Infanta D. Beatriz de Sabóia, e parenta, madrinha e protectora de Bernardim Ribeiro. ¿Com que direito? Porque a essa, como prima dêle (e mãe de uma suposta filhinha que, se realmente existiu, não procriou herdeiros), se alude no documento principal de 1642. E a ela se refere a própria *ama*, em Carta a D. João III (de 1522), como à filha que muito doente deixara num mosteiro (de Estremoz onde ela estivera casada) — de sorte que há probabilidade que essa desgraçada fôsse a *Aonia* da Novela e a *Joana* da *Egloga* (3).

---

(1) Vid. *Bernardim Ribeiro e os Bucolistas*, p. 64, 85 e 92.

(2) Lisboa 1895: *Bernardim Ribeiro a uma nova luz historica*, do Visconde Sanches de Baena — com prefácio de T. Braga. — Sei perfeitamente que Braamcamp Freire demonstrou a fértil inventiva dêsse linhagista do século XIX — em cuja veracidade me fiei em 1896 — quanto a Gil Vicente.

(3) Só probabilidade, porque o trecho da Carta é vago e insuficiente. Ficamos a desconhecer os motivos da doença e da reclusão, e também o nome da

Almas impressionáveis como a de Bernardim Ribeiro — e outrora a de Dante — inclinam-se cedo, em regra, perante o eterno feminino, apaixonando-se pela primeira criatura angélica

benignamente d'umiltà vestuta

que encontram no caminho da vida. E com a tal filha de Inês Tavares, nascida, salvo êrro, antes de 1503, é provável que êle tenha convivido ìntimamente em Lisboa e Sintra.

*

D. Beatriz de Sabóia, Juana la Loca, a Infanta D. Maria, D. Joana de Vilhena, Joana Tavares.

À vista de tantas e tais hesitações, compreende-se e aplaude-se a exigência de documentação, proclamada sempre de novo e sempre de novo praticada pelo insigne historiador a cuja memória se dedica êste ensaio; compreende-se e aplaude-se também a sua repugnância pelos voos interpretan-

---

doente. Mas quanto a Bernardim Ribeiro os documentos aproveitados por T. Braga ainda não foram invalidados.

tes da fantasia dos poetas — *la folle du logis*.

Quanto mais exacta e positiva ela fôr, tanto melhor, evidentemente. E muito se tem conseguido pela sua actividade investigadora — infelizmente não a respeito de Bernardim, mas sim quanto a Cristovam Falcão e Maria Brandão.

Ainda assim, nem tudo foi e poderá ser provado *documentalmente*. Pormenores e particularidades da vida íntima de pessoas sem grande renome histórico, só e mal e concisamente aparecem apontados em *Nobiliários*, *Memórias* ou *Colecções de anedotas*, ou em *Cartas particulares*. E nessa conta entram casamentos clandestinos declarados não-válidos, por os contraentes não terem havido a idade canónica; sequestração temporária de meninas casadoiras (1); cárcere privado ou prisão no Limoeiro ou no castelo de Lisboa de moços ou cavaleiros fidalgos; desterros à Madeira ou aos Açores ou à Ilha do Principe (2), factos de que

---

(1) A respeito de uma dama do paço *presa* durante oito meses num mosteiro veja-se o *Cancioneiro*, III, 410; *Rev. Lus*, X, 294; e *Canc.*, III, 576.

(2) De tudo isso, e das máculas de sangue judaico,

muita vez sabemos apenas por haverem inspirado versos a Quinhentistas.

Por isso mesmo só a combinação criteriosa da documentação de factos importantes com a casual menção de incidentes, e com traços que, colhidos na vida e actualidade, ou na tradição, foram fixados em obras de arte, poderá conduzir a resultados aceitáveis, quanto à vida de Bernardim, Cristovam Falcão, Luís de Camões e seus amigos. Completas, e superiores a tôdas as dúvidas, nunca ou raramente. Quem comenta as obras dêles e os *casos* a que aludem, mal se poderá livrar de argumentos subjectivos, suposições, conjecturas, inferências.

Nem mesmo estando armado *de pied en cap* como Braamcamp-Freire. Quanto a

---

mouro, índio, prêto que entrasse no azul das famílias nobres há exemplos no *Nobiliario* atribuído a Góis, de que tratei no § 19. — ¿Prisões de poetas? Sem falar de Cervantes e Camões, de Garcilaso e Mendoza, de Sílvio Péllico e D. Francisco Manuel de Melo — lembro Duarte de Brito (*Canc.*, I, 359), o J. Lopes Leitão preso em casa, ao qual seu amigo Luís de Camões dirigiu o Soneto 134, e Jorge da Silva que, segundo as aparências, realmente se atrevera a incomodar a Infanta D. Maria.

êsse ponto vou com T. Braga, que de resto exagera, atribuindo ao historiador a idea de tôda e qualquer procura de elementos pessoais em obras de fantasia ser errónea. Tão longe não vai. Sabendo perfeitamente que os há nas Éclogas dos Antigos — como Vergílio — e segundo as teorias dos Renascentes os deve haver em obras bucólicas, só não concorda com o processo excessivo de à fôrça os querermos encontrar em tôdas as minúcias. Na prática, creio que todavia pela sua vez se excede no empenho de documentar tudo.

Pelos factos a que em nota acabo de me referir e por estar em harmonia com os costumes da época, acredito no suposto recolhimento passageiro de Maria Brandão quando, órfã de pai e mãe, foi entregue (1) à tutela da avó, receosa porventura de não poder carregar com a responsabilidade de a educar e guardar, bela e apaixonada como seria.

O facto de êle não estar até hoje documentado não nos autoriza a ter em conta

---

(1) A mãe faleceu em 1535. — A p. 15 dêste estudo está *avó*, por lapso.

de documentado *ipso facto* a sua não-estada no Convento de Lorvão — tão poèticamente está narrado o contrário no *Crisfal*.

Mas isso já pertence ao Capítulo com que encerro as minhas Nótulas.

XVII

CRISTÓVÃO FALCÃO E A ÉGLOGA «CRISFAL»

Nos Capítulos I a XVI referi-me numerosas vezes ao quinhentista *Cristovam Falcão* como autor da *Egloga Crisfal*, seguindo a tradição literária unânime de três séculos e meio — a *rotina*, como preferem dizer os que pretendem afastar-se dela.

Neste último Capítulo passo a conglobar o que se pode dizer de positivo a favor de um lado da velha opinião; e do outro lado a favor da nova, lançada em 1908 por Delfim Guimarães, admirador entusiástico e sincero do poeta do Torrão, a quem quere atribuir a deliciosa obra.

A decisão deixo-a ao leitor, conforme anunciei desde o princípio, não dissimulando todavia a minha opinião pessoal.

•

O nome pastoril *Crisfal* — nome de um rapaz imberbe que ama a quási criança Maria, a das lágrimas doces — ou antes, segundo as regras da arte bucólica, *nome de um poeta mascarado de pastor*, apareceu pela primeira vez na fôlha-volante, sem data nem lugar de impressão, de que mais acima tratei. A Égloga que principia

Antre Sintra a mui prezada
e serra de Ribatejo

tem nela por título, colocado por cima da gravurita ilustrativa, *Trouas de Chriſſal.* Por baixo dela repete-se um pouco mais explìcitamente: *Trouas de hũ pastor per nome Chrisfal* (1).

O folheto tem o mesmo formato e tipo, semi-gótico, com que tinha saído a *Egloga III* de B. Ribeiro, epigrafada: *Trouas de dous pastores: Amador e Silvestre* (2), repetin-

(1) Vejam o *fac-simile* publicado por Delfim Guimarães. — Não tem razão de ser a dúvida de Aubrey Bell a respeito do significado da preposição *de*.

(2) Claro que *Trouas de um pastor* é imitação de *Trouas de dous pastores.*

do-se mesmo uma das figuras ornamentais. Formato e tipo ficaram, de resto, usuais, durante todo o século XVI e ainda em princípios do XVII, para *Romances*, *Porquês*, *Coplas*, *Glosas*, *Diálogos*, *Autos*, anónimos ou de diversos autores, favorecidos pelo público que lia (1).

Mas se as *Trovas de dous pastores* são abertamente designadas como *Feytas por Bernaldim Ribeiro*, o *Chrisfal* não vai acompanhado do nome do seu autor — diferença notável, cuja explicação resulta dos factos que irei expondo.

Ambas as edições avulsas não podem ser anteriores a 1536, nem posteriores a 1547, pelos motivos também mais acima expostos.

Eu suponho serem de 1545: posteriores, pouco embora, à saída dos Usques de Portugal, porque o texto que êsses editaram em 1554 diverge do da fôlha-volante. É retocado e fôra talvez revisionado pela Censura, quer lhes fôsse confiado em manuscrito, quer em outra fôlha-volante, hoje perdida (2).

---

(1) *Trovas*, em fôlhas-volantes, só as há portuguesas. E poucas. Além das duas de que estou a tratar, as do *Moleiro* e as da *Menina fermosa*, que já tive de mencionar.

(2) As principais variantes que distinguem o texto

*

O nome *Cristovam Falcão*, como do autor da Égloga, êsse apareceu pela primeira vez na edição publicada em Ferrara, a que acabo de me referir.

O que lá se lê (1) o leitor pode, de hoje em diante, verificá-lo quantas vezes o achar conveniente: abrindo primeiramente o *Índice* do volume, que se acha no verso do frontispício. Lá se regista, com relação à segunda metade ou seja ao *Apêndice*, que A. Usque havia juntado às obras de Bernardim Ribeiro:

Hũa muy nomeada e agradauel Egloga chamada CRISFAL .. *que dizem ser de* CRISTOVÃ FALCAM... *ho que parece alludir ho nome da mesma Egloga.*

---

de 1554 do da fôlha-volante, são, como já mais de uma vez tenho exposto: a supressão da estrofe 91.ª, (a dos beijos); a introdução da 51.ª, em que se menciona a serra de Lorvão; a substituïção do nome de *Deus* por *dita,* no sentido de *ventura,* na 99.ª, e quanto ao verso *cantar cantou delle dino* a rectificação de *manga larga no bocal* para *Menga la de Bustar* (42.ª).

(1) Todos os interessados deveriam sabê-lo desde que eu o revelei em 1893. Mas foi apenas pela comunicação de Delfim Guimarães, a p. 134–35 do *Poeta Crisfal,* que a grande nova se espalhou. — Cfr. p. 122.

Depois, é na fôlha CXXXVIII, com relação ao texto, que se encontra a epígrafe: *Egloga de* CRISTOUAM FALCAM *chamada* CRISFAL; e no fim dela (fl. CLII *v.*) a *Carta* DO MESMO *estando preso q̃ mãdou a hũa senhora cõ q̃ era casado a furto cõtra võtade de seus parentes della os quaes a queriã casar cõ outrem, sobre que fez, segundo paresce, a passada Egloga.*

Crisfal título da Égloga e nome do pastor que na forma de um *Sonho* conta o acto principal da história dos seus amores. *Cristovam Falcão* portanto nome do Autor. Além disso a explicação dêsse nome: forma reduzida do nome civil, composta das sílabas iniciais do nome e apelido.

O processo de formação do pseudónimo é tão simples e natural, e, novo embora, está em tão perfeita harmonia com a praxe do tempo e do estilo bucólico, como mais abaixo mostrarei, que foi respeitado e repetido, até 1908, sem que lhe fizessem dano as restrições acauteladas *dizem... paresce... segundo paresce.* E mal o poderão prejudicar os remoques sôbre o tal *Cristovam* a quem só o seu nome deu renome; nem as novas tentativas de solução do enigma que os adeptos de Delfim Guimarães aventuraram.

A meu ver, essas fórmulas restritivas mostram que Abraam Usque *não* conhecia o autor, nem era capaz de autenticar as epígrafes, que lera inscritas no original, ou só tinha ouvido da bôca da pessoa que lho trouxera de Portugal, onde na côrte e nos centros cultos provàvelmente não haveria em 1554 quem desconhecesse as deliciosas *Trovas*, e não soubesse do idílio triste que as inspirou, e por conseqüência do autor (1).

Êle repetiu apenas, como era o seu dever, fiel e conscienciosamente, sem tirar nem pôr, aquelas declarações — de pêso então e de pêso ainda hoje, porque são a única e exclusiva origem da atribuïção do *Crisfal* ao fidalgo de Portalegre *Cristovam Falcão de Sousa*, filho de João Vaz de Almada Falcão, único do nome que, no decénio de que se

---

(1) Já dei as provas de que elas eram memoradas e citadas, falando das *Côrtes de la Muerte*, dos dramas de Jorge Ferreira de Vasconcelos, das Cartas e Redondilhas de Luís de Camões. E deveria ter mencionado que a Égloga agradou tanto que logo, ainda nos dias de D. João III, o nome *Crisfal* serviu no baptismo pelo menos de um rapaz fidalgo, *Crisfal Dias*, filho de Miguel de Seábriga. — Vid. *Provas*, VI, 598. Por lapso *Grisfal*.

trata, gozava de certa fama na côrte de D. João III.

Contra essas declarações nem um só dos admiradores e amigos de Bernardim Ribeiro, vivos em 1554, levantou a voz, como deveria ter feito, se fôssem falsos os dizeres contidos na edição de Ferrara, e repetidos na de Colónia! Nem mesmo Sá de Miranda que merece o nome de *íntimo* de Bernardim (1), porque juntos haviam provàvèlmente cursado direito na Universidade de Lisboa. Juntos haviam freqüentado os serões manuelinos antes de 1516; e porventura até 1521. Juntos andaram na Itália; juntos estiveram outra vez em Lisboa, poetando nos primeiros dois lustros do reinado de D. João III. Juntos se afastaram da côrte, desiludidos, refugiando-se por algum tempo na *Arcádia* de Entre Douro e Minho. Mùtuamente se citam. Miranda a Bernardim sobretudo no *Alexo*; e Bernardim a Miranda na sua *Egloga II*. — *Integer vitae*,

(1) Calcula-se hoje que Sá de Miranda nasceu, não quando D. Manuel, mas sim quando D. João II tomou posse do trono: em 1481; e não em 1495. — Tinha portanto mais um ano do que Bernardim Ribeiro. — Vid. Braamcamp, *Gil Vicente*, p. 175.

afamadíssimo pelo seu *alto entendimento*, ¿êsse não havia de reclamar, ao ver espoliado da sua mais bela obra o desgraçado amigo (1)?

Há mais ainda. Não sòmente nenhum coevo infirmou essas declarações. Elas foram confirmadas, pelo contrário, indirectamente, pelo editor de Évora, André de Burgos. Tirando de originais do poeta do Torrão *tôdas as obras dêle* não encontrou entre elas o *Crisfal*, e por isso não o meteu na impressão de 1557, conforme o leitor sabe (2).

¡E o Mascarenhas que em 1645 se interessou pela reimpressão, tampouco mencionou o *Crisfal* como obra roubada ao seu parente! Em nenhum dos Cancioneiros manuscritos dos séculos XVI e XVII, de que sei, se encontra a *Egloga*, com atribuïção a Bernardim Ribeiro — verdade é que nem tampouco com atribuïção a Cristovam Falcão. Nos *Comentários* às *Rimas* de Camões de Faria e Sousa, o qual, a-pesar dos seus de-

---

(1) Veja-se a *Carta* de Francisco Gil a D. João III, publicada por Sousa Viterbo (*Estudos*, 1895).

(2) Sendo ela, por assim dizer, a réplica da impressão dos Usques, era aí que tinham lugar as críticas e objecções.

feitos, é o mais bem e amplamente informado dos eruditos que trataram de poesia portuguesa, o *Crisfal* é sempre atribuído a Cristovam Falcão. Assim mesmo em tôdas as obras bibliográficas manuscritas, anteriores a Barbosa Machado, e na própria *Biblioteca Lusitana*. Dêle como autor da Égloga falara de passagem, como era seu costume, o ilustrado Diogo do Couto nas *Decadas da Asia* (1); e Gaspar Frutuoso nas *Saudades da Terra* (2). Posteriormente o Padre António dos Reis no *Enthusiasmus Poeticus*. E muitos mais.

Mas como um repete o que outros disseram — é ao primeiro que temos de pedir contas da sua afirmação — e ela caducaria,

---

(1) É no Cap. 34 da *Decada VIII* que Diogo do Couto, referindo-se à fortaleza de Salsete, acrescenta: *onde estava por Capitão Damião de Sousa, irmão de Christovam Falcão, aquelle que fez aquellas antigas e nomeadas trouas de Crisfal*. P. 164 da ed. de 1673. Na de 1786 há *namoradas* em vez de *nomeadas*.

(2) A parte respectiva da obra não foi impressa ainda. É Cordeiro na *Historia Insulana* que, aproveitando a obra de Gaspar Frutuoso, se serve da frase por aquêle redigida sôbre a célebre *Egloga Chrisfal que fez o famoso poeta Christovam Falcão das primeiras silabas do seu nome.*

se a favor de Bernardim Ribeiro houvesse provas, ou pelo menos indícios certeiros e persuasivos.

*

Que os Usques eram gente culta e gente de bem, tentei prová-lo no Capítulo que lhes dediquei. Não conheço quem lhes assacasse outro aleive do que a saída, seguramente clandestina, da pátria adoptiva onde Judeus e Cristãos-novos eram encarcerados e queimados, e a procura de um refúgio num centro estrangeiro, relativamente liberal.

Tampouco há quem saiba indicar por qual motivo êsses livreiros-editores, que amavam e admiravam e imitavam (na *Consolação de Israel*) o introdutor do estilo bucólico e dos anagramas (1), e o beneficiaram como ninguém, publicando a edição-príncipe das suas obras, haviam de abjudicar-lhe exactamente a sua melhor obra de arte, atribuindo-a a outro poeta, que provàvelmente só de nome ou nem de nome co-

(1) *Ycabo* por *Yahacob; Numeo* e *Zicareo — em habito de pastores* — por *Nahum* e *Zahariahu, com os nomes um pouco demudados.*

nheciam — cometendo a mais revoltante das injustiças.

Perigos eventuais para Bernardim, provenientes do assunto do *Crisfal*, ou das alusões nele contidas, e que Abraam Usque quisesse afastar dêle, não os havia. — De mais a mais o infeliz, internado nos últimos anos no hospital de Todos os Santos, já falecera. Nem pode pensar em perigos quem se lembra dos *Autos de Gil Vicente*, em que há referências abertas, em grande parte satíricas e mesmo malévolas, a figuras salientes e a aventuras da côrte.

¡Ou então que prove, com exemplos, que realmente um autor português quinhentista foi perseguido ou castigado por tais motivos! ¡Que prove sobretudo que *Crisfal* é *Bernardim*, quanto aos factos narrados na Égloga (1); ou que, encanecido e privado quási da luz do entendimento, improvisou entre 1536 e 1547 o belo Idílio, comovidíssimo pelas máguas de dois jovens, nascidos presumìvelmente em 1518 e 1520, namorados, e desgraçados por causa do casamento

---

(1) O que Delfim Guimarães escreveu a êsse respeito no Cap. VI do seu *Poeta Crisfal* não pode satisfazer.

clandestino que contraíram em idade prematura, em volta de 1535. E que explique de onde vem o interêsse extraordinário dos Usques por Cristovam Falcão!

Dizer *tout court* que estùpidamente adoptaram e estùpidamente repetiram uma atoarda inventada pelo vulgo inculto (1), que a deduzira do anagrama *Crisfal* — ou imputar-lhes mesmo a invenção dessa lenda *(inepta, estulta, absurda)*, tratá-los de insignes embusteiros (2), num círculo vicioso de ideas, não é um processo crítico, que filólogos, encartados ou não, possam achar plausível.

Mesmo onde Delfim Guimarães e seus adeptos interpretam particularidades relativas à edição de Ferrara, êles não se prepararam criteriosamente (3). Já me referi às

---

(1) ¡O vulgo ignaro a interessar-se por Bernardim Ribeiro e Cristovam Falcão! e por anagramas!

(2) Embusteiros e ignorantes. ¿Por causa das grafias caóticas, da pontuação ilógica, e dos erros de sintaxe de Bernardim Ribeiro?

(3) Essa preparação, claro que consistia no confronto da redacção impressa em 1554 com a de 1557, — E se mais ninguém o podia realizar até hoje, Delfim Guimarães fôra capacitado por mim de o fazer, porque lhe emprestei o meu exemplar da edição de D. José Pessanha, em que o Dr. Priebsch havia meticulosìssimamente introduzido, para meu

repetidíssimas picuínhas que lançam contra a declaração *com summa-deligencia emendada*, como se os Usques nela se gabassem de haver retocado a *redacção* de Bernardim Ribeiro, e não de, modestamente como correctores de imprensa, haver vigiado a composição tipográfica do manuscrito que tinham ao seu dispor, gràficamente defeituoso e não aprontado para o prelo. ¡Como se, falsificadores e estragadores de textos, falariam assim abertamente da sua velhacaria, ou ingenuïdade!

Outros cultores da mui nobre arte impressora referiram-se à revisão das obras entregues ao seu cuidado. Lembro o caso de Valentim Fernandes, que até emprega a mesma fórmula *com muyta diligencia* (1),

---

uso, tôdas as variantes. Firmemente persuadido da valia das suas hipóteses, e um tanto desprezador de minúcias filológicas, D. G. não tirou dêles os resultados devidos, embora, *em parte*, já êles tinham sido tirados da reimpressão de 1559, por D. José Pessanha, o qual mostrou que centenas de vezes o texto de 1554 é superior ao de 1557 — mais primitivo e claro.

(1) Vid. Sousa Viterbo. — Na Carta do Conde de Alcoutim D. Pedro de Meneses a Valentim Fernandes há uma observação em sentido oposto. Sciente dos numerosos erros de imprensa que havia nos livros editados pelo impressor alemão, pede-lhe que

e o dos Agostinhos do Convento da Graça de Lisboa que, imprimindo uns *Sermões* de Diogo de Paiva de Andrade (o que foi ao Concílio Tridentino), proclamaram que a revisão fôra feita por êles *acuratissime atque vigilantissime* (1).

Outra acusação, lançada contra os Usques, é de haver substituído o título primitivo de *Trovas*, usado na fôlha-volante, pelo pretencioso de *Eglogas*. Nem reparam os que a formularam em que André de Burgos, que afirma ter recorrido aos *originais*, também o emprega. Esquecem que Sá de Miranda designava do mesmo modo, em vida de Bernardim, não sòmente os seus Idílios redigidos em hendecassílabos à italiana — o *Andrés*, a *Celia*, o *Nemoroso*, etc. — mas também os que são vasados na medida nacional dos octonários, como o *Alexo* e o *Basto*. Ignoram que o título (internacional, como todos os greco-latinos) dado pêlos Renascentes desde Dante e Petrarca aos poemas bucólicos em geral, quer dialogados quer narrativos, tanto latinos como neo-

---

vigie bem os correctores, visto que as culpas seriam atribuídas a êle, e não aos seus subordinados.

(1) Vid. Inocêncio, II, p. 169.

-latinos, já fôra introduzido por Juan del Enzina em Espanha, e com Ermígio Caiado em Portugal. Durante um breve período o Salmantino parece haver preferido o promíscuo *Egloga trovada* para os pequenos dramas em metros da escola velha (1). Todavia, o título mero *Trovas*, de que tanto gostam os Ribeiristas, por ser de sabor nacional e popular, sem considerar que êle se aplicava a tôda a casta de poesias líricas sem forma fixa, e portanto não era *distintivo*, foi abandonado como título de *Eglogas* depois de *Silvestre e Amador* e o *Crisfal* terem saído em fôlha-volante (2).

---

(1) Vid. Salvá, *Catalogo*, N.os 1227 e 1228: *Egloga trobada de Fileno y Zambardo*, assim como o opúsculo de Wickersham Crawford citado a p. 236.

(2) Se às vezes me inclino a crer que houve edições avulsas de tôdas as Églogas de Ribeiro, e várias do *Crisfal*, baseio-me nos factos que revelei acêrca do privilégio concedido a Gil Vicente por D. Manuel para tôdas as suas obras. E também na existência de senhos exemplares-príncipes da *Barca do Inferno*, e do *Pranto de Maria Parda*, assim como de alguns do tempo de D. João III e D. Sebastião. Também na entrada do Solau *Pensando-vos estou, filha* e do *Romance à Aclamação de D. João III* em *Pliegos sueltos* castelhanos. — Quanto à fórmula *nouamente empremidas* na fôlha-volante com as

Para concluir com os Usques, torno a lembrar que de sciência certa sabiam a respeito dos textos que editaram em 1554, a meu ver, apenas que êles pertenciam a *dois* autores *diversos, embora congeniais.* A *Menina e Moça*, incompleta e não-preparada para o prelo; as *Eglogas*, talvez menos a quinta; a *Sextina* e os poucos *Motes* que entraram na primeira metade do volume, êles a haviam levado consigo de Lisboa, admiradores e porventura amigos do poeta, a cujas desgraças e doenças haviam assistido. O *Crisfal*, e a *Carta*, e o *Cancioneirito* — conquanto já existissem em 1545 — não os conheciam. Vieram posteriormente às suas mãos, trazidos por algum correligionário, com as explicações que Abraam transmitiu, tais quais, à posteridade.

Depois do falecimento de Bernardim Ribeiro. — E talvez também de Cristovam Falcão (?).

Trovas de dous pastores já expliquei que ela pode significar *pela primeira vez*, mas também *reimpressas de novo.* Por isso não me estribo nela para deduções.

*

Sendo assim, não havendo nenhum facto positivo, material, extrínseco, que obrigue a considerar o *Crisfal* como obra de Bernardim Ribeiro, ¿por qual motivo lho atribui Delfim Guimarães na campanha que empreendeu?

Abstraindo da hipótese de na subconsciência dêle haver actuado como inspiradora a reunião do *Crisfal* com as obras de Ribeiro na edição de Ferrara, por mim revelada em 1903, respondo que pelo motivo intrínseco, espiritual, da grande semelhança de género e de estilo, de título e metro que liga o *Crisfal* às cinco *Eglogas* do poeta do Torrão, e em especial à terceira, denominada *Trovas de dous pastores* — possìvelmente, mas não provàvelmente, a única que o público de 1536 a 1554 conhecia, e vira impressa.

O esquema estrófico dessa é, como do *Crisfal*, a décima (com rimas na ordem *ababacddcd*), muito em voga na côrte manuelina e ainda na de D. João III (1). Há

---

(1) Sá de Miranda e Luís de Camões cultivaram-na ainda, assim como muitos poetas menores.

no *Crisfal* uns sete versos iguais a outros de Bernardim (1) e trinta e três passos parecidos (2). Há em ambos os autores antíteses como *mal* e *bem*, *prazer* e *pesar*; trocadilhos, conceitos (3), fórmulas derivativas como *vejo* e *verei* ou *amo* e *amarei*; repetições como *minhas magoas derradeiras* — *minhas derradeiras magoas* que como es-

---

(1) Os versos idênticos, de fraco valor, sem individualidade, são os seguintes: *Antre Tejo e Odiana* — *Ao pè de um castanheiro* — *Dos bens do mundo abastado* — *Lembrança do bem passado* — *Nenhũa cousa duvido* — *Pera meu contentamento* — *Que me queira consolar.* — ¡Modos de dizer, mas não versos!

(2) Lugares-comuns na maioria dos casos, como: *que não sei o que te diga* — os *olhos postos no chão*, ou fragmentos de versos como: *curar de seu gado* — ser *de pouca idade.*

(3) Frases como *O longo uso dos anos converte-se em natureza* ou *Mudando o lugar tambem se hão de mudar os nomes* merecem mais a designação de aforismos proverbiais do que de conceitos pessoais. Quanto à suposição que o imitador Cristovam Falcão haja cometido plágios e furtos condenáveis (como também o Nunez Reinoso que meteu no seu *Lagrimas* trechos como *Ide, minhas cabras, ide*) nem é preciso dizer que, na opinião de críticos de vulto, tais reminiscências ou citações textuais são furtos honestos e mesmo recomendáveis, autorizados em tôdas as Poéticas.

tribilhos musicais dão certa graça ingénua às ideas. As construções gramaticais são paralelas. E principalmente a afectuosidade e ternura, e a abundância de lágrimas, não vista anteriormente na poesia portuguesa, conquanto nas *Cantigas* de amor dos trovadores também não haja falta delas (1).

Ninguém o nega. E por causa do espírito e da forma similar é que Delfim Guimarães, sinceramente e cheio de boa-fé, reclama para o autor da *Menina e Moça* a Égloga em que o lirismo nacional deixou de ser uma galantaria, pálida, inerte e fria, para ser a expressão da vida e da psique arrebatada e ardente de um verdadeiro poeta. E tenta restituir ao mais tardio dos colaboradores do *Cancioneiro Geral* — o último alaúde provençal, segundo T. Braga — a glória de que a estolidez do vulgo, em seguida a ignorância de um editor sem-crítica, e finalmente a credulidade dos respeitáveis mestres encartados de filologia impiedosamente o desapossaram!

Com bom-senso judicioso resolveu estudar e estudou a vida do Cristovam Falcão

---

(1) Mas o vocábulo *lágrimas* não está no *Cancioneiro da Ajuda*. *Chorar dos seus olhos*, isso sim!

de Sousa, filho de João Vaz de Almada Falcão, a quem a tradição literária dos séculos XVII a XIX atribuía o *Crisfal*. Por documentos, bem se vê, não inteiramente ignorados, mas, segundo o seu pensar, mal aproveitados. Olhando para êles, pela sua parte, com preconceitos, à procura da confirmação da tese ou hipótese que surgira na sua mente, aproveitou-os contudo com fantasia de poeta, sem o desprezado critério filológico — indispensável em análises de estilo, grafias, etc. (1).

Duas Cartas autógrafas, Cartas-ofícios, escritas *currente calamo*, sem pretensões de estilo, a-pesar-de dirigidas ao reinante, na ortografia caótica, pontuação quási nula, e sintaxe pouco correcta do tempo, são a matéria-prima de que extrai o dogma de o seu autor, labrego, de engenho sarrafaçal e dição de palafreneiro, ter sido incapaz de haver composto a mais simples das quadras *(sic)* de Bernardim Ribeiro. Por isso o

---

(1) No Capítulo XIX de *B. R.: o Poeta Crisfal*, que D. G. dedica a Cristovam Falcão de Sousa, há — como o próprio não desconhece — a-par de notícias rectificadoras de erros alheios, outros novos, em parte emendados por Braamcamp Freire.

Crisfal, que apareceu junto à Novela dêsse poeta, «*deve ter andado junto a ela em manuscrito, sendo o nome pastoril um dos muitos pseudónimos que adoptara para velar a sua autoria*».

¿O leitor percebe a lógica? Eu não.

E por o crítico moderno rebaixar excessivamente o nível intelectual do que trata com ironia de *fidalgote*, quási analfabeto, e também o *pedigree* da família, vejo-me na obrigação de referir também neste sítio os poucos factos apurados, e algo a respeito das *Cartas*.

*

Segundo o autor dos *Brasões de Sintra*, os Falcões de Portugal não descendem do cavaleiro inglês John Falconet vindo com D. Felipa de Lencastre, conforme afirmara João Rodrigues de Sá e Meneses nas suas *Trovas heraldicas* aduladoras (1) e, acreditando no velho pai das Musas, repetiram os Nobiliaristas dos séculos XVI e XVII em Livros indispensáveis, mas que são mananciais profundos não só de verdades mas igual-

---

(1) *Canc. Geral*, II, p. 369.

mente de mentiras (1). Já anteriormente havia Falcões, proprietários em Évora, que eram vassalos del-rei D. Fernando (2). Bisavô do que é *poeta da Egloga Crisfal na opinião de muitos* era um João Falcão, cavaleiro da casa do Infante D. Pedro, casado com a muito fidalga D. Branca de Sousa — apelido ilustre que vários dos descendentes juntaram ao antigo *Falcão* (3). Entre êles o nosso Cristovam.

O pai, João Vaz de Almada Falcão, Capitão da Mina, era homem tão honrado que, se pobre lá foi, pobre voltou (4). Damião, um dos irmãos de Cristovam, era em 1571 Capitão de Salsete, conforme registou Diogo do Couto no trecho acima trasladado. De outro, Barnabé de nome, sabe-se apenas

---

(1) Vid. D. Guimarães, *Theophilo Braga e a Lenda do Crisfal*, p. 99.

(2) Vid. *Brasões*, I, 284 da 2.ª edição. O brasão dos Falcões não está entre os setenta e dois da Sala de Sintra. Estava contudo apontado no *Livro da Torre do Tombo* de António Godinho, com outros seis escolhidos para lá figurarem, mas afinal na realização foram substituídos por outros.

(3) *Ib.*, p. XXXIII.

(4) É o que dizem com palavras diversas todos os bons Nobiliaristas.

que, turbulento, teve desavenças com o Meirinho da comarca, e passou onze meses de prisão na cova do castelo de Lisboa. A favor da irmã D. Braçaida, que faleceu em 1546 ou 1547, ou antes a favor do filho dela, empenhou-se junto ao rei o próprio Cristovam numa das Cartas autógrafas a que já aludi.

Êsse, o segundo da família que teve o belo nome de *Crístophorus* (1), aparece pela primeira vez (2) nas matrículas de moradia da côrte em 1527 (3). Sendo menor era representado em Lisboa pelo procurador do pai. E assim continuou — infelizmente não se apurou até que data. Talvez até 1541 (4). Quando em 1542 se encontrava em Roma, em missão diplomática relativa ao *Bispo*

---

(1) *Cristovam Falcão I*, era fidalgo da casa de D. Manuel, recebedor em 1517, pelo seu procurador Mestre Jorge, da importante tença de 90:000 réis: Filho de Gonçalo Falcão era Senhor de Pereira. — *Cristovam Falcão III* é, na Tabela genealógica dos de Portalegre, o filho natural do poeta.

(2) Isto é: até hoje não se conhece assento anterior, e mal se descobrirá.

(3) *Moradias da Casa Real*, f. 127. — Veja-se *Hist. Gen., Provas*, VI, 843.

(4) Vid. *Atlantida*, I, p. 815.

sem Viseu (1), vivendo em casa do Marquês de Aguiar por estar ausente o embaixador Cristovam de Sousa, seu parente, êle era evidentemente de maior idade. Talvez subido a cavaleiro-fidalgo. Em 1545 foi nomeado feitor e Capitão da fortaleza de Arguim, por três anos, mas como tantos outros agraciados venderia o pôsto — visto que Braamcamp provou que nunca lá pôs os pés (2). Em 1547 ou 1548 estava em Portalegre, vindo da côrte, para cuidar dos interêsses do sobrinho (3). Por causa do desacato ao meirinho da comarca, com assalto e ferimento, embora o principal culpado fôsse Barnabé, Cristovam foi também acusado, preso, sentenciado, sôlto, e finalmente absolvido por carta de perdão de 1551 (4). Datas seguras posteriores não as há por ora (5). Nem consta

---

(1) Se essa fórmula, empregada na primeira das *Cartas autógrafas,* a D. João III, de Roma 1 de Out. de 1542, fôr da invenção de Cristovam Falcão, não se pode negar que tinha espírito.

(2) *Atlantida,* I, p. 531.

(3) De lá dirigiu a D. João III outra Carta só datada de 7 de Novembro.

(4) Vid. T. Braga, *Bernardim Ribeiro e o Bucolismo,* p. 365.

(5) O *curriculum vitae* dado por Caetano de Sousa

a da morte, colocada sem provas, por uns em 1555, por outros em 1577. *Não* casou, segundo todos os *Livros de Gerações*, tendo todavia bastardo a outro Cristovam Falcão (1).

A data do nascimento do que é *poeta do Crisfal para muitos*, só conjecturalmente a podemos abstrair da matrícula de 1527. Essa pode ter sido a primeira. Mas mesmo então o cálculo é incerto. Em tempo de D. Sebastião era aos doze anos, segundo Duarte Nunes de Leão, que os fidalgos começavam a ter moradia (2). Em tempo de D. Manuel fôra contudo aos nove, como se sabe pela biografia de Góis (3). Portanto pode ter

---

na *Hist. Gen. da Casa Real*, XII, p. 459, não tem valor documental.

(1) O III, já citado em Nota. Em alguns dos Livros genealógicos há *Damião* em vez de *Cristovam*. Das *Matrículas*, tais como foram publicadas na *Hist. Gen. da Casa Real, Provas*, VI, p. 640, apenas se vê que êsse seu filho natural era *moço fidalgo* em 1576. Oxalá na Tôrre do Tombo se possa apurar quando entrou na côrte, tendo doze anos. Se foi em 1576, teria nascido em 1564.

(2) *Descripção do Reino de Portugal*, p. 304 da edição de 1785. Cada moço era assente nas moradias e tenças e nos foros de seus pais, subindo depois por antiguidade ou méritos.

(3) Góes conta como andara de pelote na côrte,

sido em 1518 que nascera. E se realmente não tinha catorze anos feitos quando, precozmente apaixonado, se desposara a furto com uma menina e moça segundo a tradição ou «lenda» assente por Abraam Usque na epígrafe da *Carta*, e posteriormente por Diogo do Couto, Gaspar Frutuoso e sobretudo nos Nobiliários do século XVII, a data provável do Idílio triste seria 1532, quando a Maria das lágrimas doces — *se realmente ela era a filha única do feitor de Flandres João Brandão* — contava quási doze, conforme os cálculos do seu consciencioso biógrafo (1).

---

por ser moço de nove anos. Quanto ao reinado de D. João III, ignoro se houve alteração. — Nos primeiros séculos da monarquia fôra logo depois do nascimento de um fidalguito que se lhe colocava no peito um alvará, relativo à quantia que havia de receber. — Vid. Gama Barros, I, 410, e D. Guimarães, p. 178 e seg.

(1) Braamcamp Freire, *Atlantida*, I, p. 518–538: *Maria Brandoa, a do Crisfal.* — Classificado apenas de *Epílogo* ao Cap. IV do vasto tratado sôbre os *Brandões*, a que de propósito deu todavia a epígrafe de *Maria Brandoa* (*Arq. Hist.*, Vol. VI, p. 293 a 442 e Vol. VII, p. 53, 123, 196 e 320), êsse estudo é riquíssimo em dados *documentados*. Quanto aos não-documentados, meramente hipotéticos, afasto-me (como desde o princípio declarei) da dedução que dela tirou

E como decorressem anos entre o princípio e o triste desfecho dêsses amores juvenis, com prisão ou detenção prolongada do namorado (1), e sequestração da menina no Convento de Lorvão, segundo as provas poéticas da *Egloga* e da *Carta metrificada*, anos (2) de solidão e emoção psíquica, preenchidos muito naturalmente pelo estudo da poesia do tempo, no *Cancioneiro Geral* impresso, e em traslados das bucólicas de

---

o ilustre investigador — e julgo *provada* a possibilidade cronológica dos amores de *Crisfal* e *Maria Brandoa a do Crisfal* — *possibilidade* que é o ponto principal.

(1) *Prisão*, provada por um documento; *sequestração*, apenas suposta; mas tornada provável pelos costumes do tempo e outros casos semelhantes, e, como digo no texto, também pelas reminiscências poéticas.

(2) Cinco parece muito. ¿Teriam explicação na recusa pertinaz de Maria, de casar com outrem?

¿Mas haverá um pai que, por severo que fôsse, tivesse preso — em detenção doméstica — seu filho, durante um lustro? — Mais provável é detenção no Castelo de Lisboa, em vista da Carta, mais abaixo citada, de Francisco Botelho. — «*Carcere privado*, não o comette o pay ou senhor que prende seu filho ou escravo» é a única referência que encontro nas *Ordenações* (*Alfonsinas*, Livro v, Título 68, p. 26 da edição de 1820).

Miranda e Ribeiro, e da *Menina e Moça* com o *Solau*, o lirismo da sua alma pode ter desabrochado, dos 16 aos 20, tomando a rota que tomou. Não me repugna supor que, feitos os estudos indicados, e leituras castelhanas, nessa mesma solidão se transformasse o seu sonho de amor(1) na obra de arte, em que pulsa o seu coração, conquanto tècnicamente seja uma imitação, cheia de reminiscências. Obra de arte singela, espontânea ainda assim, sem misticismos cabalísticos, e, de propósito o repito, tècnicamente sem novidade.

Morresse em 1554, antes de os Usques terem procedido à impressão das prosas e poesias dos dois poetas (não amigos e camaradas, confidentes e companheiros como outrora suspeitei(2), mas de duas gerações

---

(1) Tôda a gente culta conhece obras-primas de arte cinzeladas na prisão. Baste mencionarmos: o *D. Quixote*, em Argamasilla; *Le mie prigioni*, no Spielberg.

(2) Em tempos que lá vão, quando comecei a ocupar-me de literatura portuguesa, estudando Sá de Miranda, julguei que Cristovam — falecido muito novo e por isso não acolhido no *Canc. Geral* — fôra o criador do género bucólico: tal fôra a impressão que as *Trovas* produziram no meu espírito. — Vid. Miranda, *Poesias*, p. 765, 769 e 770.

sucessivas, sendo mestre o mais velho e imitador o segundo) ficava compreensível a razão porque possuímos apenas duas obras de Cristovam Falcão — a *Egloga*, e a *Carta do preso*, e talvez alguns dos versos que estão reunidos no *Cancioneirito*.

A respeito da prisão, mal discutida (1), é preciso recordar que, além das Cartas autógrafas, que provocaram o menosprêzo de Delfim Guimarães a ponto de acompanhar a de Portalegre com vinte pontos de exclamação, há no *Corpo Cronologico* mais uma, escrita em Roma por um agente de D. João III, em que se fala no filho de João Vaz nos seguintes termos: «O marquês d'Aguilar me deu essa carta que com esta mando pera Vossa Alteza que he sobre Joam Vaaz d'Almada; e disse-me que era seu primo com-irmão, dezendo-me que Vossa Alteza lhe faria mercê em lha fazer a elle; *qua traz em sua casa hum filho seu que la esteve preso no Castello* e trata-o como a parente, que

---

(1) Insuficientemente, tanto da parte de D. Guimarães e Braamcamp Freire como da de T. Braga, que, ainda assim, é quem acerta, na *Atlantida*, p. 818. — *Prisão de amor*, puramente alegórica, — segundo D. Guimarães, Cap. XVII — a qual se passa detrás de uma grade simbólica!

certo elle me parece homem muy de bem, porque nunca entrou em casa de dom Miguel (1) e não saye da minha. He muyto desejoso de servir Vossa Alteza» (2).

¿Qual o motivo dessa prisão, anterior a 1542, e de que D. João III sabia? Grave não podia ser, se o preso tivera depois o prémio de consolação de ir a Roma em serviço de el-rei! ¿Mas seria realmente o caso do desposório clandestino com Maria Brandão?

*

Antes de resumir em duas palavras o que a respeito dessa suposta heroína das lindas *Trovas* apurou o insigne biógrafo dela, paremos um instante junto aos Genealogistas que necessàriamente haviam de registar tal caso nas tabelas relativas a Falcões e Brandões.

O mais antigo, e ao mesmo tempo o mais bem informado e discreto coevo de

---

(1) O tal Bispo de Viseu, faladíssimo, por causa do qual Cristovam fôra enviado a Roma.

(2) Vol. v, p. 171: «*Carta de Francisco Botelho*, de 26 de Dez. de 1542, dando parte do que se passara com o papa e com varios cardeaes no desempenho da sua missão relativa às cartas em cifra e à nomeação do nuncio Lippomano».

Bernardim Ribeiro e Cristovam Falcão, de tôda a confiança do autor dos *Brasões de Sintra*, é D. António de Lima, falecido em 1582, filho de Diogo Lopes de Lima, e discípulo quanto a Linhagens do peritíssimo Dr. Pacheco, do qual me ocupei na *Quarta Nota Vicentina* (1). Quanto aos Falcões êsse diz com relação ao pai de Cristovam, o Capitão da Mina: *E por bem servir não trouxe dinheiro. E por isso viveo e morreo pobre. Foi casado com Breitis, filha de Rui Fernandes, homem honrado de Portalegre* (2). E quanto a Cristovam diz: *filho primeiro deste João Vaz* — FOI TROUADOR — *morreo solteiro* — *teve bastardo Crist. Falcão* (3). — Pouco quanto às palavras. Mas muito quanto ao significado.

---

(1) §§ 11 e 17.

(2) ¿Talvez lapso por *Alter do Chão?* Assim dizem outros Linhagistas.

(3) Assim se lê a fl. 268 *v*. do precioso exemplar da Biblioteca do Pôrto. — Parece que no que era de Braamcamp não há o passo citado, a não ser que à procura de elementos para o seu estudo magistral relativo a *Maria Brandoa*, só consultou a genealogia dos Brandões e não recorreu à dos Falcões. — Vid. *Arq. Hist.*, VI, p. 294, onde diz que no *Lima* não encontrou nada, além da filiação de Maria Brandoa.

No Livro (em dois volumes) do Anónimo, de 1626, a que o mesmo investigador liga grande estima, lê-se: *cristhouão falcão filho deste ioão uas*, DALCUNHA CRISFAL — FOI TROUADOR — *não foi casado*.

No de Diogo Gomes de Figueiredo, filho(1), associam-se abertamente os nomes de *Crisfal* e *Maria Brandòa* — visto ela ser chamada familiarmente, e por-certo tradicionalmente, no Capítulo relativo aos Brandões, *a do Crisfal*. — E a designação repete-se em muitos outros *Livros de Gerações* (2) que consultei.

Em todos os três, e nos restantes bem acreditados, essa Maria Brandão (ou *Bran-*

---

(1) Houve dois dêsse nome. O filho, linhagista, faleceu em 1684; o pai, poeta, no ano seguinte. — *Ib.*, 294.

(2) No muito mais tardio *Nobiliario* de Alão de Morais (fal. em 1693), feito com grande trabalho, mas com bastantes erros e confusões, causadas pelas terríveis homonímias que há nas famílias portuguesas, obrigando a quem o utiliza a constante cautela e confronto com fontes dignas de fé, regista-se que C. F. *foi o que fez as Trovas que chamam do Crisfal*. — Em Nota marginal explica-se que o nome foi deduzido das sílabas iniciais do nome e sobrenome. *E não casou porque não foi com sua dama.*

doa, segundo antigo e nacional costume) é filha única de João Brandão, feitor de Flandres. Tendo servido o cargo de 1509 a 1513, êle esteve em Lisboa só de Agôsto de 1516 até fins de 1520 — tornando então a Amberes, onde faleceu em 1526. Na capital casara com Guiomar de Refóios. A conjectura que o sogro Pantaleão Dias, escrivão e tesoureiro da Casa da Guiné e Índia, não consentiria o casamento antes do genro haver prestado contas (o que se realizou a 20 de Agôsto de 1517) é judiciosa. Mas pode ser inexacta. *Em todo o caso a data do nascimento de Maria fica entre 1518 e 1521*, sendo o têrmo médio 1520 a mais aceitável.

Acreditando em que as *Trovas* saíram em 1536 e o drama de amor se havia portanto passado em 1535, a mais tardar, o ilustre biógrafo calcula que nesse ano, órfã de pai e mãe, e sob a tutela da avó Hilária de Refóios (mais do que remediada de bens de fortuna), Maria era de menor-idade, isso sim, *mas não criança de doze a treze anos, como deveria ser se no Crisfal se contassem verdades*.

¿Mas quem nos afiança e quem acredita que a *Carta* e a *Egloga* sejam fruto ime-

diato do drama? ¿que o rapaz era poeta de marca aos catorze?. ¿e teve a audácia de logo lançar aos quatro ventos as suas confissões poéticas — num decénio em que publicações de versos líricos ainda eram raríssimas (1)? ¿Confissões tão pessoais e tão transparentes que exigiam discreção; e a tiveram da parte de quantos coevos citaram trechos delas (2)?

Para mim, as *Trovas* — como o leitor sabe — saíram mais tarde: depois da data 1536, que, entalhada na gravura do frontispício, é marca dessa, e não da impressão; mas antes de em 1547 Luís de Camões citar em Ceuta trechos do *Crisfal* como de obra conhecida. Provàvelmente em fins de 1545 ou princípios de 1547, depois de os Usques se haverem expatriado, como já deixei dito mais de uma vez. Quando Bernardim Ribeiro estava caído em insanável

(1) A *Miscellanea* de Resende, que não é lírica, mas versificada, saíu em 1545. — Os verdadeiros poetas contentavam-se, como tenho exposto em estudos camonianos, com fazer correr os seus ensaios de mão em mão entre os amigos e correligionários.

(2) Os dizeres acautelados dos Usques também podem ser conseqüência da discreção que lhes fôra imposta.

loucura, e Cristovam Falcão longe de Portugal. Porventura pela inconfidência de um conhecido, que era entusiasta, e possuía traslado (1).

Quanto ao drama de amor, calculo assim, infelizmente sôbre pressupostos conjecturais: se realmente o primogénito de João Vaz de Almada Falcão foi inscrito, segundo a praxe, como menino do paço em 1527, aos nove anos, êle completava os catorze em 1532 (ou 33), quando Maria, nascida em 1520, estava perto de completar os doze (2). E estudando até aos vinte, ou mais (na prisão ou em liberdade), êle se arvorou em *trovador*.

Se por acaso eu tivesse acertado, deveríamos dizer que não há obra de arte pessoal melhor documentada do que o *Crisfal* (3).

---

(1) ¿Talvez Espanhol? ¿Dos da Arcádia de Entre Douro e Minho? ¿O autor da Égloga *Lagrimas?* — Vid. *Romances Velhos*, p. 304.

(2) Segundo as *Constituições do Arcebispado de Lisboa*, de 1537 — baseadas em outras anteriores (?) — desposórios clandestinos eram válidos sendo o homem de catorze anos e a mulher de doze. — O próprio Cristovam Falcão fala na Carta de Portalegre do facto de o padrasto de seu sobrinho querer casá-lo aos catorze com uma filha dêle.

(3) O facto de Maria ter casado tarde (segundo o

Com relação à riqueza de Maria, todos sabem (e sabiam antes da doutrina de Einstein) que conceitos como *rico e pobre*, *longe e perto*, *muito e pouco* são relativos. Um feitor de Flandres, genro de um tesoureiro da Casa da Guiné e Índia, embora deixasse ao morrer enredados os negócios do seu cargo, mal podia estar falto de recursos — devia ser abastado, em comparação com os Falcões de Portalegre e Alter do Chão. Nos *Nobiliários*, e talvez na tradição literária, houve, todavia, a êsse respeito, confusão com outro João Brandão, o vereador, que na capital, no entêrro de D. Manuel, tomou parte na quebra dos escudos. Êsse era rico, filho de um Duarte Brandão, *muito endinheirado*, que emprestara somas consideráveis a D. João II.

---

poeta, a quem ela fala, porque os pretendentes receavam

que o sabor dos teus beijos
em minha boca achariam)

combina admiràvelmente com êsses cálculos. Foi em 1547 — aos 27 — que ela deu a mão a Luís da Silva e Meneses. — Enviüvou em 1555, tendo dado à luz três crianças: Francisco da Silva e Meneses (que em 1571 partiu para a Índia), Madalena e Ângela. E faleceu em 1582. — Vid. *Arq. Hist.*, VI, 294, e *Atlantida*, I.

Quanto ao recolhimento de Maria há no *Canc. Geral* p. ex. o caso de uma dama do paço, presa num mosteiro durante oito meses (1); e outro de uma dona Joana, presa por mandado da rainha (2).

*

Os Ribeiristas responderão à minha argumentação, dizendo: se realmente houve um Cristovam Falcão trovador, autor do *Crisfal*... êle é mero reflector de Bernardim, o *Sósias* do namorado de *Aonia*, mera sombra dos estados de alma e dos toques de *Jano-Silvestre-Amador* (3). E embora haja exagêro no modo de dizer, a essência é verdadeira. A semelhança de estilo salta aos olhos, sobretudo se, comparando primeiro

---

(1) *C. G.*, III, 576. — Vid. *Rev. Lus.*, x, 294. — Quanto à prisão de cortesãos, lembrem-se de Jorge da Silva e João Lopes Leitão.

(2) *Ib.*, III, 410. — Quem desejar inteirar-se de casos documentados, parecidos ao de *Crisfal*, releia nos *Brasões de Sintra* o do Barão (III, 302-308); o de João de Lima (II, 285); e o de António Carneiro (I, 182 da 2.ª ed.).

(3) E hipotèticamente já o fez Sílvio de Almeida, da Academia Paulista de Letras, na obra *A Mascara de um Poeta (Bernardim Ribeiro)* — 1913.

as cinco Églogas e o *Crisfal*, as comparamos depois tôdas com o *Alejo* e *Basto* de Sá de Miranda, e a dição sentenciosa do poeta do Neiva.

Mas a semelhança explica-se, sendo os dois Alentejanos de temperamento congenial, e o segundo discípulo e imitador do primeiro. A-par dêle há — bem o sabem — outro adepto em Alonso Nuñez de Reinoso, e (inferior) no autor anónimo do *Erbrandino*, inédito.

A afirmação de o imitador nunca ser superior ao criador, o discípulo ao mestre, não pode convencer quem pensa p. ex. no introdutor do hendecassílabo e seu emprêgo em Sonetos, Oitavas, Tercetos, Canções, e em seus incomparáveis imitadores da Escola Nova: Luís de Camões, Jorge de Montemór, Diogo Bernardes.

Quanto às inegáveis parecenças, já houve quem cuidadosamente e criteriosamente mostrou que elas não excluem de modo algum divergência de ideas, e de factos (1).

Para mim as principais são as seguintes: quanto aos assuntos tratados, o desposório secreto, e como medida quer de castigo

---

(1) Raúl Soares, *O poeta Crisfal. Subsidios para o estudo de um problema historico-literario* — Campinas, 1909.

quer de prevenção o recolhimento de Maria; e quanto à Carta, a prisão do namorado, sem paralelos nas Églogas de Bernardim.

Do bucolismo dêsse criador do género mal há vestígios no imitador. Apenas alguns na descrição da Serra da Estrêla (1).

Além do nome pastoril não há anagramas no *Crisfal*, formado da maneira apontada vagamente por A. Usque (2).

Na *Menina e Moça* e nas *Eglogas* III e V estão intercaladas poesias inteiras da lavra de Bernardim ou seu Interlocutor *(Franco)*. No *Crisfal* temos, além disso, a menção de Cantigas alheias, cantadas na côrte. Uma, pelo menos, é *castelhana:* a discutidíssima de *Menga la del Bustar*

> *Yo me yua, la mi madre,*
> *A Santa Maria del Pino* (3).

Duas são traduções (4).

---

(1) O princípio do *Crisfal* — *Entre Sintra, a mui prezada* — *E serra de Ribatéjo* — lembra as *Serranilhas* das duas primeiras épocas das literaturas peninsulares.

(2) A escrita *Natonio* por *Antonio* pode ser mero lapso.

(3) Estr. 42. Cfr. Barbieri, N.os 380 e 408.

(4) *Como dormirão meus olhos* (Barbieri, N.º 63) e

Ideas heréticas, freqüentes nas Cantigas dos trovadores antigos (1), não as encontro em Bernardim, mas sim na estrofe (99) em que *Crisfal* diz:

Não sei que a Deus custara... (2)

Nem há no poeta do Torrão o erotismo dos beijos, palavra que os trovadores nem pronunciam.

Quanto à linguagem, Bernardim usa de bastantes arcaísmos (como *tam-sois*, *tamasinha*, *tamalavez*), e Cristovam de pouquíssimos (3).

Velho mao em minha cama (Barb., N.º 460). — *Viejo malo en la mi cama — Por mi fé no dormirá* (Citado por Luís de Camões).

(1) Sirva de exemplo a Cantiga em que D. Afonso Sanches diz aos que o estorvam no livre trato com a sua *senhor*, que no Inferno a verá à vontade, e todos quantos com êle estarão hão de sentir sabor tal que se tornarão insensíveis às penas que lhes forem impostas.

(2) *Deus* foi substituído pela censura por *dita*, e na *Carta* v. 99 por *fortuna*. ¿Em Ferrara? ou anteriormente em Lisboa, para uma fôlha-volante perdida.

(3) Uma vez ocorre *quamasinha*. Em ambos há, como em todos os coevos, abuso do *que*, sobretudo onde, seguido de conjuntivo, equivale a *em que*. —

*

Comparar o estilo do *Crisfal*, que conhecemos de duas redacções *impressas*, com o das Cartas autógrafas, não destinadas ao público — uma obra de arte cuidadosamente elaborada até ter as aparências de absoluta espontaneidade, com uma simples comunicação, lançada ao papel *currente calamo*, sem pretensão alguma, não tem grande utilidade. É naturalmente diversíssimo. Embora também na *Egloga* haja bastantes passos que exigem retoques para darem sentido (1), e outros tantos que sempre ficarão irregulares, — ela é superior infinitamente, pelo assunto e pela forma, à prosa pouco ordenada da Carta, tanto pelos florejamentos, repetições e antíteses poéticas, como pela clareza e simplicidade das construções gramaticais, em proposições curtas mas ligadas, como

---

Abuso também dessa conjunção; e dos pronomes *me a mim* e *al.* — De mitologia clássica há em ambos quási nada. Bernardim fala de *arte apolinea;* Crisfal de *Ninfas* e da *vaca Io.*

(1) Logo na primeira décima há um exemplo. Eu proponho *como males* SE *causaram* (em vez de LHE).

pela ordem que o ritmo e a disposição estrófica comunicam sempre aos textos. Quanto à pontuação e grafias suponho que no *original* haveria muitas mais deficiências, que os impressores na sua qualidade natural de *correctores* emendaram (1). — Tanto os das fôlhas-volantes, como os Usques de Ferrara (2). A retoques de escrita como *Carta* por *Quarta* chamariam êles *com suma deligencia emendados.* E se por acaso houvessem tido de imprimir as duas autógrafas, também lhes teriam dado, com leves emendas, a grafia e pontuação usada na sua oficina.

Elas foram trazidas a público, como sabem todos os interessados, em 1897, por Teófilo

---

(1) Nas imprensas boas houve já no primeiro quartel do século XVI correctores encartados (sobretudo para obras latinas). Lembro-me de Diogo Sigeo que em Toledo ocupava em 1519 êsse pôsto na oficina de Arnaldo Guillen Brocar.

(2) Cada impressor modificava, segundo os seus princípios ou gostos, a ortografia e a pontuação. Nas *Trovas* cada estrofe principia correctamente com Maiúscula e termina com ponto, tendo dois pontos depois do quinto verso. Os Usques principiam também as quintilhas com Maiúscula. E todos os nomes-próprios, com os quais o impressor das *Trovas* não se preocupara.

Braga, em ortografia normalizada (1). A de Portalegre saíu novamente em 1909, num dos livros de Delfim Guimarães (2), fac-similada e em transcrição rigorosamente paleográfica, acompanhada de doze gritos de exclamação (3) — para que o cândido leitor se convencesse de que o Cristovam Falcão histórico era tão iletrado que não escrevia meia-dúzia de linhas sem uma enfiada de asneiras *(sic)* (4). ¡Como se houvesse Cartas de mil e quinhentos sem defeitos de sintaxe e vícios de grafia! ¡Como

---

(1) *Bernardim Ribeiro e o Bucolismo.* — A Carta de Roma encontra-se a p. 361; a de Portalegre a p. 368. — Os originais estão na Tôrre do Tombo, no *Corpo Cronologico.*

(2) *T. Braga e a lenda de Crisfal*, p. 34.

(3) Para os que não estudam filologia ex-ofício a maneira de escrever de Cristovam Falcão devia ser muito curiosa, realmente. Pena terão de que a de Roma, evidentemente mais correcta do que a de Portalegre, não lhes fôsse apresentada da mesma maneira.

(4) Ignoro se realmente me servi do têrmo *tolices* em carta particular ao reivindicador da glória de Bernardim Ribeiro. Em todo o caso, a acumulação de incorrecções ortográficas e sintácticas, achei-a desagradável. E assim a acho hoje, sobretudo quando as leio na transcrição — não paternalmente emendada a favor dos leigos.

se as do suposto poeta fôssem as únicas mal estilizadas! ¡Como se cada um dos erros gráficos e gramaticais nelas cometidos não tivesse milhares de paralelos em outras Cartas, quer familiares, quer oficiais, desde os dias do terríbil Albuquerque aos do elegante Fernão Rodrigues Lôbo, e mesmo nos alvarás e nas cartas-régias que saíam da Chancelaria *em nome del-rei!* E isso antes e muito depois de os dois primeiros *Filólogos* nacionais Fernão de Oliveira e João de Barros se haverem esforçado (em 1536 e 1539) em estabelecer certas regras de escrever.

As *Cartas* de 1542 e 1547 são escritas em letra regular, e mesmo rasgada e característica de quem se servia da pena amiúde (¿escrevendo e transcrevendo versos?), mas em estilo de pessoa pouco acostumada a redigir prosas, pessoa não formada em letras, tendo apenas a instrução que no seu tempo recebiam os meninos nobres na côrte (1) — ins-

---

(1) *Meninos* de 9 a 14 anos. — A quem duvidar, eu podia recitar mais de uma cantiga respectiva. P. ex. Barbieri, N.º 425:

> De menino fui criado
> no paço, etc.

trução rudimentar, se com êsse têrmo se quiser designar que em línguas e literaturas conheciam apenas a materna e a castelhana, por ser usadíssima na côrte. De mais a mais a fac-similada, noticiosa, foi escrita ràpidamente, naquela linguagem chã *de todos os dias* (1) que mesmo os nobres moradores da côrte empregavam, dirigindo-se ao seu rei, sem ceremónia e sem salamaleques (2).

As espécies de irregularidades ortográficas de Cristovam Falcão, claro que são as de todo o mundo de então: uso arbitrário de *u* e *v*; *i*, *j*, *y*, maiúsculas e minúsculas; *hh ad libitum*; *R* no início de palavras, e interno com valor de *rr*; confusão entre *s* e *z*; *ç* e *ss*; *s* brando e *ss* forte; emprêgo ora de *til*, ora de *m*, ora de *n* para as ressonâncias nasais.

Quási sistemàticamente serve-se, além disso, de *qu* e *gu* em vez de *c*, não-sòmente antes de *e* e *i*, mas também de *a*, *o*, *u* —

---

(1) A que eu costumo chamar *de cotio*, comparando a estilizada dos poetas (em prosa e verso) com o traje domingueiro que o povo de Entre Douro e Minho chama o *de ver a Deus*.

(2) Só no fim juntam ao título *Vossa Alteza* a fórmula *a quem Deus a vida e o real estado acrescente* e *as reais mãos de V. A. beijo*.

escrevendo *guado*, *longuo*, *lõguo*, *fiquo*; *quasa*, *quardeall*, *quamarinho*, *quaminho*, *quarrejar*, *quarro*, *merquadoria*, *ricuo*, *perqua*, *alquajde* e *quoRejadores* (1). E é sobretudo êsse traço que dá um aspecto realmente estranho às Cartas.

Gramaticalmente é o uso e abuso de *que* (o vocábulo mais ensosso das línguas neo-latinas), freqüente na *Menina e Moça* e nas *Eglogas*, tanto de Bernardim Ribeiro como do *Crisfal*, conforme já notei, que também caracteriza as Cartas (2).

---

(1) Reflectindo devemos todavia confessar que para crianças e leigos, ou seja iletrados, tão justificado é escrever *quarta* e pronunciar *carta* (¡todos dizemos *cartola!*) como escrever *quatorze* e pronunciar *catorze*.

(2) Já expliquei em outras partes a razão dêsse abuso. *Que* pertence ao grupo dos vocábulos convergentes que, representando étimos que eram diversos de forma e sentido, chegaram evolucionando a uma única forma conservando vários significados (vid. *cão* de *cane* e *canu*; *fiar* de *filare* e *fidare*). *Que* é conjunção, e pronome relativo; e significa *quanto*; e equivale ao *quão* depois de comparativos (*ca* no período arcaico); e provém de *ca* (*quia* = *pois*). Em muito bons escritores (como Lôbo) e mesmo nos *Lusiadas* notam-se passos em que superabunda, nos diversos sentidos (Vejam no Canto III a estrofe 41.ª; no IX a 69.ª; no X a 110.ª e 152.ª).

Estilìsticamente elas são disformes. Mas assim são em regra tôdas as Cartas, familiares e oficiais, de 1500 — repito-o.

Bem sei que Delfim Guimarães é poeta — e não filólogo na acepção depreciativa que êle dá ao têrmo; na de amador das sciências espirituais, do *logos* e da lógica, *talvez!* Não está obrigado a conhecer a fundo o *Corpo Cronológico*, nem mesmo os Documentos publicados no *Arquivo Histórico*, mas querendo julgar da espécie, sempre deveria ter estudado um pouco o género, comparando p. ex. com a prosa do fidalgote de Portalegre a das Cartas de Damião de Góis, douto em muitas línguas, e em especial na latina, publicadas nos *Novos Estudos*, p. 111-119, e as de Resende e outros Humanistas, que já foram fac-similadas (1). E como editor da *Menina e Moça* deveria saber com que estranhável lentidão a prosa evolucionou em Portugal, chegando a certa elegância só no *Palmeirim de Inglaterra* de Francisco de Morais.

Claro que um bom poeta pode ser um bom prosador. Mas nem sempre se aliam as duas virtudes.

---

(1) *Arq. Hist.*, I, p. 47, 144, 344; II, 269, etc.

*

À procura de outros argumentos, objectivos, que falem a favor da tese de Delfim Guimarães, não os encontro. Não considero como tal o facto de o *Crisfal* ter saído primeiro em fôlha-volante como a *Egloga III* de Bernardim Ribeiro; e depois juntamente com a *Menina e Moça* e mais obras do poeta do Torrão. O exemplo dado no país vizinho com as poesias de outros dois poetas coevos, e congeniais — Garcilaso e Boscan — unidas num volume em 1543 (e mais uma dúzia de vezes antes de 1554) (1), tirava ao procedimento dos Usques tudo quanto êle podia ter de estranhável.

A falta de menção do nome *Cristovam Falcão de Sousa* como autor da Égloga, em prosas e versos de coevos, podia ter importância, com certeza. Mas o silêncio explica-se pelas circunstâncias especiais em que Cristovam Falcão e Maria Brandoa se achavam, exigindo discreção. Já ficou demonstrado que só depois da morte dêle e dela, os Nobiliaristas a chamaram *a do*

---

(1) Algumas das edições são de Lisboa.

Crisfal; nos mais antigos êle era apenas chamado *trovador*, e não *autor do* Crisfal.

E, de resto, louvores a poetas com menção dos nomes, *não* estavam na moda. Sòmente em poesias bucólicas, com nomes velados. Temos *Ribeiro* e *o do Torrão* nos versos de Sá de Miranda. Luís de Camões é o único que numa Carta íntima nomeia *as Tristezas ou Saudades de Bernardim Ribeiro.* De Cristovam Falcão — não, do *Crisfal* — citam-se apenas versos, com certo carinho. Mas ninguém fala dêle (1).

*

Resta-me dizer algumas palavras do nome *Crisfal* e das variadíssimas explicações que lhe deram os intérpretes de hoje, resolvidos a atribuir a Égloga a Bernardim Ribeiro, o qual consideram como profundo Cabalista.

A antiga, três vezes secular e naturalíssima idea de o nome pastoril ser tirado das sílabas iniciais conjugadas do nome e ape-

---

(1) Não me refiro à Epístola ou Sátira dedicada por André Falcão de Resende a Luís de Camões (*Poesias*, p. 283), nem às alusões do mesmo na *Egloga* ao Lusitano *Liso* (p. 430).

lido civil do autor acham-na vulgar, banal, pueril, rotineira.

Ignoram que Falcão foi *o primeiro* poeta bucólico que se lembrou do processo, porque as sílabas *Cris Fal* por acaso se prestavam admiràvelmente à composição, e porventura porque êle assinava familiarmente assim (1). — Nem sabem que êle fez escola, cá e no país vizinho (2).

---

(1) Oficialmente êle assinava *Xpouão* ou *Xpouam* Falcão de Sousa, como veremos.

(2) Salomão Usque ficou sendo *Salusque*, como já registei. Em Espanha Luís Hurtado deu o nome de *Ismenia* a D. Isabel Manrique; Pedro Espinosa chamou *Crisalda* a D. Cristobalina de Alarcon; e segundo Menendez y Pelayo e Francisco Rodriguez Marin o Alonso Lamberto, em que procuram o autor da *Segunda Parte* do *D. Quixote*, escondeu o seu nome no de *Alisolan*, «visto y sabido y comprobado que una de las maneras que para urdir [seudonimos] se usaban en los siglos XVI y XVII consistia en tomar puramente, ó con alguna alteracion ligera las primeras letras del nombre y del apellido, y añadirles, a hacer falta, para la terminacion masculina ó femenina un remate eufonico». Vid. Marin, *El Apocrifo Secreto de Cervantes*, 1916 (p 16). — No nosso tempo de automóveis e aeroplanos está muito em voga o costume de reduzir palavras extensas a duas sílabas. Em Paris o afilhado de Lavedan diz *géné*, suprimindo *ration*, *Doc. Blan* e *Cab de Toil* e *Cop* e *Lot*, etc.; e

A idea de Delfim Guimarães, que vê no nome pastoril uma redução de *crisma* (m.) e *falso*, e no conjunto um apelativo, formado por Bernardim Ribeiro para dizer ao mundo que ia usar na *Egloga Crisfal* de nomes supostos (pseudónimos ou criptogramas) para se mascarar a si e à amada — claro que não pode persuadir quem acha boa a rotina velha, e não vê um analfabeto em Cristovam Falcão de Sousa.

Dar ao Idílio que entre todos se distingue pela sua graça e afectuosa sinceridade, pedantescamente o título prosaico de *Egloga dos nomes falsos*, estaria também pouco em harmonia com o espírito de um poeta.

« Até o ano em que pensam que êle escreveu o *Crisfal*, Bernardim usara apenas de crismas verdadeiros — como *Narbindel*, *Bimnarder*, *Ribeiro*, (e *Aonia*) » — o reivindicador dos direitos do poeta espoliado inìquamente, poderia tê-lo dito (salvo êrro, êle *não* o disse). ¿Mas *Jano?* ¿e *Alejo?* ¿e *Gonçalo?* etc.

Para tornar viável a hipótese que tôdas

---

em Berlim é quási oficial *Schupo* por *Schutz-Polizei* e *Sipo* por *Sittlichkeits-Polizei.* E para designar Companhias e Sociedades aproveitam-se as iniciais, juntando-as, como em H*amburger*-A*ktien*-P*acketfahrts*-A*ktien*-G*esellschaft*, reduzido a *Hapag*.

essas e outras figuras são *Bernardim*, que constantemente mudava de nome (1), e estava sempre falando de si próprio, seria obrigatório demonstrar de um lado que os acontecimentos narrados no *Crisfal* (o casamento clandestino desaprovado pelos parentes de *Maria* = *Aonia*) são realidades da sua vida — como de resto eu já exigi — e do outro lado que *crismar* e *crisma* já se empregavam naqueles dias na acepção derivada (de *denominar*, *chamar*), e não ùnicamente no primitivo, litúrgico, de *conferir a crisma* ou seja o óleo santo (2). Também deveriam provar que no fim da vida aquele que falara singelamente da *troca de letras*, à portuguesa, passara a usar de *crisma*, tradução semi-helénica de *anagrama* ¡só dêle conhecida e só por êle usada!

*

A lucubração etimológica do reivindicador incitou outros filólogos não-encartados a

(1) Delfim Guimarães vai ao ponto de chamar *Crisfal* anagrama de *Bernardim* (p. 75)!

(2) A filha que Inês Tavares levara a Sabóia e lá casou vantajosamente, chamava-se *Tomea*. Mas foi *crismada* — *Francisca*.

tentar outras explicações diversas do nome *Crisfal* (1). Sobretudo da sílaba *Cris*, como em grafia fonética escreveu duas vezes Abraam Usque. No nome *Cristovam* (ib.) ela é realmente o *chris* de *Christo* e *Christão:* o ungido. Participio passado do verbo helénico χριω (ungir): o mesmo portanto que existe em *crismar* e *crisma*.

Em segundo lugar *cris* e *chris* podem representar, e representam às vezes o helénico *chrys* (2), com *y* grego, de χρυσος (oiro), primeiro elemento p. ex. da *chrysallide* (ninfa dos lepidópteros), de *chrysóstomos* (= bôca de oiro), e outros compostos menos usados. Dêste étimo lembrou-se Sílvio de Almeida. E interpretando *fal* como abreviatura de *falto* — entendeu que *Crisfal* significava *dos bens do mundo* NÃO *abastado* (3)!

Em terceiro lugar *krys*, também com *y* grego, e com κ *(kappa)*, representa uma forma

---

(1) Dos encartados só foram dois, que eu saiba, os que se ocuparam da Égloga e do seu autor: Epifânio Dias e eu! Gonçalves Viana ao falar de *Felino Fileno* etc. não foi muito feliz.

(2) Possibilidades como a de *cris* poder representar, na ortografia simplificada, tanto *chris* como *chrys* e *crys* e *krys*, são, a meu ver, um dos senões dela.

(3) *A Mascara de um Poeta*, p. 105 e 98.

de *krypto* (eu escondo), que juntamente com a primeira sílaba de *fallax* (enganoso), ou com a primeira sílaba de *falso*, podia por meio do nome pastoril caracterizar a Égloga como coisa escondida, oculta e falsa, segundo outro Brasileiro (1)!

Em quarto lugar, podíamos ter em *Crisfal* a primeira sílaba de *cristal* (κρυσταλλ) — nome da água gelada e de objectos de cristalografia. De κρυος *(cruor)*. O *f* de *Crisfal* pode ser mero lapso de imprensa por *Cristal!* E *Cristal* seria um criptónimo e sinónimo lindō de *Ribeiro* — visto que há ribeiros cristalinos (2)!

Há mais ainda. *Cris* está por *Cis*, numa cerebrina transposição anagramática de *Francis(co)* para *Cis fran* (3)!

O que não sei explicar é porque nenhum

---

(1) Lindolfo Gomez, *O problema Crisfal, Subsidios historico-literarios*, 1912.

(2) Segundo Lindolfo Gomez. — E por um acaso curioso é assim (como *Cristal*) que o nome pastoril aparece realmente no *Indice* da impressão de Ferrara. — De Delfim Guimarães sei que a sua edição popular das *Trovas de Crisfal* foi anunciada uma vez como *Trovas de Cristal!* — Lindo exemplo do espírito folgazão do diabrete que mora nas caixas de composição.

(3) Sílvio de Almeida, p. 97.

dos Cabalistas de hoje se lembrou de ver em *Chrisfal* um *Christão falso*; ¡um Judeu que empalmou a obra de outrem! e descaradamente disse: eu, Cristovam Falcão de Sousa, dos Falcões cujo brasão quási foi julgado digno de figurar na *Sala de Sintra*, apossei-me da melhor obra de Bernardim Ribeiro — o qual amei tanto que... o enguli, à moda de antropófago.

*

Como também a respeito do verdadeiro nome *Christovam* algo se fabulou, lembrarei para findar, que *Cristovam*, grafado *Xpouam* ou *Xpouão* (1) nos tempos idos, é pronúncia nacionalizada do Castelhano *Cristóbal* (com substituïção dissimiladora do *l* final pela ressonância nasal) que pela sua vez está por *Cristóbar*, popularização de *Cristófor(o)* (2). Isto é *Christophoros* Χριστοφορος: o que levou ou trouxe às costas o Senhor Jesus Cristo. Nome do santo gigantesco da lenda que, à procura do Senhor mais

(1) Quanto à assinatura *Xpouam Falcão* veja-se *Atlantida*, 1; D. Guimarães, p. 36; Braga, p. 357.

(2) O vulgo diz também *Cristóbo*.

forte e poderoso do Mundo, encontra à beira de um rio caudaloso uma criancinha que lhe pede a passe pelo vau. Senta-a no seu ombro esquerdo, segurando-a com o braço. Mas avançando a custo, sucumbe quási — opresso pelo pêso enorme do Salvador e Senhor do Mundo; e teria sucumbido de todo, se êsse não o houvesse amparado.

Christo, o ungido, como vocábulo grego, era e é grafado abreviadamente com apenas quatro letras XPTO, ou três XPO que, parecendo ser um *chis pê tê o* latino, são na verdade um *chi rho tau* e *omikron* do alfabeto grego.

E por isso, tanto em *cristão* como *Cristina*, *Cristeta* e *Cristovam* escrevia-se a primeira sílaba com Xρ. Assim mesmo em *Xpouam* ou *Xpouão*. — Não se deve transcrever *Chrispo*, como já fez alguém.

*

Por tudo quanto tenho exposto neste livrinho, com não pouco trabalho, sou pessoalmente de opinião que para termos Bernardim Ribeiro em conta de autor do *Crisfal*, são precisas bases mais sólidas do que as duas Cartas, mal-grafadas e mal-redigidas

de Cristovam Falcão de Sousa, e a possibilidade de *Crisfal* ser *crisma falso.*

Advogo por conseqüência que se continue a ensinar aos estudantes dos Liceus o nome pastoril *Crisfal*, como criptónimo de *Cristovam Falcão*, fidalgo alentejano que esteve em Roma no ano de 1542 em missão diplomática, poeta a quem pertence também a *Carta de um preso* em dissonantes, e talvez pertençam algumas das Cantigas e dos Vilancetes contidos no *Cancioneirito*, editado juntamente com o Idílio triste, as cinco *Eglogas* de Bernardim Ribeiro e a *Menina e Moça*, longe de Portugal, em 1554, por Judeus portugueses que procedendo assim prestaram um verdadeiro serviço às letras.

E acho justo que se acrescente que êsse autor do *Crisfal* imitou o *poeta do Torrão*, sendo tamanhas as semelhanças técnicas e de espírito que nos nossos dias surgiu um admirador sincero da sua musa bucólica que vindicou para êle a Égloga *Crisfal*. E pelo fervor da cruzada que empreendeu a favor dessa tese, ligou para sempre o nome Delfim Guimarães aos de Bernardim Ribeiro e Cristovam Falcão.

APÊNDICES

I

ERROS DA IMPRESSÃO DE 1554 REPETIDOS NA DE 1922, COM PROPOSTAS DE EMENDA DE C. M. DE V.

Pág.	Lin.		
9	8	semeadas	cumeadas
10	18	se se passar	sem se passar
13	4	posto	rosto
19	4	no	nam
21	19	de bãdo	debando
32	3	laçadas	lançadas
41	20	hirmão	hirmã
53	3	a arredando a L.	arredando a L.
64	10	pouoda	povoada
67	6	aldemonos	aldemenos
»	15	comos	como
76	17	compaço	compassou
»	18	parecem	parece
»	21	saltar	faltar
»	»	cantraira	contraira
77	18	feicois	feiçõis
78	12	siguiente	seguinte
87	11	finada	fĩida
87	fim	quixar	queixar
88	20	cazo	azo
98	19	aquello	aquelle

Pág.	Lin.		
157	14	ciuelmente	cruelmente
»	19	ataiuar	atauiar
»	21	ciuel	cruel
»	22	fuora	fora
»	23	soeis	sois
177	25	coytado	coytada
307	22	de tam	tam
»	23	chama	chame
309	14	me matar	me ha de matar

II

À ESQUERDA

«ERROS» DA REPRODUÇÃO DE 1922.

À DIREITA

O QUE DEVE LER-SE COM O TEXTO DE 1554

Pág.	Lin.		
12	9	vi-ia	vj-ra
16	9	feu	seu
28	10	pdesse	perdessem
39	7	Lamentor que	Lamentor a que
40	20	maginaçã	imaginação
44	23	a tẽtou	atẽtou
63	9	[cou]fa	cousa
76	24	olhora	olhara
84	2	poncochinho	poucochinho
94	22	de camisa	da camisa
95	10	asegurou	afegurou
111	8	fosse	fesse (=*fez-se*)

Pág.	Lin.		
113	5	so ya	soya
»	13	fa falar	falar
115	11	foo	soo
»	pen.	renogar	reuogar
117	5	e creo	o creo
125	6	ſegurando	fegurando
130	10	falla	salla
»	13	fala	sala
»	28	fala	sala
132	pen.	afeza so ia	aseza (=*acesa*) soia
133	21	asabendoas auia	a sabendas a uia
134	4	parece	pararce (=*se*)
137	pen.	teerẽ segredo	teer ẽ segredo
138	16	ſo ouſe	soou se
141	10	falta	salta
142	3	a rogido	ao rogido
143	15	fuas	suas
145	22	resposta	reposta
»	27	faber	saber
149	últ.	La	Ca
151	4	que	quẽ
152	3	ſarta	farta
»	15	casei	cesei
153	18	tomado	tomãdo
»	19	vir ou	virou
»	20	crer	creer
156	27	demanda	na demanda
158	13	ſera	fera
162	18	Perfio	Persio
»	»	ſeu	teu
»	19	fem	sem
»	20	poste	posto
166	19	Dos	Hos

Pág.	Lin.		
168	4	Aos	Nos
»	pen.	hal	al
170	21	Ao	No
»	24	nehum	nenhum
172	10	ſo ya	soya
174	10	ſe pay	seu pay
182	17	Lelia	Celia
»	22	»	»
188	últ.	cousas	causas
189	pen.	tua	tu a
191	11	conto	canto
196	21	falgueiras	ſalgueiras
198	20	Denganosa	O enganosa
206	7	poutra	doutra
225	1	a ſim	a fim
246	15	Agreste	Agrestes
249	18	ſe o soubesse	se o soubesse
263	2	Diremos	Hiremos
270	17	costume	custume
279	2	contado	cantado
282	19	costumam	custumam
297	12	niaguem	ninguem
298	10	cabeço	começo
»	últ.	jace	face (= *faç'e*)
304	1	Dos	Hos
306	16	nam	mam (= *m'am*)
309	13	não	mão (êrro por *mao*)
319	15	quem	quam
323	5	todae	todas
328	12	he todo	he de todo
330	12	ſe me	se me

III

EMENDAS INTRODUZIDAS NA IMPRESSÃO NOVA

Pág.	Lin.			
13	21	ribeira	por	riberia
20	4	que	»	q̄
46	9	sem	»	sen
88	23	esperança	»	esperaça
111	20	a uentura	»	auentera
161	16	entendimento	»	entedimento
171	5	pasalohas	»	pasolohas
178	16	causou	»	cansou
319	16	empregada	»	emprgada

ÍNDICE

BERNARDIM RIBEIRO

E

CRISTOVÃO FALCÃO

O B R A S

BIBLIOTECA DE ESCRITORES PORTUGUESES
SÉRIE A

BERNARDIM RIBEIRO
E
CRISTOVÃO FALCÃO

OBRAS

NOVA EDIÇÃO
CONFORME A EDIÇÃO DE FERRARA

PREPARADA E REVISTA POR
Anselmo Braamcamp Freire

E PREFACIADA POR
D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos

VOL. II

(SEGUNDA EDIÇÃO)

COIMBRA
IMPRENSA DA UNIVERSIDADE
1932

Desta edição
fez-se uma tiragem especial de 50 exemplares,
numerados e rubricados

AO LEITOR

Os dois volumes das *Obras de Bernardim Ribeiro e Cristóvam Falcão,* publicados em 1923 pela Imprensa da Universidade, não tiveram idêntica tiragem. Esgotado há muito o 2.º volume, reedita-se agora, com a correcção dos êrros apontados a pág. 3 da Introdução, e com a impressão do *signet* do editor, omitido por lapso do tipógrafo na edição de 1923. Cumpre-me agradecer à Câmara Municipal de Santarém a benemérita anuência à presente reedição e ao Sr. Manuel Vidal, digno Bibliotecário da Biblioteca Braamcamp Freire, a solícita diligência na revisão das provas.

Coimbra, Dezembro de 1931.

O Administrador da Imp. da Univ.

Dr. Joaquim de Carvalho.

HYSTORIA
DE MENINA E MOCA, POR BERNALDIM RIBEYRO AGORA DE NOVO ESTAMPADA E CON SVMMA DELIGENCIA EMENDADA.

E assi algũas Eglogas suas com ho mais que na pagina seguinte se vera

En Ferrara 1554.

Ho que no presente volume se contem he ho seguinte primeramente a

MENINA E MOCA
fe ta por Bernaldim ribeiro.

MENINA e moça me leuarã de casa de minha may para muyto lonje, q̃ causa fosse entã da quella minha leuada, era aynda piquena nã a sou be. agora naõ lhe ponho outra se nã q̃ parece q̃ jaa entam avia de ser o q̃ despois foy. Uiui alli tanto tempo quãto foy nesseçario para nam poder viuer em outra parte. muyto contente fuy en aquela terra mas cuytada de mi que em breue espacio se mudou tudo aquilo que em longuo tempo se buscou e para longo tempo se buscaua. Grande desauentura foy a que me fez ser triste ou per auẽtura a que me fez ser leda. Depoys que eu vy tantas coussas trocadas por outras, e o prazer feyto magoa mayor, a tanta tristeza cheguey que mays me pesaua do bem q̃ tiue que do mal q̃ tinha. Escolhi para meu cõtẽtamẽto (se em tristezas e cuydados ay algum) virme viuer a este monte onde o luguar e a mingoa da conuersaçam da gente fosse como ja pera meu cuydado cumpria. por que grande erro fora depois de tantos nojos quãtos eu com estes meus olhos vy auenturarme ainda a esperar do mundo o descanso que elle nam deu a ninguem. Estã

A ii

MENINA E MOÇA

feita por Bernaldim ribeiro.

Menina ⁊ moça me leuarã de casa de minha may para muyto lonje, q̃ causa fosse entã da quella minha leuada, era aynda piquena nã a soube. agora naõ lhe ponho outra se nã q̃ parece q̃ jaa entam avia de ser o q̃ despois foy. Viui alli tanto tempo quãto foy neseçario para nam poder viuer em outra parte. muyto contente fuy en aquela terra mas cuytada de mĩ que em breue espacio se mudou tudo aquilo que em longuo tempo se buscou ⁊ para longo tempo se buscaua. Grande desauentura foy a que me fez ser triste ou per auẽtura a que me fez ser leda. Depoys que eu vy tantas coussas trocadas por outras, ⁊ o prazer feyto magoa mayor, a tanta tristeza cheguey que mays me pesaua do bem q̃ tiue que do mal q̃ tinha. Escolhi para meu cõtẽtamẽto (se em tristezas e cuydados ay algum) virme viuer a este monte onde o luguar ⁊ a mingoa da conuersaçam da gente fosse como ja pera meu cuydado cumpria. por que grande erro fora depois de tantos nojos quãtos eu com estes meus olhos vy auenturarme ainda a esperar do mundo o descanso que elle nam deu a ninguem. Estã-

A ii

do eu aſſi ioo tam longe de toda a gẽte e de mĩ ainda mais lõge, donde nam vejo ſenam ſerras que ſe nam mudã de hum cabo nũca ꝛ doutra agoas do mar que nũca estã q̃das, onde cuidaua eu jaa que eſquecia a deſauẽtura por que ella e depois eu a todo poder que ambas pudemos nam deixamos en mi nada ẽ q̃ pudeſe achar lugar noua magoa; antes tudo auia muito tempo como ha que he pouoado de triſtezas ꝛ com rezam, mas parece que das deſauenturas ha mudança para outras deſauenturas, que do bem nam ha auia para outro bem. E foy aſſi que por caſo eſtranho fuy leuada em parte onde me foram diãte meus olhos apreſentadas em couſas alheas todas as minhas anguſtias, ꝛ ho meu ſentido de ouuir nam fi:ou ſem ſua parte de dor. Alli vi entã na piedade q̃ ouue de outrẽ camanha a deuera de ter de mĩ ſenã fora demaſiadamẽte mais amiga dė minha dor do que parece q̃ foy de mĩ quẽ me he a cauſa della. Mas tamanha he a razam por que ſam triſte que nunca me veo mal nenhũ que eu jaa nam andaſſe em buſca delle: Da qui me veo a mĩ parecèr que eſta mudança em que me eu agora vejo jaa ha eu entã começaua a buſcar, quãdo me eſta terra onde me ella aconteceo aprouue mais que ou-

tra nenhũa para vir nella acabar os poucos dias de vida que eu cuydei me ſobejauam. Mas em yſto como ẽ as outras couſas tãbem me enganei: que agora jaa ha dous años que eſtou aqui e nam ſey ainda tãſomente determinar pera quando me aguarda, a derradeira ora nam pode jaa vir longe yſto me pos em duuida de começar a eſcreuer as couſas que vy e ouui, mas deſpoys cuydãdo comigo diſſe eu que arecear de nam acabar de eſcreuer ho que vi, nam era couſa para ho deixar de fazer, poys nam auia de eſcreuer pera ninguem ſe nam pera mi ſoo, Ante quem couſas nam acabadas nã auia de ſer nouo que quãdo vi eu prazer acabado ou mal que tiueſe fim; Antes me pareceo que eſte tempo que ey de eſtar aſſi em eſte hermo (como ao meu mal aprouue) nam o podia empregar em couſa, que mais de minha vontade foſſe, pois deus quis, aſſi minha vontade ſeja. Se em algum tẽpo ſe achar eſte libro de peſſoas alegres nã ho leã: que por auentura parecendolhe que ſeus caſſos ſeram mudaueis como hos aqui cõtados, ho ſeu prazer lhes ſera menos prazer; yſto onde eu eſtiueſe me doeria: por que aſaz abaſtauam nacer eu pera minhas magoas ſe nam ainda para as doutrem.

A iii

hos triftes ho poderã leer mas ahi nã hos ouue mais depois q̃ nas mulheres ouue piadade, nas mulheres fim por q̃ fẽpre nos homẽs ouue defamor. Mas ꝑa ellas nam ho faço eu q̃ pois q̃ ho feu mal he tamaño que fe nam pode confortar com outro nhũ he para as mais entriftecer, fem razam feria querer eu q̃ ho leffem ellas, mas ãtes lhes peço muito q̃ fujã delle e de todalas coufas de trifteza que aynda cõ ifto poucos feram os dias que ande poder fer ledas por que affi efta ordenado pela defuentura cõ q̃ ellas nafcẽ. Para hũa foo pefoa podia elle feer mas defta nam foube eu mais parte depois que fuas defditas ⁊ minhas ho leuarã para longes terras ⁊ eftranhas, onde bem fei eu que viuo ou morto, ho pofuye a terra fem prazer nhũ.

Meu amigo verdadeiro quem me vos leuou tam longe que vos comigo e eu com vofco foos fuhiamos paffar noffos nojos grandes ⁊ tã pequenos para hos de defpois. A vos contaua eu tudo, como vos vos foftes tudo fe tornou trifteza nẽ parece ainda fe nam que eftaua efpreitando jaa q̃ vos fofeis. ⁊ por que tudo ainda mais me magoaffe tamfomente nam me foy deixado em vofa partida ho conforto de faber

para que parte de terra hies que defcãçarã meus olhos em leuarem para laa a vifta tudo me foy tirado no meu mal, nẽ remedio nẽ cõforto ouue ahi. Para morrer, azinha me pudera yfto aproueytar mas para yfto nam me aproueytou. Ynda cõ vofco vzou defauentura algũ modo de piedade en vos alõgar defta terra pois q̃ pera nã fentirdes magoas nam avia remedio para as nam ouuirdes volo deu. Coitada de mĩ que eftou falãdo ⁊ nam vejo ora eu q̃ leua ho vento as minhas palabras en que me nam pode ouuir a quem falo, bẽ fei que nã era eu para yfto, aqui me quero ora poor porque efcreuer algũa coufa pede alto repoufo, ⁊ a mĩ as minhas magoas oras me leuã para hum cabo oras para outro ⁊ trazẽme affi que me he forçado tomar as palauras que me ellas dam por que nam fam tam coftrangida feruir ao engenho como a minha dor, deftas culpas me acharam muitas nefte liurinho mas da minha vẽtura foram ellas, ainda que quem me manda a mĩ oulhar por culpas nem defculpas q̃ ho liuro a de fer do q̃ vai efcrito nele, das triftezas nam fe pode contar nada ordenadamente: por que defordenadamente acõtecem ellas e tãbem por outra parte nã me daa nada nam ho lea nĩguem q̃ eu nam

A iiii

ho faço ſe nã para hũ ſoo, ou para nhũ pois delle como diſſe nã ſey parte tãto ha. Mas ſe ainda eſtaa para me ſer em algum tempo otorgado, que eſte pequeno penhor de meus lõgos ſospiros vaa ante hos ſeus olhos, muitas outras couſas deſejo mas eſta meſeria aſas.

Neſte monte mais alto de todos que eu vim buſcar pela ſoidade deferẽte dos outros que nelle achey, paſſava eu minha vida como ſohia, ora em me hir pelos fundos deſtes vales q̃ ho ſingem ao derredor, ora ẽ me poor do mais alto delle a olhar a tr̃ra como hia acabar ao mar, ⁊ depois ho mar como ſe eſtẽdia loguo apos ella para ſe hir acabar onde ho ninguem viſe, mas quando vinha a noute aceita a meus penſamentos q̃ via as aues buſcar hos pouzos, hũas chamarẽ As outras parecẽdo q̃ q̃ria aſoſſegar a terra meſma. Entam eu triſte com hos cuydados dobrados dos com que amanhecera me recolhia para minha proue caſa, onde ſoo (deus me hee boa teſtemunha de como as noutes dormia) aſſi paſſaua eu ho tempo quando hũa das paſſadas pouco aueria, aleuantandome eu vi a menham como ſe ergia fermoſa, eſtenderse graçioſamente por en-

tre os valles ⁊ deixar yndo os altos, q̃ jaa o Sol aleuantado a te os peitos vinha tomãdo poſſe nos outeiros como quẽ ſe queria ſenhorear da terra, has doçes aues batẽdo as azas ãdauam buſcando hũas as outras, os paſtores tãjendo as ſuas frautas ⁊ rodeados dos ſeus guados começauam daſomar jaa pelas cumeadas ꝑa todos parecia que vinha aquelle dia aſſi ledo: os meus cuidados ſoos vendo como vinha o ſeu cõtrario ao ꝑecer poderoſo recolherõſe a mĩ põdome ãte os olhos pera quãto prazer pudera a q̃lle dia vir, senã fora tudo tam mudado: por onde o q̃ fazia alegre todas as couſas a mĩ foo teue couſa de fazer triſte: ⁊ como os meus cuidados para ho que tinha a ventura jaa ordenado me começaſem dentrar pola lembrança de algum tempo que foi, ⁊ que nũca fora. enſenhorearãſe aſſi de mĩ que me nã podia jaa ſofrer apar da minha caſa: ⁊ deſejaua hirme por luguares ſoos õde deſabafaſſe em ſoſpirar, ⁊ ainda bẽ nam foi alto dia quãdo eu (parece q̃ ho ſẽti:) determinei hirme pera ho pee deſte mõte q̃ de aruoredos grandes ⁊ verdes eruas ⁊ deleitoſas ſombras cheo he, por onde hum pequeno ribeiro de aguoa de todo año, que nas noutes caladas ho rogido delle faz no mais alto

deſte monte hum ſaudoſo tom que muitas vezes me tolheo ho ſono a mĩ onde eu vou muitas vezes deixar as minhas lagrimas onde tãbem muitas enfindas as torno a beber, começaua entã de querer cair a calma ⁊ no caminho com a preſa que eu leuaua por fugir a ella, ou pola deſauẽtura que me leuaua tres ou quatro vezes cahi, mas eu que depois de triſte cuidei que nam tinha mais q̃ temer, nã olhei nada por aquilo ẽ q̃ parece q̃ deus me queria auiſar da mudança q̃ depois auia de vir; chegando a borda olhei pera onde via mayores ſombras ⁊ pareceram me as q̃ eſtauam alem do rio. Diſe eu emtam entre mĩ que na quilo ſe enxergaua que era mais deſejado tudo ho que com mais trabalho ſe podia auer, por que nã ſe podia hir alẽ ſem ſe paſſar a agoa que corria alli mais manſa ⁊ mais alta que noutra parte: mas eu que ſempre folgei de buſcar meu dano paſſei alẽ ⁊ fuime aſentar de ſob a eſpeça ſõbra de hum verde freixo que para baixo hũ pouco eſtaua: ⁊ algũas das ramas eſtendia por çima da agoa que alli fazia tamalaues de corrẽte, ⁊ empedida de hum penedo q̃ no meo della eſtaua que ſe partia para hũ ⁊ outro cabo murmurando, eu que os olhos leuaua alli poſtos comecei a cuidar como nas

coufas que nam tinham entendimento, auia tambem fazerenfe hũas as outras nojo, ⁊ eftaua alli aprendendo tomar algum conforto no meu mal, q̃ affi aquele penedo eftaua ali anojando aquella agoa que queria hir feu caminho como as minhas defauenturas noutro tempo fohiam fazer a tudo o q̃ mais queria que aguora ja nam quero nada ⁊ creciame daquilo hũ pezar por que a cabo do penedo tornaua a aguoa a juntarfe e hir feu caminho fem eftrondo algum mas antes parecia q̃ corria alli mais de prefa q̃ pela outra parte, e dizia eu que feria aquilo por fe apartar mais azinha daquele penedo ymigo de feu curfo natural que como por força alli eftaua, nam tardou muito q̃ eftando eu affi cuidando fobre hum verde ramo que por cima da agua fe eftendia fe veo apoufentar hũ roifinol e começou tam docemẽte cantar que de todo me leuou apos fi ho meu fentido de ouuir: e elle cada vez crecia mais em feus queixumes cada ora parefcia que como canfado queria acabar, fe nam quando tornaua como que começaua entã a trifte da auezinha que eftandofe afi queixando nã fei como cayo morta fobre a agoa: e caindo por ẽtre as ramas, muitas folhas cairam tambem com ella e pareceo aquilo final de pezar a-

q̃lle aruoredo ſeu caſo tam deſeſtrado, leuaua ha apos ſi a agoa ꝛ as folhas apos ella. quiſera a eu tomar mas por a corrẽte que alli fazia grande, e por ho mato que dalli para baixo acerca do rio logo eſtaua, preſteſmẽte ſe me alongou da viſta. Mas ho coraçã me doeu tanto entam em ver tam aſinha morto quem antes tam pouco auia que vira eſtar cantando, que nam pude ter as lagrimas: certo que por couſa deſte mundo depois q̃ eu perdi outra couſa nã me pareceo a mĩ que choraſſe aſſi de vontade: mas em parte eſte meu cuydado nã foy em vão por q̃ ainda que por a deſauẽtura da quella auezinha foſſẽ cauſadas minhas lagrimas, laa ao ſahir dellas foram jũtas outras minhas lembranças triſtes, grande pedaço de tempo eſtiue aſſi, embarguados meus olhos antre os cuydados que muito tẽpo auia que me tinham jaa entam, ꝛ inda teram te quando venha o tempo que algũa peſſoa eſtranha de doo de mĩ cõ as ſuas maõs cerre eſtes meus olhos q̃ nunca foram fartos de me moſtrarẽ magoas. Eſtãdo aſſi para donde corria ha agoa, ſenti bolir ho aruoredo cuidãdo que foſſe outra couſa tomoume medo mas olhando para laa vi que vinha hũa molher, e põdo nella bem os olhos, vi que

era de corpo alto defpoſiçam boa ho roſto de ſenhora dona do tempo antigo veſtida toda de preto, no ſeu manço ãdar e ſeguros meneos do corpo, e do rosto, e olhar, parecia dacatamento: vinha ſoo, na ſemelhança tam cuydoſa que nã apartaua os ramos de ſi, ſe nam quãdo lhe empidião ho caminho, ou lhe feriã o roſto, os ſeus pees trazia per antre as freſcas eruas, e parte do veſtido eſtendido por ellas, e antre hũs vagaroſos paſſos quella daua, de quando em quando colhia hũ canſado folego, como que lhe queria falecer a alma. ſendo junto de mi q̃ me vio ajuntando as maõs a maneira de medo de molher, hũ pouco ficou como que vira couſa deſacoſtumada, e eu que tambem aſſi eſtaua (nam de medo que a ſua boa ſombra loguo mo nam conſentio) mas da nouidade da quillo que ainda alli nam vira auendo muito que por meu mal tinha continuado ha quelle lugar, e toda a quella ribeira, nam eſteue ella muito que parece que conhecendo tambem de mi como eſtaua, cõ hũa boa ſõbra, Marauilha he (começou vir dizendo contra mi) ver donzella em hermo deſpois q̃ a grãde minha desauẽtura leuou a todo mundo o meu, e da hi a pedaço miſturado jaa con lagrimas dixe filho, e deſpo-

is tirando da manga vn lenço começou da-
limpar o ſeu roſto e chegandoſe para onde
eu ſtaua e leuanteime em tam fazendolhe a
q̃lla corteſia que me ella cõ a ſua e com ſigo
obrigaua. E ella, o deſcoſtume grãde (me
diſe) em que a muito tempo que viuo neſte
ermo de ver peſſoa nenhũa me faz señora
deſejar ſaber quem ſoes e que fazeis aqui
ou que vieſtes a fazer, fermoſa e ſoo. Eu q̃
hum pouco tardaua em lhe reſponder pela
duuida q̃ tinha e em mĩ eſtaua que lhe diria,
(pareceme q̃ entendendome ella a mĩ) po-
deis dizer tudo (me tornou) que eu ſou mo-
lher como vos, e ſegundo ſigo voſa preſen-
ça, vos deuo ainda ſer muito cõſorme por
que me pareceis agora q̃ vos olho de ma-
is perto que deueis ſer triſte que os vo-
ſos olhos muito tem a voſa fermoſura deſ-
feita, ao longe nam se enxergaua. Pareceis
vos loguo ſeñora ao longe (reſpõdi eu) ho
q̃ fois ao perto, nã vos ſaberia negar couſa
em que de mi vos ſeruiceis que os voſos
trajos e tudo que em vos olho he cheo de
triſteza, couſa a que eu ſou ha muito tempo
conforme, e por que poſſo mal encubrir o ſe-
nhorio que eu meſmo As minhas longas
magoas tenho dado ſobre mi nam me que-
ro rogar, mas antes vos deuera ainda de

agradecer quererdes ſaber de mĩ ho q̃ quereis, para ſeer ao menos eſcutado meu mal algũa ora: pois dizeime (me tornou ella) ꝑo que ficardeſme deuendo ouuirvos eu, noua maneira he tãbem de mi obrigardes, mas aſſi me pareceis vos que de vos ſer obrigada folgo muito eu ainda ſatisfazendolhe, em tam diſſe.

FUi hũa donzela que neſte monte da banda dalen deſte ribeiro pouco ha que viuo e nã poſſo viuer muito. noutra terra naſci, noutra tambem de muita gente me criey donde vim fugindo para eſte deſpouoado de tudo; ſe nã ſoo das magoas q̃ eu trouxe comigo, a eſte vale por onde correm eſtas agoas craras que vedes: o alto aruoredo de eſpeſſas ſombras sobre a verde erua e flores que por aqui parecem a ſeu prazer ſe eſtendem ribeiras deſta agua fria: doces moradas e pouſos das ſoos deleitoſas aues ſam tam conformes aos meus cuidados que o mais do tempo que o Sol aſſigura a tr̃ra paſſo aqui. Que em q̃ me vejais ſoo acompanhada eſtou muito ha q̃ tenho vsado eſte caminho, nũca vi ſe nã agora a vos, a grande ſoidade deſte vale e de toda a terra por a qui derredor me fez ouſar vir aſſi: molher fermoſa bem vedes que o nã

ſou jaa, e pois que nam tenho armas para offender, para me defender jaa para que me ſeriam neceſſarias, a toda parte jaa gora poſſo hir ſegura de tudo, se nã ſoo de meu cuydado que nam vou acabo nhũ que elle nam va apos mi, agora dãtes eſtaua eu aqui ſoo olhando para aquelle penedo (moſtrandolhe entam como eſtaua alli enojãdo aquella agua q̃ queria hir ſeu caminho,) ante os meus olhos ſobre aquelle ramo que a cobre ſe veo poor hũ Royſinol docemẽte cantando, de quando em quando parecia que lhe reſpondia outro de laa muito longe, eſtãdo elle aſſi no mayor canto, cahio morto ſobre aquella agua que ho leuou tam aſinha q̃ ho nam podi Eu hir tomar. Tamanha magoa me creceo diſto que me acordei de outras minhas de que tambem grandes deſaſtres cauſa foram: ⁊ leuarõme dõde me eu tambem nam podia jaa tornar. A eſtas palauras ſe me arraſaram os olhos dagua, ⁊ fui cõ as maõs a elles. E iſto ſñra fazia eu quãdo vos apareceſtes, ⁊ o faço as mais das vezes por q̃ ſempre eu choro ou eſtou para chorar. Eu que lhe tinha jaa reſpondido, detiueme hũ pouco cuidãdo como lhe preguntaria outro tanto della, mayormente a cauſa que foi de suas lagrimas, quando nã

pode

pode ſe nã muy tarde dezer, filho. Ella (cuydando que per auentura ho nam queria dezer) Mas bẽ ſe vee niſſo, me diſſe, ſenhora que ſois doutra parte ꝛ nã ha muito q̃ eſtais neſta, pois dos deſaſtres que ſobre eſte ribeiro acontecem vos eſpantais q̃ he hũa hyſtoria muyto falada neſta terra toda ꝛ por aqui derrador, muyto ha que aconteceo; lẽbrame que era Eu menina ꝛ ouuiha jaa cõtar a meu pai por hiſtoria: agora ainda folgo de cuydar nella, pelos grandes acõtecimentos de deſauenturas que nella ouue, y inda que nenhum mal alheo poſſa cõfortar ho proprio de cada hũ, parte de ajuda pera ho ſufrimẽto me he ſaber eu que antigo he fazeremſe as couſas ſem razam, e contra razam. De boa vontade (que parece que ainda a nam ouuiſtes) volla contara que ſegundo entendo deuem vos aprazer as couſas triſtes como me vos a mi dezeis. Ho Sol (lhe reſpõdi) vai alto ꝛ eu folgaria muyto de a ouuir pela ouuir a vos ꝛ deſpois po ſaber como nam buſquei em balde eſta terra para minhas triſtezas pois tanto ha que ſe coſtumam nella. Outra coſa ſenhora vos quiſera eu agora dantes preguntar, mas fique para deſpois que pera tudo auera tempo, ainda que pois a hyſtoria dizeis que he de tri-

B

ſtezas nam poderaa durar tã pouco como o dia. Hos dias ſam agora grãdes (me tornou) ⁊ nam poderam elles nunca ſer tam pequenos q̃ vos eu a todo meu poder nam faça a vontade nelles, aſſi ſou eu pagada de vos, mas olhai o que quereis antes. Couſa em que vos folgais inda agora de cuydar (lhe reſpondi) nam pode ſer pouco para deſejar de ouuir, ho que eu antes quiſera ou pera deſpois, ou para ſẽpre q̃ ſoo de ho eu querer lhe deue vir iſto, nam tomeis da qui que nam folgarei de ouuir a hyſtoria por q̃ yſſo podera ſer ſe nam fora de triſteza: para que eu vou jaa gora achando o tempo curto tanto folgo com ella por iſſo cõtaya, ſenhora cõtaya pois he triſte, gaſtaremos ho tempo na quillo pa q̃ no lo deram, a vos ⁊ a mi.
❡ Coitada de mi (começou ella) que para me magoar buſco ainda deſauenturas alheas como q̃ as minhas nam baſtaſſem, q̃ ſam tantas que muitas vezes neſtes deſpouoados eu meſma me ando eſpantando de mĩ como as poſſo ſofrer, por iſſo nam vos parecia ſem cauſa triſte de lõge, e triſte de perto que aſſi ho ſou eu, ſe ho ſoubeſeis ainda muito mais volo pareceria, do que cuido q̃ parecerei na preſença: por q̃ a lõga door em q̃ ha jaa muito tempo q̃ eu duro tem ho coita-

do deſte meu corpo tam acoſtumado a ſofrela q̃ jaa gora viue nella, eſte he hũ dos queixumes grãdes que eu tenho do corpo: que nam ha cousa para que elle por longo coſtume nam ſeja. E aſſi ha jaa muitos años q̃ eu nam viuo para mi, ꝛ que vim pera eſtes hermos, fugindo da gente, para quẽ ſoo anouteceo e amanheceo. Muyto me aprouue acharuos tãbẽ amiga da triſteza, por q̃ nos conſolaremos ambas deſconſoladas, que iſto vay aſſi como quem he doente de hũa peçonha ꝛ curaſe com outra. Quando vos eu da primeira vi, o apartamento de toda a gẽte que em eſta terra ha muyto, e ho muyto tambem que ha que eu nam vi nelle couſa com que falaſſe me moueo a alteraçam. E nam pus os olhos em vos tanto como deſpois que vos falei, agora, que quãto mais vos olho mais acho para vos olhar.
Has paſſadas voſſas palauras me diſem q̃ deveis teer o coraçam altamẽte agrauado, nas magoas q̃ as lagrimas tem feito no voſſo roſto (que para eſſes voſſos parece que nam foi dado) entendo eu quam dada deueis de ſer aos cuydados que nam ſoem ellas ſazeremſe debalde. Vejovos moça, ainda ereis para viuer no mundo mal aja a deſauentura que tam cedo começou em vos ꝛ

B ii

tam tarde nam acaba em mĩ. Muyto folgaria de me contardes voſſa triſteza hũa ꝛ hũma, que aſſi como vola ouui nam me abaſtou mais q̃ para me magoar, mas pois vos senhora aſſi foſtes ſeruida eu ſou contente, que por outra parte folgo pela voſſa, q̃ pois nam pudeſtes eſcuſar deſauenturas menos he virdes ter mal que folgueis em encuberto. Que o peſar (onde ha eſte bem) ainda que nam aproueita para delle nos doermos aproueita loguo ꝑa ſe ſoffrer melhor. Yſto he aſſaz para as triſtes das molheres que nam temos remedios para ho mal, q̃ os homẽs tem. Por que ho pouco tempo que ha que eu viuo tenho aprendido q̃ nã ha triſteza nos homẽs, ſoo as molheres ſã triſtes: que as triſtezas quando virom que os homẽs andauam de hum cabo para outro, ꝛ como as mais das couſas com as cõtinuas mudanças hora ſe eſpalham hora ſe perdem, ꝛ as muitas ocupaçoẽs lhe tolhiam o mais do tẽpo, tornaronſe as coitadas das molheres, ou por que aborreceram as mudanças, ou por que ellas nam tinham para onde lhes fugir, que certamente ſegundo as deſauenturas ſam deſarrazoadas ꝛ graues aos homẽs ſe auiam de fazer, mas quando com elles nam puderam tor-

naronſe a nos, como a parte mais fraca: Aſ-
ſi que padecemos dous males, hũ que ſof-
fremos, ꝛ outro que ſe nam fez para nos.
Hos homẽs cuidam outra couſa, (mas o q̃
das molheres nam cuydã elles) outra cou-
ſa longamente acoſtumarom ter em pouco
ſuas triſtezas, mas ſe ellas poriſſo tem razã
de ſerem mais triſtes ou nam ſabelo ha quẽ
ſouber que magoa he mãter verdade deſco-
nhecida. A iſto nam pude eu ter hũ canſa-
do ſospiro de dentro da alma. E ella ſentin-
doho cõ quanto o eu emcubri eſtendendo
a ſua dereita mão ꝛ tomandome a minha cõ
diſſimulaçam ſospeitoſa tornou a fallar, co-
mo para mi dizendo. Quando eu era da
voſſa ydade eſtaua ẽ caſa de meu pay, nos
longos ſeroẽs das eſpantoſas noytes do
inuerno entre outras molheres de caſa, del-
las fiando ꝛ dellas dobando, muytas vezes
para ẽganarmos o trabalho ordenauamos
que algũa de nos contaſſe hyſtorias q̃ nam
dexaſſe parecer ho ſeram longuo, ꝛ hũa mo-
lher de caſa jaa velha que vira muito ꝛ ou-
uira muitas couſas por mais anciam de-
zia ſempre q̃ para ella foo pertencia a quel-
le officio, entam contaua hyſtorias de caua-
leiros andantes ꝛ verdadeiramẽte as afrõ-
tas ꝛ grandes deſauenturas que ella conta-
B iii

ua a que ſe elles punham pellas donzellas me fazia auer doo delles, ⁊ cuydaua eu q̃ hũ caualeiro apoſtamẽte armado ſobre ſeu fermoſo cauallo pela ribeira de hũ rio deſte gracioſo campo paſſando nam podia hir tã triſte como hũa delicada donzella, em alto apoſſento acoſtada ao ſeu eſtrado entre paredes ſoo podia eſtar, vendoſe daltos muros cercada, e de tantas guardas feitas para couſa de tã pequena força, mas para lhe tolherẽ as võtades fizerã grãdes defeſas ⁊ ꝑa lhe entrar o nojo peq̃nas, mais maneira tẽ hos caualeiros para ſe moſtrarẽ mais triſtes do q̃ ſam, e menos maneira tẽ as dõzellas ꝑa ſe moſtrarẽ mais triſtes do q̃ parecẽ aos homẽs, ao menos ſe eu deſpois q̃ ſoube muytas couſas pudera tornar atraz menos me ouuerã de magoar algũas do q̃ me magoarõ, q̃ tambem ſe deue eſperar da dor aquillo para que cada hũ a tem, doutra maneira nam ſe deuia ella de ter, ou ao menos deuiaſe de moſtrar que ſe nam tem. Digo iſto ſenhora por que pelo lugar õde ſospirou voſſo coraçam que vos de mĩ quãto podeſtes vos quiſeres encubrir, ſoſpeito eu q̃ dalgũa grande ſem razam deueis trazer o ſentido magoado, que a voſſa idade nam era para matos. Se hos homẽs nũca acoſtumarã

agrauar as donzellas muyto fora de ſentir, mas das couſas coſtumadas quem ſe deue agrauar. Muyto tempo vos poſſo dizer (ainda que o conhecimento entre nos ſeja pouco) por que ſou mais velha que vos ⁊ por que he verdade. (Para que ſe nam deue eſperar tempo como para as outras couſas) quantas dõzellas comeo jaa a terra cõ as ſoydades que lhe deixaram caualeiros, que comeo outra trr̃a cõ outras ſoydades, cheos ſam os liuros de hyſtorias de donzellas que ficarom chorãdo por caualeiros que ſe hiam ⁊ que ſe lembrauã ainda de dar deſporas a ſeus cauallos por que nam erã tam deſamoroſos como elles. Neſte cõto nam entraram ſoo os dous amigos (de que he a hyſtoria que vos eu dantes prometi) nelles ſoo cuydo que ſe encerrou a fee q̃ em todolos oùtros ſe perdeo e creo q̃ por iſſo ordenarom outros homẽs de hos matar a treiçam por que ſe nam pareciam maa mẽte com elles. Que o mal nam tam ſomente aborreceo ho bem, mas nam quiſera ainda que ouuera ahi lembrarſe: que quando meu pay contaua a vileza da maneira que tiueram os falſos caualeiros para matarem os dous amigos, dezia que muyto folgara de nunca o ouuir para a nam ſaber, pois nã vie-

B iiii

ra em tempo para deixar dir a terra magoado, que jaa a geraçam delles nam auia ahi. Mas ſe muyto para ſentir foy a morte dos dous, muyto mais ꝑa ſentir foi a morte das duas donzellas que a deſauentura trouxe a tanta eſtreita que nam tam ſomente conueo aos dous amigos tomarem a morte por ellas: mas ainda cõueo a ellas tomarẽna para ſi meſmas. Os dous amigos no que fizeram compriram cõ ellas ⁊ com ſigo meſmos (a que eram todos pella caualleria que mantinham obrigados) ellas ſoos compriram com elles o que eu creo que he de mayor eſtima por que ellas por outros nam fizeram aquilo, ⁊ elles por outras deueram no de fazer, aſſi q̃ como de peſſoas q̃ fizerã mais ſe deue tambem mais a morte de ſentir: ainda que a mĩ ygualmẽte me doem hũs ⁊ outros, ellas por que erã molheres, elles por que nam erã como outros homẽs. Yſto digo eu para vos ⁊ para mĩ, por que meu filho tambem era homẽ. Com eſta palaura começarom as lagrimas de correr pelas ſuas faces abaixo, ⁊ ella nam ſoltando a fala diſſe, perdoarme heis ſenhora (que pola minha ydade bem vos poſſo chamar filha) ſe muitas vezes me virdes fazer yſto, ainda q̃ a vos nam deuẽ lagrimas ſer eſtranhas, po-

is tãto folgaſtes de buſcar lugares ſoos como eſtes em que eſtamos, que jaa noutro tẽpo dizem que foram de muyto nobres caualeiros ⁊ fermoſas donzellas, ⁊ ainda agora por aqui ha lugares onde acham moços que guardam gado pedaços darmas e joias de grande valia. O que parece que faz eſte valle de mais triſte ſombra que outro ninhũ nã ſei eſte deſconcerto do mundo donde a dir ter; hũ tẽpo foram eſtes valles muito pouoados e agora muito deſertos. ſoyã gentes dandar nelles agora andã alimarias feras. Hũs leixã o que outros tomam pera que era tanta mudança em hũa ſoo terra. Mas parece que tambem a terra ſe muda com as couſas della. E eſta por que paſſou o tempo de quando foy leda veeo eſte de quando auia de ſer triſte. De muyto pouoada e de ricos edeficios nobrecida tornouſe deſtes altos aruoredos como a natureza os produzio a pouoar. Ainda em algũs cabos deſtte valle eſtão algũas antiguas aruores que pelo muyto deſcurſo de tẽpo e deſcoſtume como forã criadas parecẽ jaa doutra promagẽ deferente da quella de que deuiam ſer quando ajudadas de pomareiras maõs produziã ſeus perfeitos fruitos. Tudo quanto ha neſte valle he cheo dhũa lem-

brança trifte pera quem tiuer ouuido o que dizem que aconteceo nelle, e o que foy jaa noutro tempo, que parecia entam que nam era pera vir a efte dagora. Mas tudo emfim he affi, fazenfe hũas coufas pera outras pera que fe nam faziam. Mal cuydariam os dous amigos quando aceitaram a alta emprefa de guardar as auenturas defte valle pera foo aprazer as fermofas duas donzellas que era pera tanto feu defprazer dellas. E mal tambẽ cuydaram ellas quando aq̃lle dia da grande defauentura fe veftiram, e cõcertaram ricamente pera verẽ hos dous caualeiros amigos que era pera os nam verẽ mais. Trazemnos hos noffos fados cõ nam fei que antolhos que temos as coufas diante e nam nas vemos, tudo anda trocado que nam femtende, e affi nos vem tomar as magoas quando eftamos mais defeguradas dellas, que nos doem a hũ mefmo tẽpo o bem que perdemos e o mal que defpois cobramos. Aqui deu ella hũ grande fofpiro, e efteue como que quifera dizer outra coufa, e tornou dizendo, mas tempo he de comprir o que vos prometi que bem vejo q̃ me leua muyto haa minha door apos fi.

DE Reynos eftrangeiros dizẽ que veeo no tempo paffado ter a eftas par-

tes hũ nobre e famoſo caualeiro, aportou cerca onde eſte pequeno rio q̃ por aqui corre entra no mar, e como elle vieſſe em hũa nao grande, de muyta riqueza ſua carregada, e ſobre tudo de duas fermosas Jrmaãs e hũa a que elle mais que a ſſi queria, e por q̃ ella ſentiſſe menos a ſoidade de ſua natureza trouxera a outra irmãa dõzella mais pequena que aquella por q̃ elle vinha aſſi buſcar terras eſtranhas. Contam que ellas eram filhas dhũ alto homẽ como ſe depois por tempo ſoube, pelos muytos caualeiros andantes que pelo mundo foram eſpalhados na quella ſazam, mas eſta he hyſtoria longa. Aportado Lamentor (que aſſi ſe chamou neſtas partes) como digo, auida inteira enformaçã da terra, ꝛ da gente della; como elle viſſe da maneira que vinha nã q̃ria fazer ſeu aſſẽto ẽ lugar nhũ muito pouoado, e ſaindo hũ dia pela manhãa, da nao cõ toda ſua riq̃za começou caminhar por eſte valle arriba q̃ ꝑa tudo tinhã jaa ahi ſeus criados o cõcerto neceſſario. En hũas ricas andas que Lamentor na nao trouxera hiam as duas Jrmaãs, por q̃ a mayor vinha prenhe de dias e a manhãa era gracioſa, aſſi parecia que ſacertou pera lhe a terra mais contentar, era o ano no mes de Abril

quando emflorecem as aruores e as aues que atee entã eſtiueram caladas começam dandar fazendo ſuas querellas doutro año por entre o aruoredo deſte valle, que bẽ podeis ver quejando ſeria emtam pois agora o he tanto. Hiam elles tomãdo solaz hora ẽ hũa couſa hora noutra, q̃ tudo buſcaua Lamẽtor muy inteiramẽte pera que ſua ſenhora e a donzella ſua irmaã em algũa maneira ꝑdeſſẽ a ſoydade de ſua tr̃ra e o nojo do mar. ❡ E ſendo elles junto de hũa ponte q̃ aqui loguo ainda eſtaa, e q̃rẽdo ha paſſar lhe diſſe hum eſcudeiro que no começo della eſtaua ſenhor caualeiro ſe quereis paſſar conuẽ que façais de duas hũa, ou que confeſſeis que o caualeiro que mãtem eſte paſſo, quer bem co mais razam que ninguẽ, ou o determinara a juſta. Muytas couſas auia miſter ſaber lhe reſpondeo Lamentor quem ouueſſe de reſponder a eſſa pregunta, e como ſe pode ſaber ſe quer elle bem com muita razam, ſem ouuir primeiro onde e como ho quer? mas por agora diſſo eu nam me curo q̃ a mĩ baſtame que por mais razam com que elle queira bem eu ho quero com mais q̃ elle, e que todolos do mũdo, iſto que ſei certo de mĩ me eſcuſa ſaber mais delle que a condiçã com que guarda eſta põte: e a razam que el-

le tem pera iſſo guardea pera ſi, que pera elle poderaa ſer q̃ parecera a mayor do mundo. Deueis bom ſcudeiro de lhe dizer que faria bẽ leixarme paſſar antes que o julgue a juſta: o eſcudeiro q̃ jaa oulhara pera as andas e nunca couſa tambem lhe parecera, lhe tornou. He eſcuſado pera elle eſſa embaixada por que eſtaa tam ouſano que nam pode ninguem agora com elle e na verdade tem cauſa. Por que fara da qui a oyto dias tres años que elle mantem eſte paſſo ſem achar nunca caualeiro que o venceſe ſendo o mais continuado delles que por toda eſta terra haa, e entam ſacaba o prazo que lhe foi dado por hũa donzella mais fermoſa que neſtas partes agora ſe ſabe filha do ſenhor da quelle caſtello que na quelle alto parece, em que lhe ella prometeo o ſeu amor ſendo eſta ponte por elle guardada com a cõdiçam que ouuiſtes. Mas porem ſenhor caualeiro ſe elle foſſe ſabedor da companhia q̃ trazeis com voſco cõ razam deuia temer agora mais que nunca. Mas eu com tudo nam lho poſſo hir dizer que jaa outras vezes lhe leuei aſſi embaixadas cuydando que acertaua e elle tornoume maa repoſta. E Socedẽdo depois as couſas como ambos deſſejauamos mo tornaua deitar ẽ roſto. Como

que a minha boa tençam ficaſe polo acontecimento culpada. Hora pois determineo a juſta diſe Lamẽtor oulhando jaa pera as andas. E tirando entam de hum tiracollo o eſcudeiro tocou hũa corneta e da hi a pouco deixouſe ſair dhum eſpeſſo aruoredo que alem da ponte eſtaua hum caualeiro bẽ armado a cauallo. Vindoſe direito para a põte, alli ouuerã ambos a juſta: ẽ q̃ meu pay contaua muitas couſas de grande esforço e valentia que vos eu nam contarei por que ainda que as molheres folguẽ muito douuir caualerias nã lhes eſtaa bem contaremnas, nem ellas parecẽ na ſua boca como na dos homẽs que as fazem, mas cõ tudo diſſerauolas ſe me lembraram ynteramente: porem nam me lembram ſe nam que contaua meu pay que romperã tres lanças e a quarta cayo ho caualeiro da ponte e cõ a queda grande do encontro que tãbem foi grande ficara ſem ſe poder aleuãtar hum pouco, apeouſe Lamentor rijo e quando chegou achou ho ſem fala e deſcobrindo ho lhe pareceo como mortal mas da hi hum pedaço acordou todo mudado na cor e leuantando os olhos para Lamentor que ſobre elle eſtaua com hum ſoſpiro. Ay caualeiro prouuera a deus (lhe diſſe) q̃ vos

nam vira nunca, ou q̃ ao menos vos nã tornara mais a uer Lamentor ouue delle doo maiormẽte de hũas lagrimas que lhe vio, e tomãdoo por o braço ho ajudou a erguer dizendolhe, do amor ſenhor caualeiro vos podeis queixar com razam que aſſi como vos elle a vos fez guardar eſte paſſo, me fez a mĩ fazeruos eſte nojo, de uolo ter feito me peza como homem que a fazeruolo foy como namorado, noutra algũa couſa de voſſo contentamento volo emmendarei quando mandardes, o caualeiro da põte que ho vio aſſi meſurado bẽ lhe pareceo razam de lhagradecer aquella võtade, mas tamanha era a door que tinha no coraçam que nã pode acabar de forçar a ſua, cõ tudo por que era dalta criaçam, ho amor demaſiado (lhe diſſe como deſculpandoſe) nam viue em terra de razam mas eu hirei tomar vingãça delle noutras alongadas deſta onde nam veja couſa cõ que os meus olhos deſcãſſem, ainda que eſta vingança bem me peza por que ha de ſer toda de mi ſoo e de meu cuidado: e aſſi ſe virou logo para outro cabo e deu a andar pelo valle, e como elle com a queda grande que dera ficaſe mal tratado, ſegundo depois pareceo ſe lhe quebraſſe algũa couſa de dentro, nam foi pelo valle abaixo

muito que acabando hum ſeu eſcudeiro de tomar o caualo começando a hir apos elle o alcançou perto dalli achando ho jaa lançado no chão de bruços foi para ho erguer vio que elle era em eſtado de morte começou de chorar feramente Lamentor que ho ouuio deu a correr para laa. e vẽdo como eſtaua ho eſcudeiro cõ ſeu ſenhor como mortal nos braços deceoſe preſteſmente e foiſe para elle e vendo ho no derradeiro termo de ſua vida e como eſmayaua, que he yſſo ſenhor caualeiro (lhe diſſe Lamẽtor) esforçai que eſte he o paſſo verdadeiro para que vos tomaſtes ha ordem de caualaria e elle acordando As palauras pos os olhos em Lamentor eſtendendolhe vagaroſamente a mão dereita, como en ſinal parece de paz com hũa voz canſada, ao esforço ſe me podera valer (diſſe) ꝑdoara eu tudo pois me falece agora que me a mĩ compre tanto viuer, e com a força q̃ fez para dizer iſto como homem que tinha algũa door grande de dẽtro foiſelhe o folego cerrãdo os ſeus olhos ficou como paſſado deſte mundo mas da hi a hum pouco tornou hos abrir e fazendo mençam com o roſto pera aquella bãda onde eſtaua ho caſtello da donzella por quem guardaua o paſſo q̃ todo aquelle valle deſ-

cobria

cobria ꝛ leuando para laa os olhos parece lembrandolhe que nam tinha jaa mais de oito dias por acabar do prazo que lhe fora aſinado como couſa que ho mais magoaua ainda diſſe eſtas derradeiras palauras O caſtello quã perto agora dantes eſtaua de uos, e com iſto deixaraõſe os ſeus olhos canſadamente cerrar para ſempre.

CHegadas erão jaa alli as andas com as duas hirmãas e toda a outra gente e vẽdo como o caualeiro da põte que deſarmado jaa o roſto tinha era de fermoſa prezença e ainda mancebo todos ficarõ muito triſtes de tamanho deſaſtre Lamẽtor q̃ via como ho eſcudeiro eſtaua lançado aos pees de ſeu ſenhor triſtemẽte chorãdo auẽdo delle compaixão que aſſi na pratica que cõ elle teuera dantes na ponte como na quillo lhe parecia de boa maneira ꝛ de criaçam, foiſe para o conſolar e tirandoo para fora dalli donde eſtaua chorando, lhe diſſe, Tee nas couſas proueitosas temperãça he muito louuada, os choros não aproueitã para nada por iſſo he muito mais neceſſario nelles a temperança, nem ſe deue ter ſenã como couſa que ſenã pode eſcuſar. Voſſo ſenhor faleceo como caualeiro ꝛ ainda vos digo que todas as peſſoas que lhe bẽ que-

C

rẽ não deuem ſer triſtes antes ſe deuem dalegrar que foi de tão alto coraçam que não pode ſoportar ſer vencido, que ſelo ou nam eſta na vẽtura, deſta deſauẽtura, minha ſoo (diſſe o eſcudeiro chorando) pois fico, nam me peſa tanto como por ſer tomada por quẽ he: os caualeiros ꝑo amores (tornou Lamẽtor) deſejando ſaber o que iſto era) tudo lhe eſta bem fazerem, em lugar (reſpondeo ho eſcudeiro) que lhe ſeja agradeſcido, mas meu ſenhor ſobre todalas couſas do mundo queria bem ha hũa donzella que nam tinha pera elle mais armas que a fermoſura, por que a vontade ſegundo ella moſtrou nũca foi delle mas antes diſſerã algũs de ſua caſa que o dia q̃ ella concedeo o prazo chorou muitas lagrimas e que nunca o concedera ſe nam fora por ſeu pai. que era tã afeiçoado a meu ſenhor (e com razam) q̃ a cabo de longo tempo alcançou iſto de ſua filha, e ainda a hora de ſua morte. Todos ſe eſpantarom douuir iſto. Porque o caualeiro da ponte era fermoſo e o fizera na juſta grandemẽte: Lamentor a quem diſto peſou muito pelo grande esforço que lhe na juſta conhecera com manencoria diſſe, conſolaiuos que ho amor nunca perdoara deſamor tarde ou cedo vereis vingança. Ho

escudeiro chorando ⁊ tornandose a lançar aos pees de seu senhor, senhor caualeiro (disse) ꝑa a morte nã ay ahi vingança, Lamẽtor ho tornou a erguer dizendo que para ho chorar aueria tempo que por entam curase dentender no que auia de fazer, ho escudeiro disse que hiria dalli a hũa jornada onde estaua hũa fortaleza de seu senhor em q̃ estaua hũa sua hirmãa viuua aquẽ elle dera ꝑa lhe comer as rẽdas ẽ mẽtes elle segia as auẽturas e da hi viria o cõcerto ꝑa ho leuarẽ ao jazigo de sseus ãtepassados q̃ ella muito lhe queria ⁊ q̃ por entam deixase ahi Lamentor hũ seu escudeiro que o guardase, ho sol hia ja empinado e era tempo de repousar e comer maiormẽte quem do mar saira e por q̃ nã muito lõge de aquelle lugar e da ponte estaua hum assento gracioso daruoredo e corria por entre elle a aguoa ordenou Lamentor hir alli jantar e assi ho fez. depois dizendo ao escudeiro q̃ elle queria hir repousar naquelle lugar e que lhe daria as andas em que ho leuase e se lhe mais cõprise de boamẽte o faria o escudeiro tendolhe em merce disse que assi fosse e começandose de ordenar tudo foi assi acaso que a hirmã do caualeiro da põte por que sabia q̃ nam auia mais de oyto dias pera acabar o

C ii

prazo em que ſeu hirmão a quem ella muito queria tinha todo ſeu comtentamẽto poſto. Determinou de vir alli com grãdes conſertos o dia dantes como aquella que ho deuia por amor e por obrigaçam, e acompañalo atee o fĩ, que auia ella por certo que acabaria ſua auentura com grande honrra pois tãto tẽpo a mãtiuera, q̃ nã auia jaa caualeiro por toda eſta parte que por alli nam teueſe paſſado. E acertou entam de vir e vendo aquelle ajuntamento e as andas nam ſoube que dizer, mas loguo lhe deu ho coraçam hũa volta e chegandoſe rijo vio o eſcudeiro que ella bem conhecia andar chorãdo. Perguntandolhe que couſa era aquella oulhou vio o hirmão jazer ſobre hũs panos ricos q̃ Lamentor lhe mandara por. E apeandoſe apreſadamente foi correndo para elle, lançãdo ſeus toucados em terra começou a hir carpindo crimemente hos ſeus cabelos q̃ eram longuos pera onde o corpo de ſeu hirmão morto jazia. Dizẽdo pera a door grande nam ſe fizeram leis. Yſto dizia ella por q̃ era cuſtume mui guardado naquella terra e ficara doutro tempo ſob grandes penas prohibido nam ſe poor molher nhũa em cabelo ſenã por ſeu marido. E chegando a elle o abraçou muitas vezes e beijou dizẽdo

hirmão meu que morte foi eſta que aſſi vos leuou tam azinha que vos nam pude falar q̃ a mim enganada me trouxe do voſſo caſtelo a deſauentura. Que deſconcertos da furtuna para verdes outrẽ tomaueis vos eſta empreza. Eu pera ver a vos parti de caſa, E tudo era para ãbos nos nam vermos ho que deſejauamos. Triſte de mĩ que quãdo me vos cõ outro roſto foſtes correndo abraçar dizẽdo daqui a tres annos ſnr̃a hirmam verei a couſa do mũdo mais deſejada e de voſa licença que mais quero. Loguo me deu nalma e dixeuos Que larguo prazo he eſte pera quem o recebe que quem o poem parece que o nam poem para al. Mas vos que para iſſo quizeſtes eſte bem como que nam folgaueis de mouuir aquilo, ho amor grande me tornaſtes ſegurança demanda. Aynda mal muitas vezes por que foi tam grande mas nam me comeraa a mĩ a terra com eſta dor ſem fazer a todo meu poder q̃ cuſte o larguo prazo algũa couſa aquella q̃ tanto cuſtou a vos e a mĩ. As duas hirmaãs que jaa dãtes eram decidas pera darem as andas ſe foram pera ella ꝛ tomandoa antre ſi começarõna agaſalhar a maneira de a quererem cõſolar que a linguoagem da terra nam na ſabiam e ella con alta voz chorã-

C iii

do diſſe. Leixaime ſrãs chorar que meu hirmam nam tem outrem que o chore. Chegouſe Lamentor que andara todalas partidas e ſabia a fala e diſſe. Os caualeiros ſrã que em feitos darmas acabam como voſo hirmã nam deuem ſer chorados como os outros homẽs que elles acham o que buſcauam. Vos ſenhora que muitas cauſas tenhaes para ſer triſte pella perda que perdeſtes nelle, que era ho milhor caualeiro deſta terra toda. Tãbẽ tendes muita razã de louuar a deus por elle ſer tal. Leixai o pranto vede o que mandais que ſe faça q̃ pareceria ſenhora eſcandalo curardes mais de voſa dor q̃ de voſo hirmão. Em quanto o tendes diãte. E niſto chamou o eſcudeiro que lhe diſſeſe como eſtaua dãtes jaa ordenado. E ella ouue o por bem e feſe aſſi. Poſerom o caualeiro da ponte ſobre as andas enuolto em hũs ricos pãnos e a hirmam chorando pedio que a meteſem com elle. Lamentor a tomou pelo braço, e a dõzela pelo outro que a hirmam nam podia e pozerõna dẽtro. Mas querendo Lamentor ſoltar os paramentos das andas como couſa de tanto doo ſe chegou mais para ella e diſſelhe eſtas palauras. Aynda que o tempo ſenhora ſeja pera outra couſa por que nam ſei quan-

do vos tornarei a ver de mĩ ſabei certo que podeis fazer a voſo ſeruiço o mais ſabereis do eſcudeiro. E ella nam tornou repoſta q̃ hia cuberta toda lançada jaa ſobre o roſto de ſeu hirmaõ e elle ſoltou os paramentos e aſſi forõſe. Triſtes ficarõ todos por aquella deſauentura, mas Lamentor a que nam eſquecia que ho trazia conſiguo alimpãdo os olhos das lagrimas que lhe aquella partida aſſi fizera ſe veo para onde ſua ſenhora com a hirmam eſtaua com eſtas palauras. Ora nos podemos ſenhora hir que na mortalha alhea nam temos mais que fazer. E tomandoa pola maõ mandou aos ſeus para ho lugar que dãtes lhe parecia bem dizẽdolhe ho que auiã de fazer elles, entramentes ſe foram todos tres por ſobre o ribeiro deſte rio olhãdo para elle e falando outras couſas eſteueram aſſi hum pouco por que o mais azinha q̃ ſer podera foi armada hũa rica tenda e começarom de comer que de tudo vinha em grande abaſtança. repouſarom tee bem tarde q̃ as ãdas tornarõ e por nã ſerẽ horas para jaa caminhar ſe leixarom eſtar aſſi aquella noite que a fortuna tinha jaa ordenado que foſſe pera ſempre. Beliſa que aſſi se chamaua aquella ſenhora que vinha prenhe em mentes alli eſteuerã antes

C iiii

que as andas vieſſem adormeceoſe. E acordando hum pouco agaſtada q̃ vio a Lamentor lançandolhe amoroſamente os braços pelo peſcoço, aſſi, ãtes lhe diſſe. Elle vio que ſonhara pelo deſacordo com que acordara lhe preguntou que couſa fora eſta. ſonhaua ſenhor reſpõdeo ella que eſtauamos vos e eu preſos por hũ fio e eu cortauaho e que vos nam via mais. Lamentor nã lhe pareceo ſenã que lhe atraueſarom aquellas palauras ho coraçam. Como na verdade emfim foi. E aſſi ellas como yſto que em ſi ſentio ho entriſtecerom grandemente adeuinhaua lhe parece a alma o ſeu mal e nã pode tanto diſimular que ho nam conheceſe ella e diſelle. Que he yſſo ſenhor que aſſi vos mudaſtes com ho que vos diſſe.
Mudando elle ho prepoſito em couſa que tambem ho mudaſſe a ella por lhe eſcuſar algũa imaginaçã pello perigo em que vinha da emprenhidam. Reſpondeolhe dizendo eyuolo ſenhora de confeſſar ainda que niſo force minha condiçam, que nem dizeruolo nem cuydalo quiſera, ouue menẽcoria ⁊ perdoaime que de uos nam ſe pode ella auer, mas como os ſonhos nam venhã ſenã do q̃ homẽ tras na fanteſia pareceome por que me diſeſtes que ſonhaueis que me não vie-

is mais que era defconfiardes do que vos quero ꝫ de mĩ fendo vos tã fegura por ambas ellas ou por cada hũa.

EElla com a boca chea de rizo que abaftaua para ho defagaftar fe elle aquillo cuydara; fe chegou pera elle dizendolhe bẽ longe viera eu bufcar effa defconfiãça, perdoovos que parece que efte dia he affi aziago que tantos defaftres acontecem nelle, nifto e noutras coufas paffarom aquelle dia em quanto ouue Sol ho qual com mais nojo fe auia de por aquelle dia do que amanheceo, pello que ouuireis, vindo a noute repoufando jaa todos Belifa fe começou dagaftar leuemẽte, mas crefendolhe a door cadaues mais ouue de chamar por sua hirmãa acordando ella que perto em hũa camilha dormia lhe contou Belifa de como ha door hia ẽ crecimento, a fenhora Aonia que affi se chamaua a hirmã, acordou has molheres de cafa ꝫ hũa donna honrrada, q̃ de parteira fabia muito ꝫ pera iffo a trouxera Lamentor por que quãdo jaa partira Belifa era prenhe ꝫ fenã fora por que fenã podia jaa ẽcobrir não na trouxera elle affi a terras eftranhas. Mas na mocidade ho amor nã achou outro milhor remedio que ho defterro. Belifa que a Lamentor queria fobre

todas as coufas do mundo diffe contra as outras que ha ajudafem a tirar do leito em que jazia para a camilha de fua hirmã, pello nam acordarem que eftaua canfado do caminho ꝛ bẽ lhe feria mifter repoufar affi foi feito ho mais manfamẽte q̃ pode, grãde parte da noute paffaram em fazer remedios pera a door de Belifa, mas a fenhora Aonia q̃ via fua hirmã cadaues com mais agastamẽtos, quereis fenhora hirmã (lhe diffe) q̃ chame ao fenhor meu hirmãa, pera tomar paixã diffe ella, nã no chameis vos prazera a Deus q̃ fe hiraa efta door ꝛ ifto ao menos ganharemos della, affi prazeraa a Deus falou a dõna honrrada dacola dõde estaua, por q̃ me nã parece final nhum de parirdes fenhora tã cedo, deue fer yfto do caminho ou mudança da terra, porẽ era jaa efcontra a menhãa ꝛ a door nã amãfaua nada; antes fe lhe fazia mayor començauãlhe de vir hũs agaftamẽtos como defmaios ao coraçam, mas a primeira vez que lhe ifto veo fe foportou ella, e tambem A outra, mas quando veo a terceira em tamanho crecimento lhe ueo q̃ fe lhe tolheo a fala hum pouco; tornando ella em fi olhou pera fua hirmã dizẽdolhe jaa gora me nam pefara de ho chamarem, ꝛ por que nifto começoufe a fintir milhor tornou

afinha dizendo contra ſua hirmã que jaa hia pera o chamar, mas nam no chameis que parece que me acho milhor, hũ pedaço grãde eſteue entam Beliſa deſagaſtada ꝛ por q̃ hũa rica camiſa que tinha viſtida eſtaua mal tratada dos remedios que ſobre o coraçam lhe punham, eſcontra as molheres, diſſe, viſtamme a mĩ outra camiſa que ſe morrer nã vaa ſe quer aſſi: a ſenhora Aonia ſe pos a chorar com eſtas palauras ꝛ olhando pera ella Beliſa vieromlhe tambem as lagrimas aos olhos ꝛ querendolhe dizer algũa couſa a door nam ha deixou por que entonces començou mais apreſadamente que dãtes, aquella dõna honrrada que a uia mais agaſtada que nunca, diſſe, que ſeria bom erguerẽna de todo ꝛ querẽdo ha ſua hirmã tomar por hum cabo ſe virou a ella Beliſa dizẽdo nam ſei que ha de ſer iſto; mas tamanhos forã os agaſtamentos entã e tã apreſados q̃ nã ouue a hi acordo para ha erguerẽ de todo ꝛ ficou como aſſentada ꝛ enfim foi a ſim a deſauentura, que em breue espaço a pos em eſtremo de morte que jaa lhe hia falecẽdo a fala, leuantando os olhos pera ſua hirmã, lhe diſſe, como forçadamente chamemmo, chamẽmo, foi a ſenhora Aonia chamar rijo chorando Lamentor que no mais alto

ſono dormia, dizendolhe acordai ſenhor, acordai, que vos leuã Beliſa ergueoſe apreſadamente Lamentor leuando a mão a hũ traçado que a par da cabiceira tinha. Mas vendo chorar todas derredor da cama de Aonia ⁊ Beliſa que a tinhã erguida a te os peitos, mea como paſſada deſte mũdo abracandoha ſe chegou pera ella dizendo, q̃ couſa foi eſta ſenhora? ⁊ as lagrimas lhe encherã com eſtas palauras ho roſto ſeu ⁊ della, ⁊ leuantou entam Beliſa canſadamente hũa mão ⁊ com a manga da camisa tomaua pera lhe alimpar os olhos. Mas nã ſeguindo ella jaa ſua võtade ſe lhe tornou a deixar cair pera baixo, ⁊ ella pondo entam os olhos fitos nelle pera ſentir no mais, ⁊ da hi os foi cerrãdo vagaroſamente como que lhe peſaua muito de ho deixar aſſi pera ſempre.
Lamentor que iſto nam pode ver caio doutro cabo como morto e aſſi eſteue hum grãde pedaço neſte meſmo tempo ouuio a dõna honrrada chorar hũa criãça na cama cuidãdo ho que era atẽtou e achou hũa Menina nada e choraua muito, e tomandoa entã nos braços cõ os olhos não enxutos diſſe aſſi, cuitadinha de vos menina que chorãdo voſſa mai naceſtes, como vos criarei: vos filha eſtrãgeira em terra eſtranha mal

vaa ao dia que aſſi ſaymos do mar ꝑa paſſarmos toda a tormenta na terra, mas como ſabia que era ordenou de a curar tomando o negocio todo ſobre ſi. que Lamentor e a hirmã bẽ via que outra moor carga tinham e aſſi mãdou o que ſe auia de fazer e proueo ſobre tudo, a ſenhora Aonia lembrandolhe o que vira fazer a dõna viuua ſobre o corpo do morto hirmaõ que honeſto e deuido coſtume ao tempo de luto lhe parecia entã, poſto que em ſua terra ſenam vzaſe pondoſe ſobre ho de sua hirmã raſgãdo os toucados, dos seus fermoſos cabellos que lõgos erã ha marauilha a cobrio toda e a Lamentor q̃ bem cuydou que era tambem morto que pelo grande bẽ que queria a ſua hirmã leue lhe foi iſto de crer, vẽdoho da maneira que via; depois de muito canſada em alta voz começou eſtas palauras.

¶Triſte de mĩ dõzella de pequeno tempo, deſemparada em terra alhea, ſem parẽte ſem ningẽ e ſem prazer como vos ſenhora hirmã aſſi me podeſtes deixar, ſoo tam longe e em tal lugar pera vos tirar a ſoidade me dizieis vos que vinha eu qua, e vos pera ma dar a mĩ vinheis, mal auẽturada de mĩ ꝑa outras fadas cuydaua q̃ me criaua a mĩ minha mai; ella foi ẽganada, E eu aq̃ ei de pagar ho en-

gano, que ſem razam tamanha ſenhor caua-
leiro me he feita perante vòs, de quantas
donzellas de vos foram jaa emparadas eu
ſoo eſtaua pera ho nam ſer, coytada de mĩ q̃
farei onde me hirei e aſſi ſe lãçaua ſobre ho
corpo de ſua hirmã mas ao mentar do caua-
leiro que ella fez, elle como por ſonhos
tornando em ſi que vio diante tantas la-
grimas e magoas ficou ſen fala hum pou-
co e vendo logo como ſe mataua toda a ſe-
nhora Aonia esforçouſe e moueoſe pera
hir arredar que tam cruelmẽte ſe nam mata-
ſe, dizendo esforçai ſenhora pois fortuna
quis que hum tam deſconſolado vos conſo-
laſſe, dalli foy ha erguer, querendolhe falar
faleceolhe a fala, alli ouueram ambos triſte
pranto e antre ſi ſe diziã hum ao outro pala-
uras de muita magoa começadas pella do-
or, rotas pello pranto; Era jaa menham cra-
ra e acertouſe aſſi que aquella hora chega-
ua hum caualeiro a ponte vinha de longes
terras buſcar aquella auentura por manda-
do de hũa ſenhora que lhe queria bem a el-
le mas elle deuialhe mais do q̃ lhe q̃ria, nã
achãdo ninguẽ na põte e ouuindo ꝑto dalli
tamanho prãto pareceolhe algũ myſterio e
couſa algũa de grãde door e deu ha ãdar pa-
ra eſcontra onde era vendo hũa rica tenda e

ouuindo muita gente dentro e fora chorando perguntou a hum feruidor que topou, q̃ coufa era aquella elle lha contou, apeandofe entam. elle mandou primeiro diante hum efcudeiro de Lamentor, ⁊ mefuradamente entrou apos elle e entrando vio a fenhora Aonia que em grande eftremo era fermofa, foltos os feus louros cabellos, que toda a cobriam e parte delles molhados em lagrimas que o feu rofto por algũas partes defcobriam foi logo traspaffado do amor della fem auer quem por parte doutrem fizefe defeza algũa, e como ho amor vieffe juftamente com a piadade, parecia que vinha ella foo, mas entrando que fe defcobrio eram jaa conhecidas tantas razoẽs por parte da fenhora Aonia: que nam tam fomente lhe efqueceo a outra, mas nam lhe lembrou mais fenam pera lhe pezar do tempo que gaftara em feu feruiço, defta maneira foi elle prefo do amor da fenhora Aonia e depois fe vio morrer por ella que efte foi hum dos dous amigos de quem he a noffa hyftoria: e por iffo fohia meu pay dizer que tornara ho amor defte caualeiro a morrer na paixam onde fe aleuantara: mas pera ifto feu tẽpo vira. Dito era jaa a Lamentor de como ho caualeiro entrara mas elle nam no vio fe nam quan-

do jaa ho achou a par de ſi dizendolhe palauras de conſolaçam; Lamentor as recebeo delle o milhor que pode mais por lhe nam dar cauſa de ſe deter muito, q̃ por eſtar pera iſſo, mas depois deſtarem hum pouco vendo Lamentor de como elle nam fazia mençam de ſe hir forçadamẽte lhe diſſe, ſenhor caualeiro a voſſa viſitaçã vos tenho ẽ merce praza a Deus q̃ noutra mais alegre vola page, nos vimos de caminho e como ſabeis as pouſadas nam ſam mores do que vedes nã ha hi outra caſa pera a triſteza ꝛ pera nos ſenam eſta, deueis vos ſenhor hir pera onde his, e nã tomareis ao menos parte de tanto nojo, por que as magoas alheas tambem doem a quem as vee, perdoayme que nam tenho agora outra couſa em q̃ vos ſirua a voſſa boa vontade, ho caualeiro paſſando os olhos pella ſenhora Aonia, eu nam tenho pera onde hir daqui (lhe diſſe) ꝛ parece que lembrandolhe que auia de deixar o coraçam cairanlhe hũas raras lagrimas por os peitos. Mas como elle viſe que alli nam tinha mais que aquella tenda ꝛ outra pequena bem lhe pareceo que nam podia caber alli na quelle tempo gente eſtrangeira ainda que elle no ſeu coraçã jaa ho nam era, e erguendoſe entam ſeguio ſua fala

fala dizendo, defte voffo nojo fenhor nam me pode a mi caber pequena parte por onde quer que vaa, de boa mente volo ajudaria a paffar mas em fim vos fenhor caualeiro fois; ⁊ mais pois vindes de longas terras (como foube de hũ voffo criado) nã deue fer efte o primeiro que ajais vifto, por q̃ nas fuas mefmas terras os que nũca fe mudarom dellas nam fe podem efcuzar de uer nojos cada dia, e cada hora do dia: ⁊ dizẽdolhe mais q̃ viffe o que lle mandaua, fe defpedio delle cõ os olhos poftos na ſnr̃a Aonia ⁊ affi foi hũ pouco q̃ a tẽda nã lhe deu mais lugar, mas quãdo fe ouue de virar de todo cõ muita door fua os arrãcou dalli (affi fe faio da tẽda ⁊ affi ho deyxaremos ꝑa feu tp̃o.

LAmentor fe tornou a feu pranto que muita caufa tinha pera elle mas eftando elle ⁊ a hirmãa affi por grãde efpaço de tempo que hia jaa o Sol efcontra ho meo dia a dõna hõrada que Ama fe chamou depois pella criaçam da menina como era jaa de dias era de muito faber e chegãdofe ꝑa onde ambos eftauã no feu pranto Senhores (começou dizer) muito tempo vos ficara que a defauentura me parece que he nefta terra, como na noffa, leixai as lagrimas q̃ nã he agora tẽpo ſnr̃or para uos nam

D

parecerdes caualeiro, nẽ vos ſnrã pa parecerdes tãto molher lẽbreuos q̃ a triſteza he de todos, q̃ tamanho mal foi ho noſſo q̃ nã tãſomẽte ho auemos de ter, mas ainda nos auemos de cõſolar hũs cõ hos outros; e pois temos a door pa ſẽpre, doamonos ſe q̃r de nos, q̃ ficamos viuos: a ſepultura he devida, aos mortos am ſe de fazer as couſas neceſſarias, olhai que eſte he ho derradeiro dõ da vida. Termos ho corpo da ſenhora Beliſa mais ſobre a terra parecera fazermos lhe força, no mais pouco de ſua partida. E polauẽtura ſe deue ella danojar negarmos lhe ho ſeu quando nos nam a de pidir nũca mais outra couſa. Acabadas eſtas palauras que nam foram ditas ſem lagrimas e muita door de todos tomou ella a ſenhora Aonia como ſobraçada e leuouha pera a tenda pequena que pegada na quella eſtaua, e depois tornou por Lamentor e tãbem ho ajudou hir pera laa depois entendeo em concertar o neceſſario, mas Lamẽtor nam quis que leuaſem o corpo de Beliſa pera outra parte, antes mandou que alli onde falecera foſſe ſua ſepultura por q̃ logo aſſentara em ſua võtade de nunca mais em quanto viueſſe ſe mudar da quelle lugar, e aſim foy por q̃ nos reinos dõde elles vinhã

ſe coſtumaua antes que mandaſem os corpos mortos a terra virẽ todos os parẽtes mais chegados beijalos nas faces, hos familiares nos pees, e os parentes mais chegados por derradeiro de todos, parece que faziam aquillo como ſaudaçam pera q̃ aquella traſmudaçam foſſe como em boa hora: como tudo foi acabado a Ama veo chamar Lamentor e a ſenhora Aonia, forã elles. mas a ſenhora Aonia foi rijo lançarſe ſobre as faces de ſua hirmã e beijãdoha aleuantou a voz dizendo, noutra terra muitas teuereis vos que fizeram iſto mais que neſta, aqui começou raſgar o ſeu fermoſo roſto e todas aleuantarom hum triſte pranto a marauilha cada hũ lembraua ſua door, e aſſi a hiã beijar nos pees. Lamentor a quem mais doya a onde inda nunca outra couſa lhe doera depois de muitos ſoſpiros arrancados dalma olhando para ho q̃ auia de fazer pello coſtume, deſta maneira diſſe, ay ſenhora Beliſa como vos hey de ſaudar eu, por mim dexaſtes voſſa terra, por mim voſſa may, quem vos pode apartar de mi em terras eſtranhas pera me fazerdes tam triſte, nam me quereis vos a mĩ tamanho bẽ mas algũa grande deſauẽtura me ouue enueja ca o que me vos fazieis pera eu ſer ho

D ii

mais ledo caualeiro do mundo, pera eu ſer ho mais anojado o fazia ella. malauenturado caualeiro que pera vos ſenhora eſtaua ordenado hũa ſepultura en terra alhea, e pera minha vida duas. Mas a voſſa, terra a o corpo e as minhas ho corpo e alma. nam fora mais rijo ſnr̃a o fio que nos anos tinha ha ambos como ho cortaſtes vos ſem mĩ. nom vos alembrou que era eu o q̃ ſem vos nam auia de ſer mais, pediſtes, me dixerão, que vos leuaſſem da par de mi por me nam tirardes do repouſo e outro eſtauamo tirando a furto de vos, nam abaſtou a minha deſauentura auer de ſer ho mais triſte do mundo mas ainda a maneira de como me veo ha auia de ſer tãbem, nam me chamarom ſenam pera vos nam ver, e ainda entam vos doeſtes de mi quiſereis me alimpar as lagrimas e a minha deſauentura queria faleceruos a mão como que vos leixaua ſendo jaa ſenhora da võtade, e com os olhos derradeiros poſtos em mĩ me foſtes moſtrando que com ha alma se hia derradeiramente tambem a vontade, mais deuidos eram os meus annos a eſſe voſſo caminho mas mais o era eu as triſtezas, e pois fico pera ellas milhor he ficar ſem vos, e cõ iſto comprio ho coſtume. Mas a Ama que

via nam auer hi outrem ſobre quem cargaſ-
ſe ho cuydado das honrras derradeiras ſe-
nã a ella, arredando a Lamẽtor e a ſenho-
ra Aonia tomou hũa rica toalha nas maõs
e lançandoa ſobre o roſto de Beliſa, agora
jaa mais, diſſe, vos cõpre olhar pera o chã
onde ella bẽauenturadamente eſtaa, que iſ-
to he terra quem a amar pois jaa ella ha lei-
xou parece que errara ao bem que lhe qui-
ſer. palauras eram eſtas de muita conſolaçã
ſe ſoubera a door preſente conſolarſe: mas aſ-
ſi a enterrarom. Deixemos aqui as couſas
de Lamentor que foram muitas e eſtrema-
das que elle fez pello muito q̃ a Beliſa que-
ria, por q̃ cómo eſte cõto seja dos dous ami-
gos agrauo ſe lhe faraa grande ao muito q̃
delles ha pera dizer gaſtarſe en outrem par-
te algũa do tempo.

¶ E tornouos ao caualeiro que ſaio da ten-
da tam triſte que nam pode alongarſe muito
dalli ⁊ apeãdoſe aſſentouſe ao pee dhũ frei-
xo que a cerca da quelle ribeiro e da ponte
eſtaua e por cuidar mais a ſua vontade mã-
dou ao ſeu eſcudeiro arredado dalli que de-
ſe de comer ao ſeu caualo ribeira da queſte
rio q̃ logo ſe temeo de ho elle ver aſſi, e ca-
ir en algũa ſoſpeita que foſſe cõtar a Aqueli-
ſia que era aquella por quem viera alli (co-

mo ouuiſtes) por que muito lhe erã todos os ſeus] afeiçoados, q̃ como ella quiſeſe a elle grande bem, a elles nam ſe podia ter q̃ lho nam moſtraſe todo nas obras, dõde naſcia hirem lhe a ella com tudo ho que elle paſſaua, e aſſi o que ella fazia por bem lhe ſaia as vezes por mal. que pera camanho bem lhe ella queria nam podia deixar douuir pelo tempo couſas que ha magoaſſem nẽ tãbẽ elle nõ nas podia deixar de fazer pelo pouco q̃ lhe queria, como de feito aſſi por derradeiro lhe foi cauſa a ella de triſte fim.

MAs aſſẽtado ho caualeiro ao pee do freixo eſteue por longo eſpaço reuoluendo muitas cauſas na fanteſia, que quando ſe alembraua do que Aqueliſia lhe queria parecialhe ſem razam deyxala, por outra parte depois lembrandolhe de quam bẽ lhe parecera Aonia parecia deſamor nã lhe querer bem tinham no aſſi antrambas fermoſura ⁊ obrigaçam a uer quẽ ho leuaria, mas por derradeiro pode mais ha de mais perto, ſoya a dizer meu pay que fora vencida a obrigaçam como couſa que lhe nã vinha de direito o pago no amor, e vencera a fermoſura como quem de ſoo a uer ſe pagaua, era Aqueliſia hũa de duas filhas a q̃ ſua mai ſoo mais que a ſſi queria de boa fer-

mosura mas obrigou tanto a este caualeiro com cousas que fez por elle que ho emdeuidou todo nas obras nam lhe deixou nada tam sois pera que lhe deuesse a fermosura, parece que lhe queria tamanho bem que nã sofreo a tardança de ho hir obrigando pouco a pouco: deuselhe logo toda, obrigou ho asi, mas nã no namorou, coitadas das donzellas que por que vem q̃ as namorã os homẽs cõ obras cuidam q̃ assi tambem se deuẽ elles namorar ⁊ he muito pelo contrairo q̃ aos homens namoram nos apos hũa brandura dolhos aspreza muita dobras, isto de seu natural lhe deue vir serem tam rijos que parece nam terem em muito senam no que trabalham muito. nos outras brandas de nosso nascimento fazemos outra cousa, porem se elles com nosco entrasem a juizo que razam mostrariam por si, ca ho amor q̃ he senam vontade, ella nam se da nem toma por força mas como seja ou pola desauentura das molheres ou ventura dos homẽs sentença he dada emcontra que a elles prẽdenos esquiuanças, ⁊ boas obras a ellas.

E Esta soo maneira poderam ter pera os namorarem senam forem namoradas delles (mas ao amor quem lhe pora lei?) porem este desagradecimẽto que he o seu

D iiii

nome verdadeiro trouue muitos a desauenturados fiĩs como vereis neſte caualeiro ẽ que falamos ꝛ nam foram vaõs os rogos q̃ Aquelisia fez, com as mãos erguidas aos ceos pedindo delle vidança, com tudo asentou elle per derradeiro de a deixar por que allẽ delle parecer a ſenhora Aonia a mais fermoſa couſa que vira pareceolhe tambem que por vir de longes terras e ſer na quella eſtrangeira, que mais azinha aueria ho ſeu amor, eſta eſperança ainda que bem viſſe elle que era de longe com tudo grande ainda foi entam pera acabar de cõfirmar, ou de fazer muito grande ho bem que lhe queria, por que iſto vai como quando algum emparo tolhe ho Sol ſe o toma em cheo he muito mayor a ſſombra que ho amparo que ha faz, aſſi os que bem querem por quanto as eſperanças por pequenas que ellas ſejam ſe tomam ſempre en cheo, où parece que tomam os eſtoruos que tolhem a couſa bemquiſta, fazem o amor muito mayor do que ellas ſam, donde vem depois nacer hos cuidados que com a morte ou longa triſteza ſe poſuem como foi neſte caualeiro que jaa nã cuydaua ſenam como ſe apartaria de ſeu eſcudeiro. De maneira que depois dapartado lhe nam cauzaſſe ſuſpeita algũa da quel-

le lugar, pera elle mais a ſua vontade gozar delle, ꝛ deſejaua tanto eſte apartamẽto por que ſabia elle que auia de ſofrer mal ver lhe leixar Aquelifia que era da criaçam della ꝛ lho dera pera ho acompanhar, e nunca lhe al elle dizia ſe nam que ha deuia tomar em matrimonio, por que era dalto ſangue e herdaua terras õde elle podia repouzar os derradeiros dias de ſua vida que nam leixam tomar armas com honrra, mas em fim cuidãdo o que determinou chamouho ꝛ fazendolhe hum razoamento largo antre outras couſas lhe diſſe que lhe nam parecia bem ſer elle meſmo o q̃ leuaſſe a ſenhora Aquelifia a noua dauentura que nam achara vindo por amor della, mas que ſeria bem leuarlha elle, e diſſelhe que de ſua mofina quiſera elle meſmo que outrem foſſe o portador, q̃ pera ella nam podia elle hir em companhia de nouas triſtes, e que ho eſperaria no caſtelo que perto dalli eſtaua te tornarlhe a trazer recado ſe queria ella polo noutra auentura, pois aquella aſſi ſenam podera acabar. Partindoſe ho eſcudeiro cõ ho recado enganado elle pera quem o leuaua, ficou o caualeiro ſoo ꝛ começou a entrar em penſamentos de como mudaria o nome pera q̃ nam foſſe ſabido onde eſtaua, nem ſe podeſe

ſaber pera onde hia, que tanto ſe enſenhoreou na quelle pouco tempo ho amor delle q̃ aſi meſmo queria jaa em parte leixar, mas lembrandolhe niſto que noutro tempo lhe dixera hum adeuinhador que quando elle mudaſe a uida e ho nome ſeria pera ſempre triſte, ficou hum pouco mais cuydoſo. mas tornãdo loguo fazer menos conta da quellas couſas como incertas ꝛ com tudo nam querendo hir de todo contra ellas per outras muitas que tinha ouuidas, cuidou de trocar as letras do ſeu nome, de maneira que aſſi nam no mudaria nem atentaria os fados, mas elle nam vio que iſto era engano tambem.dos fados, elle eſtando aſſi neſte penſamento acertouſe a caſo que hũ mateiro vinha do mato pelo caminho que hia ter a ponte e vinha em cima dhũa beſta como deitado malcuberto cõ hum enxalmo. parece que andando elle deſpido cortando a lenha atearaſelhe algum foguo por todo o ſeu viſtido ꝛ queimaralho, entam elle por lhe querer acudir deſcuidara de ſi e o foguo fizeralhe algũ nojo por ꝑtes de ſeu corpo, e direito do caualeiro topou com outro mateiro que pera ho mato hia que lhe perguntou vendo ho vir aſſi ſem lenha que pera que fora ao mato. Reſpondendolhe o ma-

teiro queimado falandolhe galego eſtas ſoos palauras, Bimarder, olhou o caualeiro pelo barbariſmo das letras mudadas na pronunciaçam do, b, por, v, e pareceolhe miſterio por que elle tambem na quelle ſe fora arder, e quis ſe chamar aſſi da hi auante, nam paſſou muito tempo que por aquelle lugar nam veyo hũ dos ſeruidores de Lamentor que atraueſaua pera o caſtelo quando Bimarder ſoube delle como Lamentor tinha ordenado fazer alli hũs paços grandes e morar nelles toda ſua vida, algum repouſo deu mais eſte a Bimarder, que dantes a pouca certeza que tinha da eſtada de Aonia na quella terra, lhe daua grande fadiga ao penſamento, mas afroxando da parte deſte cuidado entrou noutro do que faria de ſi, e pera donde ſe hiria no que eſteue ate bem noite ſem poder aſſentar nada com ſigo, que hirſe dalli pera outra parte lhe era jaa graue, ficar parecialhe impoſiuel couſa, pera ſe poder eſconder do ſeu eſcudeiro: cõbatido aſſi de hũa e outra couſa ainda porẽ ſem detreminaçã de nhũa ergueoſe como forçado da noyte mais que da vontade buſcando ſeu caualo onde o leixara ho ſeu eſcudeiro, nam no achou, tornandoſe entam pera o freixo onde dantes eſtiuera pera dalli

olhar ſe fora beber ao rio mas nam ho vendo, nem ſentindo em nhum cabo, encoſtouſe aſſi entam ao freixo, cuidando a primeira no caualo, mas nam tardou muito que loguo nam tornaſe a ſeu verdadeiro cuidar: ymaginando, parece, na ſenhora Aonia na fanteſia afigurãdo ha nella da maneira que ha vira. ⁊ de piedade amoroſa lhe ſtauam caindo as lagrimas polos olhos, eſtando elle aſſi todo ocupado da quella doce triſteza ſẽtio como alguẽ a par de ſi; E olhando com ho luar q̃ entã fazia vio hũa ſombra de homẽ deſporpoſionado do noſſo coſtume eſtar ꝑto delle, a ſupita nouidade ho comoueo a alteraçã, mas como esforçado que era lançando mão a ſua eſpada cobrou ouzadia de lhe preguntar quem era; e vendo que cõtudo ſe calaua poſſe engeito pera ella com a eſpada jaa arrancada, dizendo, ou me diras quem es ou ho ſaberei eu, eſtaa quedo Bimarder (chamandoo aſſi por ſeu nome) lhe diſſe a ſombra que ainda agora foſte vẽcido de hũa donzella chorando, deteue Bimarder ho paſſo eſpãtado daquillo que ainda a tee entam cuidaua elle que o nã ſabia ninguẽ mas tornando logo a quererlhe perguntar donde ho ſabia olhou ⁊ vio q̃ aquella ſombra virandoſe pera hũas moutas grã-

des que hi cerca eſtauam ſe metia indo por antre ellas ⁊ aſſi deſapareceo.

Fiquãdo Bimarder cõ ho pẽſamẽto cheo do que aquillo ſeria começou douuir hum eſtrondo grande que viña pello mato deſcontra hõde elle eſtaua, e aynda bem ho nam ouuia quando correndo per ãte ſi vio paſſar o ſeu caualo, ⁊ huns lobos apos elle ⁊ apos hos lobos de longe vinham correndo hũs cains com grande matinada, cao ſaltar deſte ribeiro caio nelle ho caualo chegando hos lobos que começauam a ferilo por todas partes de maneira que cõ quã preſteſmente Bimarder acodio jaa elle era meo morto, nã tardou nada que hũs paſtores q̃ perto dalli tinham a malhada do ſeu guado afilhar dos cains vierã alli ter aſegurandoſſe lhe ſer morta algũa res ⁊ achãdo Bimarder aſi agaſtado começarõno a q̃rer cõſolar com palauras e modos ruſticos oferecendolle pouſada, por aquella noyte aceitou ha elle ainda que nam deſejaua entam companhia mas pollas horas ho fez, e tambem por que loguo cuidou que como os paſtores foſſem no ſeu fato nam lhe auiam mais de tolher ho tempo ao cuidado, que para elles nam ſe fizera a noite ſenã para dormir. Forão aſſi a hum fato de hũa

grande manada de vacas que todas eſtauam aleuantadas com ho aluoroço dos cains e medo dos lobos metendoſe hos paſtores e Bimarder tras elles por ãtre ellas. que lhe hiam fazendo lugar eſcornãdo hũas as outras e aſſi ſaindo eſtaua hũa fugeira grande apar de hũa choupana de ſebes cortiçada por cima e junto doutra choupana ao foguo jazia deitado ſobre rama verde eſpalhada hum paſtor jaa todo branco que mayoral era do fato e tinha a ſua cabeça ſobre hum trõco de madeira encoſtada, ⁊ hũs rafeiros cachoros piquenos lançados parte por cima do velho paſtor, outros com hũas cabeças grandes eſtendidas ſobre elle. E em hos paſtores chegando ergueo elle ha cabeça hum pouco e como homẽ que era auizado em ſemelhantes caſos; deſcanſadamente começou a preguntar pollo que paſſarom contandolhe elles que nam era nhũa res morta, lhe contarom tambem do caualeiro que traziam. Ergeoſſe elle entam aſſentado e fazendolle lugar na ſua rama lhe rogou que ſe foſſe aſſentar e aſſentado Bimarder. e aſſentados todos derredor daquella fugeira pidio ho velho mayoral a Bimarder que lhe contaſſe como aquelle deſaſtre lhe acontecera,

contoulhe elle breuemente pello ſatiſfazer como andando ho ſeu caualo paſcendo vierom aquelles lobos e matarõno primeiro q̃ lhe elle podeſe valer, ao que começou cõ hũa fala retumbada a ſalar ho velho paſtor como que ho queria conſolar naquella mofina dizendo. os deſaſtres que acontecem com as alimarias feras neſte valle he couſa eſpantoſſa e para quem as ſouber mais leues de ſofrer, ſe a companhia niſto he conſolaçaõ, que a mea noite do ynuerno eſcura, ſendo eu mais mancebo que aguora diante os meus olhos me tomaram a vaca braguada may deſtoutras braguadas que tenho eu ainda agora e ma matarom pois tiña entam apar de mim ho rafeiro malhado e a rafeira branca ſua mai armados os peſcoços ambos que nũca me achei com elles ẽ lugar tam hermo nem noite tam eſcura que nam eſteueſſe ſeguro como na metade do dia. mas então pouco aproueitarom elles a mĩ que bradaua a coitada da vaca que bramia tam doridamente que em breue eſpaço quanto guado em aquella ſazam tinha que eſtaua alaſe bom pedaço dalli Jaa aqui onde aguora eſtou me vierom matar no craro dia quantos bezeros tinha que ainda nã eram para andar com as maĩs, pois por

q̃ eſtas loguo aqui paſtor honrado lhe diſſe Bimarder, nunca viſtes al lhe reſpõdeo ho paſtor. nam ha o auer ſenã donde ha o ꝑder a terra he abaſtada de paſtos aſſi como cria ho bom cria ho maõ eu jaa ouui dizer a hũ grande homem que era dado as couſas do outro mundo falãdo na pouoaçam deſta terra que aynda que a vedes aſſi por partes metida a mato he de paſtores em muita maneira pouoada, que eſta era hũa das marauilhas da natureza de hũa terra meſma naſcerem duas tam contrairas hũa da outra e q̃ yſto nam era ſoo nas alimarias mas nos homẽs ca nam ha hos maõs ſenam honde ha hos bõs, e nam ha ladrões ſenam hõde ha q̃ furtar. mas quãteu nã ſei qual he pior para nos outros paſtores, na terra q̃ he de pouca eruagem perecẽnos ho guado ha fome e qua neſtoutra matãnolo, aſſi q̃ en toda parte nos vai mal, mas nos outros ſomos ẽ ſĩ como dizẽ q̃ ſã todos hos outros homẽs Laa vos ſenhor caualeiro ho ſabereis, podemos milhor ſofrer ho mal que nos faz outrem que ho que nos outros fazemos a nos outros meſmos, hos dãnos da terra fraqua por que he em noſſo poder ſairmonos della naõ nos podemos ſofrer, os da dura porque naõ he en nos outros vedarmolos, ſofremolos

fre rmolos como podemos: aſſi tambem digo eu ſnr̃o caualeiro no voſſo caſo, nam eſteis agaſtado deſcanſai e tornai toda a culpa a terra. eſtas palauras a Bimarder parecerom bem. e ſenam fora por que era contar ho paſtor a uerdade de ſua vida cuidara elle q̃ nã erã eſtas palauras de paſtor mas o que cada hũ paſſa ligeiramente ho ſabe bẽ cõtar, e por iſſo lhe nã tornou reſpoſta mais q̃ hũas palauras ẽ final dagradicimẽto daquelle bom comforto. fazendo mẽçã de q̃rer repouſar, ho que vendo ho velho paſtor mãdou a todos q̃ ſe lançaſſem e dormiſem foi feito aſſi e comẽçarõ em breue eſpaſo os paſtores a roncar eſtirãdo os ſeus ruſticos membros hũs pera ca ⁊ outros pera acola como ao ſono aprazia, ſoo Birnarder nã pode repouſar tendo no ſeu coraçam aquem elle nam doya, ⁊ quãdo a todos a eſcura craridade das eſtrellas amoeſtaua ſono delle o tinham deſterrado os ſeus cuydados, antes com os olhos poſtos pera aquella parte donde viera ſegundo parecia, com o corpo ſoo, a ſenhora Aonia auſente elle via chorar, e em a longa noute, eſteue aſſi ate que o canſaço do corpo adormeceo aquella parte dos ſentidos ſobre q̃ tinha poder, ſonhos e fanteſias acuparõ a outra mas depois de

E

hum pouco ſono acordou elle todo banhado em lagrimas que chorara ſonhando que ho leuauã dalli por força a ſombra que vira dantes, e correndolhe por iſto muitas couſas pelo penſamento aſſentou com ſigo de ſenam hir daquella terra tee ver o que podia ſer delle na quelle cuidado que o aſſi tomara ꝛ aſſi ho ſeguia, deſta maneira cuidaua elle que hiria contra aquillo que peruentura lhe adeuinhaua o ſonho ſe o fizeſe, tamanho deſejo tinha de ſenam hir nunca dalli q̃ tudo lhe parecia que lho amoeſtaua, e de muitas maneiras que cuidou, neſta aſentou per derrador, deſpidirſe cedo daquelle velho mayoral e hirſe a algum lugar pertodali onde mudaſe os trajos ꝛ tornarſe a certar viuenda com elle que grande fato lhe parecia que trazia q̃ ainda que muitos mancebos lhe vieſem a pouquidade da ſoldada faria que lhe nam foſſe ſobejo qualquer paſtor e aſſi o fez.

Eys Bismarder paſtor de vacas (que nada ouue ahi impoſiuel ao amor grãde) muito tempo paſſou elle na quella vida com maos dias e piores noites por que Lamẽtor no começo loguo de ſeu aſſentamento mandou fazer primeiro hũas caſas pera recolhimento no mais, e a muita gente que

era vinda pera as obras pella negoceaçam grande que tinha a caſa e grande preſa que Lamentor daua a elles tolhia a ſaida as molheres, por onde Aonia nam pareceo hum grande tempo pera Bimarder aldemenos leuar aquelle contentamento que a viſta dos olhos daa aquelles que do mais careſſem, conheciamno porẽ jaa todos os de caſa, chamauanlhe ho paſtor da frauta porque elle acoſtumaua traze la ſempre que pera remedio de ſua door a eſcolhera deſpois deſe deſconhecer, tambẽ aſſi muitas vezes horas polas riberias deſte rio outras horas por aquellas altas aſomados que fazẽ como vedes mais gracioſo eſte valle andaua tangendo em palauras paſtoris que eſte ſoo contentamẽto lhe era algum conforto no ſeu mal, pera deſabafar ho coraçam que tam ocupado de profundos penſamentos trazia, muitas couſas ſabia meu pai ſuas que arremedauam a paſtor e tinhã couſas dalto ingenho, ou mais verdadeiramente dalta door poſtas e ſemeadas tam docemente por outras palauras ruſticas, que aquem o bem olhaſſe ligeiramente entenderia como foram feitas, ⁊ tinha mais outra couſa a meu fraco juizo ⁊ parecer que ho bom poſto na quella baixe-

E ii

za deſtilo pela impreſſam da prezunçã que punha, comoueo mais azinha a compaixã, tanto pode ha imaginaçã em todas as couſas, mas de todas hũa ſoo me lembra que dizia meu pai que elle cantara e ouuiralha a Ama da menina, por certo que parece q̃ aſſi ho ordeuou a ventura pera que Aonia foſſe ſabedora de ſeu cuidado, jaa quando de todo elle andaua deſeſperado ⁊ nam ſe podendo dalli apartar ordenaua andando deſuariadas couſas de ſi, que deſuariadamente ho atormentauam, tambem por que en tudo foſſe como cõpria a deſauẽtura que eſtaua ordenada, acõteceo q̃ a uelha Ama era natural deſta terra, e noutro tempo quãdo moça parece hũ mercador muito rico ⁊ gentil homẽ que viera daquellas partes donde Lamẽtor vinha por azos da vizinhãça ouuera ho ſeu amor, ⁊ com dadiuas grãdes e promeſſas mayores ha leuarõ de ſua terra, de caſa de ſeu pai, que a tinha muito eſtimada ⁊ guardada, mais ainda do que a ſeu eſtado cõuinha mas tudo pella fermoſura della era bem empregado, era enſinada a liuros de hyſtorias pello que era entonces jaa ſabedora, ⁊ depois quãdo velha foi muito mais, ⁊ dizẽ q̃ chegados ãbos a terra do mercador por grãdes deſauenturas ho veo

ella a perder ainda quando moça ꝛ fermoſa mas ficando aſſi em terras eſtranhas ꝛ mouida de compaixam a may de Beliſa ha recolheo pera ſua caſa donde ainda lhe eſtaua guardado eſtoutro deſterro pera ſua terra, e de como a leuou elle, e como ho ella ꝑdeo ſe conta hum grande conto. leixaloei agora por que tenho outro caminho tomado; ainda que jaa antre hos homens todos os caminhos vam ter a cõtos de molheres: mas pois morais neſta terra outra hora nos veremos e contaruoloei entam ſe pola ventura vos fica deſejo de ouuila. Ainda ſenhora (me nam pude eu ter que lhe nã diſſeſe) que eu tinha jaa poſto em minha vontade de nũqua ter deſejo nhũ, eſte quero eu ter que tanto poden as couſas voſſas comigo e mais pois he conto de molheres nã pode leixar de ſer triſte, e deſta maneira tambem em parte nam hirei contra meu prepoſito por que deſejando douuir triſtezas nam ſe pode verdadeiramente chamar deſejo, que ſoo deſejo deue ſer aquilo com que ſe aja de folgar ꝛ ſe tambem acontecer ho cõtrairo ſera por que tambem o deſejo ſe poderaa enganar muitas vezes como todolos outros ſentidos. Nos outras as triſtes (me tornou entam ella) chamaremos loguo a eſte deſejo

E iii

nojo, por que nam ſe deue eſpantar ninguẽ ver mudadas as palauras ou ho entendimẽto dellas nas peſſoas em que ſe mudarom tambem muitas outras couſas que nam diſſera ninguẽ que ſe podiam mudar, e tambẽ filha ſnr̃a (ainda q̃ me vejais aſſi) jaa em idade que as triſtezas paſſadas nam deuiã ſer me cauſa de mais que dauer tudo por nada julgar ho preſente pelo paſſado e em fim eſtimalo aſſi, com tudo tamanhas forã as couſas que me fizerom triſte que o ſofrimento dellas em longo tempo nam me fez ſentilas menos, cuidando niſto muitas vezes digo eu que nam pode ſer ſenam que quando a fortuna determinou anojarme foi pera que a uida nam ſobejaſe a door compassou has parece ambas aſſi que nam foſſe hũa mor q̃ outra e vou entender niſto que nam ſe acreſenta mais minha door que o tempo cõ a uida, e perdoaime hiruos aſim faltar e falar em mĩ tendo ainda por comprir o que vos prometi (que a ſua door tras cada hũa) aſſi ſam tambem nos meus feitos indo pera fazer hũa couſa faço outra e a mĩ muitas vezes me ſam eu meſma vergonha.

NAm podeis vos ſenhora (lhe reſpõdi) fazer couſa ante mĩ que aja miſter perdam de mĩ, antes quanto mais voſſas cou-

ſas oulho me vai parecendo que nam vieſtes aqui ſenam pera vos eu ouuir que atee agora ſoyame eu andar eſpantando de mĩ comigo como podia durar tanto hũa door deſpois dacabada a cauſa della, e como ha nam gaſtaua ho tempo como as outras couſas todas que nella haa, ⁊ por que eu nam via iſto na minha magoa tornaua dando a culpa diſto a outrem, ⁊ por que pella vẽtura me era forçado tornar a dar a mĩ mayor pena ou que digo eu pola ventura, ⁊ aqui indo eu pera dizer outra couſa mais ſe me pos diante ho pouco conhecimento dãtre nos ambas, ⁊ caleime aſſi, como me nã quiſera calar, e ella docemente, ⁊ diſſimulando pela ventura ſegundo no fim de ſua fala pareceo, ſe ergueo dizẽdo das culpas que alguẽ da a quem bem quer ſempre lhe ficam as penas dellas, e tras rezam que nã vos quereria eu a vos bem ſe vos eu ho pior deſſe, mas antes me eſpanto ainda de quẽ quer bem como pode culpar a quem ho quer, ſenam que torno a dizer eu, q̃ podem fazer iſto pela pena q̃ lhes fica que a ella tomam elles por vingança da força que ſe fazem niſto a ſi meſmos, tambẽ ſenhora fui moça como vos, culpei jaa alguem contra minha võtade, cauſa de grandes nojos me fui muitas

E iiii

vezes, nã me poder eu eſcuzar a mĩ meſma ſoo de culpar outrem, foram deſuairos damor ha iſto nelle como ha outras ſen razois infindas ſofridas como elle quis, que eſte noſſo ſofrimento das couſas, pos tambem couſas que não ſe ſofrem ſenã pola ventura, ⁊ neſta palaura tirou os olhos de mĩ como que queria dizer que nam no entendera pois lho eu queria ẽcobrir, ⁊ a mĩ me pareceo mao encino a hũa ſenhora dõna ⁊ triſte que me tanto daua de ſi, negar lhe parte de minhas triſtezas pois jaa dantes lhas quiſera ſenificar: diſſe entonces, cuidai de mĩ ſenhora ho que quiſerdes que aſſi me parece q̃ ſois anojada, q̃ eſta maneira he milhor que todas pera ſaberdes toda a verdade de minha vida, ainda que toda he longa querella: fazeis bem (me tornou ella, que eſſa maneira he tambem milhor pera vola eu ouſar de preguntar, que tã afeiçoada vos ſou jaa que pois ha de ſer tam triſte nam na quero antes ouuir, por iſſo tornemos ao conto, elle acabado farã de nos noſſas triſtezas ſua vontade, que tambem ſe deſejam contadas como os prazeres. ¶ Mas o conto foi aſſi dixeuos ſe vos lembra q̃ hũa ſoo cantiga macordaua que dizia meu pai que ouuira a Ama por certo ouuio lha deſta maneira,

començaua a cahir a calma, e auia pedaço q̃ eſtaua o paſtor da frauta aſſentado a beira deſte ribeiro ſobre hum torram oulhãdo pa a outra parte cõtraria dõde a Ama acertou tambem a caſo de vir, eſtaua tangendo manſozinho a frauta como antre ſi ⁊ eſtãdo elle niſto eis ſe deixa vir hum rebanho de vacas correndo apreſadas da moſca ⁊ paſſando por elle ſe foram meter nagoa a te os peitos, leixando elle entam de tanger ficou como cuydoſo hum pouco, ⁊ porẽ ſem tirar a frauta donde a dantes tinha como traſportado: olhou pera iſto a Ama, e quiſera lhe dizer que tangeſe que bem lhe parecera dãtes mas eſtãdo pera o dizer começou de tocar a frauta docemẽte ⁊ de maneira que fez detença a Ama, ⁊ parecendolhe couſa triſte ⁊ mais que de paſtor, deuſe toda a ouuilo, ſenam quando elle depois de hũ pedaço grande ſoltando a frauta começou aſſi.

Para tudo ouue remedio
para mĩ ſoo ho nam ouue hai
ynda mal que ho ſoube aſſi

Fogem as vacas para a aguoa
por que a moſca as vai ſegir
eu ſoo triſte em minha maguoa
nam tenho onde fugir:
daqui me nam poſſo eu hir
eſtar nam me cumpre aqui
ꝛ ho que eu quero nam no ha hi

Em mentes a calma dura
tem eſta fadigua ho guado
a menham apaſce em verdura
a tarde em ſeco prado:
dorme a noute ſem cuidado
que tudo achou para ſi
deſcanſo eu ſoo ho perdi

A mĩ nem quando ho ſol ſae
nem deſpois que ſe vai por
nem quando a calma moor cae
nam me leixa minha door:
door ꝛ outra couſa moor
com voſco hoje amanheci
com voſco hontem anouteci

Crendo que aſſi acabaria
deime todo ao que padeço

hum dia leua outro dia
por hum mal outro cońheço:
ſe ho fim reſponde ao começo
ay quam mal que me proui
que no começo ho fim vi

Se naſci por meu mal veer
e nam por velo acabado
milhor fora nam naſcer
que verme deſeſperado:
e pois que eſte meu cuidado
me tras tam cego a pos ſi
inda mal que ho ſoube aſſĩ

Antre lagrimas e pranto
naſceo ho meu penſamento
creceo en tam pouco tanto
que he mais alto que ho tormento:
pois nam he couſa de vento
mal faz quem me eſqueſe aſſi
que apos mĩ nam ha outro mĩ

Vaiſe tanto porlongando
ho fim do que eſpero
que a vida me vai gaſtando
pois jaa della deſeſpero:
furtuna me vai guiando
cantraira ſempre de ſi
nam ſei para que naſci

EEn dizēdo eſte derradeiro verſo parece q̃ nã pode elle ter as lagrimas e ē ho mal acabando calouſe como eſtoruado dellas, ⁊ entēdeo a Ama pelo ſoltar da frauta, ⁊ ho tomar daba pera alimparſe a tamanha compaixam ha comoueo que nam pode tãbē ter as ſuas laa onde eſtaua e ſempre lhe falara ſenam fora que vinham chamala jaa de caſa, foi forçado aleuantarſe, aleuãtouſe ella ⁊ foiſe, acupada toda a fanteſia da quelle paſtor que algum miſterio grande lhe pareceo, ⁊ como ho que eſtaa ordenado de ſer loguo tras os azos cõ ſigo entrando a Ama em caſa topando Aonia ſoo a boa fe ſē mao engano ſe pos a contarlhe tudo ⁊ jurarlhe ⁊ tresjurarlhe que nam podia ſer paſtor, ⁊ por que jaa Aonia entēdia a linguagem deſta terra mui bem, lhe diſſe a Ama a cãtiga quando lhe veo a contar de como ho paſtor com aquellas derradeiras palauras deixara cahir a frauta no chão, ⁊ cõ ha aba do gabã (que de burel era) ſe alimpara das lagrimas q̃ cõ ellas lhe vieram, e acabando dalimparſe olhara pera a aba que cõ ambas as mãos tinha ⁊ como parece lembrandoſe de quem elle era, ou nam ſabia por que encoſtara ho roſto nella aſſi antre as mãos como eſtaua, ⁊ apos hum grande ſoſpiro ſe

leixara eſtar aſſi, ⁊ aſſi ficara quando ſe ella viera, que pola chamarem neſte meo ſe tornara tã triſte como auia muito que por couſa alhea ho nam fora. e encheranſe a velha Ama os olhos dagoa ẽ dizẽdo couſa alhea ⁊ aſſi ſe virou pera outro cabo ⁊ foiſe fazer couſas de caſa, a ſenhora Aonia ainda entã donzella date treze ou catorze annos ſem ſaber que couſa era bem querer, de hũas lagrimas piadoſas regou as ſuas fermoſas faces e com elle os ſentidos primeiro lhe encrinou tanto podẽ algũas horas as couſas ouuidas, e ſenam fora que era ella moça ligeiramente ho entendera logo, mas nam no entendeo. mil vezes na quelle dia lhe tornou a pidir que lhe diſſeſe hora a cantiga e hora como eſtaua, e por acerto pregũtandolhe hũa vez de que feicõis era lhe diſſe a Ama eu jaa outras vezes ho vi, de bõ corpo e de boa deſpoſiçam, o roſto de ygual cõpoſiçã, a barba hũ pouco eſpeſſa e hũ pouco crecida q̃ a elle tras, parece q̃ he aq̃lla ainda a primeira, os olhos brãcos dũ brãco tamalaues nublado, na preſẽça loguo ſe enxerga q̃ algũa alta triſteza, lhe ſogiga ho coraçam lembrou Aonia ſoo tornarlhe a preguntar quando foram as outras vezes que ho vira, diſſelhe ella entam de como aquel-

le paſtor ſe vinha por derrador da quellas caſas ſempre, e as vezes ſe punha a falar com os oficiaes, outras andaua de fronte a ribeira da quelle rio paſtorando ſeu gado e eſte era ho paſtor a que todos chamauam ho paſtor da frauta, que conhecido era de todos, nam no conhecia Aonia por que nunca ſaya fora mas entam loguo pos ſua vontade doulhar por elle, e catar maneira pera iſſo tamanho doo lhe fez ouuir delle o ſeu canto, e ẽganada aſſi daquella falſſa ſombra de piadade dormir toda a noute seguinte nam pode, mas nam que ainda foſſe decrarada com ſigo nem baixo da quelle deſejo detreminaſſe nada, porem ardia em fogos de dentro, e por que de todo acabaſe iſto de confirmar ainda bem nam era menhãa ſaindo a Ama da menina a hũa varãda a maneira deirado que ſobre hũa parte das caſas eſtaua, e fora logo feito no começo pera deſpejos, vio ho paſtor eſtar ſoo sobre a borda deſte rio nam mui longe do lugar donde ho ella vira ho dia dantes que alli eſtaua ho freixo onde ſe elle pos a primeira vez q̃ ſaira da tẽda, e onde tambem vio a ſombra como vos dixe, e alli foi tambem onde depois veo morrer, e parece jaa entam os teus fados ho incrinauam pera alli e pera a-

quilo que a uentura de cada hum nam ſe pode mudar, e como aſſi ho vio foiho logo dizer a Aonia correndo (tamanha preça daua ja a fortuna ao deſaſtre, ou era vinda a hora que ſenam podia alongar e como lho teue dito acupouſe ẽ negocios de caſa, leuãtouſe Aonia e deitando ſoo hũa roupa grãde ſobre ſi (que em camiſa eſtaua ainda na cama) ſe foi ao eyrado e vioho eſtar virado pera aquella meſma parte mas vendoſe Aonia ſoo no eirado lembrouſe loguo que hia toucada dhum rodilhado ſoo como ſe ergera, e ou por nam parecer que ſe erguera entam, ou jaa por nam parecer mal lançou ella hũa manga da camiſa ſobre a cabeça, e leixouſe eſtar aſſi niſto começarom as vacas paſcendo rodealo na quelle lugar onde eſtaua que era hũa maneira douteiro pequeno, e andando paſcendo ellas (hũas pera ca e outras pera laa) deixouſe doutra manada vir hum touro grande e medonho vrrando e lançando de quando em quando terra ſobre as ancas, e doutras vezes que a queria comer meneando ſua cabeça pera hũa e outra parte e chegando as ſuas vacas começou tam feramente a peleijar cõ outro ſeu que eſpãto fazia a ella laa onde ſegura eſtaua delles no mais, e andãdo aſſi co-

meçarõſe de hir chegando cõ grãde peleja pera ho lugar onde elle eſtaua mas vendo ella que nam ſe mudaua elle nem tiraua os olhos da quella parte onde ella olhaua: antes parecia ſegundo eſtaua ſeguro que os nam via. ſenam que iſto nam era pera crer, mas quando ella de todo em todo vio que os touros ſe hiam chegando jaa a elle ficou eſmorecida e tornando em ſi olhou e com ho eſpaço que ſe metia em meo tolhẽdolhe os touros a uiſta delle parecendolhe a ella que ho tomauam debaixo, cahio doutro cabo como morta, vendo Bimarder aquilo (que pera outro nam olhaua) deulhe logo no coraçam ho que era, e ainda que elle teueſe muitas razoẽs pera ho duuidar, ou nã ho auer por certo pois da ſua vontade Aonia nam era ſabedora (que elle ſoubeſe) com tudo creo que aſſi ho quis ho bem querer grande que todalas couſas douidoſas foſſem mais certas ou por mais certas ſe creſem, e cobrando força da manencoria que ouuera, pelo que ſoſpeitou com hũ cajado grande que tinha na mão tirou ao touro alheo que jaa ho melhor do ſou leuaua, ꝛ quis ſua dita que lhe quebrou hũa perna, e lançandoſe rijo acordadamente a elle leuouho per hum dos cornos, e como Bimarder

marder foſſe de grande força e com ajuda do ſeu touro (q̄ por deſtinto natural conheceo ho ſocorro que ho tambem por ſua maneira começou dajudar) preſteſmente deu com o touro alheo em terra, e virandolhe a cabeça pera ho aar ho leixou que ſenã podia bolir.

Vyrã iſto todos os de caſa que ao eſtrõdo grande e vrros dos touros acodiram e foram todos eſpantados do eſforço grande do paſtor e nam falauam em al a Ama que tambẽ ho via foiſſe em buſca de Aonia pera lho contar mas nam ha achando na camara, lembroulhe que ſeria no eirado e indo la achouha deitada e chegãdoſe a ella vioha como paſſada deſte mundo e dãdo hum ay grande lançou mão ao ſeu roſto mas ao brado acordou Aonia como canſada, e parece por que trazia ho penſamento ocupado no paſtor foiſelhe afigurar o que arreceaua. ⁊ cuidou que ho que fazia Aonia ſeria com doo do paſtor que aſſi tambẽ chorara ella quando lhe contara o que fizera o dia dãtes, e a primeira palaura que lhe diſſe foi, e o paſtor, deſcanſou a Ama com iſto que lhe ouuio parecendolhe que eſmoreceria ella de ver a afronta tamanha em que ſe puſera ho paſtor (como he coſtume das

F

molheres) mas era outra coufa maior, que eftaua muito pouco auia dantes tam longe poder fer como ella de ho poder entam cuidar, mas tudo jaa pode fer, ao longo tempo nam he noua nhũa coufa, contoulhe entam a Ama velha tudo o que paffara ho paftor e tornada em fuas forças fe ergueo Aonia e puferanfe ambas hũ pouco a olhar pera o touro que no chã jazia, e eftaua ahi muita gẽte dos officiais das obras e da cafa e fenã fora por a uergonha que auia Aonia de ha verem, que era em eftremo bem acuftumada, nam fe fora ella dalli, mas com tudo foife jaa hum pouco tam decraradamente contra fua vontade que ho entendeo ella, porẽ como era aquelle ho primeiro cuidado nã lhe pareceo de todo o que foi fenam que ja confentia ella affi mefma cuidar que fe elle nam foffe paftor loguo lhe quereria bem, recolheofe Aonia logo aa camara ꝑa viftirfe e en fe recolhendo acertou de vir de fora hũa molher de feruiço de cafa que tambem parece faira a uer a peleja dos touros e entrando na cafa dõde ficara jaa a Ama começou hum pouco alto falarlhe dizendo quereis vos fenhora Ama faber, aqui caloufe como muito marauilhada, a efta palavra q̃ Aonia ouuio pofe a efcuitar de tras a guar[da-]

porta da camara (q̃ ha o paſtor lhe tornou a Ama) e hũa marauilha grande lhe reſpõdeo a molher, deueis de ſaber nã ſei ſe vos lembraraa que eſte paſtor he hũ caualeiro que aquella antemenhãa q̃ a Deus aprouue leuar a Beliſa pera ſſi chegou aqui e falou a Lamentor e eu macertei entam hi e vio ſair da tenda com os olhos cheos da ſenhora Aonia, e dagoa: e que todo ho tempo q̃ hi eſtiuera dãtes ſempre olhou de hũa maneira como q̃ nã podia al fazer e q̃ nam deſejaua fazer al: q̃ vos ei de dizer verdadeiramẽte me pareceo entã q̃ ſe hia elle como q̃ lhe ficaua hi ho coraçã e por iſto q̃ entẽdi ſai logo apos elle por ver onde hia e elle foiſe aſſentar a par dum freixo grãde q̃ alli eſta õde foi a peleija dos touros nã olhei mais o que fizera nem ho tempo era pera iſſo, ſenam agora que fui ver aquillo que elle fez e em lhe pondo os olhos deume loguo ho aar delle, e tomei eu iſto por miſterio, ꝑr que canta entam eſtaua eu bem fora de cuidar nelle ꝑo eſta imaginaçã ſupita q̃ me veo tornei atentar mais nelle e vi que nam podia tirar os olhos de caa e quãdo vos vos foſtes do eirado ficou mais triſte que dantes, quãta ꝑa mĩ abaſtou aquilo, ꝑa cõfirmar minha prezunçam por que elle he aquelle

F ii

como Deus he Deus. Era eſta molher hũ poucochinho lambareira e porem era aui-zada ſe ho algem era, mas pola outra tacha q̃ tinha quiſe a Ama em cobrir della, e poſ-to que aquillo loguo ſe lhe aſſentaſe nalma por lho desfazer diſſelhe que ſe foſſe da hi que ella conhecia aquelle paſtor por lhe uer tanger hũ dia hũa frauta bẽ, e pguntara por elle e diſſeramlhe que era filho de hum ma-yoral de hũa grande manada de vacas e ga-do que neſte valle andaua, e aſſi ſe deſpedio della porem a uelha Ama ficou crendo que bem ſabia ella que os acertos em todalas couſas podiam muito e no querer bem ma-is que em todas ellas Aonia que eſtaua eſ-cuitando ouuio toda eſta pratica e com quã-to a Ama contradixera ho da outra, ella ho creo, e nam fora iſto nada ſenam que apos a crença foram todalas outras couſas que as crẽças neſtes caſos ſoem trazer apos ſi, que loguo teue deſejos cuidando o bem q̃-rer, e jaa nam auia dia nẽ hora que elle foſſe certo de ſua vontade, pera que ſenam apar-taſe dalli por algum deſaſtre, que ella loguo começou arrecear: por que o verdadeiro bẽ querer nam pode eſtar muito ſem reçeos. vedes aqui como ſe enamorou eſta donzel-la de Bimarder que pareceo couſa feita a-

ſinte por que ambos ſe começarom ha querer bem ſobre hũa ſombra de piedade e auiã de acabar ambos de hũa maneira, começarom aſſi tambem ambos de dous de hũa Aonia que ſe detreminou com ſigo nam pode mais deſcanſar, e como elle teueſe en cuſtume vir ſempre por derredor da quelles paços (que ſuntuoſos ſe faziam a marauilha) por hũa freſta alta que na camara onde ella dormia, fora ſoo feita pera lume ſe ſobio Aonia ſabendo como elle andaua alli e como ho uio cõ os deſejos q̃ tinha de ho uer e com o que com ſigo tinha aſſentado pareceolhe nam tam ſois aſſi como elle era, mas como ella queria que foſſe, depois de ho ella eſtar olhando hum pouco bem a ſua vontade por que elle ainda que contra a freſta com o roſto acertaſſe entam deſtar acertouſe tambem deſtar olhando pera o chã cuido ſo como ſohia; teue ella tempo pera ho ver bem, mas depois de hũ pedaço bom nam ſoportando nam ſer viſta delle fez que falaua com alguem de caſa, e a iſto olhou Bimarder e conhecendoha traſportouſe parece, e cayolhe o cajado no chã leuou Aonia cõtentamento da quelle deſacordo que bẽ vio e eſteue aſſi mais hum pouco mas nam pode tanto forçarſe que a uergonha natural

F iii

de donzella ainda tam moça e tam guardada como ella ho era nam podeſſe mais q̃ ho ſeu deſejo, e tirouſe entam aſſi da freſta. porem nam ſendo ainda bem abaixo tornou a eſpreitar ſe ſe fora elle e tornouſe loguo a tirar, tambem quiſera ella tornar outra vez e outras, mas nam pode tantas vezes acabar com ſigo de fazer o que nam deuia, veoſe a noute aquelle dia mais cedo pera Aonia do que ainda outra nunca viera, Deus ſabe como ella aquella tarde paſſou, mas nã quero contar aqui muitas couſas q̃ por querer bem ſe fazem, de maneira que ſenam podem dizer: a velha honrrada da Ama q̃ cõ o que ſoſpeitou entendeo ho deſaſoſſego de Aonia (que deferente foi loguo pera quem atentaſſe niſſo) andaua triſte e anojada em parte de ſi pelo que lhe contara delle e por iſto ho ſentya muito mais, e aquella cea nã pode comer mas recolhidas que ellas forã aquella camara da freſta onde dormiam, pondoſe a Ama a penſar a menina ſua criada como ſoya como peſſoa agaſtada dalguma noua door quis ſe tornar as cantigas começou ella entam contra a menina que eſtaua penſando cantarlhe hum cantar a maneira, de ſolam q̃ era ho q̃ naq̃lle tẽpo e partes nas couſas triſtes ſe cuſtumaua y dizia.

PEnſandouos eſtou filha
voſa mai me eſtaa lembrando
enchẽſeme hos olhos daguoa
nella vos eſtou lauando:
Naceſtes filha antre maguoa
para bem filha vos ſeja
que no voſo naſcimento
vos ouue a furtuna enueja:
Morto era ho contentamento
nhũa alegria ouuiſtes
voſa mai era fĩida
nos outras eramos triſtes:
Nada em dor em dor crecida
nam ſei honde yſto a dir ter
vejouos filha fermoſa
cos olhos verdes crecer:
Nam era eſta graça voſa
para nacer em deſterro
mal aja a deſauentura
que pos mais niſto que ho erro:
Tinha aqui ſua ſepultura
voſa mai e a maguoa nos
nam ereis vos filha nam
para morrerem por vos:
Nam ouue em fados razam
nem ſe conſente roguar
de voſo pai hei moor doo
que de ſi ſa de queixar:

F iiii

Eu vos ouui a vos ſoo
primeiro que outrem ninguem
nam foreis vos ſe eu nam fora
nam ſei ſe fiz mal ſe bem:
Mas nam pode ſer ſnr̃a
para mal nhũ nacerdes
com eſte riſo gracioſo
que tendes ſobrolhos verdes:
Conforto mais douidoſo
me he eſte que tomo aſſi
Deus vos dee milhor ventura
da que teueſtes tee qui:
Que a dita e a fermoſura
dizem patranhas antigas
que pelajarom hum dia
ſendo dantes muito amigas:
Muitos ham que he fantiſia
eu que vi tempos e annos
nhũa couſa douido
como ella he azo de danos:
Mas nhũ mal nom he crido
ho bem ſo he eſperado
e na crença e na eſperança
em ambas ha hi mudança
em ambas a hi cuidado

HO paſtor da frauta que nam era paſtor teue aquella noite maneira como com hum pao que colheo arribou a freſta, e jaa eſtaua nella quãdo a Ama começara acãtar bẽ conheçeo na limpeza das palauras e em a pronũciaçam dellas que era natural deſta terra e auizada por onde loguo arreceou que ſenam teueſe nella ajuda, que ſeria grande eſtoruo, e encomendouſe a ſorte acabou a Ama de penſar a criada, que nã foi penſada ſem muitas lagrimas dambas de duas della e de Aonia que penteandoſe eſteue em mentes, ſegundo ſentio Bimarder que elle nada de dentro podia bem deuizar pello impedimento dhum pãno que diante da freſta eſtaua pera amparo della, e acabada a menina de penſar apagando o lume ſe deitaram ambas, e por que a Ama tinha ſua ſuſpeita fez que dormia pera eſpreitar Aonia, e Aonia por que tinha ſeu cuidado nam podia dormir, e hora ſe reuoluia pera hũa parte hora pera outra, outras vezes apos hũ aſoſſego dhum pouco; colhendo folego, daua hum baixo ſoſpiro longo a maneira de canſada daquillo que acabara de cuydar, eſteue a Ama tudo notando por hũ grande eſpaço, e jaa Bimarder eſtaua pera ſe deſcer cuidãdo que era outrem que fazia

aquillo ſenam quando a Ama começou aſſi a falar eſcontra Aonia dizendo.

NAm dormis ſenhora Aonia e que ſera ſenam podeis dormir; parecendome vai que eſta noſſa vinda aqui pera deſaſtres foi e no mais, mas aſſi de longe os ordena elles auētura que loguo ao começo ſenam poderã conhecer: mal cuydaua eu o q̃ auia dacontecer a ſenhora Beliſa quando aquella noite depois de dormirem todas nos aleuantamos nos ſoos caladamente e pello larangal do jardim que com a eſpeſſura do aruoredo fazia entam mayor eſcuro paſſamos cheas de medo e vos pegada em mĩ toda tremendo, fomos ſair pela portinha falça que no mais eſcuro lugar delle eſtaua aonde achamos a Lamentor aguardandonos jaa auia pedaço todo cheo de ſperãças tam longas que enfim auiam de vir ſer aſſi eſperanças e no mais, por iſſo cumpre a todas as peſſoas e as dõnas ſenhoras muito mais cumpre, pois ſam as que auenturã mais que ao principio das couſas olhem onde ellas podem hir parar, que nã ha nhũa tamanha q̃ no começo della ſenam poſſa reſiſtir ou leixar ſem trabalho, que muitos rios grandes ahi que onde naſcem ſe podiam empedir com hum pee ou leuar pera

outro cabo, ꝛ no meo delles ou depois que colhem forças todo ho mundo junto nam hos poderaa tolher ou mudar, chama hũa agoa outras agoas hum ribeiro outros; em pequeno efpaço crecem de maneira que fe nam podem depois deixar, grandemẽte deuia cada hũ cuydar fe ho que faz, ou detremina fazer he coufa honefta e que conuenha: q̃ fe ho fabem todos lho teem a bem, ꝛ fenam ainda que ho mũdo lho tenha a mal (ho que muitas vezes acontece) por que mal pecado jaa os confelhos nam fam julgados fenam polas faidas delles, nam tẽ ao menos de que fe queixar com figo, ꝛ grãde bem he a meu ver efcuzar a peffoa amizades dentre fi, pois nam ha lugar qua nefte mundo q̃ defenda a ninguem de fi mefmo, podẽfe tolher imigo ꝛ emiga, frio e chuiua, cuidado pode fe nam tomar mas tolher nam: jaa aquẽ faz ho que deue faindolhe como nam deue; nã quero afirmar que lhe nam dara paixam, q̃ a perda de qualquer prepofito ainda q̃ feja defarrezoado a daa; mas affi digo q̃ fe lhe der paixam darlhe a ho fofrimento pera ella que bemauenturado fe pode chamar nefta vida quẽ tem door que fe foporta, pois (fegundo parece) nam fe pode viuer fem ella affi ou affi nos amores cuidaraa alguẽ q̃ nã

he iſto neceçario ⁊ que nam he acuſtumado, cuido eu que podera ſer mais neſeçario, q̃ ſe em todalas couſas ſe deuer auer reſpeito; ao como ⁊ ao quãdo, ⁊ ao por q̃ ou para q̃ ſe fazẽ por ſenã errarẽ mayormẽte ſe deue eſte reſpeito nos amores de ter, pois ſam tã ſugeitos aos erros, q̃ mais mal cõtado ſeraa ao caminhãte rico ſe foſſe deſapercebido polo lugar q̃ de ladroẽs he seguido q̃ por outro q̃ ho nã foſſe, q̃ naq̃ſte ſe lhe acõtece algũ dezaſtre culparia a ventura mas na q̃loutro culparia a ſi meſmo, que ſam culpas mais graues de perdoar; por iſto ſenhora Aonia vos peſo aprendais de mĩ que vi culpas ⁊ os danos dellas, que aſſi como toda peſſoa no bem he mais amiga de ſi que doutrem, aſſi tãbẽ no mal quãdo acõtece q̃ aja algũ deuario cõ ſigo, he mais imiga de ſi q̃ de ninguẽ ⁊ iſto nã he pera eſpantar que he ymigo de (caſa como dizẽ) aĩda mal muitas vezes por que foy neſeçario q̃ volo diſſeſe, ⁊ por q̃ ho ſoube pera volo dizer querei antes ſenhora nam ſer contente que arrependida.

AQui fazendo a Ama huma pouca de pauza, nam pera acabar ſenam por deſcanſar que em vontade tinha jaa de lhe dizer tudo ſentio dormir Aonia ⁊ cuidãdo ha primeira que foſſe ſingindo eſteue hũ peda-

ço eſpreitandoa ⁊ por derradeiro pondolhe a mão bolindoha ſe certeficou que dormia, parece que de canſada do cuidado nam acuſtumado adormeceo ella era moça ⁊ nunca ſe ainda vira noutra tal a Ama ainda q̃ lhe iſto fizeſe duuida do paſſado, com tudo pello q̃ paſſara por ella jaa pareceolhe ho que era que nam ha couſa que traga mais certo ſono as moças que a door grande, ⁊ as velhas tiramlho, ⁊ com eſta fanteſia em que ſe a Ama afirmou adormeceo tambem.

Bymarder que todo aquelle tempo paſſou como Deus ſabe, vendo que aſſi ſe calarom nam ſoube que ſe detreminar q̃ tam cortado ficou das palauras da Ama pelo dano que temeo de lhe fazerẽ que ſe lhe tornou o juizo ⁊ nam ſoube dar ſaida nhũa aquelle calar, enleado aſſi com ſigo acerca do q̃ ſeria eſteue ate que a menhãa crara o leuou dalli bem contra ſua vontade, ⁊ porẽ nam ſe pode hir longe dalli; da magoa delle nam vos quero cõtar (era homem poderia com ella) mas da cuitada de Aonia a que as boas palauras da Ama nam aproueitarom mais que pera ſe guardar della, vos cõtarei, ergueranſe pola menhã ⁊ posto que a Ama atentaſſe Aonia dizendolhe ſe ouuira ella o que a noite dantes contara diſſimu-

lou altamente e pola ſua idade ⁊ polo amor
da criaçã que lhe a Ama tinha, creo loguo
de todo, ⁊ pelo aſocego de Aonia feito acin-
te ho acabou de confirmar, ⁊ ouue ho paſſa-
do por nada ⁊ pareceolhe q̃ ſeria deſaſoce-
go de moças, que as vezes por mocidade
fazem couſas que nam fariam em outra ida-
de ainda que niſſo lhe foſſe todo ſeu deſejo,
aſſentando a Ama niſto, meteoſe na cupaçã
de caſa que era grande, por que ſobre ella ca-
regaua tudo pello qual a Aonia ficou lugar
⁊ tempo em abaſtança pera cuidar mais a
ſua võtade ⁊ pera fazer como Bimarder foſ-
ſe certo della e põdo cofres ſobre cofres fe-
chada a porta da camara. ꝑmeiro diſſimulã-
do fazer algũa couſa, ſe ſobio a freſta e ainda
bẽ nã era nella vio a Bimarder q̃ nã eſtaua lõ-
ge dalli nem tam perto que ha conheceſſe
loguo pelo que ſe leixou elle eſtar hum pou-
co pera se afirmar melhor, e ella que nam ſo-
portou jaa aquella tardança lançando hũa
mãga da camiſa fora da freſta, fez que o cha-
maua chegou elle aſinha e vẽdoha ficou aſ-
ſi ſem lhe poder dizer nada, mas Aonia que
eſtaua jaa determinada cõ ſigo ouzou a fa-
larlhe primeiro mas nam ho que ella quiſe-
ra que nam pode acabar cõ ſigo tanto, e mu-
dãdo ho propoſito naquillo em que ſe acer-

tou, lhe diſſe, e aqui andas paſtor todo ho
dia ſempre? e eſſa freſta reſpondeo elle, nam
eſtaa hi ſenhora de noite tambem? Aonia q̃
ho entendeo muyto mãço lhe tornou eſtaa,
ajudando a palaura com hum a baixar dos
olhos, que de todo entam ao dizer daquil-
lo pos nelle, e nam na entendera Bimar-
der ſenam fora por iſſo, mas nam lhe tornou
ella repoſta, ca ella niſto deceoſe porque ſe
lhe aſegurou que boliam a porta da cama-
ra, e tornando hos cofres a ſeu lugar ſe foy
abrila. e nam achando ninguem quiſera tor-
nar, ſenam quando niſto eis vem a Ama e
outras molheres de caſa, de maneira q̃ to-
do aq̃lle dia paſſou como deus ſabe, Mas
loguo cuydou q̃ aquellas palauras que lhe
diſſera ho paſtor que eram para que tam-
bem olhaſſe de noite por elle. e com eſ-
ta eſperança q̃ ſe deu aſi meſma paſſou aquel-
le dia e tambẽ Bimarder paſſou com a ſua
q̃ tomou de quella palaura derradeira que
lhe ella falou, mais com os olhos q̃ com ou-
tra couſa mas nam cuydaria elle (me pare-
ce a mĩ dizia meu pai, que auia de ſeer para
tanto como lhe ſayo, pelo pouco que entre
ambos era paſſado, e porem por iſſo estaua
mais certo me torna ami aparecer, dizia
meu pay, por que como a vẽtura venha ma-

is em todalas coufas que tudo, quem foo a a tiuer nam a mifter mais.

Como aconteceo a Bimarder que vinda a noite pondofe elle a frefta como a paffada fizera, fentiohas deitar, e dahi a hũ grande pedaço jaa q̃ estaua defefperado ouuyo pola cafa andar manfozinho, porem como algũa coufa efcõtra a frefta, eftãdo cõ ho fentido pronto nifto fẽtio q̃ fobia alguem e naõ crendo que foffe tanto, como acõtece na vifta das coufas muito deffejadas e efperadas muyto: Mas antes arreceando algũ defaftre abaixoufe preftefmente e leyxoufe eftar ao pee da frefta. Aonia aleuantou ho pano e com ho efcuro que fazia nam vio ninguẽ, com tudo leixoufe affi eftar hum pouco, e nã fẽtindo nada douidou de todo, e indo pera fe decer, diffe, parece q̃ foram palauras. Conheceoha na fala Bimarder, e dizendo nam foram nem feram, fobio azinha a frefta, e ella tãbem conheceho em fobindo, e chegando elle querendo falar lhe diffe ella, muito paçozinho, q̃ me perdereis, nifto começou chorar a menina e acordando a Ama fe pos a embalala cantandolhe, mas nam fe querendo ella calentar, fe ergueo a Ama dizendo nam fey fe acharei lume, q̃ efta criãça fente algũa coufa, e defpois abrio a porta

a porta da camara, e foy a outra cafa das molheres catar lume; Aonia que vio nam aver remedio querendofe azinha defcer chegou ho rofto muyto a frefta, dizendo, hiuos embora que nã pode fer mais; de vos (lhe refpondeo elle) me nam poffo eu hir affi, ⁊ ifto tremẽdolhe a fala, e ella que ouue doo delle naquillo. Querẽdo foltar ho pãno amparo da frefta, nam fe pode ter que nam lhe differe, pelo que fiz por vos julgareis ho que tinha para vos dizer, ⁊ perdoayme que nam vos poffo pagar em mais que ho foltar defte panno, e affi ho foltou defcendofe muito azinha concertando tudo. E quando jaa tornou a Ama achouha deitada. Bimarder leixoufe ficar a frefta ⁊ efteue atee pela manhãa, que tã acupado lhe ficou ho penfamento daquellas palauras que lhe Aonia dixera en fe hindo, e como lhas differa, que hũa coufa e outra nam lhe derõ mais vagar nem tam fois pera lhe acordar ho fugir do tempo. Mas como elle nam tiuefe a noite dantes dormido nem ho dia que fe feguio, entõces como defcançãdo algũa parte de feus cuydados (nam jaa para os ter menos) mas como fe acontefe que quẽ tras algũa coufa que muyto deffeja em mẽtres aquelle deffejo ho tras nam pode re-

G

poufar, ꝛ defpois que algũa fegurança lhe veem repoufa e dorme como fe ho alcançara, e nam podemos dizer que feja entam menos ho deffejo q̃ antes por razam deue feer moor, ꝛ affi foy Bimarder, q̃ parte defcançado parte defcontente, trafportoufe parece tanto em feu cuydado que fe foram por fonhos os pees ꝛ as mãos, ꝛ cayo no cham com ho pao apos fi, ꝛ ao cayr lauoufe todo em fangue aquella parte do feu rofto q̃ daquella banda da parede leuou de que muytos dias efteue mal depois: Mas nhũas coufas grãdes fe acabarom fenam por meo de grãdes defaftres, como aqui vereis, por que aquefta queda foi a Bimarder caufa de veer ho que por ventura nunca vira.

MAs diz a hyftoria que a Menina nam deixara mais dormir a Ama, e fentio todo aquelle eftrondo; ꝛ Aonia que nã dormia tambem ho ouuio, e cuydou loguo ho que temeo, porem deffemulou grandemente, por que jaa fe guardaua da Ama, Mas ella que jaa tambem eftaua defcuydada defcuydada de Aonia, foy fofpeitar outra coufa que feria alguem daquellas obras (por que muyta gente andaua ahi) ꝛ polla ventura veria efpreitar por aquelle lugar ho que ellas de noite faziam, que bem fabia ella q̃

os homens tudo oufauam fazer de noite; ꝛ ainda bem nam era menhãa foy derrador das cafas, ꝛ achou finais por onde confirmou fua fofpeita, ꝛ loguo a mandou tapar de pedra e cal, contando tudo (da maneira que ho ella cuydou) primeiro a Aonia que lho ouuio com tamanha magoa, que moor trabalho cuydo eu que leuaria em lha encobrir que em a fofrer com figo por que ho fofrer faffe por vontade, e a outra cõtra ella Mas efte remedio tolhido a Aonia, lhe deu caufa para ella bufcar outro mayor. E chamãdo hũa molher de cafa que Ynees fe chamaua auizada, ꝛ de quem fe podia bem fiar grandes coufas, ꝛ fegurandoha no fegredo pellas melhores maneiras que pode. contandolhe feu coraçam lhe diffe que mãdafe ver fe andaua pella ribeira daquelle rio ho paftor da frauta, e fe o nam vife perguntaffe a algum paftor por elle, felo ella affi ꝛ foube que jazia doente em hum mõte pto dalli õde morauã a molher ꝛ filhos do mayoral do fato em que elle andaua e tomãdo ella em fua companhia hum homẽ de cafa detreminou hir laa por que tamanha vontade conhecia em a Aonia, que nam pode fazer menos, chegou afinha ao monte ꝛ perguntãdo polo paftor da frauta lho forã mof-

G ii

trar ẽ hũa caſa palhiça detras das outras onde elle eſtaua e ficãdo elles ambos ſoos (que aſſi buſcou maneira Ynees) ella lhe deſcobrio inteiramente ao que hia, Bimarder que logo ho creo (por que era molher) ſobre a pobre cabiceira dõde eſtaua encoſtado ſe lhe deixarõ cair hũas raras lagrimas cauſadas dantre muito contentamẽto ⁊ muita door, que dãbas de duas ſoẽ ellas as vezes de vir, as quais fizerom certa a Ynees do grande bem que elle a Aonia queria, nã lhe eſq̃ceo a ella cõtarlho, deſpois alli eſteuerõ ambos hũ grande pedaço de tẽpo, q̃ Bimarder contoulhe todo o começo, e deteuerãſe tanto que foram ſoſpeitados mal da tardança (ſe fora em outro lugar) mas a vida do monte nam cria ſoſpeita como nam cria de quẽ ſe ſoſpeite mal, mas cõ tudo deteuerãſe ainda menos do que ambos quiſeram pello homẽ que Ynees trouxera, tornada ella a onde Aonia eſtaua, lhe contou tudo couſa, e couſa que nam ficou nada.

VEo aſſi ho acerto q̃ perto dalli auia hũa caſa de hũa ſanta de virtudes de grande romagẽ, e era entam ao outro dia beſpera do ſeu dia e a Ama e molheres de caſa ordenarom de hir laa e auida licẽça de Lamentor pera Aonia e poſta no cami-

nho que a pee podiam bem andar ao paſſar pelo monte ſe chegou Ynees a Aonia e diſſelhe que alli era por que aſſi hiã jaa concertadas e niſto fez Aonia que canſaua, a Ama diſſe loguo que repouſaſſe hum pouco mas deſta vez nam teue ella maneira pera hir onde Bimarder eſtaua foi la Ynees e da tornada fizerã alli grande detença e buſcando achaque de querer laa hir pera detras das caſas leuando a Ynees comſigo ouue tẽpo pera Aonia ẽtrar onde elle eſtaua, entã deitado eſcontra a outra parte da parede chorando por que nam vira Aonia ao paſſar q̃ bem ſe podera elle erguer, e como iſto perdera cuidaua tambem que auia de perder a tornada. por que hum mal nunca lhe viera ſem outro pelo qual eſtaua no mayor pranto do mundo antre ſi entrada Aonia deteueſe hum pouco e ſentio que choraua e ſoſpiraua baixo de maneira como que naquillo forçaua aſi meſmo, ella por ver ſe poderia ſaber o por q̃ ho fazia (que jaa deſſejaua ſaber delle tudo) deteueſe ainda mais mas elle com penſamentos que ſobrevinham ao choro mais ho acreſentaua do que ho diminuia e aſſentandoſe entam Aonia na borda daq̃lla ſua pobre cama lhe pos a mão, ⁊ quiſeralhe dizer algũa couſa mas nam pode

G iii

que lhe faleceo ho eſprito, virãdoſe Bimarder e vendoha tambem lhe faleceo o ſeu, eſtiuerom aſſi ambos hum grãde pedaço ſem ſe dizerem nada hum ao outro, elle com os olhos poſtos em Aonia e Aonia poſtos os ſeus no chã, que em ſe virãdo Bimarder lhe tomou vergonha leuãdohos aſſi a terra cobrioſelhe o ſeu fermoſo roſto de hũa tamalaues de coor alẽ da natural e ſoya dizer meu pay que parte deſta hyſtoria em ſeu tempo ſe ſoubera que nam parecia ſenam que viera aquella coor como pera ajudar ainda a Aonia contra Bimarder tam fermoſa a ella fermoſa fizera. Mas eſtãdo aſſi niſto elles ambos, e nam eſtando elles ambos alli, chegou Ynees muito rijo a porta dizendo que ſe queriã jaa hir e que a mãdauam chamar e aſſi foi forçado leuantarſe Aonia e hirſe, e Bimarder ver tudo e ficar, mas Aonia que bem via os olhos de Bimarder como ficauam tomou hũa manga da ſua camiſa e rompendoa como pera remedio de ſuas lagrimas lha deu ſenificando na maneira ſoo de como lha deu e pera que lha daua, ca parece que a door grande nam lho deixou dizer por palauras, mas em lha dando pos ſeus olhos nos ſeus dizendo ſoo aſſi, pezame pois minha ventura nam quis que vos dei-

xaſe de magoar com ho q̃ eu nõ quizera, eſtas palauras lhe diſſe ella jaa fora da porta e com ellas e cõ ho q̃ ſentio ao dizer dellas duas e duas lhe começarõ as lagrimas de correr dos ſeus fermoſos olhos polas ſuas faces fermoſas abaixo lhe hiã fazẽdo carreiras por onde ſe hiã q̃ a Bimarder a tãto prãto comoueo quanta era a razam delle pois perdida a viſta foi tanto o choro que nã lhe abaſtarom os ſeus olhos as ſuas lagrimas polo que nam pode entam dizer nada, mas Ynees apreſãdo a Aonia com a fala e cõ as maõs quaſi em puxandoa e leuandoa jaa viroufe pera elle Aonia dizendo leuamme, e deixandoſe ficar toda com os olhos ſe foi, aſſi leuada tee que com as paredes das outras caſas treſpos a porta daquella de Bimarder, Elle nam ſe pode ter q̃ pela outra banda da ſua caſa ſenam ſaiſe eſcõtra aquella parte donde ſe podia ver ho caminho q̃ ellas leuauã. E alli eſteue olhando em mentes a terra lhe deu lugar, e depois hum grãde pedaço em quanto poderiam bẽ chegar a caſa ca parece folgauam tambẽ os olhos com a prezunçam, e deſcançam dolhar pera aquella parte donde eſtaa ou vai aquilo que poderom ver ſenam foram a fraqueza delles ou ho empedimento dalgũa couſa,

G iiii

mas como lhe pareceo que ſeria em caſa lẽbrouſe loguo do lugar onde eſtiuera ella na ſua aſſentada e a grãde preſa ſe tornou pera laa e entrãdo foiſe alli pera onde eſtiuera dãtes, e com ſigo eſtaua fanteſiando Aonia hora lembrandolhe como aquillo fizera hora como aqueloutro.

DEpois tomando aquella parte da mãga que lhe deixara ſe punha a chorar cõ ella a uoltas de palauras triſtes como q̃ ouueſe ella dentender niſto: aſſi paſſou naq̃la doença em que grandemente foy viſitado de Ynees e ſarou azinha e daqui tee q̃ lhe aconteceo a deſauentura que vos contarei, ſe paſſarom tẽpos e outras infindas couſas, por que os paços de Lamentor acabarõſe e polo apartamento do lugar, em q̃ eſtauam Aonia e a Ama com outras molheres de caſa, hiam a paſſar tempo ribeira daqueſte rio dõde Bimarder ſempre andaua: mas nhũa couſa ha neſte mundo em que ſe deua ninguem muito de fiar que aquella grande ſegurãça em que Bimarder eſtaua em lugar tambem tam hermo ainda lhe nam pode durar como ho vereis, foi aſſi que a donzella por quem morrera ho caualeiro da põte como vos ei contado veo triſtemẽte acabar por azo da viuua hirmã que ho levou

nas andas e ſocedeo no caſtello hum filho dhum caualeiro muito valido e rico neſta terra, que por meo de uizinhos deſſejou a Aonia por molher, o que foi azinha acabado pola igualeza dambos naquillo em que a quizerom aquelles em que eſtaua ho praſme do caſamento mas polo nojo de Lamentor e polo apartamento da vida nã no ſoube Aonia ſenam ho dia dantes que ha auiã de leuar pera o caſtello, q̃ em ſua caſa nam queria Lamentor ver prazer e bem lhe pareceo a elle que nam ſe descõtentaria Aonia do eſpoſo por que era bem a poſto caualeiro e dos beĩs do mundo abaſtado e por iſſo tambem eſcuzara dizerlho entam, mas nam foi aſſi que Aonia toda aquella noite paſſou nũ grito e ſenam fora por Ynees que de todo ſeu ſegredo era ſabedora morrera, ou ſe fora por eſte monte, mas ella conſolauaha, e com outras eſperanças que lhe deu nã ſomentes ha ſoſteue que nam fizeſe de ſi nada, mas ainda lhe fez ſer cõtente daquella vida e deſejala por que lhe dezia que ſegundo os caſamentos ocupauam aos homens podia ella teer a liberdade que quiſeſe a que na caſa onde eſtaua nam podia ter Eſte conſelho foi tomado ſem Bimarder, por que a breuidade do tempo nam deu lu-

gar pera iſſo mas conſertarõſe ambas que ficaſe Ynees pera lho dizer ao outro dia ou deſpois mandaria por ella, por que loguo determinou pedila a Lamẽtor ⁊ veo aq̃l outro dia e como Bimarder nõ guardaſe outro gado ainda bẽ nã era menhã jaa elle andaua ribeira deſte rio ⁊ vio vir gente de caualo muita e paſſar a ponte eſcontra os paços de Lamentor. Mas nam teue entam a quem preguntar que ſeria aquillo com tudo nam ſe tirou dalli por que logo ſe lhe reuolueo ho penſamento e encrinou a vontade a querelo ſaber que pola mayor parte ho q̃ a de ſer daa primeiro ſẽpre nalma e ſe andaſemos ſobre auizo ligeiramente entẽderiamos tudo ou parte do q̃ ha de ſer. Decidos os de caualo eſtiueram per grãde eſpaço cõ Lamentor, deſpois começarom a ſair hũs tras os outros, fazendo maneiras de prazer, ⁊ niſto vio Bimarder dõnas a caualo ⁊ vio ho fio da gente eſcontra a ponte por onde teue ſazam de perguntar a hum paje que couſa era aquella, dixelho elle paſſando ſeu caminho, mas Bimarder nã ho acabou de crer tamanho abalo fez no ſeu coraçam mas olhando vio Aonia ⁊ com ella da banda eſquerda o ſeu eſpoſo que conhecido hia nos trajos e pela communicaçam da pratica

que antre ſi ambos leuauam como derradeira couſa lauouha toda, ⁊ olhandoa Bimarder mui bem a uio, E Aonia nunca ſe virou pera aquella banda ſua ſabendo quã cõtinuada delle ſẽpre era mas antes por q̃ hia incrinada pera aquella banda donde ho eſpoſo hia pareceolhe a elle que ho fazia aſinte q̃ mais ainda diuia a elle do que elle a ella ca iſto he natural quando vos hũa peſſoa cae num erro todas as couſas que deſpois faz as tomais a pior parte como aqui acaeceo: ficou Bimarder tã cortado que dalli a mais de hũa hora nam cuidou nada, e acabando ella de hir virandoſe pera outra parte ſe foi ⁊ nam no virã mais, Aquelle dia a tarde veo Ynees a buſcalo e nam ho achando perguntou por elle e diſſelhe outro paſtor que acaſo acertara entam deſtar perto delle olhando tambem a gente que depois della ida, iſteuera elle hum pedaço ſem ſe mudar de hum lugar e ſem tirar os olhos do cham como homem cuydoſo em ſua maneira e tanto que elle meſmo olhara pera iſſo e quiſeralhe falar ſenam quando elle niſto ſe virara pera outro cabo pela ribeira dãdo a andar rijo deſaparecera, e que nunca ho mais vira, e que jaa elle fora ao mõte de ſeu amo perguntar por elle pera que vieſſe paſ-

torar ſeu gado que andaua deſmandado, e que do monte tambẽ ho vierom buſcar por todo eſte mato e pareceo a todos que ſeria ido, por q̃ elle nũca tal acuſtumou e jaa outrem andaua com ſeu gado, e ficou Ynees toda fora de ſi, e loguo cuidou quelle nam compria hir viuer com Aonia nem vella pois ſaira tam mal ſeu conſelho.

E Tornada pera caſa ordenou dilatar ſua ida por algũs dias pera ver ſe ſaberia algũas nouas de Bimarder, antre tanto nam ſabẽdo nhũas, e aprezãdoha Aonia q̃ lhas leuaſe detreminou com tudo de hir por que por outra via cuidou antre ſi que com pouco trabalho ſe lhe tiraria Aonia por entam a Bimarder do penſamento, que os caſamẽtos A primeira parecẽ outra couſa, e as ſenhoras que dantes foram preſas damor loguo aos primeiros dias eſqueciã tudo ho paſſado mas depois por nojos, ꝛ deſgoſtos que nacem da culpa do longuo tempo, ou conuercaçam que tras menos preſo, tornam depois muitas vezes a lembrança do paſſado, por iſto que com ſigo cuidou quis obedecer a Lamẽtor que jaa ao pedido de Aonia mandaua que a leuaſem, que vos eyde dizer ainda bem nam chegauã apartouſe Aonia com ella, mas ſabido o que paſſa-

ua chorou muitas lagrimas e maldiſe ho dia em que nacera Ynees que era auizada ⁊ auia que ho mal nam ſe podia curar que ſe deuia dilatar, lhe fez hũa fala deſta maneira. Leixaiuos ſenhora do pranto q̃ delle nam ſe vos podem ſeguir ſenam dous males muito grandes, hũ he que matais a vos com choro e quando pela ventura vier Bimarder nam vos quereria achar aſſi, ⁊ ſera eſta entam mayor ofença pera elle, por que eſtoutra tem deſculpa e eſta nam na teraa ſe nam que ſe lhe quizerdes dizer que deſconfiaueis delle, que monta tanto como cuydardes delle mal, hora vos auede laa com voſco ſenhora ſe podereis dar culpa a quem quereis tamanho bem (pois a fora iſto tendes ainda outro mal que correis riſco de ſe ſaberem voſſos prantos, e como elles ſejam tomados em tempos de uodas, nam ſe podera deixar de ſoſpeitar delles mal, ⁊ por aqui tolherseuosha pola ventura ho que pode ſer ainda nalgũ tempo. (o que eu eſpero) por que as lagrimas de Bimarder nam podiam ſer ſem vos elle querer muito grande bem, e nã vos podia elle querer muito grande bem, que lhe nam doeſe muito o que fizeſtes e nam lhe pode doer muito o que fizeſtes que nalgum tempo nam queira ſaber

ho como ou por q̃ lho fizeſtes por q̃ ho bẽ q̃-
rer grãde faz ſentir muito os eſcãdalos rece-
bidos e crelos por aquelles quãto abaſte pe-
ra ho ſentimento ſer mayor do que pode
ſer, mas porem ſempre deixa hũa duuida,
laa na crẽça pera eſprimentar nalgum tem-
po tarde ou cedo ſegundo a door grãde ou
pequena lhe da lugar, nã pode ſer que aquil-
lo que vos ſenhora ſabeis nã faça duuidar
Bimarder deſtoutro que fizeſtes de ſe elle
deſenganar pera ſi meſmo ou ſe iſto nam he
aſſi nam ha verdade no mundo nem nos
homens.

EStas palauras deſagaſtarom muito a
ſenhora Aonia, mas nam de todo que
na verdade ſe a ella deixarom eſtar ſoo, e ter
tempo pera perſeuerar neſte cuidado nam
creo eu que ella podera durar muito, mas
era eſpoſada dẽtam e hũas couſas e outras
nam a leixauam nunca ſoo, eſpalhauamlhe
os ſeus cuidados aſſi ella pouco a pouco ſe
foi auezãdo a viuer doutra maneira, que as
ocupaçois de caſa, e a deſconfiança ou deſ-
eſperança, que foi tendo de Bimarder lhe
fizerom inda nas couſas paſſadas hũa ſom-
bra de eſquecimento, em que ella podera vi-
uer todos os dias de ſua vida deſcanſada,

(ſe em algũa couſa deſte mundo ouuera
ſegurança) mas nam na ha que
mudança poſue tudo lei-
xemola agora por-
em ficar aſſi.

ARima que aſſi ſe chamaua a menina ſenhora criada da Ama, neſte meo tempo feſſe a mais fermoſa couſa do mundo, ſobre tudo o que ella tinha eſtremadamente ſobre todas, era lhe natural hũa honeſtidade q̃ em muitas feita ainda a mão parece muito bẽ, a ſua manſidã nos ſeus ditos e nos ſeus feitos nam eram de couſa mortal, a ſua fala e o toõ della ſoaua doutra maneira què voz humana, que vos eide dizer nam parece ſenam que ſe ajuntauam alli todas as prefeiçois como que ſenam auiam da juntar mais nunca, e era ella hum ſoo amor a ſeu pai que grandes aueres tinha pera ella guardados ſe a uentura a nam teuera guardada pera outros.

DEntro neſte noſſo mar Oceano (em que aqui perto entra eſte rio contam que auia naquelle tempo hũa ilha tam avondoſa, tamanha de terras ricas e caualeiros, que dalli caſi todo mundo ſenhoreauã, falauã della marauilhas grãdes mas o noſſo conto nam he agora eſte. Nella dizẽ

que auia hum Rei naquella ſazam que ſoſtinha a corte no mais alto eſtado que podia ſer, mantinhaſe alli vzança que todalas donzellas filhas dalgo como erã em idade pera iſſo ſe leuauam a corte da Rainha e dalli ſayam honrradamente caſadas tinhaſe alli em preço grande naquella terra, e em toda las que derredor ſogigauã: Lamentor que ꝑo fama jaa era del Rei conhecido e aceito a elle pela ſua maneira diferente de todas as outras e pella ſua nobreza de ſange e feito darmas, de que era ſabedor por muitos caualeiros andantes de ſua corte que ho bẽ conheciam, pelo q̃ lhe foi pedido de parte delrei que quiſeſſe hõrrar ſua corte cõ a Arima ſua filha por que tendo laa a ella lhe pareceria que tinha a elle, ꝛ por ventura ſe ordenariã couſas por onde nalgum tempo ho viſſe (couſa que elle tanto deſejaua) cuydaua el Rei que ho caſamento de ſua filha lhe poderia mudar ho prepoſito, Lamẽtor que bem ſabia que os pedidos dos reis mandado erã nam lha pode negar, concertado tudo o que era neſeçario pera aquella ida vindo muitos parentes ſeus jaa por parte do caſamento de Aonia, viſtida Arima a maneira (porem inda de doo) por que dado q̃ muito ouueſe que era falecida ſua mai na ca-

ſa de

ſa de ſeu pai nam no parecia, e tambem por que jaa por cuſtume naquella caſa nhũ outro veſtido parecia melhor e Arima jaa que ſe queria partir apartandoſe da outra gente foiſe ſoo aquella camara onde ſeu pai ſoya ſempre deſtar depois da morte de Beliſa, por que alli tambem pera ſempre eſtaua ella a quai era feita tambem em maneira pera hũa contemplaçam triſte, e entrando ella, indoſe pera por [d]e goelhos ⁊ beijarlhe a mão a tomou elle amoroſamente ⁊ abraciandoa ⁊ aſſentãdoa apar de ſi tomandolhe as ſuas fermoſas mãos antre as ſuas delle alli lhe começou com os olhos cheos dagoa a falar deſta maneira.

PEra algum cõforto das magoas que me ficarom me parecia a mĩ filha ſenhora que me vos leixara a vos voſſa mai, agora ſou coſtrangido de noua door quãdo nam haa nouo lugar onde a receba, ⁊ por que a eſtas palauras lhe corriam jaa as lagrimas polas ſuas honrradas barbas, a Arima foram tambem cauſa doutras, mas tornou elle esforçandoſe como caualeiro que era alimpando azinha os ſeus olhos dizendolhe como pola deſagaſtar vendo tambem lhe corriam as ſuas nam choreis vos filha que fazeis nojo deſſa maneira a voſ-

H

ſo coraçam, nã conuẽ lagrimas tãtas a voſ-
ſa fermoſura q̃ ainda aſſi ſem ellas nam po-
dereis deter tanto que nam vam primeiro
que vos muito queirais: ca ho tempo bom
nam aguarda por ninguem, his pera a cor-
te onde ſenam cuſtumam ſenam prazeres
verdadeiros ou fingidos, leixai a voſſo pai
os nojos, pois que pera elles naſceo q̃ vos
pera outra couſa deuieis naſcer, ſe vos nam
foi dada a fermoſura de balde, ⁊ ſe al eſtaa
ordenado no ceo primeiro q̃ ho eu veja me
poſſua a mĩ eſta terra que tanto tempo ha q̃
ſen mi a milhor parte de mi tem laa, ⁊ aſſi ho
rogo eu a Deus, muitas couſas me lembra-
uã a mĩ pera vos dizer neſta partida, mas
quero agora quanto em mi for eſcuzaruos
magoas que pois as nam viſtes nam forã
feitas parece pera vos, eſta ſoo vos lem-
brarei ſois eſtrangeira neſta terra tudo ſe a
dolhar em vos ⁊ a ſe deſperar tudo de vos
nem tam ſomẽte ſois obrigada a voſſa boa
tençam, mas ainda a prezunçam que outrẽ
a de ter della, culpas dadas mal ſentirã em
as donzellas o acerto de tudo eſtaa ẽ mui-
to pouco, por que as pequenas ſam em que
ſe poẽ os olhos que as grandes quãdo jaa
ſe fazem eſperadas vem, ⁊ mais nam ſe fazẽ
ſenã hũa vez na vida Guardaiuos filha de

coufas pequenas, que daqui fe fazẽ as grã-
des a fora que das pequenas nafcẽ as pre-
funçois ꝛ as fofpeitas, que fam piores no-
dar das culpas que as crenças mefmas:
A boa fama, he a milhor erãça que ha nefte
mũdo riquezas ꝛ eftados de voffo Rei cũ-
pre que os ajais ella foo de uos mefma foo,
menos trabalho parece que aueis mifter,
mas ho fruito he certamente mayor, em to-
dalas coufas nam vos fieis de vos nẽ dos
homens nem doutrem e ifto foo que vos
agora direi vos lẽbre filha q̃ volo diffe eu
Tudo he fofpeitoso e pouco feguro pa as
molheres ate ho ferẽ fãtas ꝛ virtuofas por
que ifto as vezes he caufa dos caualeiros
ferem mais perdidos por ellas, ꝛ fazerem
coufas tamanhas que lhe fazẽ a ellas crer
o que nã he, fenam foo no deffejo, e efte he
hum engano grande pera vos outras fenho-
ras, por que de quem deffeja com maa ten-
çam ou de quem deffeja com boa dambos
fam as obras yguais e a efte deffejo he o q̃
obriga a cada hũ a fazer eftremos, a boa ten-
çam ou maa: mas ho feito defta culpa nã
fe vee fenam per derradeiro: quando alguẽ
queria nam no ver; mas he forçado que fe-
ja e he ley que fenam pode reuogar, pois
Deus foo o conhecimento das tẽçois dos

H ii

homẽs guardou pera ſi pera conhecerem a quem ho fez de tam deſuiradas tẽçois, encomendouos filha meu amor a Deus e olhai por vos.

APos eſtas palauras, lhe deu hum abraço grande, tomandolhe ella a ſua direita mão e beijandolha deitolhe ſua bençam aleuantandoa e tudo jaa era concertado e eſtauam caualeiros eſperando por ella e como forçado virando os olhos pera outro cabo tambem como que nam podia ver aquillo a leuou atee a porta daquella camara, onde ſe eſpedirom ambos ficando elle e ella, indoſe, mas jaa que erã apartados, tornou Lamentor a chamala amoroſamente a voltas de hũa triſteza chea de ſoydade, que me eſquecia lhe diſſe, mandaime filha ſenhora ſempre muitas nouas de vos, que nã tenho outrem de quem jaa neſte mũdo has eſpere, aqui tornarom outra vez renouar ho choro mas os caualeiros que eram jaa alli foram cauſa deſeſpidirem mais azinha do q̃ o pranto que derradeiro começarom demandaua, ficou Lamentor cõ ſuas triſtezas.
¶ E Arima partio com as ſuas a qual ligeiramente ho caminho, e nouidades delle poderom fazer eſquecer ſenam que ella era naturalmẽte triſte, de hũa triſteza jaa em ſi brã-

da que efcafamente fe podia defenxergar de honeftidade que ambas ellas tinha, e antrambas a fua fermofura que parecia melhor, foubeo quem ho vio, e foo ho fentio e quẽ ho ouuio o creo Era elle conhecido do pai de Arima, de quando andauã pello mũdo feguindo auenturas, e ainda amigos grãdes pera que affi aquillo que auia de vir acontecer fen fe cuydar, teuefe nafcimento de longe nam cuydado, e parece o feito cõ a caufa delle, e fobre tudo pera que Aualor foffe fingular em ambos enchegãdo elle foife pera ella, ho marido de Aonia, e pelo dar a conhecer, pelo feu, que muito ho eftimaua Efte he feñora (lhe diffe) Aualor en quẽ jaa ouuirieis falar ao fenhor voffo pai que muito fe prezã hum do outro, ho mais delle q̃ro volo eu deixar de dizer por q̃ he em tudo tã acabado que compriria faber delle de quẽ nam teuefe tanta razam com elle como eu pera ho crerdes: por me fazer merce que feja fempre honrrado de vos.

ARima que hia entam tam fermofa, como ho ella era e pera ho que ella nam cuidaua, dizendolhe efcafamente hum fi aleuantou como de boa mẽte a eftas palauras a vifta efcõtra Aualor a maneira dacrefẽtãdo deffejo ao pedido, que muitas vezes ou-

H iii

uira jaa falar bem delle e depois dahi hum pouco abaixouhos com aquelle modo de manſidã que a ella ſoo por dõ eſpecial foi dado: que cõtaſe que atee no eſtar andar infim em todolos outros autos ha tinha tam ſuauemente poſta que bem parecia que naquelle lugar eſtaua ſoo, por onde aquillo e a maneira daquillo tudo aſſi como paſſara ficou loguo eſcrito na metade dalma a Aualor parece auia de ſer e foi.

POſto que toda aquella parte que ficou do Ceram Aualor ſe andaſſe põdo em lugar que a podeſe ver com tudo nunca a pode tornar a uer e aſſi ſe foi pera a pouſada, onde depois de deitado a noite que ſe ſeguio com aquelle cuidado nam podia dormir, e por que ainda elle nam tinha determinado com ſigo querer Arima bem damor (querendolho jaa ſem ho ter determinado) como anojado de ſi com ſigo muitas vezes fazia por dormir ⁊ nam cria elle que hũa vez ſoo que vira a Arima lhe podia acupar tanto ho tempo e tanto ho cuidado que lhe tolheſe ho ſono, mas nam era aſſi como elle cria, tamanho poder ſobre elle ſoo foi dado a hũ ſoo por dolhos e abaxar, porem deſcõtra a menhãa adormeceo e por ſonho parecialhe que eſtaua falando com ſigo dizendo

que como ho nam deixaua dormir aquelle penſamento ſe elle nam podia querer bem a Arima pois era tam preſo damor noutro lu·gar, e era aſſi que na corte andaua naquelle tempo hũa ſenhora a que por morte de ſeu pai, tomarom terras que ella deuia herdar, e viera alli pidir ajuda a caualeiros ꝑa eſcõtra quem tamanho torto lhe tinha feito, e Aualor ſeruiha encubertamẽte que pella muita hõrra que lhe el Rei fazia parecia caſo de menos acatamento querella ſeruir de amor caualeiro q̃ foſſe vaſallo ſeu, Era eſta ſenhora mais fermoſa pera antre homens que pera antre molheres, de hũas feiçois grãdes naquella grandeza bem poſtas porẽ ſobejaua na graça do ſeu aar que derramaua por tudo ho que ella fazia ou dizia, de maneira q̃ quem a uiſſe mal que lhe pezaſe ha auia da[r] prazer mas eſtãdo aſſi Aualor no ſeu ſonho repreſentouſelhe ver hũa donzella vir tam delicada que parecia nam poder viuer muito Ella chegandoſe pera elle a paſſos vagaroſos ꝛ tomandoho pella mão lhe dizia apertãdolha caualeiro ſaberas que ha hi vontade por força damor, e outra por amor forçado dada, podia ſer iſto aſſi ſe hum caſtello çercado ſe deſſe ao cõquiſtador por mais nã poder fazer outro ſe deſſe ſoo por ſe q̃rer

H iiii

dar, nam diriamos que nam tinham ambos vontade de ſe dar, mas porem deriamos q̃ ao primeiro foi ho querer forçado que deu a vontade ao outro o querer forcou a võtade que deu, eſta he a deferẽça q̃ eſtaas cuidãdo ſem ſe decrarara põdo grãdes couſas por peq̃nas: a outra tomou te, a Arima tu te lhe deſte tinha te hũa preſo ho corpo, e a outra q̃r queiras quer nã queiras te ha de ter preſo ho corpo e alma ꝑa ſempre, por ſoo te dizer iſto parti dõde parti, mas pera q̃ eſtas guardado da Arima. por ſonhos parecialhe Aualor hirlhe preguntar de q̃ eſtaua aſſi tã magra, de doo della nam ſe podera lembrar doutra couſa, ꝛ reſpondeo ella nã deueras q̃rer ſaber a cauſa por que nunca has de ſer mais ledo quãdo a ſouberes Aos eſpritos ſomos criados como a vontade de cujos avemos de ſer e por que me perguntas ſabete que a Arima alta detreminaçam poſſue ſua vontade, iſto te nam quizera dizer nẽ por ſonhos que em toda hora ſei q̃ te foy dado eſte cuidado, q̃ o q̃ te parece fazer door em ſonhos, Verdade te pareceraa, ꝛ aſſi lhe deſapareceo com hum ay grande, aqui acordou Aualor ꝛ vendo a menhã crara achou a cama chea de lagrimas q̃ chorara de doo que ouuera daquella donzella do ſonho, q̃

aſſi delicada como vinha, tinha laa naquelle desfalecimento de carnes poſta hũa ſombra de fermuzura, que nam parecia ſenam q̃ ficara alli doutras muitas infindas couſas que ſe lhe foram, e ainda aſſi acordado cuidãdo nella, ſe lhe eſtauã enchẽdo os olhos dagoa, mas depois dinfindo tẽpo ho magoou iſto verdadeiramente ca entam ocupoulhe ſoo o cuidado, marauilhandoſe muito daquillo que lhe diſſera acerca do amor por que quanto mais cuidaua niſſo, mais lhe parecia ser aſſi: eſtãdo muito metido por eſte penſamento, em nhũa couſa acabou de confirmar de todo, que aquella ſenhora deſerdada (que aſſi ſe chamaua entam) nunca lhe lembraua, ſenam por que deſſejaua de a ver, ⁊ nunca cuidaua nella ſenam de como a uira, porem com tudo, por que lhe tinha altamẽte embarçada a fanteſia a ſenhora deſerdada, nam podia cuidar com ſigo de todo ainda entam q̃ poderia leixala por outra mas ella na verdade ſoo era a que ho nã leixaua poder, ⁊ por iſſo durou tam pouco como durou, Quem quer bẽ a algũa peſſoa que lho ella quer ou por que ella faz por onde lho queiram loguo leixa de lho querer como falecem os meos por onde, mas quem ho quer ſoo por o querer ou por quẽ

ho quer a efte nam pode nunca de todo falecer ho querer, ꝛ ainda que hò contrairo pareça alongaffe, mas nunca fe tira nhũ amor, porem com tudo como comecei a dizer abaftou o que Aualor queria a fenhora deferdada pera entam nam cuidar que poderia leixala, e por ifto vẽdofe da outra parte perfeguido da lembrança da Arima como manincoreo de fi detreminou nã hir ao paço tã azinha ca cuidaua elle que affi poderia efta referta partir, paffou nefta detreminaçam aquelle dia, ꝛ mais ho outro, mas quando veo o outro eftãdo na cama, cuydando tambem no que nam podia deixar de cuidar nunca, entrou pola porta da camara hum caualeiro feu amigo dizẽdolhe que fe leuantaffe azinha hiriam ao paço que partia el Rei e a Rainha pera hũa cidade do fertã com toda fua corte, ꝛ jaa era cafi concertado tudo pera a partida entam fe ergueo Aualor, ꝛ querendofe aperfeber pera o caminho vieram a grande prefa chamalos que partiam jaa, foi forçado a Aualor hir affi por entonces foo pera fair tee fora da cidade, ꝛ tornarfe auiar de caminho, ꝛ acabar algũas coufas que tinha ainda por fazer, mas efta fua detreminaçam fay lhe doutra maneira, como tudo o que ha nelle,

chegãdo, a ſenhora Arima eſtaua jaa de mula ⁊ ainda elle bem nam parecia acola ho uia ella dalli com a uiſta ⁊ com as maneiras della ho comecaua gaſalhar, chegouſe Aualor pera ella com grande acatamento e ella ho recebeo gaſalhoſamente começandolhe a dizer que ſabia jaa nouas couſas delle, reſpõdeolhe Aualor que delle nam podiã jaa ellas ſer pois nã erã muytas: abalou a Rainha niſto e começarom a caminhar, ⁊ aqui paſſarõ muitas couſas que me a mĩ nam lẽbram ſenam que enfim lhe viera Arima deſcobrir que eram couſas da ſenhora deſerdada, ⁊ Aualor nã lho negou que atee aquillo nam lhe podia jaa negar, fazẽdoſe ella muyto da ſua bãda ca auendo doo delle lhe prometeo que o que nella foſſe faria de boa mẽte, que polo ver contente tudo lhe feria leue de fazer, eſtes offrecimẽtos lhe fazia ella, ⁊ dizia com aquella graça e com aquelle aar que foo no ſeu tempo ſe vio nella, mas pera hũa couſa os ſazia ella, e pera outras couſas ſe faziã elles, q̃ Aualor todo via ⁊ olhaua com os olhos que lhe punham tudo nalma ⁊ no coraçam, ⁊ acabando ella de dizer hũa couſa, ficauaſe elle loguo lembrãdolhe de como iha diſſera, tornaua elle dizerlhe outra ⁊ elle lembrauaſe daqueloutra aſſi fez

todo aq̃lle caminho ⁊ aſſi forã elles ambos namorandoſe elle ſoo della e dõde hia pera no mais q̃ atee ſair da cidade, foi atee ſair de ſi, ⁊ nam ſe pcatou ſenam quãdo ſe achou jaa com a jornada acabada vendo q̃ ſe queria jaa Arima deſpidir delle (q̃ noutra couſa ho nam conheceo) mas ella que tambẽ conheceo que nam vinha nos trajos pera tam longe caminho, parece Aualor (lhe diſſe) q̃ nam vinheis pera tam longe, ſenhora nam cuidei que vinha lhe reſpondeo elle nam vinha com tençam de hir mais que atee fora da cidade hum pouco ainda que tambẽ aſſi nam ſahi de minha tençam, poṛ que tee qui bem pouco me pareceo; pouco (lhe tornou ella ?) indo jaa pera ſe deſcer tambẽ me parecera a mĩ ſenam viera cõvoſco, e aſſi ſe acabou de deſcer, Aualor por iſſo nam teue tẽpo delle reſponder nem ficou pera reſpõder ainda q̃ ho teuera: tam embaraçado ho leixou aquella reſpoſta que eſcaſamente lhe lẽbrara deſpedirſe della ſe ſe ella nã deſpedira delle, ca por ſer jaa de noite foi vedado aos caualeiros apearẽſe. Tornouſe Aualor mas nam por onde fora que perdeo ho caminho ao tornar com a noite eſcura, que fazia, cuido eu verdadeiramẽte que lhe foy aquilo remedio pera cuydar menos cõ aquel-

la ocupaçã ꝛ chegar cõ ho ſentido pera õde tornaua ca ſe viera pelo caminho direito, ou chegara ou nã, mas a elle a perda do caminho, nam lhe lembraua ſenam a dos lugares que ouuera de hir vendo pelo caminho, ꝛ hiaos ſegurando com ſigo por aquelle por onde hia muitas vezes, aſſi enganado ou traſportado ſe detinha nelles polo q̃l nã chegou donde partira ſenam ao outro dia alto, com quanto andou toda a noite q̃ mais leuaua perdido que ho caminho, quando elle jaa tornou eſtaua a corte apoſentada, na queloutra cidade mas chegou a hum dia ꝛ a outro foi ao paço, ꝛ por que o nam leuauã laa outros deſſejos ainda bem nam foy tẽpo da entrada no apozentamento da princeſa jaa elle laa era querẽdoſe poor a princeſa a meſa vierom todas aquellas ſenhoras donzellas ſuas que dalto ſangue e eſtado eram, que filha muito prezada era del Rei ꝛ depois dellas todas vindas cada hũa como mais azinha pode vio Aualor da hi a hũ bõ pedaço ſoo muito derradeiro de todas vir Arima tam deuagar que parecia que ainda entam vinha muito cedo, ſenam que iſto nam podia parecer a elle ſoo e como ella ho abrangeo bem dos olhos veo a porſe acerca delle recebendoha elle com hũas acolhẽ-

ças, como que a nam vira dias auia ⁊ depois deſtar aſſi acerca delle lhe eſteue a mea viſta perguntando manço, donde tardaſtes tãto Aualor? que todo eſte caminho vim a olhos longos por vos quando vos leixei ſenhora (lhe reſpondeo elle) perdi o caminho ao tornar, folgo muito lhe reſpõdeo aqui ella que cuidei que eu ſoo era a que perdera en me leixardes, eſtas palauras que ella a boa parte dezia enſoberbecerõ ⁊ enleuarõ tanto a Aualor que ho poſerom em condiçam de lhe deſcobrir loguo ſua vontade ⁊ ſe nam fora polo lugar pareceolhe a elle q̃ lha deſcobrira, mas pelo que depois pelo tempo neſte meſmo prepoſito aconteceo moſtrou ſer iſto como dizẽ coraçam de pouſadà aleuãtouſe a meza, ⁊ veoſe pa elles hũa outra ſenhora amiga grãde de Aualor ⁊ aq̃lle meo tempo tee ſe recolherẽ (que nã foy muito pouco) paſſarom todos tres noutras couſas, pola qual parte caſi foi elle dalli tã carregado, como nunca ainda ſe achara. por q̃ deſpois de lhe aqueloutras palauras ter dito Arima vio que falou em tudo ho que falaua tam poſta naquilo que parecia que eſtaua toda alli, ou que ao menos nam eſtaua ẽ outra parte com o penſamẽto o que lhe fez ſoſpeitar a elle que o que lhe ella diſſera, nã

ſeria ſenam de ſua grande perfeiçam tam acabada ꝛ tam gentil dama era em tudo o q̃ ella queria ſer como nam era nunca dantes, por que ſe o diſſera na tençam q̃ elle ho queria tomar cuidaua Aualor eſtando cõſigo q̃ trabalhara ella polo deſcobrir em algũas meas couſas, deſpois da queloutra ſenhora vira: ca bẽ ſabia elle ja: que os deſejos começados a decrarar muito mal ſofriam deſemulaçam depois, ꝛ porem com tudo nã querendo nem podendo deixar jaa denganar a ſi meſmo, com aquella ocaſiã de aquellas palauras que por ſi tinha ou por ſi entẽdia detreminou dizerlho como ha uiſſe, ꝛ cõ eſta detreminaçã tornou aquella noite ao paço, ꝛ na na vio, mas ao outro dia tornou laa, e vioha vir daquella meſma maneira q̃ da outra vez e parecendolhe entã tam noua couſa, aquella mãcidã auer apos tãta preſa das outras, como ſe nũca ha uira vir ſe pos ha olhala, aſſi q̃ iſto tinha ella q̃ ainda nunca ouui dizer q̃ o teueſe outra, hũa couſa poſto q̃ muitas vezes a fizeſſe cada vez q̃ lha uiã fazer parecia a quẽ lha uia que era a primeira, ꝛ com aquellas ſuas acolhenças q̃ nunca mais ſairam da memoria a Aualor ſe veo tambem pera junto delle, mas daquillo tudo que elle detreminara tam pouco

lhe diſſe nada poſto que eſpaço de tempo grande com ella eſteueſe entam, ſenam q̃ a elle pareceo tam pequeno, que foi dalli cuidando com ſigo que pola mingoa do tẽpo lho nam diſſera, mas nam era por iſſo q̃ outras vezes tornaua muitas a falar cõ ella, ⁊ tãbẽ nunca lho diſſe hora lhe parecia q̃ ſe aquillo nã fora q̃ lho diſſera hora ſenã fora aqloutro, ⁊ quãdo nã achaua a quẽ ſe tornar nũca lhe deixaua de parecer ſenã q̃ lhe falecera tempo, ⁊ a verdade era o q̃ lhe hia parecendo, mas nam da maneira que elle cuidaua, que depois ſocederom couſas que tee tempo pera perder nam teue, entam conheceo mingoas quando conhecellas lhe nam podiam preſtar pera mais que pera ho magoar: mas aſſi parece que auia de ſer por q̃ por derradeiro cõ achaque diſto e daquillo andou todo hum año de dia a dia que lhe nam falou em nada de quanto detreminara e ſempre lhe pareceo que nam ficaua por elle, mas que nam podia mais ſer: e jaa quando veo laa ao cabo do año mais diligencia punha em buſcar deſculpas pera com ſigo ſoo por onde cuidaſe que nam podera ſer, do q̃ punha em buſcar outras couſas antre tanta duuida ho traziã amor e temor, mas hũa couſa contam delle marauilhoſa q̃ lhe queria

queria tamanho bem que nunca entendeo q̃ lho deixaua de dizer cõ receos q̃ teue de dizerlho, que no querer bem antigo e velho he o receo em todas as cousas, moormente nesta em que se deue anojar a pessoa bem querida, que como seja nojo daquella a quem dessejais em cabo dar prazer receailo mais pois he ho primeiro passo entre dous que se bem querem, em que se mostra o temor, ꝛ por isso parece mayor ou he como em cousa primeira, mas elle isto nam no entendeo, ou queria parece tanto a Arima que de quanto auia no seu bem querer nam parecia senam a elle, foo o receo obraua o q̃ auia de obrar ꝛ o querer grande tornaua aquillo a outros achaques, ꝛ sabeis quanto lhe podia hir de ho nam entender a entendello, que se o entendera, pudera buscar maneira pera saber se perderia ho temor de anojala se lho dissese, ca ella tinha amigas grandes que o eram tambem de Aualor, ꝛ mal pecado jaa entam seria descuberto aos homẽs o que as molheres laa entre si faziã tudo isto ouui eu falar muitas vezes a meu pai que em tamanho grao o alçaua o amor deste caualeiro que juraua em sua fee nunca ouuir nem ver outro tam estremado em bem querer, ca morreo pola Arima, ꝛ por-

I

lho nã dizer, mas ſoſpeitou q̃ o ſoubera ella, polo q̃ fez depois de o ſaber, ⁊ pode e nã pode ſer como podereis depois cuidar Agora torna a Aualor q̃ em tanta fadigua andaua com ſigo poſto naquelle eſtremo do año Dõde dantes ſempre achaua couſas em q̃ falar com Arima jaa entam auia grãde tempo que como ſe via com ella tudo lhe falecia e como ha uia traſportauaſe, foi acerto que eſtando hũa vez a princeſa na ſalla com todas ſuas dõzellas, ⁊ muitos caualeiros, em couſa de prazer elle ſe acertou entam deſtar a hum cabo da ſala ſoo com os olhos poſtos naquella parte por onde auia de vir Arima ſe vieſſe, que elle nam perdia a eſperança nunca por tarde, quando ella ſe cuſtumaua perder, antes entam a tinha moor era differente do bem dos outros caualeiros o que lhe elle queria ⁊ aſſi parece lhe erã dadas as eſperanças differentes das que ſe cuſtumauam teer, mas eſtando elle aſſi todo encoſtado a hum canto vio vir Arima, ⁊ deſacordandoſe da força ou nam podendo ſoprotar a carga (de ſeus olhos grande como dizem que elle diſſe depois) cahio, ⁊ como elle foſſe mais alto de corpo do que auia entam caualeiro ſeu igual deu tamanho queda q̃ toda a ſala abalou algũas peſſoas

ouue hai que ſoſpeitarom a verdade mas eſtauam tambem ocupadas em ſeus penſamentos, ho que ſe ſoſpeitou nam ſe ateou: porem nam tardou muito que dalli nam naſceo todo pezar e todo ho dano de Aualor e por que nam ha mal que nam ache caminho por õde venha a quem elle eſta pera vir aconteceo por acerto eſtar entam cõ hũa ſenhora amiga de Aualor hum caualeiro dalto ſangue, mas de baixos penſamentos, de que teue naſcimento todo ho daño deſpois, que aquella ſenhora como foſſe amiga grande de Aualor ꝛ acuſtumaſe ſempre a feſtejallo com recados, lhe mandou entam por hum page a preguntar que lhe mandaſſe dizer, de que tam alto caira que tamanho eſtrondo fizera: reſpondeolhe Aualor q̃ do ſeu cuidado, ꝛ afirmou entam ho caualeiro antre ſi a ſua ſoſpeita ꝛ da hi a hũ tempo diſſe que Aualor ſeruia ſecretamente a Arima, ꝛ que Amizade dambos era diſſimulada Iſto foi dito em parte que ho veo ſaber Arima, mas como ella da ſua tençam eſteueſe ſegura e da outra de Aualor nam ſoubeſe inda nada, nam poſ mentes naquillo de todo antes ho teue por mexerico, mas cõ tudo como a ſoſpeita que entra hũa vez em alguẽ nunca de todo ſe perde ainda que ſe-

I ii

nam crea ficou a Arima ſoo hũa lembrãça dolhar mais polos feitos ꝛ polos ditos de Aualor, que eſtauam bem craros, pera quẽ olhaſſe pera elles como de feito olhãdo ella vio folgar deſtar com ella Aualor calãdoſe ao perder das couſas em que falauã, noutras ho perder delle, ꝛ nunca ſaberſe eſpedir ou tirar os olhos della, ꝛ polos a furto, ꝛ aqueixarſe della, nunca parecer, ꝛ de fora aparte ho ſeu andar ſoo, o ſeu cuidar ſempre, o ſeu falar eſpedaçado, falãdo antre muitos ꝛ logo ho ſeu traſportado ſilencio, vio tambem que aſſi tinha Aualor notadas todas ſuas couſas que a nhũa parte auia de hir a princeſa que elle jaa nam eſteueſe naquelle lugar, pera onde a cõdiçam ſua della meſma auia declinar, ꝛ que ſempre ſe punha de maneira, aſſi no eſtar como nas idas dos caminhos, que ſe fizeſe acertado com ella fazẽdo iſto de feiçam tam ſegura, que muitas vezes a ella meſma que olhaua por iſſo, metia em duuida de cuidar ſe ſeria aquillo dacerto, ſe aſabendas ordenado mas elle faziaho ſempre e por iſſo nam podia parecer dacerto ſobre tudo atentou no afroixar da fama que dos amores da ſenhora deſerdada tam aſeza foia dandar, que nam murmurauã as gentes dal, e que as vezes Aualor de tar-

de ẽ tarde ſe punha en lugares deſcubertos naquella opiniã como q̃ queria ſuſtẽtar prezunçois falſſas que ſe perdiam pera com iſto cobrir outras verdadeiras, e pareceo tãbem a Arima que ſeria elle ſabedor do que lhe a ella differõ acerca de ſeruila encubertamente, e q̃ por iſſo o fazia aſſi mas elle nã no ſabia na verdade, todas eſtas couſas e outras que nã ſam eſcritas neſte liuro trouxerom Arima grande tẽpo em muitas e diuerſas duuidas, ca tambem a ella lhe era caro ho partir daquella amizade (tanto pode o amor cõ ſigo) e por derradeiro eſtando ella hũa vez de dẽtro de hũa jenella acaſo acertou Aualor paſſar por hũa varãda ſobre q̃ ella cahia, e vẽdoha ſoo eſtar virada, pa aquella banda delle, deteue o paſſo e ſem fazer outra couſa ſe pos todo a olhala, e cuidaua elle que pelo ella nã ver que furtaua aſſi aq̃lle tẽpo pera vella milhor, por que doutras vezes que a ſabendas a uia, nam podia fartar os olhos della como deſſejaua, ſempre ſe eſpidia cõ tantas couſas, por lhe olhar q̃ lhe parecia hindo que a nã vira, e iſto alem de ſer aſſi, por que he aſſi, era tambem por q̃ com o deſſejo as couſas muito deſſejadas ainda que ſe alcãſſem aſſi os ſatisfazem que hos acreſentam, nam he como vontade que

I iii

ſatisfazendoſe tira, mas Arima que muyto bem o ſabia e o vio vir, diſſimulãdo fez que ho nam vira pera uer em que paraua aquillo e detreminou pararce aſſi ſem falar que as couſas de Aualor juntas a ſeu alto ſegredo a traziam tam deſſejoſa de o ſaber como iſto, e depois de ſe deixar eſtar aſſi hum grande pedaço, que ho ſentio tam pronto em a olhar, calandoſe confirmou o que era, por q̃ bem ſabia ella que nam podia ahi auer amizade tam diſſimulada e virando pera elle o ſeu roſto a maneira dencendido cõ hũa delicada flama, a fora de manĩcorea eſteue hũ pouco toda poſta, e os olhos poſtos nelle e caſi virandoſe com a uiſta, e com ſeu bem apoſto corpo, indoſe, lhe diſſe, ou me vos tendes errado Aualor ou me andais pera errar: e carregando eſtas palauras cõ hũa graueza de prezẽça agrauada ſe tirou de todo e indoſe ſeu paſſo quedo, verdadeira no andar pareceo ella a Aualor que ficou como podereis cuidar, que dizeruolo nam poderia eu, ꝛ pera ho magoar ainda mais fartou os olhos daquelle hirſe aſſi mas tam cortado ficou daquellas palauras, que ho tomou alli a noite, e mais acontecera, ſenam fora por hũ ſeu amigo que paſſando ho ſaudou e acordou do cuidado em que eſtaua, e

vendofe elle em lugar que poderia nafcer algũa fufpeita que trouxefe dano a Arima, q̃ de fi lhe nam daua nada fe foi pera fua pouzada, onde efteue muitos dias fem tornar ao paço, defpois mandandoho chamar afincadamente hũa fenhora grande fua amiga foi elle laa, e ella tomãdoho de parte lhe diffe, prometeime fegredo e diruosei coufas em que vos vai muito a vos, e a outrem que vos amais e prezais veer: o fegredo (lhe refpondeo elle) he deuido a todalas coufas vofas e por iffo fobejo feria pormeteruolo, eu em al me podeis mandar de nouo. Sẽpre Aualor (tornou ella) eu fui em tudo fegura, de voffo fegredo nam defconfiei agora mas quis volo lembrar, nam me negueis que quereis bem a fenhora Arima, q̃ nem eu quero que mo confeffeis pois detreminaftes encobrilo. mas fique antre vos ifto affentado, ⁊ nam quero fabello de vos por nam offender voffa detreminaçã, a vos nam vos pefe deuolo eu ter fabido por nam offenderdes a confiança que em vos tenho pofta, nem cureis negandome agora fazerme as voffas obras duuidofas por que eu ho tenho ha muito crido: Que querer bem e nam verdadeiro podefe diffimular e fingir mas diffimular ou encobrir o bem que quer

I iiii

alguẽ nunca ninguem ho ſoube fazer, q̃ ho quiſeſe verdadeiramẽte: paſo por aqui que nam quis dizer iſto pera mais, eu deſſejo tãto voſſo contentamento, como vos meſmo, e nam me peſa de quererdes ſeguir prepoſito deſta feiçam ſenam por que nam poſo tomar campo por vos, ainda que aſſi encubertamente tambem vos ſiruo algũa hora como em algum tempo ſabereis, que ainda dãbas eſtas duas pouca eſperança deuemos ambos tambẽ teer, ſegundo a aſpera impreſa que tomaſtes em que receo muito de nã aproueitar em nada, e vos de acabardes primeiro a vida que a ella cobreis: ca polo q̃ tenho ſabido da longa e muito eſtreita conuerçaçam da ſenhora Arima em que vos ſois ou nam ſois culpado nã digo nada vim eu a ſaber que nã a ſenhorea vontade nhũa, nunca tam liure couſa vi, muito ha que vos eu tinha pera tamanha openiã, por que vos e voſſas couſas infindo tempo ha que a grãdes deſaſtres vos obrigam, ſempre nos voſſos feitos vos prezaſtes de hir por õde os outros e aſſi enfim vos namoraſtes, verdade he q̃ ella he muito fermoſa, ⁊ acabada em tudo, mas he tanto do outro mũdo, que nam he pera ninguem ſe namorar della, que ho querer bem, ou naſce das eſperãças, ou

ſem ellas a vos ſoo vos aprouue entrar en guera deſeſperada, e nã ho negueis que bẽ parece que ſem eſperança lhe quizeſtes bẽ pois todo voſſo trabalho nam foi ſenam encobrillo ao mundo e a ella meſma, ho q̃ eu nũca crera, ſe ho nã vira cõ os meus olhos nam vos eſpanteis diſto que digo, por que dos homens foram todolos penſamentos deſcubertos ſoo as molheres por ſegredo eſpecial Aqui nam ſe pode Aualor teer que lhe nam falaſe dizendo perdoaime ſenhora que nam he em mĩ deixaruos acabar iſſo, q̃ nam ſei que his pera dizerme, nam quero nẽ tam ſois offender meu cuidado cõ a prezunçam que de ſoo calarme pode ficaruos nã falemos mais niſſo ſe me algũa couſa eſtimais, tomãdolhe ella entam as mãos com as ſuas amigauelmẽte, o que vos a vos cõpre lhe tornou ella, nã poſſo eu leixar de dizer ainda que vos diſſo peze por q̃ eſta ſoo differença tem a noſſa amizade das outras olhar eu mais o que vos cumpre, q̃ o que vos apraz; iſto que me vos agora quereis negar ſabẽ no jaa ca todas eſtas ſenhoras, ⁊ por iſſo vos perdoo eu ſoo, ho ẽcobrirdes vos de mĩ pois aſſi o quizeſtes ou nam quizeſtes teer ẽ ſegredo, mas iſto he inda nada pera o que eu vos quero dizer, contam q̃

entam ſe chegou ella a orelha de Aualor, ⁊ o que lhe diſſe ou nam diſſe, nã ſe ſoube entã. mas dahy a poucos dias o que elle por iſſo fez. ouui eu dizer que nam deue ſer contado antre donzellas por ſenam arrependerem dos ſeus contentamentos ou ao menos nam auerem enueja deſſoutro, abaſta q̃ a ſenhora Arima foi ſoo a quẽ as fadas cõ os olhos cheos olharõ, por que nam tam ſomente foi acabada em ſi, mas em quem a deſſejou, ⁊ ſe a uentura quizera fazer algũa obra ou leixara fazer algũa couſa prefeita, em a qual veem a deſigualança, ou das võtades ou dos tempos, nunca podera teer lugar fora ſentir a ſenhora Arima que ſe ſeruira ſe q̃r dos penſamentos de Aualor, ſoou ſe, he foi certo depois naquelles que razam tinham de o ſaber que poſto que aſſi foſſe aquelle grãde feito de Aualor que tudo ſe torna em louuor da ſenhora Arima, com tudo por q̃ ſoo deu cauſa a q̃ ſe falaſe nella o ſentio tanto que muitos dias enfindos chorou muytas lagrimas, ⁊ ſenam fora por nam abrir caminho a maas prezunçois ella caira em cama. mas aſſi penadamẽte ſe ſoſteue o milhor que pode ⁊ pior que podia ſer, ⁊ afirmaſſe q̃ de hũas couſas em outras naſceo hũ abor-recimento a ſenhora Arima de hũs modos

que ahi ha no paço a deſſejar outra vida. Muito deſuiada A qual ſe foi encrinando muito e de ſua longa detreminaçam ſe falou, ꝛ ſe deixou depois de falar, por que ho bõ velho de ſeu pai depois de a teer em caſa com ſigo, fazendolhe em tudo a vontade aſſi ha foi fazendo ao que quis. Mas da ſua ida: ꝛ de como Aualor tãbem apos ella ſe foi nam ſe ſoube entam inteiramente, mais que por hum cantar que daquelle tempo ficou que diz.

POla ribeira dum rio
que leua as aguoas ao mar
vai ho triſte de Aualor
nam ſabe ſe ha de tornar,
as aguoas leuam ſeu bem
elle leua o ſeu pezar
ſoo vai e ſem companhia
que hos ſeus fora leixar
que quem nam leua deſcanſo
deſcanſa em ſoo caminhar
deſcontra onde hia a barca
ſe hia ho ſol abaixar
yndoſe abaixando ho ſol
eſcoreçiaſſe ho aar
tudo ſe fazia triſte
quanto auia de ficar
da barca leuantam remos

e ao ſoõ do remar
começarom os remeiros
do barco eſte cantar:
que frias eram as aguoas
quem as aueraa de paſſar
dos outros barcos reſpondem
quem ſabe que he bem amar
e quem a vontade poos
onde a nam pode tirar
tras a barca ho leuam olhos
quanto ho dia da lugar,
nam duram muito que ho bem
nam pode muito durar,
vendo o ſol poſto contra elle
ſoltou os olhos ao chorar
ſoltou redea a ſeu caualo
da beira do rio a andar
e a noite era calada
pera mais ho maguoar
ca ho compaſo dos remos
era ho do ſeu ſoſpirar
querer contar ſuas maguoas
ſeria areas contar
quanto mais ſe hiam alongando
ſe hia alongando ho ſoar
de ſeus ouuidos aos olhos
a triſteza foi ygualar
aſſi como hia a cauallo

foi pella aguoa dentro entrar
e dando hum longuo ſoſpiro
ouuira longe falar
onde me aguoas leuam alma
vam tambem o corpo leuar
mas yndo aſſi por acerto
foi cum barco naguoa daar
que eſtaua amarrado a terra
e ſeu dono era a folgar
ſalta aſſi como hia dentro
e foi a amarra cortar
a corrente e a maree
acertarõno ajudar
nam ſabem mais que foi delle
nem nouas ſe podem achar
ſoſpeitouſe que era morto
mas não he para afirmar
que nam no embarcou ventura
para yſo ho ſoo guardar
mas ſam as aguoas do mar
de quem ſe pode fiar

DEſpois por años como nhũa couſa e ẽcuberta ao lõgo tẽpo ſe ſoube a hiſtoria delle e jũtamẽte della e foi deſta maneira, parece q̃ a ſua deſauẽtura de Aualor q̃ aſſi lhe chamo eu deu cõ elle pa aq̃lla bãda pa õde era leuada a ſnr̃a Arima q̃ eſta noſa ſeria então dõde ſobre o mar ſe impinaua hũ

ergido rochedo veo naq̃lle piqueno barco aportar a menhã do outro dia ãtes de rõp a alua e ao rogido grãde das õdas q̃ o mar com furioſo ympeto quebraua na penedia daquella alta rocha ſe acordou Aualor q̃ ſeria aquilo e atentãdo para mais ſe afirmar ouuio hũa voz como de donzella q̃ dantre os penedos parecia ſair dizẽdo mizquinha coitada triſte de mĩ, afirmouſe elle com iſto que era em terra e poſto que loguo aquella voz ho mouera a paixam com tudo por q̃ elle trazia comſiguo outra maior que ho auia miſter por entam mais foiſelhe afigurar que era aquella terra donde ſaira ꝛ deſpondoſe ho milhor que pode como menẽcoreo de ſi ꝛ de ſua ventura, tornou a tomar os remos, com aquellas mãos que jaa naquella viagem erã feitas empolas muitas vezes ꝛ outras tantas as empolas desfeitas em viuo ſangue, mas por muito que Aualor trabalhou nũca pode vingar as ondas que ho chamauam a terra, ꝛ eram jaa quando ſe elle acordou apoderadas do barco, ꝛ nam no vendo elle pola ocupaçam que com ſigo ꝛ com os remos trazia, nam ſe percatou ſenã quando hũa alta onda, que a elle, ꝛ ao barco todo deſcumas encheo ꝛ deu com elle a traues de huns penedos que em diuerſas par-

tes ho efpedeçarom valhame Deus dizia elle, acordadamente lançou mão rijo de hũs penedos que, ao mar fobejauam com hum tamalauez ꝛ a agoa fazendo hum eftrõdo medonho fe efpalhou indo por antre aq̃lla penedia, ꝛ parte della quebrando naquella alta rocha as gotas do mar lançou pera o ceo ꝛ da força ou reuerberaçam do aar, ou do que quer que foi fe faziam como candeas, ꝛ nifto em breue efpaço fe tornou recolhẽdo toda aquella agoa pera o mar que a efperaua, vindo jaa de laa do pego encapelandofe como que fe armaua pera fe vingar daquelles penedos, que eftrouo lhe faziam as fuas agoas. Mas pofto que jaa rõpia ha alua ꝛ luz e tempo teueffe Aualor pera veer tudo ꝛ guardarfe elle nam no fez affi nem fe lembrou tam fois de o fazer que era ainda mais, antes virãdo elle os olhos defcontra ho longo maar que com a claridade da lua os podia bem eftender com a vifta jaa em neuoada, dizem que diffe affi, De tãto mal canfado tanto fobeja ainda do mar, ꝛ aqui ocupado da paixam, deffejando parece acabar jaa vendo as ondas outra vez cõfigo foltou as maõs do penedo dizendo pois o corpo he fem ventura nã quero que tolha mais o caminho a alma, ꝛ affi fe entre-

gou todo as agoas do mar, que pola ventura ouuerom delle piadade que contam que tambem moram nas agoas coufas q̃ guardam religiam donde Aualor cuidara morrer dera preftefmente com elle por hum enceo que por hũa parte daquelle rochedo fe fazia, ꝛ efprayaua longe ao mar recolhidas que foram as agoas ficou elle alli deitado naquelle areal por muito grande efpaço, ꝛ auendofe por morto. por que com a decẽte da mare que jaa entam era nam tornou mais chegar o mar a elle, contando elle depois ifto a hum feu amigo grande dizem q̃ lhe dezia que nunca tam contente fe achara parecẽdolhe que andaua laa com a fenhora Arima, ouuindolhe falar aquellas palauras vagarofas, que parecia dizerenfe pera fempre ꝛ vialhe aquelle mouer de fua boca, q̃ foo aos olhos delle outro tempo fizerom prezunçam de ferem tam mortais, ꝛ dahi olhaua os feus della como docemente fe eftauam a fombra daquellas fobrancelhas, onde parecia foo defcanfando eftaua ho amor mas elle nefta deleitofa imaginaçam, tornou ouuir outra voz cõ aq̃llas palauras doridas q̃ dantes ouuira e a ellas abrindo os olhos vio como eftaua jaa o mar arredado delle, ꝛ achoufe viuo pello que diffe mal

por

muitas vezes a quẽ lhe ouuera ẽueja a descãço tamaño nẽ podia cuidar q̃ feria aquillo por q̃ fobre elle fer tã fem vẽtura ainda auia maneira por õde podefe viuer, e olhãdo os penedos donde viera ou donde o trouxerõ muito mais fe marauilhaua q̃ era lõge: cercado affi de efta fantefia ouuio como alguẽ falarlhe a orelha ou dentro dos ouuidos dizendo, e nam te acordas Aualor q̃ o mar nam foporta nhũa coufa morta, olhou elle então fe via quem lhe aquillo dizia q̃ tã pegado a orelha lho dizia e nam vendo nĩguẽ lhe tornou outra vez falar affi, que me queres que em balde trabalharas de me veer fe eu nam quizer. queriate preguntar (diffe elle) quem es? e que quer dizer yffo que me dixefte, que de nam fer affi como dizes me peza a mĩ muito; Quẽ fam (refpondeo) feria detença grãde para ti que teẽs muito para andar que pera mais longe vas do que cuidas, o que te diffe he verdade por q̃ nam viuer fer morto he. Satiffez tãto efta repofta a Aualor que lhe dobrou muito mais o deffejo de faber quem era e difelhe affi, fe algũa coufa te pode contentar por ella te rogo q̃ me queiras dizer quem es, podera (refpondeo) na fenificaçam doutro tempo contentar e nam quis mas perdoaime que dizen-

K

douos quem ſam ofenderia aſſi ho grande bem que quis e ainda quero pois do eſtado em que ſão aqui a o q̃ eu diuera ſer noutra parte, nam ha outra couſa ſe nam culpa daquella a quem na eu nam queria dar nẽ aſſi contandouolo. e aqui dando hum grande ay longuo ſe foi dizendo triſte de quem ſe nam pode enganar jaa

Ficou Aualor aſſi atonito por aquillo tudo que ouuio, e por aquellas deradeiras palauras que ho muito maguoarõ, por que nellas quem quer que elle era namorado lhe pareceo, tornou outra vez ouuir muito doridamente aquella voz dorida que dezia coitada meſquinha de mĩ, e com ho ſol q̃ jaa entam era de todo fora de ſua pouſada oriental atinou para onde ſeria e determinando hir laa ſe ergueo yndo, mas com hos olhos e tudo no mar foi aſim tee que lhe cõprio ocupar as mãos e viſta na aſpereza do caminho que por aquelle rochedo lhe conueo fazer para hir onde ouuira aquella voz a qual tornou yndo aſſi muito mais aſĩcadamente ouuir e ſendo elle acerca de hũs aruoredos grandes que ſobre aquella alta rocha muito mais altos eſtauam ainda olhou ⁊ vio ao pee de hũa antigua aruore eſtar cõ as mãos atadas hũa donzella ſegundo pa-

receceo nos cabellos que ſoltos tinha, ⁊ toda ha cobriam, mas nam ſe afirmou logo ſe ho era por q̃ os cabelos lhe cobriã o ſeu roſto, mas chegãdoſe elle a ella ẽtã ꝑto dos ſeus olhos vioha com ſeu roſto fermoſo, banhado todo ẽ lagrimas piadoſas q̃ dos ſeus olhos verdes ⁊ grãdes ainda as carreiras polas ſuas faces moſtrauã, ⁊ niſto põdo ella os olhos ſeus fermoſos nelle, valeime ſr̃o lhe diſſe, q̃ aſſi vos valha quẽ mais q̃reis iſſo ſeñora (lhe tornou elle) farei eu de mui boamẽte ⁊ auoltas deſtas palauras leuãdo da ſua eſpada cortou a groſſa atadura cõ q̃ atadas as mãos tinha q̃rendoſe ella erguer de fraca nam ſe pode teer, ⁊ foy pera cayr, ⁊ elle acodio preſteſmente ⁊ tomandoha nos braços manſamente ha aſſentou em hũ verde prado que ſob aquelle alto aruoredo ſe fazia de que ſe deſcobria ho grande mar, e cortandolhe das ramas daquelle aruoredo, lhas pos ſobre a cabeça dizẽdo milhor vos quiſera eu ſeruida ſeñora mas nam ſois vos ſoo a malaueuturado, e com eſtas palauras que Aualor diſſera com a viſta jaa no mar, que daquelle lugar ſe deuizaua longe nam ſe pode teer que nos olhos ſe lhe nam deſcobriſe a triſteza q̃ a lẽbrança ſobre elle trazia doutra parte, no que conheceo aquel-

K ii

la dõzella, q̃ namorado deuia ſeer e tomãdo boa eſperãça do q̃ jaa ẽ ſi cuidara por q̃ logo lhe pareceo caualeiro, ainda que armas nẽ caualo trouxeſe, e lhe diſſe aſſi. Ainda q̃ as minhas magoas forã tamanhas q̃ me nã leixarõ lugar nẽ pera tã ſois cuidar no remedio dellas, cõ tudo boa eſperãça tomo eu de voſſa vinda aqui pera valerme pois foi jaa quando por muito pouco que tardareis nã me podereis valer, e apos eſtas palauras que jaa começaua banharſe em lagrimas acreſcentou, mas mizquinha de mi que aſſi morrera, e iſteuera fora jaa de tamanhos cuidados, e aqui com hum choro grãde acabou: Aualor ainda que bem tinha que acudir a ſi, foiſſe a ella dizendo leixai ſenhora por merce has lagrimas ſe me aueis miſter pera algum ſeruiço, Que eu das triſtezas q̃ padeço aprendi ſocorrer aos triſtes, por iſſo nam aueis miſter mais pera comigo que o meu mal, Esforçando ella os eſpritos a eſta palaura canſada aſſi como pode lhe reſpõdeo, ho dom recebo em merce que bem miſter o hei para acuita a que deſaſtres grandes me trouxerom, e aqui dando hũ ſoſpiro quiſera falar adiãte, mas Aualor que a vio tam canſada e que eſcaſamente podia acolher ho folego lhe pideo que deſcãſaſſe hũ

pouco, felo ella affi nefte meo tempo olhou pera Aualor, e vioho tambẽ trifte nam jaa mais que dantes, mas mais agaftado, ⁊ na verdade era affi, por que lembrandofe elle da empreza com que hia, pefaualhe eftãdo terlhe prometido feu feruiço, mas vendoho ella affi, nam fe pode teer que lhe nã perguntaffe, por que eftaua daquella maneira refpondeolhe elle outra coufa da que cuydaua, ⁊ diffe que eftaua cuidãdo que terra feria aquella em que eftaua, por que nunca viera por alli fenam entã, que aos feus brados acudira de longe, dizendolho ella creho, por que daquelle alto bem vira jaa que eftaua ẽ terra firme, pello q̃ forçado do desfejo faudofo de veer a fenhora Arima tornou efcontra a donzella, por veer fe poderia fazer mais curto ho tempo que ella auia dempidir, ⁊ diffelhe defta maneira. Tã cortada ⁊ magoada vos vejo fenhora, que feu poffo feruiruos fem tornar a magoaruos contandome vos voffo nojo, muito folgaria: por que affi fariamos menos o tempo de voffo focorro, ⁊ pella ventura dambos: rendeolhe ella fuas graças ⁊ diffelhe, nam leixarei fenhor de vos contar minhas defauenturas que pera ho q̃ aueis de fazer por mĩ cumpre muito, Ca fe ha demanda he juf-

K iii

ta ajuda ho efforço de quem ha foftem mas ferei nella breue pois pera ambos como dizeis releua.

ACerca de hũa ribeira grande que dizem nafce nas manchas daragã nafci eu em hum caftello que de todalas partes do derredor de que fe vee parece eftando fenhor de quanto vee fui criada, em efperãças grandes com outras minhas hirmãs, pera que ellas forã criadas ⁊ de todas fendo eu a mais pequena, ⁊ nã menos fermofa fui efcolhida pera feruir a Diana deofa da caftidade antre eftas ferras altas, onde ella honrradamẽte he guardada de Ninfas, mas naquillo que fe faz contra vontade de quem ho faz parece que offende a algũ Deus por que fempre depois nafcem defuios que tolhem o fim de uida, como aconteceo a mĩ que andando hum dia a caça por antre eftas brenhas acertei acafo de hir dar com hum caualeiro que de mudado dos trajos de caçador andaua por aqui. E por minha caufa ha feguio elle entam, ⁊ enganofamente mo fez crer, ⁊ como eu com elle deffe de fupito quifera tornar ho paffo atras fugindo, ⁊ affi verdadeiramente ho comecei fazer mas elle que mais corria que eu lãçandofe azinha apos mi me alcançou

nam muito longe daqui donde nos aguora eſtamos, ⁊ falandome palauras damor com afagos, ⁊ com mimos ma ſegurou dizendo, eu nam ſam pola ventura quẽ vos ſenhora cuidais, e auoltas deſtas palauras deixando cair hũas raras lagrimas pella ſua bem poſta barba abaixo, me contou quẽ era, e como lhe chamauã, e como auia muito tempo que por aqui andaua feito caçador eſperando ſoo poderme tornar, veome fazendo crer que em outra parte jaa me vira, e que dentam atee entõces nunca mais lhe podera ſair da memoria e aſſi me diſſe enganoſamẽte aquellas palauras o que ainda que eu fora fea, nam lhas podera entam leixar de crer, como triſte de mi menganei, que vos ei enfim de dizer eu fui contẽte de tudo ho que elle moſtrou que lhe aprazia, e naquelle grande amor. paſſamos ambos de dous todos quatro años inteiros, que a nos pareciam entam dias, e agora acabados elles: en começo de minha grãde deſauentura hũa outra Ninfa tãbem deſtes boſques q̃ lhe veo pece a paſcer bẽ, e a furto de mi ſe ſeguirõ hũ ao outro, mas eu nã mais ſegura que receoſa loguo ho engano ſenti (que quem podera enganar a peſſoa namorada) e pera me mais ainda magoar, eu tam-

K iiii

bem no meu dano engenhofa tantos meos bufquei que hum dia vindo eu da caça e bem acompanhada e farta dos cuidados delle pondome a mefa me vierom moftrar diante deftes triftes olhos meus, dantrambos elles hũs penhores de amor que por minha caufa foram manhofamente furtados a ella, e nã me podẽdo eu qua foportar como fera que canfada vindo de longes terras cõ o mãtimento para feus piquenos filhos achados hos leuados folta da boca a prea e efquecendo todo feu canfancio corre hora hũs hora outros montes, affi fiz eu, teftemunhas verdadeiras me fejam todos eftes matos, nam cefei tee que o vim achar a fombra defte aruoredo onde defcanfando (dizia elle) eftaua da calma q̃ cahia ẽtã, ⁊ do trabalho do coraçã q̃ tinha por naq̃lle dia a nã teer vifto, mas nam era affi q̃ vindo eu vira hir por hũa afomada paffãdo apreçadamẽte aq̃lla q̃ por meu mal veo aqui, e fe me eu nam enganey ella nam hia doutra parte, e por yffo e por ho mais lançando eu as maõs yrofas aos meus cabellos todo efte chão cobri delles, como vedes, ⁊ querẽdome elle com palauras falfas e lifongeiras valer, abraçandome ho arredey de mi longe contandolhe tudo meudamente pedin-

do vingança a Deus ſobre elle e ſobre ſeus enganos, tornandome por derradeiro a mĩ com minhas maõs como que ainda aſſi triſte de mĩ me vingaſſe delle, e elle entam tirando de ſeu ſeo hũa rede de caça que lhe eu com minhas maõs noutro tempo fizera quando com a tea me conçolaua eſtando as horas que ho nam podia veer, e eſtirandoha elle me moſtrou as letras que nella eſtauam com mui arteficioſa arte feitas por mi e vendohas nam ſei como fiquei atada com minhas maõs: negandome elle muitas vezes que nam era aſſi ho que lhe eu diſſera e afirmandomo com juras grandes, mas nã no crendo eu, tornou elle muitas vezes pedirmo por ſua vida e minha; e depois por derradeiro quando vio que nhũ remedio para ho eu creer auia tomãdo Deus por teſtemunha; ſe virou para aquella parte donde naſce o Sol dizendo ſoo eſtas palauras Pois me nã quereis creer quãdo vos nam peze, eu farei que me creaeis quando vos nã poſſa deixar de pezar: e aſſi ſe virou e de todo ſe foy, e a minha alma me conuidou loguo hirme tras elle mas a manẽcorea tinha entã mayor poder ſobre mĩ q̃ ho juizo, e aſſi ſe foy, nẽ lhe diſſe q̃ me deſataſſe, ou q̃ lhe lẽbrou: ou nam lembrou abaſta que nam tor-

nou mais quiſera bradar loguo para que alguem me valeſſe mas a vergonha de me verem aſſi atadas as mãos me tolheo fazelo, ſenam aguora que a noite e a fraqueza de todos meus eſpritos em quẽ conhecia certos ſinaeis de nam poder viuer muito, me fizeram dar gritos, e parece quis a uentura que foſſe para que me vos ouuiſeis vedes aqui em quam pouco eſpaço, contado todo meu mal que paſſei entam, que ho que eſtaa por paſſar nam pode ſer ſenam triſte por que quem me aſſi pode leixar, jaa por outrẽ me tinha leixado e ho dom que de vos aceitey nam he para que me vingueis delle que lhe nam quis tam pouco bem que lhe poſſa ainda querer eſte pequeno mal: mas quero ho para que me vingueis della. Aualor ficou tam enbaraçado com eſte pedido que nã tã ſomente ſoube tornar repoſta antes deu cauſa a ella para preſumir delle mal. e nam ſe podendo ſoportar (dezia meu pai) que como molhere lhe diſſe parece ſenhor caualeiro que duuidaeis algũa couſa? ſei que vos eſquece que yſſo nam podeis fazer ſenã antes do prometimento. Nã duuido ſenhora (lhe tornou elle) mas eſtoume eſpantando de quam mofino fui, en que (reſpondeo ella) eu volo direi.

MEu pay quãdo ainda moço pequeno por grandes ſem razoeis da ventura foy leuado da ſua terra natural para outras muito alongadas della, onde depois de homem feito por nobres e grandes feitos darmas mereceo nam menos eſtado na terra eſtranha que na ſua lhe era deuido pelo alto tronco de nobreza e ſangue donde deſcendia: e antre outros muitos grandes feitos darmas que elle tambem fizera contaua hũ (que a mi muitos me contou) ſendo eu pequeno ainda. Que yndo elle hũa vez ſoo por hum caminho que antre hũas altas e fraguoſas cerras ſe fazia acerca de hũa fonte que de hum penedo daquella cerra ſazia ſob hũa aruore frondoſa achara hũa donzella ricamente veſtida dormindo e oulhando elle bem viralhe aquella parte do ſeu roſto que deſcuberto tinha raſgado como de maõs yroſas feitas humas carreiras de ſangue por ellas e apeandoſe entam do caualo polla uer milhor e tambem para veer ſe delle lhe compria algum ſeruiço, que aquella eſtada aſſi em hermo ho cõuidou logo ſem tardãça para auer piadade della: mas elle deſcido acordara loguo ella pondo os olhos nelle lhe diſſera para que diſceſte caualeiro que dõzellas triſtes nam ſam para veer. ſam loguo para as

feruir lhe differa elle mas fe algũa fadigua tendes fenhora para que vos nâm cumpra, ainda me tornarei a hir, que ho doo q̃ ouue de vos veer affi antre eftas penhas me fez defcer para faber fe mandaeis algũa coufa de mĩ que vos comprife que efta obrigaçã me pareceo que era deuida ao acerto de vir eu por aqui. Para que vos ey de dizer tornou ella entam que ey mefter na defauẽtura em que ando? pois ainda que vos mo outorgafeis me nã podia preftar: quem vos enojou affi effe voffo fermofo rofto differa elle nã pode feer de nhũ feito grãde darmas, affi feñor caualeiro acodira ella a eftas palauras que lhe pareciam ditas de bom coraçam, eu me fiz affi efte mão pezar todo que vedes: ⁊ outros mayores outrem a quẽ os eu nam mereci me tem feito nalma ⁊ na vida, que fenam podem ver fenam a longo tẽpo: ⁊ aqui leuando as maõs aos cabelos feus longos que jaa dantes pareciam eftando que nam foram poupados foo para entã hos começaua magoadamente a carpir fenam que meu pai acodio pedindolhe por merce (dezia elle) que a fizera eftaar queda dizendolhe que a todo feu poder ella feria contente ou elle morreria na demanda e q̃ lhe diffefe ho que auia e contandolho entõces lhe differa eftas palauras.

NAm muito longe deftas cerras eftaa hũ caftelo muito forte em fi ẽ ho qual mora hum tio ⁊ dous fobrinhos que configo ahi teem, ⁊ o guarda por hum fenhor de toda efta terra que com outro feu comarcã traz agora guerra: hũ daqueftes fobrinhos me tirou a mĩ de cafa de minha mai que pai muito auia que ho perdera para que parece foffe mais defemparada aguora: ⁊ defpois que muito tempo me teue naquelle caftello a feu prazer por hũa molher que parecia fermofa mas enganofa q̃ por hi acertara de paffar com hum outro caualeiro a quem elles cruelmente matarom por lha tomarem me leixou a mĩ, ⁊ me lançou defamorauelmente por a porta do caftelo fora aq̃lle dia q̃ recolhera aqueloutra para fi, ⁊ ainda para a mais obrigar me mandou dantes quifto foffe veftir ⁊ atauiar ricamente ⁊ loguo cuidando que era para que doutra maneira a contentaffe, ho cruel delle depois de me ter mandado poor de fora de fortaleza e fechada a porta della, fe pos em hũ miradouro alto com ella dizendo vos foo fenhora fois a por quem aquillo deixo, ⁊ pude, ⁊ folgo de leixar; ⁊ em galardam daquellas palauras lhe lançaua ella os braços por ho pefcoço ⁊ o beijaua muitas vezes e quãdo eu tam defarrezoadamente vi

poſuido doutrem ho q̃ a mĩ ſoo era deuido como anojandome da vida me vim por eſtas terras por veer ſe toparia com algũa ſera que fartaſſe a ſua yra na minha, onde me parece que ha mil años que ando doje pola manham no mais dandar aqui, e de canſada do cuidado mais que do corpo me adormeci pouco ha prouuera Deus que nã acordara mais, Meu pai q̃ em eſtremo ouue piadade della dezia q̃ lhe diſſera aleuãtãdoha que por merce lhe amoſtraſe o caſtello ⁊ ſobindo elle en ſeu caualo a tomara nas ancas e por muito rijo que caminhara nam chegara laa, ſenã alta noute ⁊ elle que logo ſe arreceou de lhe nam quererẽ abrir a porta nem tomarem campo com elle por que quem fazia vileza a damas deuia fazer todas as outras, ⁊ aſſi ſe agaſalhou manſamẽte debaxo hũ balcam que ſe fazia a porta do caſtello ſobre que hia hũa põte leuadiſa ⁊ abrindo hum ſeruidor a porta pola menhãa antes que ho ſentiſſem foi aſſi a pee armado como toda noite eſtiuera ameazãdo ho porteiro, e lançandoho da ponte abaixo ho fez calar niſto dixe a dõzella q̃ lhe trouxeſe o caualo ſelo ella azinha, ſobido q̃ foy nelle entrãdo por hũ terreiro grãde que no meo do caſtello ſe fazia diſſe eſcontra a dõzella que a porta ficara aguora he todo eſte

caſtello voſſo ſenhora ꝛ tudo ho que nelle eſtaa. Jaa a eſtas palauras e rogido do caualo erã os do caſtelo polas janellas e aq̄lla donzela que dentro eſtaua veſtida em hũa roupa longa como ſe erguera nã ſe pode teer que com hũ deſdem da manga da camiſa nã diſſeſe; de todo ho q̄ nelle eſtaa ainda que pode ſer, nam ſaira nunca da vontade de meu ſenhor por quanto he a minha e ſera em mentres elle tiuer olhos; meu pai oulhãdo para cima e vẽdo molher calouſe mas logo ſe foy a porta do caſtelo e fechouha cõ as chaues q̃ tomara ao porteiro e entregãdoas a dõzella q̃ cõ elle vinha lhe diſſe tomai ſenhora voſas chaues q̃ a uos pertencẽ ellas e nã a outrẽ e dahi foiſſe para hũ cabo do terreiro cõ ſua lãça em coxa, e nam eſteue elle aſſi muito q̃ por outra parte doutro pateo q̃ mais dẽtro ſe fazia vio vir hũ caualeiro grande, ao parecer de grãde esforço, fermoſamẽte armado, em hũ fermoſo caualo cõ ſua lãça na mão, e eſcudo ẽbraçado a põto dauer batalha e chegãdo onde meu pai eſtaua dezia elle que cõ demaſiada yra diſſe eſcontra a donzella q̃ ho alli trouxera eſtas palauras.

LAVS DEO

EGLOGA PRIMEIRA

Interlocutores Persio & Fauno

Autor

Nas seluas junto do mar
Persio pastor custumaua
seu gado apascentar
de nada se arreseaua
nem tinha que arrecear,
Na mesma selua nasceo
quem lhe depois daua door
tanto que veo do ceo
fazerlhe guerra o amor
era mais forte, & venceo.

Sendo liure mui ysento
vio dos olhos a Maria
& cegou ho entedimento
e maria merecia
delhe daar pena e tormento,
Logo entam começou
ho seu guado enmagrecer
nunca mais delle curou
foiselhe todo a perder
com ho cuidado que cobrou

Dias e noytes velaua
nenhum espaço dormia
Maria bem o oulhaua
com que cuydou que valia

L

EGLOGA PRIMEIRA

Interlocutores Perſio ꝛ Fauno

Autor

Nas ſeluas junto do mar
Perſio paſtor cuſtumaua
ſeu gado apaſcentar
de nada ſe arreſeaua
nem tinha que arrecear,
Na meſma ſelua naſceo
quem lhe depois daua door
tanto que veo do ceo
fazerlhe guerra o amor
era mais forte, ꝛ venceo.

Sendo liure mui yſento
vio dos olhos a Maria
ꝛ cegou ho entendimento
e maria merecia
de lhe daar pena e tormento,
Loguo entam começou
ho ſeu guado enmagrecer
nunca mais delle curou
foiſelhe todo a perder
com ho cuidado que cobrou

Dias e noytes velaua
nenhum eſpaço dormia
Maria bem o oulhaua
com que cuydou que valia

L

nam valia ho que cuidaua:
Confiou no merecer
cuidou que a tinha de ſeu
veo ahi outro paſtor ter
com ho que lhe prometeo ou deu
ſe deixou delle vencer

Leuada pera outra terra
vendoſſe Perſio ſem ella
vencido de noua guerra
mandou a alma tras ella
e o corpo ficou na ſerra,
Veo Fauno outro paſtor
que vinha alli a buſcalo
ſeu criado e ſeruidor
começou a conſolalo
o conſolo lhera pior

Como deſcanças aſſi. Fauno.
Perſio longe do teu guado
vejote fazer aqui
ſem cuidado do cuidado
menos cuidado de ti,
Pellos matos ſem paſtor
vam hos cordeiros bradando
ſem paſcer, por que ho temor
de ver hos lobos em bando
lhes tira da herua ho ſabor

Perdidas entrezilhadas
as tuas ouelhas vejo
dellas morrem de cançadas
e tu tens morto ho deſſejo
dacudires as coitadas,
Andam fracos deſmayados
hos maſtins que as guardauam
deſſeitos e maltratados
nam ladram como ladrauam
nem podem de mal curados

Que do teu rabil prezado
teu cajado e teu ſurram?
tudo te vejo mudado
tinhas hũ cuidado entam
tens aguora outro cuidado,
Mal que nam temias, creo
que te vejo, yſſo temo
tomoute ſem ter receo
entam poſte en tal eſtremo
que te fez de ti alheo

A ſombra dos aruoredos
ho teu guado apaſcentauas
e ſe os ventos eram quedos
mil vilancetes cantauas
conformes a teus ſegredos,
Então teu guado enguordaua
tinhas paſto todo anno
todo paſtor confeçaua

L ii

ſeres tu ho mais vfano
que então nas ſerras andaua

Acorda acorda coitado
dame conta de teu dano
por que a hum deſcõſolado
hum conſolo ou hum engano
tira as vezes de cuidado,
Poderas julguar então
ſe quizeras razam ter
ho teu cuidado por vão
mas no grande bem querer
poucas vezes ha razam

Hos males q̃ ſam ſem cura Per.
mal hos pode outrem curar
nem na gram deſauentura
nam ha mais que auenturar
que deixar tudo a ventura,
Nam me diguas que hay bem
que he maior mal para mĩ
nem que ouuiſte a ninguem
que me vai lembrar dahi
que perdi ho que outrem tem

Uime jaa preſo contente
a meu mal queria bem
aguora fujo da gente
nam vejo triſte ninguem
que viua mais deſcontente:

Tee no paſto dos meus guados
tinha a condição vfana
mas aos mal auenturados
cree que tudo ſe lhes dana
com a mudança dos cuidados

Sentauame em hum penedo
que no meo daguoa eſtaua
então dalli ſoo e quedo
a minha frauta tocaua
bem fora de nhum medo,
Muito liure de cautelas
cõ hos olhos nas meſmas agoas
co cuidado longe dellas
choraua alli muitas maguoas
folgando muito com ellas

Hum paſtor que eu nam temia
de muito mais guado que eu
que longe dalli paſcia
creo que pello mal meu
veo teer alli hum dia:
Uendo ella hum paſtor tal
ſem razam ou com razam
felo loguo mayoral
ſenti eu meu mal então
mas deſpois ſenti mor mal

Quem pena por couſa leue Fau.
deue ſempre ſer penado

L iii

quem com a vida nam ſe atreue
deue ſer della priuado
ſe a morte faz ho que deue:
Mulher que a outrem ſe entregua
quererlhe bem em eſtremo
vem de andar a rezam cegua
ou do eſprito ſer pequeno
de hũa deſtas não ſe negua

A gram door quem na tiuer
ſe com door a de paſſala
em quanto lhe ella doer
pode mal deſimulala
pior a pode eſconder:
Senam lanço eſta de mim
nam poſſo tanto comiguo
leixarmeei morrer aſſim
que a morte he menos periguo
que outros periguos a mim

Hos fracos de coração   Fauno
obedecem a vontade
e muito mais ſem razam
ſe perde a liberdade
por algum cuidado vam:
Se deſſejas deſcanſar
deſte que te traz cançado
lançate Perſio a cuidar
que as vezes ho deſſejado
alcançado daa peſar

Conſelho quero de ti Perſio
mas nam jaa para ter vida
ſe ho pode auer ahy
para a poder ter perdida
eſſe me daa tu a mim:
Que eſtaa mais certo ho periguo
onde a vida he triſte e tal
deixame acabar te diguo
que pode ſeer que eſte mal
ſe acabe tambem comiguo

Nas couſas q̃ dam pezar Fauno
triſteza, pena, e tormento
neſtas as tu damoſtrar
temperança e ſofrimento
que no al nam hes de louuar:
Se aguora padeces door
ella ſe te hiraa minguando
cada vez ſeraa menor
hirſea ho tempo gaſtando
e leualaa por onde foor

Bem vejo que peno em vam Per.
mas quem ſeraa arazoado
em males tam ſem razam
pois nam ha modo temperado
no amor ⁊ na feiçam:
Se dizes que he vaidade
ter lembrança do perdido

L iiii

vou ſentindo que he verdade
mas quem viſte tu eſquecido
daquillo que daa ſoidade

Nos eſtremos ſinalados   Fauno
ſe conhece toda a gente
no periguo hos eſforçados
que em bonança ſer valente
nam he de animos ouſados:
por yſto quero de ti
que te nam deixes morrer
creme tu Perſio a mĩ
que nam ha mayor vencer
que vencerſe homem aſi

Mal pode ſeer eſquecida   Per.
a couſa mui deſſejada
lembrança na alma empremida
nam pode ſeer apartada
ſe ſe nam aparta a vida:
Em quanto me vires viuo
nam me veras deſcançar
perguntote Fauno amiguo
como pode repouſar
quem tras a morte comſiguo

Paſſa teus males com tẽto   Fau.
ſelhe queres achar cura
poem em al ho ſofrimento
que ho que parece ſem cura

as vezes ho cura ho tempo:
Reſiſtir graues paixoẽs
vem de eſforço e valentia
por que aos fracos coraçoẽs
faltalhe a ouſadia
nas mayores afliçoẽs

Falas Fauno como quem Per.
viue liure e deſcanſado
creme amiguo que ninguem
pode mudar ho cuidado
ſe não quer pequeno bem:
Nunqua lho eu mereſi
deſamarme e eu amala
ella me leixou aſſim
e eu não poſſo deixala
que ho amor pegua de mim

Pareſe que ho ſeu amor Fauno
era muito mais pequeno
Perſio nam ha mayor door
que querer bem em eſtremo
a quem to a ti quer menor:
Que hos que em tal eſtremo vem
ſua vida auenturada
tu Perſio ſentes mui bem
quam canſada ou deſcanſada
a teraa quem na aſſi tem
Perſio

Nam me aconſelhes te diguo
nem julgues a mim por ti
chora meus males comiguo
que yſto me conuem a mĩ
falohas ſe es meu amiguo:
Niſto ſoo eſtaa meu bem
em outro me nam confio
O Fauno que faraa? quem
tem a alma poſta no fio
e nam ſabe em que ſe teem

Bem vejo que teu tormento Fau.
he grande; por yſſo ouſo
falarte craro e yſento
que no animo ſem repouſo
nam ha claro entendimento:
Entregaſtete ao amor
ceguaſte da vida e razam
queres bem a tua door
buſcaslhe a saluação
onde ho remedio he pior

No tẽpo q̃ eu mais penaua Per.
dormia a noite ao ſereno
ſoſtinhame no que eſperaua
ſobre hũa cama de feno
muitas vezes repouſaua:
Aguora em nhum luguar
acho deſcanço nem vida

para poder deſcançar
tenho a eſperança perdida
nam me fica que eſperar

Nã tenhas ho periguo ẽ nada Fau:
e paſalohas melhor
que a vertude eſſorçada
no grande medo e temor
ſe iſtima e he iſtimada:
Nam te eſpante eſta mudança
que ho tempo traz comſiguo
tras ho mal eſtaa bonança
folgua de viuer te diguo
que quem viue tudo alcança

No campo ſempre dormia Per.
fugia do pouoado
ſe algũa preça ſentia
praticaua com meu guado
e a ninguem ha dezia:
Deſque me eſte mal chegou
tamanho me pareceo
que ho campo me enfaſtiou
e o guado me aborreceo
aqui veras qual eſtou

Nenhum trabalho tam forte Fau.
neſta vida he de ſofrer
que hum coraçam nam ſoporte
nem ha mais certo morrer

que temer homem a morte:
yſto por que tu padeſces
bem vejo que he vaidade
julgaho tu ſe te conheces
pois ſabes que a vontade
e nam a outrem obedeſces

Buſcaua ſempre ribeiros Per.
de aguoa mui crara e freſca
alli entre hos meus cordeiros
ſoya dormir a ſeſta
ſob a ſombra dos amieiros:
Se algũa hora alli vou teer
que cuidas que me parece?
luguar donde tiue prazer
nam no poſſo loguo veer
que por yſto me aborrece

Nam ſintas triſteza tanta Fauno
por tam pequeno cuidado
folgua, pratica, e canta
que ho coração eſforçado
de poucas couſas ſe eſpanta:
Que ſe aguora te alembrar
tanto que te faça dano
deixa ho tempo andar
que com a mudança do anno
tu veras tudo mudar

Perſio

Se por palauras pudera
aqueſte meu mal contar
tam triſte nam eſtiuera
que ho poder deſabafar
algum deſcanſo me dera:
Mas cree que nam pode ſeer
que he tam grande meu dano
que deſſejo de dizer
de meu mal ho deſenguano
e nam no poſſo fazer

Fauno

Lança de ti, ſe te vem
aqueſta lembrança tal
Perſio que nam ha ninguem
que poſſa ſofrer hum mal
ſem ſalembrar dalgum bem:
vamonos em eſte cuidado
de que es tam combatido
ſe fores atrebulado
ſee esforçado e ſofrido
ſeras bem auenturado.

FIM DA PRIMEIRA
Egloga De Bernaldim
Ribeiro

EGLOGA SEGVNDA

Interlocutores Jano e Franco

Autor

Dyzem que auia hum paſtor
antre Tejo e Odiana
que era perdido de amor
per hũa moça Joana:
Joana patas guardaua
pella ribeira do tejo
ſeu pay acerca moraua
e ho paſtor de Alentejo
era: e Jano ſe chamaua

Quando as fomes grandes foram
que Alentejo foi perdido
da aldea que chamam ho Terram
foi eſte paſtor fogido:
Leuaua hum pouco de guado
que lhe ficou doutro muito
que lhe morreo de canſado
que Alentejo era enxuto
daguoa, e mui ſeco do prado

Toda a terra foi perdida
no campo do Tejo ſoo
achaua ho guado guarida
ver Alentejo era hum doo:
E Jano para ſaluar
ho guado que lhe ficou
foi eſta terra buſcar

e hum cuidado leuou
outro foi elle la achar

O dia que alli chegou
com ſeu guado e com ſeu fato
com tudo ſe agaſalhou
em hũa bicada de hum mato:
E leuandoho a paſcer
ho outro dia a ribeira
Joana acertou de hir veer
que ſe andaua pella beira
do tejo: a flores colher

Ueſtido branco trazia
hum pouco afrontada andaua
fermoſa bem parecia
aos olhos de quem na olhaua:
Jano em vendoa foi paſmado
mas por veer que ella fazia
eſcondeoſe antre hum prado
Joana flores colhia
Jano colhia cuidado

Deſpois que ella teue as flores
jaa colhidas e escolhidas
as deſuairadas cores
com roſas entremetidas:
Fez dellas hũa capella
e ſoltou hos ſeus cabellos
que eram tam longuos como ella

e de cada hum a Jano em velos
lhe nafcia hũa querella

E em quanto aquifto fazia
Joana: ho feu guado andaua
por dentro da aguoa fria
todo apos quem ho guiaua:
Hum pato grande era a guia
e todo junto em carreira
hora rio afima ya
hora em a mefma maneira
ho rio a baixo defcia

Joana como affentou
a capella: foi com a mão
a cabeça, e atentou
fe eftaua em boa feição:
Nam ficando fatiffeita
do que da mão prefumia
partioffe dalli direita
para onde ho rio fazia
daguoa: hũa manfa, colheita

Chegando a beira do rio
as patas loguo vierom
todas hũa e hũa em fio
que toda a aguoa mouerom:
De quanto ella jaa folgou
com aqueftes gafallados
tanto entonces lhe pefou

e com

e com pedras e com brados
dalli longe as enxotou

Deſpois que ellas foram hidas
e que a aguoa aſocegou
Joana as abas erguidas
entrar pell'aguoa ordenou,
E aſſentandoſe entam
as çapatas deſcalçou
e pondoas ſobre ho cham
por dentro daguoa entrou
e a Jano pello coraçam

Em quanto com paſſos quedos
Joana pella aguoa hia
antre hũs deſſejos e medos
Jano onde eſtaua ardia:
Nam ſabia ſe falaſſe
ſe ſaiſe, ſe eſtiueſſe
que o amor mãdaua que ouſaſe
e por que a nam perdeſe
fazia que arreſeaſſe

Dizem que naqueſte meo
ſe eſteue Joana oulhando
e deſcobrindo ho ſeu ſeo
oulhouſe, e dixe hum ay dando:
Eu guardo patas coytada
nam ſey onde yſto a d'hir teer
mais era eu pera guardada

M

que conſerto foi eſte ſeer
fermoſa, e mal empregada

Em aquiſto Jano ouuindo
nam ſe pode em ſi ſofrer
que dantre as heruas ſaindo
ſe nam lançaſſe a correr:
Joana quando ſentio
hos eſtrompidos de Jano
e que ſe virou e ho vio
temor do preſente dano
lhe deu peis com que fugio

Mui perto eſtaua ho caſal
onde veuia ho pai della
que fez hir mais longe ho mal
que Jano teue de vella:
Mas ho medo que cauſou
Joana partirſſe allì
tanto as mãos lhe embaraçou
que a çapata eſquerda alli
com a preſa lhe ficou

Jano quando vio, e oulhou
que nhum remedio auia
pera ho loguar ſe tornou
a onde ella n'aguoa ſe via:
E vendo a çapata eſtar
no areal a beira daguoa
foiha correndo abraçar

tomandoha creceolhe a maguoa
e começou de chorar

Toda a çapata e os peitos
em lagrimas ſe banharom
muitos foram hos reſpeitos
que tanto choro cauſarom:
Encoſtado ao ſeu cajado
a çapata na outra mão
deſpois de hum longuo cuidado
de dentro do coração
começou falar cançado

Deſpojo da mais fermoſa Jano
couſa, que viram meus olhos
pera elles ſois hũa roſa
e pera ho coraçam abrolhos:
Çapata deixada aqui
pera mal de outro moor mal
quem te leixou leua a mim
que troca tam deſigual
mas pois aſſi he ſeja aſſim

Aguora ei vinte e hum annos
e nunca ynda tee guora
me acorda de ſentir dannos
hos deſte meu guado enfora:
E oje per caſo eſtranho
ňam ſei em que hora aqui vim
cobrei cuidado tamanho

M ii

que aos outros todos pos fim
eu meſmo a mim meſmo eſtranho

Antes que eſte mal vieſſe
que me tantos vai moſtrando
que algũs cuidados tiueſſe
nam me matauam cuidando,
Aguora por meus peccados
e ſegundo em mim vou vendo
nam podem ſer outros fados
meus cuidados nam entendo
e moiro me aſſi de cuidados

Dentro do meu penſamento
ha tanta contrariedade
que ſento contra ho que ſento
vontade, e contra vontade:
Eſtou em tanto deſuairo
que nam me entendo comiguo
donde eſperarei repairo
que vejo grande ho perigo
e muito moor ho contrairo

Quem me trouxe a eſta terra
alhea, onde guardada
me eſtaua tamanha guerra
e a eſperança leuada:
comiguo me eſtou eſpantando
como em tam pouco me dei
mas cuidando niſto eſtando

hos olhos com que outrem olhei
de mim, ſe eſtauam vinguando

E por meu mal ſeer moor: ynda
de mim tenho ho agrauo moor
que da minha maguoa ynfinda
eu fui parte e cauſador,
Que ſe me nam aleuantara
dantre as heruas onde eſtaua
mais dos meus olhos guozara
e jaa que aſſi ſe ordenaua
iſto ao menos me ficara

Deſaſtres cuidaua eu jaa
quando eu ontem aqui cheguei
que avos e a ventura mãa
ambos acabaua. e errei:
Triſte que me parecia
que ho meu guado remedeado
comiguo bem maueria
⁊ eſtauame ordenado
eſtoutro mal que aynda auia

O mal, nam vos ſabe a vos
quem me vos a mim cauſou
triſtes dos meus olhos ſoos
que trouuerom a onde eſtou:
Olhos: acerto, loguar
ribeira moor das ribeiras
que leuam as aguoas ao mar

vos me ſereis verdadeiras
teſtemunhas do peſar

E em dizendo iſto parece   Autor
traſportouſe no ſeu mal
e como a quem ho aar falece
caio naquelle areal:
Grande eſpaço ſe paſſou
que eſteue alli ſem ſentido
e neſte meo chegou
hum paſtor ſeu conhecido
e que dormia cuidou

Franco de ſandouir era
o ſeu nome, e buſcaua
hũa frauta que perdera
que elle mais que a ſi amaua:
Eſte era aquelle paſtor
a quem Celia muito amou
nimpha do maior primor
que em mondeguo ſe banhou
e que cantaua milhor

E a frauta ſua era aquella
que lhe Celia deraa, quando
ho deſterarom por ella
chorando elle, ella chorando:
Uiera elle alli morar
por que achou aquellas terras
mais conformes ao cuidar

dambas partes ſercam ſerras
no meo campos para olhar

Doutro tempo conhecidos
eſtes dous paſtores eram
deſtranhas terras naſcidos
nam no bem que ſe quiſeram;
E por aqueſta razam
tornou Franco alhe notar
como jazia no cham
e deulhe que ſoſpeitar
ho loguar e a feiçam

Muito eſteue douidando
ho que aqui Franco faria
yndoſſe e Jano deixando
ho coraçam lhe doya:
Tambem para ho acordar
nam ſabia ſe acertaua
que Jano era no loguar
nouo, e arreceaua
em cabo de ho anojar

Naqueſta duuida eſtando
Jano eſtaua emborcado
dixe hum ſoſpiro dando
ay cuidado, e mais cuidado:
Ouuindolhe yſto dizer
Franco ficou paſmado
e tornandoho melhor veer

de ſob ſeu eſquerdo lado
violha çapata teer

Soſpeitou loguo o que era
(que era tam bem namorado)
e no que Jano dixera
ſe ouue por certificado
Naquiſto Jano acordou
quando vio Franco eſtar
ſem falla hum pouco ficou
Franco apos ho ſaudar
falarlhe aſſy começou

Cuidaua eu aguora Jano   Franco.
que eſtauas em outra parte
e pollo teu, aqueſte anno
me peſaua hir por eſta arte:
Deſſejaua verte aqui
quando me contaua alguem
a cequa grande que hai
en alentejo, e porem
não quiſera eu verte aſſy

Contame que mal foy eſte
que tam demudado eſtas
ou que ouueſte ou perdeſte
ſe ha remedio auello as:
Faz Jano entam por ſe erguer
nam podendo de cançado
foilhe a mão, Franco, eſtender

e a hum ſreixo encoſtado
lhe começou reſponder

Uim a eſtes campos que vejo Ja.
por dar vida a eſte meu guado
vi acabado hum deſejo
outro maior começado:
As minhas vaccas dei vida
e a mim a fui tirar
a prophecia he comprida
que me Pierio foi daar
vendome a barba pongida

De Pierio vai gram fama Autor
(dixe Franco) entre hos paſtores
todos por amiguos chama
e dizem que he dado a amores,
Roguote Jano me diguas Fran.
pois te elle auizou primeiro
como cobraſte fadiguas
que ouço que he mui verdadeiro
pera amiguos e amiguas

Tam canſado, reſpondeo Jano
de hum cuidado, Franco, me acho
que maguora aqui naſceo
que atee na voz tenho empacho,
Aos caſos que ande aquecer
nam pode homem reſiſtir
que ho que a de ſer, a de ſer

nam ſelhe pode fugir
defender, nem eſconder

Mas por que Franco, contiguo
deſabafo eu em falar
por que ſei que es meu amiguo
tudo te quero contar:
Nem remedio nem conforto
nam te ey Franco de pedir
que do mal em que eſtou poſto
nam me eſpero de remir
ſenam deſpois que for morto

Dia era de hum gram vodo
que a hum ſanto ſe fazia
onde hia o pouo todo
por ver e por romaria,
Lembrame que andaua entam
viſtido todo de nouo
ao hombro hum chapeiram
que paſmaua todo ho pouo
com hum cajado na mão

Tomandome pello braço
Pierio, entam me leuou
dalli hum grande pedaço
onde milhor ſombra achou:
E mandandome aſſentar
elle tambem ſe aſſentou
e antes de começar

pera mim hum pouco oulhou
e a voltas de chorar

Uejote (me dixe) Jano Pierio
dos bẽes do mundo abaſtado
mas contando anno e anno
fico de todo cortado:
Uejote laa pella ydade
de hũa nuue negra cercado
vejote ſem liberdade
de tua terra deſterrado
e mais de tua vontade

Em terra que ainda nam viſte
pello que nella as de ver
vejote ho coraçam triſte
pera em dias que viuer,
As de morrer de hũa door
de que aguora andas bem fora
por yſſo viue en temor
que nam ſabe homem aquella hora
em que lhe a de vir ho amor

Nam pode jaa longe vir
Jano aquiſto que te diguo
vejote a barba pungir
olha como andas contiguo:
A terra eſtranha hiras
por teu guado nam perderes
longuos males paſſaras

por hũs mui breues prazeres
que veras ou nam veras

E dando hum pouco a cabeça
a maneira danojado
por teu bem porem te creça
a barba (dixe) de honrrado:
Treſladaho no coraçam
iſto que te aqui direi
que ainda algũs tempos viram
Jano, que te alembrarei
mande Deus que ſeja em vam

Por cobrares a fazenda
a ti meſmo perderas
perda que nam tem emenda
deſpois quando ho ſaberas:
Nos campos de hũa ribeira
honde valles ha a loguares
te eſtaa guardada a primeira
cauſa deſtes teus peſares
noutra parte a derradeira

Geitos em couſas pequenas
louros cabellos ondados
poram para ſempre em penas
a ti e a teus cuidados:
Falas cheas de deſden
de preſunçam cheas dellas
couſas que outras cauſas tem

te caufaram as querellas
de que morrer te conuem

De todo o que te ei contado Jan.
todo cafi aconteceo
que ho que ainda nam he paffado
pelo paffado fe creo:
Aguora dantes pouco ha
viram meus olhos que foram
quem mos leua apos fi laa
a alma e vida fe me foram
defprezaromfe de mim jaa

Hum cam que Franco trazia Autor.
de grande faro entramentes
deu com a frauta onde jazia
e trouxea entam entre os dentes:
Uendoha Franco aluoroçoufe
e foi correndo ao cam
que nos pees aleuantouffe
e deulhe a frauta na mão
e apos aquillo efpojoufe

Efcontra Jano tornou
entam Franco affi dizendo
quem vee ho que deffejou. Fran.
nam fe alembra dal em ho vendo:
Fuite a palaura cortar
mas daquifto da tu a culpa-
a quem a eu nam poffo dar

ou Jano por ti me deſculpa
pois ſabes que he deſſejar

De couſa que muito queiras Jan.
deue eſſa frauta de ſer
dixe Jano, ſam primeiras
lhe tornou Franco a dizer:
Quente tal dom otorgou
lhe dixe Jano, apos yſto
a muito a ti te obrigou
ala fee gram meſtre niſto
deues ſeer, ſeho cam nam errou

Canta Franco algũa couſa
ama a muſica a triſteza
veremos ſe me repouſa
onde a maguoa tem firmeza;
(Dixe Franco) certamente
cantarei polla vontade
te fazer como a doente
ynda Jano que a verdade
a minha he chorar ſomente

Querote cantar aquella Franco
que hontem deſpois que perdi
a frauta cantei ſem ella
a noite quando me vi,
Canſado de nam na achar
mais muito que de buſcala
me fui eu ontem lançar

mas Jano façote falla
que nam pude olho cerrar

Laa despois da noute mea
quando tudo se calaua
comecei em falla chea
hum Moucho ma cõpanhaua:
De longe me parecia
nam sei se me enganaua eu
que elle a mim me respondia
cõ hũ ay grãde como ho meu
mas ho canto assi dezia

Cantigua

Perdido e desterrado
que farei onde me hirei
depois de desesperado
outra moor maguoa achei

Desconsolado de mim
em terra alhea alõgado
onde por remedio uim
ꝛ repairo do meu guado:
Mas O mal auenturado
de mim sem consolaçam
temo que a de ser forçado
pois que fui tam mal fadado
matarme com minha mão

Que conta darei eu aguora

a quem nam ma a de pidir
que defculpa porei hora
a quem nam me a de ouuir:
Frauta dom da mais querida
que cobre efta noute efcura
frauta minha foẽs perdida
façãme hũa fepultura
que muito ha que eftou fẽ vida

E ponham na fepultura
letras que digam defta arte
a da alma efta em outra parte

Se aprouuer aos longuos años
e aos tempos que am de vir
que deftes graues meus dannos
venha Celia parte ouuir:
Laa onde trifte eftiuer
fe ella comfiguo apartada
lagrimas ter nam poder
fera minha alma paguada
ou ho que entam de mim ouuer

ynda que nam queira nada
tudo he menos de paffar
que laa hos olhos foem leuar

Fugirom contando hos dias
fizeronfe as noutes foos
pera hos triftes como nos

Jano

Jano eſta he a cantigua
ca a derradeira cri que era
e por ſair de fadigua
confeçote que ho quizera:
Mas ſe a alma e entendimento
nã morrem cõ ho corpo, a maguoa
me ficara: vamonos que ſento
q̃ he tempo do guado hir a aguoa
tambem tem tempo ho tromento

EGLOGA TERCEIRA

Jnterlocutores
Silueſtre e Amador
Autor

HUm coitado de hum paſtor
triſte mal auenturado
vencido de grande door
ao derredor do ſeu guado
ſe queixaua do amor,
Com palauras mui cançadas
ſem deſcanço, e ſem cançar
a quantos via paſſar
com vozes deſeſperadas
hos fazia eſperar

Deſpois de falar conſiguo
e com ſeu guado meſquinho
vio paſſar hum ſeu amiguo

N

afaſtado do caminho
caminho de ſeu periguo,
Que tambem ſe ya queixando
do grande mal que ſentia
e com elle ſe ajuntando
eſtiuerom todo hum dia
hum ao outro conſolando

Triſtes praticas paſſauam
contauam grandes triſtezas
gotas de ſangue ſuauam
ledos com ſuas firmezas
ellas meſmas hos matauam:
Sentiam mui grande door
cada hum com ſeu marteiro
que nunca ſe vio maior
começa loguo primeiro
Silueſtre ſem Amador

Triſte de mim que ſeraa   Sil.
o cuitado que farei
que nam ſei onde me vaa
com quem me conſolarei
ou quem me conſolaraa,
Ao longuo das ribeiras
ao ſoom das ſuas aguoas
chorarei minhas canſeiras
minhas maguoas derradeiras
minhas derradeiras maguoas

Todos fogem jaa de mim
todos me desempararom
meus males soo me ficarom
para me darem a fim
com que nunca se acabarom,
De todo bem desespero
pois me desespera quem
me quer mal que lhe nam quero
nam lhe quero se nam bem
bem que nunca della espero

O meus desditosos dias
o meus dias desditosos
como vos his saudosos
saudosos de alegrias
dalegrias dessejosos:
Deixaime jaa descançar
pois que eu vos faço tristes
tristes por que meu pezar
me deu hos males que vistes
e muitos mais por passar

Aceitei seer namorado
nam tiue meo em ho seer
jaa sam mais que sepultado
sam certo de me perder
sem perder meu soo cuidado,
Nam sei pello que espero
nem ho que espero de veer

N ii

percome pello que quero
nem me acabo de perder
por que mais perder eſpero

Hiuos minhas cabras hiuos
guado bem auenturado
em outro tempo paſſado
ficaiuos ou deſpediuos
deſpojo de meu cuidado,
Jaa vos nam virei comer
penduradas no penedo
onde vos ſuya ver
andar ſaltando ſem medo
ſem medo de me perder

Jaa vos mais nam cantarei
nhũs verſos nem cantiguas
mas a todos contarei
as minhas triſtes fadiguas
com que ſempre viuerei:
Minhas cabras deſditoſas
jaa vos nam verei roer
has ſalgueiras amarguoſas
que ſoiẽs de paſcer
pellas ribeiras fraguoſas

Andarei de vale em vale
e de loguar em loguar
nam acharei quem me fale
nem com quem poſſa falar

nem quem digua que me calle,
Sobirmei a hos outeiros
e deitalosey agiros
pellos peis dos fouereiros
meus fofpiros derradeiros
meus derradeiros fofpiros

E virmeei affentar
a fombra de hũa azinheira
que efta fora do loguar
ao longuo da ribeira
onde eu foya andar,
Uerei a cafa caida
fem parede e fem telhado
e verei meu mal dobrado
cuidado de minha vida
o vida de meu cuidado

Ouuirei cantar os galos
naldéa, e ladrar hos caẽs
e jazerei entre hos paẽs
verei berrar entre hos vales
hos nouilhos pellas maẽs:
Delles berraram do fato
por que moor pena me deem
chorarei meu defbarato
eu nam fei por que me mato
matome nam fei por quem

Queixarmei a grandes brados

mas que aproueita bradar
q̃ trago hos olhos quebrados
quebrados jaa de chorar
todos hos goſtos paſſados;
Aquelle que vem bradando
ſe ſaqueixa hora dalguem?
ou com ſeu mal ou ſeu bem
viraa conſiguo fallando
ſem ſe aqueixar de ninguem

Se me elle quiſeſe ouuir
mas ſe me elle amim ouuiſſe
por grande mal que ſentiſſe
eu lhe faria ſentir
o que eu lhe nunqua viſſe,
Quero ver de que ſe aqueixa
ou ſe ſaqueixa de ſi
deixarmei eſtar aqui
mas minha dor nam me deixa
que em forte ponto ha vi

O enganoſa ventura Ama.
que queres deſte paſtor
deixame hir com minha dor
que minha deſauentura
traz conſiguo outra maior:
deixame hir tras hum deſſejo
de grande engano forçado
triſte mal auenturado

que hum cuidado ſobejo
me daa ſobejo cuidado

O meus olhos ſaudosos
minha grande ſoidade
meus ſoſpiros tam queixoſos
o choros tam deleitoſos
por deleite e por vontade,
Quem ſuſpiraſſe algum dia
pera ſoo deſabafar
mas eu jaa nam ouſaria
por que hum ſoſpiro daria
ſinal de quem mo faz dar

Tudo ho que vejo pareſce
triſte, de minha triſteza
e tudo mais me entriſteçe
coitado de que offerece
a vida, a quem lha deſpreza,
Ando com a fanteſia
a meude maginando
que a quantos vejo deria
que he o que ando buſcando
mas triſte nam ouſaria

Quem ſe pudeſe fiar
do falſo do penſamento
falſo foſteme enganar
com falſo contentamento
pera me loguo engeitar:

N iiii

vinguate aguora de mim
que he razam pois taborreço
mas hũa coufa te peço
que des a meus males fim
pois que lhe defte ho começo

Como veẽs afadiguado Silu.
Amador quem ta fadigua
que vẽes fem ti e fem guado
fem tento, como atentado
que nam fei ho que te digua,
Deffejaua de te ver
pezame por que te vejo
tam fora de teu poder
fofte laa em forte enfejo
tam azinha ate perder

Aguora a onde te vaas
dizeme como te vai
Eu to diria, mas ay Ama.
minha vida aonde eftas
quanta canfeira me fay:
Jaa começo de acabar
mas nhũa coufa acabo
por que vim a começar
em males que nam tem cabo
nem lho poffo deffejar

Nam preguntes ho que fento
vaite que ainda te vejas

tam contente e tam yſento
que ho meſmo contentamento
ſejas de quem tu deſſejas,
Nam cuides que minha door
me daa repouſo em dizella
que quanto mais cuido nella
tanto ella he maior
e eu mais contente della

Deixaime neſtes eſtremos
onde tudo me deixou
meu mal e eu ficaremos
e nunqua nos deixaremos
que eſte ſoo bem me ficou,
Buſca outra companhia
com que poſſas deſcançar
por que eu buſco outro pezar
ſe ahi mor peſar auia
mas eſte meu nam tem par

Silueſtre paſtor amiguo
tempo he de me deixares
nam poſſo falar contiguo
que amim peſame comiguo
comiguo quero peſares:
Jaa hos meus dias paſſarom
e eu todos hos paſſei
tras hum engano andarom
delles me deſeſperarom

e doutros defefperei

As coufas que nam tem cura
Amador nam cures dellas
e as que nam tem ventura
nam te auentures por ellas
por que caufam moor triftura:
Deixas hir por onde vam
nam vas onde te leuarem
que fe hũas facabarem
outras fe començaram
para mais paixam te darem

Nam eftes affi pafmado
que bem pafmado eftou
de te ver mudo: e mudado
o Amador quem cuidou
que foffes tam defcuidado:
Nam cuides o que faras
nem faças ho que cuidares
oulha bem onde te vaas
fe contiguo nam acabares
cree que nunqua acabaras

Repouza oje aqui
nam te aprouueita fugir
pois que contiguo a de hir
quem te faz andar fem ti
fem comer, e fem dormir:
Ao longuo defte prado

falartei e falarmeas
cada hum com ſeu cuidado
comiguo deſcançar
poſto que venhas cançado

O q̃ enganoza profia Ama.
o que profia dengano
que tanto tempo eſcondia
de hum dia em outro dia
de hum anno em outro anno:
Meu mal eu to contaria
mas he mal que nam tem conto
ditoſo quem ho ſentia
que jaa teria um deſconto
com que ſe ſatiſfaria

Se tu ſoubeſes ho meu Sil.
a oſadas Amador
que tu calaſſes ho teu
que tanto he mor a door
quanto he mor quem na deu,
Por iſo nam te pareça
Amador que es tu ſoo
que em que te a dita faleça
amim faleceme ho doo
para que mais lhaborreça

Tua afeiçam te deſculpa
que ſei que es afeiçoado
maguoas hum maguoado

em quem nam pode auer culpa
poſto que anda culpado:
Prouuera a Deus que pudera
teer meu mal comparaçam
eſte ſoo bem me fizera
que eſte cuidado vam
vaãs eſperanças me dera

Buſca outro companheiro
Silueſtre, e deſcançaras
falartea ⁊ falarlheas
que eſte he ho derradeiro
loguar onde me veras:
O que door e que receos
a culpa he de quem mos deu
a pena tenhoa eu
hos ſentidos ſam alheos
e ho ſentimento he meu

Lẽbrame couſas paſſadas Sil.
e quantas paſſadas dei
horas benauenturadas
por quem choro e chorarei
em quanto forem lembradas:
Hũa vontade me engana
com lembrança do paſſado
tempo benauenturado
e outro me deſengana
pera ſer mais enganado

A cauſa de meus cuidados

foi buſcar longuos deſterros
leuama meus triſtes fados
de hũs erros em outros erros
per erros mui enganados,
Hos ſeus olhos me enganarom
mas elles ho paguaram
a peſar do coraçam
por que elles começarom
ho que nunqua acabaram

Leixoume ſoo neſtes valles
e fiquei acompanhado
de cuidados de hum cuidado
em que repouſam meus malles
por que viua mais cançado:
Mas cedo me hirei buſcar
pois me iſto aconteceo
mas eu jaa nam me ey dachar
que meu bem ca ſe perdeo
pera nunqua ſe cobrar.

Com quanta mudança vejo
nam me ſei arrepender
deſſejo de me perder
percome pello deſſejo
que nam lhe poſſo valer:
O meus enganos cançados
cançai jaa de me enganar
deuereis jaa dacabar

que os meus males paſſados
todos eſtam por paſſar

Peſame mas que aproueita Ama
eſta vontade engeitar
quem ho deſengano engeita
per força ſe a denganar
doutra vontade ſogeita:
Nam cures de te queixar
pois em teu mal nam es ſoo
que em te ver agaſtar
ei de ti tamanho doo
que ſinto meu mal dobrar

Nã te peſe cõ meus dannos Sil.
pois que eu ſolguo com elles
leixame hir com meus enganos
que nam ſei viuer ſem elles
pera eſperar deſenguanos,
Nam cuides que me arrependo
de me ver andar perdido
mas ando triſte gemendo
por que me fica ho ſentido
pera ſentir ho que entendo

Nã me poſſo ãdar detendo Ama.
leixame aguora partir
minhas maguoas te encomendo
vaiſeme ho tempo perdendo
perdendome quero hir:

Mas parece deſamor
apartarme aſſi de ti
dize que fazes aqui
hũa door a outra door
que conta daraa de ſi

Ando por eſta defeza Sil.
como tu Amador ves
que ha paſſante de hum mes
que folguo com ho que me peza
e pezame em que me pez:
Ora brauo ora manço
cercado de mil temores
ſe cuido em minhas dores
as dores me dam deſcanço
e o deſcanço outras mayores

Ponho hos olhos no cham
quando me hos cuidados vem
hũs vem e outros ſe vam
e outros nem vam nem vem
mas comiguo ſempre eſtam:
Hũs me leixam ſem ſentidos
outros me fazem ſentir
hos males que eſtam por vir
o meus deſſejos perdidos
quem vos podeſſe ſeguir

Uou de mudança em mudança
ſem me ver nunca mudado

de hũa em outra lembrança
faleceme a eſperança
pera ſer deſeſperado:
Traguo ho deſſejo ſubido
e ando fugindo delle
mas nunqua me acho ſem elle
nem ho poſſo ver perdido
por que me perco por elle

Quando veem ao ſol poſto
que entam ſoia de ver
aquelle fermoſo roſto
torno a enſandecer
por que perdi tanto goſto:
Que vinha ſempre cantando
tam deſſejoſo de vella
e aguora ando chorando
por que a achaua fiando
e por que me fiei della

Cada vez que me noutece
cobreſeme ho coraçam
de hũa grande eſcoridam
com ella paſſo ho ſeram
e com ella me amanhece:
Dobraſeme a fanteſia
em mil caſtelos de vento
coitado do penſamento
que eſtaa de noite e de dia

antre

antre tromento e tromento ·

Quando vem a madrugada
antes que ho guado vaa fora
por ver a casa em que mora
subome em hũa asomada
o quem vise sempre esta hora:
Alli me leixo estar
e nunca dalli me vou
sem que a veja passar
mas nunca passa ho pesar
que me a mim della ficou

Soem hos tristes pastores
de seu mal desabafar
cada hum em ho contar
e a mim as tuas dores
me fazem nouo pezar:
Amador tu nam esperes
nhum consolo de mim
tristezas quantas quiseres
folgua com ellas que em fim
este he o fim do que queres

Nam creas a fantesia Ama.
lisongeiros pensamentos
doces enganos de hum dia
que a quem os nam contraria
dam falsos contentamentos:
Deixa a vontade sobeja

O

ſeguir ſobejos eſtremos
que nam ſabe ho que deſſeja
e nos ambos nos hiremos
onde nos ninguem mais veja

Onde queres que nos vamos Sil.
ou onde nos podemos hir
q̃ hum ao outro nam vejamos
as meſmas dores ſentir
de que nos nos contentamos:
Nam aproueita andar
de hũs valles em outros valles
que aproueita tal mudar
pois que mudando ho loguar
nam ſam de mudar hos males

Bem ſei q̃ tudo he engano Ama.
hirme eu e tu ficar
mas eu querome enganar
por que tanto deſengano
jaa nam ſe pode falar:
Uoume ficaiuos embora
deſſejos deſeſperados
penſamentos enganados
que nam eſpero jaa aguora
outro fim de meus cuidados

Nam te alembre que me viſte
pois nunca mais me as de ver
leixame a mim eſquecer

que minha lembrança triſte
mais triſte te a de fazer:
hirmei comiguo queixoſo
ſem me aqueixar do que ſento
em meus cuidados cuidoſo
o quem fora tam ditoſo
que perdera ho penſamento

Aguora me leixareis
deſſejos deſordenados
jaa cançareis meus cuidados
jaa me nam enguanareis
enguanos tam deſſejados:
Sobejas deſauenturas
contentes deueis de eſtar
nam tenho que arecear
que jaa vos tenho ſeguras
convoſco quero acabar

Amador pois que te vas Sil.
as boas horas vam contiguo
comiguo fiquem as mãas
que nam ſei ſe as veraas
que as nam vejas comiguo:
Deus te cumpra teu deſejo
e a mim tire ho meu
ou me moſtre quem mo deu
que com quantos males vejo
ſempre mei de chamar ſeu

O ii

Egloga quarta

Tempo he de vos deixar
guado meu, meu pobre guado
nam poſſo mais aguardar
pois me nam ſoube afaſtar
do que me eſtaua guardado:
Tudo ſe vai a perder
vaiſſe a vida apos a vida
quem a mais deſſeja teer
a vee mais cedo perdida
ou ſe perde polla ver

Ficai embora currais
riquezas de meus auoos
voume ſem mim e ſem vos
eu me vou e vos ficaẽs
deſemparados e ſoos:
Nam verei vir paſſeando
hos nouilhos furioſos
ſeus peſcoços leuantando
com ſeus paſſos vaguaroſos
apos as vaccas bradando

Aguora me deixaram
eſperanças vaguaroſas
aguora ſe acabaram
as vontades riguroſas
que tanta pena me dam:
Leixaime cuidados vãos
deſſejos deſeſperados

olhos mal auenturados
quanto me foreis mais ſãos
ſe vos tiuera quebrados

FIM DA TERCEIRA
Egloga de Bernaldim
Ribeiro

EGLOGA QVARTA
chamada Jano

Hum paſtor Jano chamado
damor da fremoſa Dina
andaua tam treſportado
que por dita nem mofina
nunca era outro ſeu cuidado:
Segundo ho bem que queria
tam pouco do mal ſe guardou
que vendo a Dina hum dia
loguo da viſta cegou
que dantes dalma nam via

De ſi ella deſterrou
para longe terra eſtranha
ſeu mal ſoo ho acompanhou
ſobre hũa maguoa tamanha
tamanha maguoa ajuntou:
vendoſſe aſſi deſterrado
muitas vezes ſe ſaya
para hum deſpouoado

O iii

onde hyr ninguem podia
ſe nam deſencaminhado

Alli triſte ſe aſſentaua
paſcendo ao redor
ſeu pobre guado ho cercaua
e o coitado do paſtor
nunca hũa hora repouſaua:
Encoſtado a hũa mão
os olhos poſtos na terra
e a Dina no coraçam
aſſi antre aquella ſerra
ſe eſtaua queixando em vão

Dina minha ou ſe me engano
ao menos muito querida
e com tanto deſengano
jaa me vos foſtes a vida
aguora me ſois ho dano,
Danos meus tam encubertos
aqui podereis ſem medo
ſer aguora deſcubertos
ſe ficou algum ſegredo
aldemenos nos deſertos

A outro nenhum lugar
por minha deſauentura
vos nam poſſo jaa leuar
leuoume tudo a ventura
leixoume ſoo ho pezar:

Pezar nunca me leixou
depois que por meu pecado
tudo me deſemparou
e eu mais deſemparado
fico com ho que me ficou

Andem pollos pouoados
os paſtores que nam tem
cuidados ſobre cuidados
logrem ſeu mal e ſeu bem
cançados ou deſcançados:
Que para mim nam naſcerom
ſenam dores e peſares
para os que dita tiuerom
ſe fizerom os lugares
que tanto mal me fizerom

Eu pello pee deſtas ſerras
de hũa em outra vaidade
ſufro ãdãdo as lõguas guerras
que me fazem ſaudade
della e de tam longuas terras:
Com cuidados manoutece
hum dia e outro dia
com cuidados me amanhece
tras hum vem a fanteſia
que tam longe me parece

Quem me meteu neſte enleo
pois nunca mais ſahi delle

O iiii

tem me cercado ho receo
mal ſe me creo por elle
mal tambem ſe o nam creo:
certa eſtaa jaa minha fim
minha vida eſtaa em periguo
de mim eu me deſauim
e pois eu me ſam imiguo
quem me vingara de mim

Cuitado nam ſei que digua
a nenhũa parte vou
que laa nam ache fadigua
que aqueſta ſoo me ficou
de minha amigua ou emigua:
Ho deſerto e pouoado
todo he cheo de meus males
vim a eſta ſerra cançado
nam ha lugar neſtes vales
onde nam tenha chorado

Donde vos começarei
maguoas minhas a contar
por que palauras direi
do mal que ſoube buſcar
queixarme agora nam ſei:
A linguoa e o ſentido
tudo anda tam ocupado
tam cançado e deſtruido
que ſeria mal contado

como foi mal merecido

Polla ribeira do tejo
guardando andaua meu guado
nunca ynda vira deſſejo
quando me de hum vi leuado
onde me aguora nam vejo:
E foi tamanha a mudança
que quando jaa macordei
achei yda a eſperança
e eſſa pouca que achei
em outra maior balança

Deſte mal outros vierom
era pareceme ordenado
pouco e pouco ſe poſerom
onde elles tinham lançado
o bem que nunca me derom:
Fizeranſe aſſi tam ſenhores
de mim ou nam ſei de quem
que foram hos cauſadores
deu tornar a poor a fee
em outros enganos maiores

Nam ficou couſa nenhũa
deſta vez para ficar
ſe antes tinha pena algũa
aguora por me matar
mil ſeme faz cada hũa
minha alma he deſeſperada

com ho mal que eu ſempre ſento
que triſte em hora minguoada
hum em tanto crecimento
vi, que depois nam vi nada

Eſte outubro fez hum anno
quando eu na vila era
vi criarſe eſte meu danno
que aguora e entam jaa era
tirarmo podia engano:
E cuidando que o luguar
foſſe a cauſa principal
ouueo em fim de deixar
e o meu para meu mal
eſtaua noutro lugar

Mudei terra mudei vida
mudei paixam em paixam
vi a alma de mim partida
nunca de meu coraçam
vi minha door deſpedida:
Antre tamanhas mudanças
de hum cabo minha ſoſpeita
e de outro deſconfianças
leixanme em grande eſtreita
e leuanme as eſperanças

Neſta triſte companhia
ando eu que tam triſte ando
jaa nam ſam quem ſer ſoia

os dias viuo chorando
as noutes mal as dormia:
Temo descanço tornado
mal que por meu mal ho vi
e eu malauenturado
mourome andando assi
antre cuidado e cuidado

Por me nada nam ficar
que nam me fosse tentado
prouei darme a trabalhar
mas nunca me achei cançado
para poder descançar:
Quando mais cançado estaua
alli meu mal entam
a meu mal se apresentaua
e o corpo e o coraçam
ambos cançados leuaua

Nam sabendo onde me hiria
que ma mim laa nam leuasse
roguei a Deus nam soo hum dia
que da vida me tirasse
pois me dala nam queria:
Mas com cuidados maiores
cree que Deus se nam cura
ca dos pobres pastores
como que elles por ventura
nam sentem laa suas dores

O quam bem auenturado
fora jaa ſe me matara
minha door ou meu cuidado
eu morrera e acabara
e meu mal fora acabado:
Nam vira tal perdiçam
de mim e de tanta couſa
perdido tudo em vam
porque hũa paixam nam repouſa
em outra maior paixam

Ala fe de culpa ſou
que bem mo diſe Africano
quando a Felipa falou
e lhe deu o deſengano
com que lha vida tirou:
Quantas vezes na ribeira
tendo a ſeſta noſas cabras
me diſſe deſta maneira
eu ouui bem as palauras
ſilo mal a derradeira

Sob a ſombra deſte freixo
lembrete yſto que te diguo
e pois ves que aſſi me aqueixo
ſaberas Jano amiguo
que o milhor de mim te leixo:
O pior eu o leuei
por yſſo olha que ſiguas

ſomente o que te direi
leixa ma mim as fadiguas
pois meu para ellas leixei

Faze por viuer yſento
queſta he toda a verdade
ſe te creres polo vento
perderas a liberdade
e mais o contentamento:
Que tam ma hora naſceo
que neſte mundo ruim
por vaidades ſe creo
que nunqua deram o fim
que ao começo prometeo

Guarte do falſo do amor
que viueras ſempre em medo
nam te engane ſeu fauor
podeloas fazer com cedo
por que tarde tudo he door:
A hos ſeus contentamentos
nam creas ſe tu me creres
que nam ſam ſenam tormentos
e nam queiras ſeus prazeres
por ſeus deſcontentamentos

Quem me vio oje ha dous annos
o Felipa que fizeſte
leixaraſme meus enganos
e oulha que nam quiſeſte

por me dar a mim mais dannos:
Quem auia de cuidar
de ver tamanhas mudanças
mas em fim tudo he pesar
tras as grandes esperanças
estaa o desesperar

Olha Jano bem por ti
nam tarrependas tarde
creme a mim que sei e vi
cousas de que Deus te guarde
que a ellas e a mim perdi:
Comeras sem door teu pam
dormiras teu sono cheo
se fores sem afeiçam
que faz homem de si alheo
com rezam e sem rezam

Em tudo espera o pior
que quando te o mal vier
nam te faça o mal maior
tudo he leue de perder
onde esperança nam for:
Aqui triste se calaua
ca door grande que sentia
jaa os seus olhos cegaua
desta sorte me dezia
depois q̃ hum pouco assi estaua

Outros muitos te diram

que procures por riquezas
mas que te aproueitaram
Jano meu ſeas triſtezas
te tiuerem o coraçam:
Se a ti meſmo tiueres
pouco ou nada as miſter
para contente viueres
por iſſo faze por te ter
para tanta door nam teres

Amores nam guardam lei
quantas vezes ho ouui
fazello aſſi lhe fiquei
bem entam lho prometi
e mal depois ho guardei:
Se eu em minha mocidade
por ſeus conſelhos regera
com tamanha crueldade
tam longe me nam puzera
de mim a minha vontade

Jſto onde o mereci eu
ou a quem o mereci
o Dina cuidado meu
quem me vos leuou aſſi
que tantos nojos me deu:
O meus olhos e começo
deſta minha triſte fim
o quantos males padeço

como me tendes de mim
longe e nam volo mereço

Longe em terras eſtranhas
e de eſperança alongado
pellos campos e pellas ſerras
antre mim e o meu cuidado
ſam apreguoadas guerras:
O deſauentura minha
começada de tam longe
quanto me a mim mais conuinha
conuinha deitarme a longe
eu com quantas couſas tinha

Onde me poſo jaa hir
quem me ſera bom amiguo
mal em eſtar, mal em fugir
dentro ca traguo comiguo
quem me a mim ha deſtruir:
Remedio a tanto dano
mal ſe poderaa tomar
nam foi tomado ho engano
quando para o deixar
aborreci o deſengano

Olho e nenhum cabo vejo
onde me poſſa ſaluar
contra mim meſmo pelejo
jaa da parte do peſar
he lançado o meu deſſejo

afim

a fim nam pode tardar
coitado gado de ti
que ſem dono as de ficar
ainda que milhor he aſſi
morrer eu que te matar

Que eſta dor longua que ſiguo
trazme aſſi tam treſportado
que a mim meſmo maldiguo
que bem fara a ſeu guado
quem tam mal o faz conſiguo:
Quando me a mim milhor hia
que nam ſei ſe foi milhor
gordo e farto te trazia
aguora he triſte o paſtor
e triſte ho guado que ho guia

Jaa aquelle tempo he paſſado
quando a beira do meu trigo
Jano em te ver foi paſmado
tu te ficas ſem abriguo
e o paſtor deſabriguado:
Miſquinho paſtor perdido
quanto milhor jaa te fora
nam ſer no mundo naſcido
pois antre hora e hora
jaz tanto mal eſcondido

Como ſe o bem paſſou
e veo o mal tam aſinha

P

coufa e coufa fe mudou
a vãa efperança minha
em que termos me deixou:
Foiffe affim tudo a perder
perdeoffe o guado e o paftor
canfado fam de viuer
trouxe hũa dor outra dor
prazer nunca outro prazer

O meu amiguo Africano
agora vejo a verdade
que me tem leuado o engano
toda minha liberdade
leua o dia leua o anno:
Mas pois que Deus affi quer
ou a minha trifte forte
vaa tudo como quifer
que nam ha mais de hũa morte
tarde ou cedo ei de morrer

FIM DA QVARTA
Egloga de Bernal-
dim Ribeiro

EGLOGA QVINTA

a qual dizem ſer do
meſmo Autor
Jnterlocutores
Ribeiro e Agreſtes
Autor

RYbeiro triſte paſtor
de Ribeira namorado
vendoſſe della apartado
lamentaua ſua dor
naſcida de ſeu cuidado:
Hiaſſe pellos vallados
ſuſpirando e pellos montes
os tempos que eram paſſados
ſeus olhos tornados fontes
todo cheo de cuidados

Nam deſcança com cuidar
nem ſem cuidados deſcança
tudo lhe daua peſar
com as couſas de folguar
Ribeiro triſte mais cança:
Dizem que ſe deſterrou
bem contra ſua vontade
e que ſeu deſcanço mudou
porem nam a ſoidade
que firme ſempre ficou

Conforme a ſeu penar

P ii

aquella terra bufcou
pera de fi fe vingar
onde nam pode deixar
de penar o que penou:
Era faudofa a terra
de hũa parte acercam vales
da outra a cerca a ferra
dalli via fazer guerra
contra fi todos os males

Lagrimas lhe vam e vem
com a trifteza fobeja
fobejo cuidado tem
e elle aufente de feu bem
outra vida nam deffeja:
Em choupana de afeiçam
recolhia feu tromento
a vida tam fem razam
lançando do coraçam
palauras muitas ao vento

Hiaffe polas ribeiras
honde vam as craras aguoas
alli crefcem as canfeiras
alli as maguoas guerreiras
alli as guerreiras maguoas:
Sentia elle por groria
o que outros tem por pena
mas a vida he tam notoria

que bem moſtra ter memoria
do nome que a condena

Aſſi quando ho ſol ſahia
pellos ſaudoſos valles
em elles ſeu mal naſcia
e na força de ſeus malles
ſeus malles aſſi dezia:
Cuidaua eu quando partia Rib.
poſto jaa na derradeira
que mui cedo morreria
pois auſente ca me via
da doce freſca ribeira

Onde ſoya a paſſar
ha gloria que he jaa perdida
perdida por me queixar
de quem ſoo me quis leixar
a vida para tal vida:
Ribeira que foy de ti
que foi de mim ſem te ver
perda foi mas bem por mi
que lembrarme que te vi
ſer a cauſa de viuer

Minha vida vai aſſi
auſente de meu querer
deſſejo perdido ſer
mas tam perdido naſci
que me nam poſſo perder

P iii

Minha pena he tam crecida
que ſe nam pode encubrir
nella vou gaſtando a vida
deſſejei minha partida
e nam me pude partir

Ribeira de meu cuidado
o cuidado da Ribeira
Ribeira do bem paſſado
pois de ti viuo apartado
comiguo viue canceira:
Ando com a fanteſia
traguo hũa triſteza tal
que mouro com a alegria
tam contente ſou com o mal
que ſempre mal ter queria

Uem tromento e vai tromento
vem cuidado e vai cuidado
queixome do penſamento
que ja a tiue bem yſento
e aguora tenho forçado:
Ando por eſtes outeiros
de hum valle em outro valle
meus olhos pelos ribeiros
com ſoſpiros verdadeiros
dizendo a meu mal que calle.

De mim meſmo ſou enemiguo
de mim me quero guardar

que em tudo vejo periguo
com ho bem por que ho diguo
com ho mal pelo calar:
Nam fei que pofo fazer
nem fei jaa pello que efpero
pois que me vejo morrer
e me nam quer bem querer
aquem em tanto bem quero:

He tam doce meu tormento
e tam doce meu cuidar
que faço mais em calar
a gloria do bem que fento
que ho mal de meu penar:
E nefte meu padecer
que gloria deuo chamar
por tam jufta caufa auer
nam oufo gram pena ter
por pena me nam faltar

Por que com muito pefar
a gloria fe hira acabando
e por nunca me leixar
em ha Ribeira cuidando
peno por fempre penar:
Mas Agreftes vejo vir
fegundo finto, e cantar
feus males quero ouuir
que fam muito de fentir

P iiii

para com elles chorar

Que mal auindos cuidados Agre.
me tem tomado entre ſi
nunca taes cuidados vi

Uolta

Eu nunca vi tal cuidar
ou ſe ho vi nam ſei qual he
e porem a minha fee
jaa mais ſe pode mudar
e pois com grande penar
me tem tomado entre ſi
nunca taes cuidados vi

Fala.

O enganada afeiçam
que me queres ou te quero
quero paixões e paixam
cuidados que ſempre vam
cuidados que ſempre eſpero:
Pois que viuo mais penado
em calar e em ſofrer
tam longe do bem paſſado
paſſado ſem ſer mudado
Agreſtes do ſeu querer

Teraa a culpa meu ſentido
ſe meu mal for mal contado
que de mim he bem ſofrido
ſem razam nem cauſa dado

e nelle me vejo perdido:
Da terra donde naſci
pois naſci para cuidado
foi de tal ſorte meu fado
que nam ſei parte de mim
nem parte do bem paſſado

E ſe alguem quizer ſaber
hos males que ſofro aqui
cauſados por bem querer
ſabera que me perdi
ſem me mais poder perder:
Perdida he minha alegria
deſterrado em terra alhea
alheo do que ſoya
mas ho mal que padecia
ſeguro que ſe nam crea

Que poſto que em meu penar
vejam certo ſer aſſim
ſoeme tam mal tratar
que ſe nam pode cuidar
como jaa nam eſtou na fim:
He ſem ordem meu comer
he ſem ordem meu ſentir
he ſem ordem meu querer
he ſem ordem meu viuer
he ſem ordem meu dormir

He ſem ordem a paixam

e he ſem ordem meu bem
que ſe vai e nunca vem
mas em fim triſtezas ſam
que ordem nhũa tem
ca ſe ho mal cabo tiueſſe
minha pena lho acharia
e ſe de todo nam podeſſe
menos mal ynda ſeria
ſe algum remedio ouueſſe

O qual nam tenho nem quero
nem quero nunca ter bem
eu ſe peno pena eſpero
do remedio deſeſpero
pois vejo que nunca vem:
Aſſi que neſte viuer
contino viuer eſpero
e de triſte vida ter
contente ſam pois o quer
quem nam cree o que lhe quero

Jaa nam quero o que deſſejo
pois que jaa nam pode ſer
porem tenho mal ſobejo
mal ſobejo por que vejo
o que nam quiſera ver:
Mas pois que eu o mereço
e a cauſa me condena
por remedio a morte peço

pois a vida que padeço
he pagua de minha pena

Quem te trouxe por aqui Rib.
Agreſtes triſte paſtor
dizeme que foi de ti
dias ha que te nam vi
nam te ver fora milhor:
Uejote andar mudado
nam ſoyas aſſi ſer
tu me conta o teu cuidado
que hum penado a outro penado
o ſeu mal pode dizer

Ribeiro paſtor amiguo Agreſ.
o meu mal he tam ſem cura
que ſe o calo he gram periguo
e perigo mais ſe o diguo
pera mayor deſauentura:
Tantas eſtrellas nam tem
o ceo nem pexes o mar
quantos males vam e vem
em mi triſte que do bem
pouco bem poſſo contar

Agreſtes firme paſtor Ribei.
nam te deues de queixar
eu tenho queixa maior
pois com a minha gram door
podes conſolo tomar

e pois que vens tam cançado
aqui deues descançar
desabafa o teu cuidado
pois eu mais desconsolado
a ti posso consolar

Jaa se sabe a tua fee
e a causa que te condena
tudo bem craro se vee
e remedio dos tristes he
companheiros ter ha pena:
Teus males dessejo ouuir
tu nam me queiras negar
o sentir do teu sentir
que mal se pode encubrir
Agrestes o teu penar

Se a força nunca faltara Agres.
na força de meu cuidado
meu cuidado te contara
por que Ribeiro cuidara
que ficara bem contado:
Mas he tanta a paixam
que mal se pode contar
as forças tam poucas sam
tiradas do coraçam
que nam me pode turar

E querendo te dizer
as dores do meu tromento

naſcidas do bem querer
ouuera triſte de ter
mais liure o penſamento:
E pois remedio nam vejo
para tas poder contar
tomaras o meu deſſejo
que deſte mal tam ſobejo
outro nam pode ficar

Longos tempos ha que vi
hũa fermoſa paſtora
fermoſa ſoo para ſi
que ſe fez ſenhora de mi
ſem me querer ſer ſenhora:
A qual tinha outros amores
ſegundo depois ſenti
a outro daua fauores
e a mim todas as dores
as dores todas a mim

Ao principio do querer
era liure e mais yſento
para aguora triſte ſer
com dobradas dores ter
por que aguora he que as ſento:
Pois aquella liberdade
aquelle liure ſentido
aquella liure vontade
paguo ca com ſaudade

que tenho do bem perdido

Ho meu bem em mal mudado
ynda que me defterrei
nam defterrei o cuidado
cuidado do bem paffado
paffado por que ho paffei:
Mudei terra mudei lar
gloria, defcanço, e prazer
efta terra vim bufcar
onde crece o meu penar
para fempre pena ter

E fendo longe criado
detreminarom os fados
que viueffe defterrado
nefta terra onde hum cuidado
tras configuo outros cuidados:
Porque efta terra he
alhea ao meu cuidar
onde para mais penar
nhũa coufa fe vee
que me poffa gofto dar

Nada nella me contenta
fe nam foo trifte ho chorar
onde mais me defcontenta
paffo continua tormenta
tormenta quero paffar:
Padeço frio com calma

contra toda natureza
nam vejo fenam trifteza
e atrauefada minha alma
com as cetas de crueza

As aguas nam cuftumado
nem me poffo acuftumar
nam poffo dellas goftar
affi mal auenturado
a fede me quer matar:
Ho manjar he defgoftofo
alheo de meu comer
do tempo viuo queixofo
affi Ribeiro nam poffo
ter defcanço nem prazer

Nada me pode alegrar
de tudo tenho paixam
yfto nam pode durar
cuidados fam meu manjar
beber as lagrimas fam:
Nam tenho hum amiguo
que me queira confolar
por que tal eftremo figuo
que de mim mefmo fou ymiguo
para me mais condenar

Toda a pena me he prefente
e a gloria de mim fe alhea
e pofto que fam doente

para eſte mal nam conſente
auer arte Apolinea:
eſtes ares ſam mortaẽs
o que mais me deſbarata
e daa dores deſiguaes
he lembrarme os ſinſerais
de Coimbra que me mata

E viuendo triſte ceguo
nam ſei meſquinho que faça
eſtou metido em tal peguo
que ſoſpiro por Mondeguo
e choro por a Regaça:
Ho meu mal he tam ſobejo
que parte nam ſei de mim
e fingindo no deſſejo
como que a Mondeguo vejo
muitas vezes diguo aſſim

O mondeguo meu amiguo
ſenhor das craras aguas
a ti ſoo meus males diguo
minhas maguoas vam contiguo
contiguo vam minhas maguoas:
Mil vezes lhe eſtou falando
outras muitas meu mal calo
em nada me detreminando
de Floriſendos me lembrando
tambem a elle lhe falo

O Flori-

O Floriſendos paſtor
que ſe tu meu mal ſoubeſes
eu ſeguro que tiueſſes
de minha door grande door
ainda que nam quiſeſſes:
Auerias doo de mim
que embarbora terra viuo
depois que me apartei de ti
Floriſendos nam me vi
hũa hora ſem ſer catiuo

Senam te pude falar
ſee certo que minhas dores
me nam derom eſſe vagar
e deueſme de perdoar
pois que foi erro damores:
Os meus amiguos paſſados
Ribeiro jaa mão deixado
ꝛ por verem que meus fados
eram neſte mal mudados
de mim todos ſe hã mudado

Sendo benauenturado
mil amiguos te veram
e porem ſendo trocado
o teu bem em mal paſſado
de ti todos fugiram:
E com a fortuna a faſtar
os veras todos faſtados

aſſi que por nam errar
em mim quis eſprementar
o enxemplo dos paſſados

Se for mudado teu bem
nam eſperes por amiguo
por que ho gurgulho nam veem
em as tulhas que nam tem
abundoſamente triguo:
Mas yſto nam desbarata
a cauſa de meu viuer
o ciume he que me mata
eſte ſoo tam mal me trata
que ho nam poſſo dizer

Eſte he que me faz ſentir
eſte he que me faz morrer
eſte he que me faz fugir
as couſas de ledo ſeer:
E eſte me faz querer
muito mal que mal me quero
quero por elle mal ter
pois que elle me faz perder
a eſperança do que eſpero

Eſte viue arreigado
e na minha alma metido
e nella eſtaa ſepultado
na triſteza foi criada

e de dores combatido:
Ues aqui ho meu viuer
ganhado por afeiçam
julga tu qual pode ſer
e ſe e teu padecer
lhe fara comparaçam

Se ſorte he tua paixam Rib.
moor he muito meu ſofrer
e tu nam me queres creer
por que te cega afeiçam
naſcida do bem querer:
Por ſer mal e por ſer teu
me peza como he razam
e porem triſte do meu
pois a cauſa que mo deu
fica por ſatiſſaçam

De ſorte que meu ſentido
nam pode auer outra groria
ſenam ſoo ficar vencido
e ganho ſendo perdido
e he aſſaz grande vitoria·
Eſte mal te contaria
ſe ſe pudeſſe contar
ditoſo eu que o ſentia
e mais ditoſo ſeria
ſe ſe podera eſtoruar

Ho mal de que ſou ferido

Q ii

de aufencia foi gerado
doutrem foy elle nafcido
e de mi he foo fofrido
e de mi he foo chorado:
Com lagrimas do coraçam
me foyo jaa foftentar
aos olhos dellas vam
tantas que jaa o chorar
nam me da door nem paixam

Que por confolo nam teer
foy nafcer minha canfeira
de aufencia de me ver
aufente de hũa ribeira
donde me vinha ho prazer:
Donde toda arrealeza
de aues vinham beber
e a mefma natureza
ribeira de tal grandeza
nunca cuidou de fazer

Alli flores alli rofas
natura quis efmaltar
alli aruores graciofas
e aguas muy faudofas
que defpois vam dar o mar:
Alli tudo parecia
parayfo terreal
o fol muy claro luzia
e nhũa coufa auia

que deſſe nojo nem mal

Alli aruores alli flores
verdes brancas encarnadas
e de outras muitas cores
naſcidas de minhas dores
e com lagrimas aguadas :
Dellas naſcem outros ribeiros
tanto em abaſtança ſam
ſaydas do coraçam
que pellos pees dos outeiros
ſoydo fazendo vam

Com ellas lirios creſciam
tudo alli eſtaua a vontade
as ondas quando batiam
aſſi manſo nos faziam
nos coraçoes ſaudade:
Era infim tanta beleza
con ver alli tantas flores
e cantar os roſinoes
que eſquecia a triſteza
que me dauam minhas dores.

Hum ventoſinho corria
era o aar ſereno e manſo
que a meſma agua trazia
neſta Ribeira viuia
Agreſtes, todo deſcanço:
Trutas de muito ſabor

Q iii

a Ribeira alli criaua
criaua tambem a dor
de ſeu triſte guardador
que com dores aguardaua:

Ao pee de hum caſtanheiro
nubroſo me punha eu
perto era de hum ribeiro
que co nome verdadeiro
ſe mudou no nome meu:
E com quanto os olhos olhauàm
nam tinha gloria inteira
nem com as flores que alli eſtauam
mas jaa nunca ſe fartauam
ſenam ſoo vendo a Ribeira:

Eſte Agreſtes he meu mal
que mal ſe pode encubrir
nunca viſte outro tal
o tormento he deſigual
que eſte me faz ſentir:
Nam poſſo com minha dor
nem mela pode ſoſter
por que dos males damor
nam he eſte o menor
e menos ſe pode ſofrer

Bem ouui tua paixam   Agreſt.
para mais paixam te dar
mas hum triſte coraçam

he tam fora de rezam
que nam ſabe conſolar
por que eu ſofro tambem door
em os ciumes cauſada
e ſegundo quis amor
eu cuido foi a maior
que nas dores foi criada

Agreſtes nam pode ter Rib.
o meu mal comparaçam
por que ho mal de auſente ſer
nam ſe pode padecer
nem lhe podem hir a mão:
Deixei a minha Ribeira
minhas roſas meus amores
vim prouar eſta canſeira
nem ſe pode ter maneira
com que metigue eſtas dores

Por que eu te diguo em verdade
que deſque nam pude ver
aquella gracioſidade
me faz tanta ſaudade
quem mi nam reina prazer:
Lembrame aquelle cantar
o correr de aquellas aguoas
cauſame yſto gram penar
e folguo de me entregar
a maguoa das minhas magòas

Q iiii

Folguei bem de te contar
Agreſtes o meu viuer
e podeſte contentar
pois ves que o meu penar
co teu nam tem que fazer
Ribeiro eſtaas enganado Agreſt.
que os ciumes ſam mortais
aquem vires ſeus ſinaes
da ho tu por ſepultado
nam eſpere remedio mais

Porque ſe auſencia daa pena
pode ſer remediada
e preſente nam tens nada
mas amim quem me condena
em nhũa parte me agrada:
Que eſte mal verdadeiro
com tal eſtremo ſe ſente
que quando me vejo preſente
torno tam triſte ribeiro
que folgo deſtar auſente:

Que ſou tam mal recebido
da cauſa de meu penar
e della tam poco crido
que nam ſabe meu ſentido
que poſſa determinar:
Aſſi que com pena creſcida
paſſo minha mocidade

affi fe vay minha vida
a qual tenho jaa perdida
e perdida a liberdade

Achome cheo denganos
e nelles vejo acabar
o melhor de meus bons annos
fuy nafcido pera danos
quem mos podera tirar:
Tu es galardoado   Ribei.
como a razam o confente
pois que queres fer penado
e ofereces teu cuidado
a quem te he tam deferente

Mas eu que fey que faria
fe ante fi me tiueffe
Ribeira tanta alegria
e fei quanto fenteria
o meu mal fe o foubeffe:
Por que nam queres que fenta
a perda de tanto bem
e pagarlho que me tem
que nam he nada yfenta
nem tem odio a ninguem

Jaa fey que he door mortal   Agreft.
a que te vejo fofrer
pois a caufa della he tal
que faz fer doce teu mal

por aufente afi te ver:
Pello que concedo eu
que ho teu mal he mayor
e diferente do meu
pois que perdes ho fauor
que tua dita te deu

Nam mouras com faudade
que valentia nam he
mas tem muy ynteira fee
que nam mor aduercidade
loguo o remedio fe vee:
Nem chores mas torna em ty
que te vejo muy mudado
que te pos neffe cuidado
te mandara hyr da qui
e feras remediado

Ribeiro tem confiança
que Deus dara de feu beem
e nam percas a efperança
pois a gloria que fe alcança
muitas vezes fe detem:
Nam queiras tam trifte fer
nem teu enemiguo fejas
por que affi podes morrer
depois nam poderas ver
a ribeira que deffejas

Agreftes a efperança Rib.

nunca me falecera
mas tam firme em mi ſera
que nunca fara mudança
nem nada ſe mudara,
Por que cree que eſta ſomente
me daa todo ſofrimento
eſta quer que o meu tormento
eſteja ſempre contente
na força do penſamento

Por que ſeſta faleceſſe
jaa a morte me daria
quando ella nam quiſeſſe
mas eſperar nam perderia
por couſa que me vieſſe:
Primeiro ham de correr
para tras rios e mar
nas couſas diſcordias auer
que ami me falecer
deſſejo de inda a gozar

Deus te cumpra teu deſſejo Agreſt.
Ribeiro paſtor amiguo
que ho meu jaa ho nam vejo
eu me vou na queſte em ſejo
a paz de Deus fique contiguo:
Mas podes taqui ficar
pois no ceo ha jaa nubrados
nam veras a caminhar

recolhamonos co cantar
que mal auindos cuidados

Que mal auindos cuidados
me tem tomado entre ſi
nunca tais cuidados vi

Hũa couſa me pede hum
outra me pede eſtoutro
nam poſſo tomar nenhum
por que hum he contrario
a outro:
Jſto me derom meus fados
por que nunca veja ho fim
a os mal auindos cuidados
que me trazem entre ſi

FYM DA QVIN-
ta Egloga de Bernal-
dim Ribeiro.

SEXTINA DE BERNAL
dim Ribeiro

HOntem poſſe ho ſol e a noute
cobrio de ſombra eſta terra
agora he jaa outro dia
tudo torna torna o ſol
ſoo foi a minha vontade
para nam tornar co tempo

Todalas coufas per tempo
paffam como dia e noute
hũa foo minha vontade
nam, que a dor comiguo a aterra
nella cuido en quanto ha fol
nella em quanto nam ha dia

Mal quero per hum foo dia
a todo outro dia e tempo
que a mim pofleme o fol
onde eu foo temia a noute
tenho a mim fobre a terra
debaxo minha vontade

Dentro na minha vontade
nam ha momento do dia
que nam feja tudo terra
ora ponho a culpa ao tempo
ora a torno a por a noute
no milhor ponfleme o fol

Primeiro nam auera fol
que eu defcance na vontade
ponfleme hũa efcura noute
fobre a lembrança de hum dia
ynda mal por que ouue tempo
e por que tudo foi terra

Auer de fer tudo terra
quanto ha debaxo do fol

me defcança por que o tempo
me vingara da vontade
fenam que antes defte dia
ha de paffar tanta noute
Finis.

CANTIGVAS COM SVAS VOLtas que dizem fer do mefmo Autor.

Nam fam cafado fenhora
que ainda que dei a mão
nam cafei ho coração

Antes que vos conhecefe
fem errar contra vos nada
hũa foo mão fiz cafada
fem que mais niffo meteffe
doulhe que ella fe perdeffe
folteiros e voffos fam
hos olhos e ho coraçam

Dizem que ho bom cafamento
fe a de fazer de vontade
eu avos a liberdade
vos dei e o penfamento
nifto foo me achei contento
que fe aoutrem dei a mão
dei a vos ho coração

Como fenhora vos vi
fem palavras de prefente
na alma vos recebi

onde eſtareis para ſempre
nam dei palaura ſomente
nem fiz mais que dar a mão
guardandouos o coração

Caſeime com meu cuidado
e com voſſo deſſejar
ſenhora nam ſam caſado
nam mo queiras acuitar
que ſeruiruos e amar
me naſceo do coração
que tendes em voſſa mão

Ho caſar nam fez mudança
em meu antiguo cuidado
nem me negou eſperança
do galardam eſperado
nam me engeiteis por caſado
que ſe a outra dei a mão
a vos dei ho coração

Outra.

Para mim naſceo cuidado
cuidado deſauentura
para mim naſceo triſtura

Começou meu mal no ver
em ver foi ſeu começar
a viſta fez deſſejar
o deſſejo e o querer
deram continuo cuidar:

Cuidando meu mal paſſado
e no preſente dobrado
ſei que naſceo antre nos
o deſcuido para vos
para mim naſceo cuidado.

Cuidado ſem eſperança
he o que eu por vos cuidei
ſeguindo por firme lei
em mais mal menos mudança
yſto cuido e cuidarei:
A males que nam tem cura
eſperarlha da ventura
vaam eſperança ſeria
que eſperando creceria
cuidado deſauentura.

Deſauentura muy certa
he nos começos errar
e o preſumir da certar
no mais, quem nam acerta
he muy certo perigar:
yſto em mi bem ſe aſegura
por que ho tormento me dura
que do começo naſceo
e do que elle mereceo
para mim naſceo triſtura.

Finis.

Egloga

EGLOGA DE CRIS touam Falcam chamada Crisfal.

Autor

ANtre Sintra a mui prezada
e Serra de riba Tejo
que Arrabeda he chamada
perto donde o rio tejo
ſe mete naguoa ſalguada:
Ouue hum paſtor e paſtora
que com tanto amor ſe amarom
como males lhe cauſarom
eſte bem que nunca fora
pois foi o que nam cuidarom

A ella chamauam Maria
e ao paſtor Crisfal
ao qual de dia em dia
o bem ſe tornou em mal
que elle tam mal merecia:
Sendo de pouca ydade
nam ſe veer tanto ſentiam
que o dia que nam ſe viam
ſe via na ſaudade
o que ambos ſe queriam

Algũas horas falauam
andando o gado paſcendo
e entam ſe apaſcentauam

R

os olhos que em ſe vendo
mais famintos lhe ficauam:
E com quanto era Maria
piquena: tinha cuidado
de guardar milhor que ho guado
o que lhe Crisfal dezia
mas em fim foi mal guardado

Que depois de aſſi viuer
neſta vida e neſte amor
depois de alcançado teer
maior bem pera mor dor
em fim ſe ouue de ſaber:
Por Joana outra paſtora
que a Crisfal queria bem
mas o bem que de tal vem
nam ſer bem mayor bem fora
por nam ſer mal a ninguem

A qual loguo aquelle dia
que ſoube de ſeus amores
a os parentes de Maria
fez certos e ſabedores
de tudo quanto ſabia:
Crisfal nam era entam
dos beẽs do mundo abaſtado
tanto como do cuidado
que por curar da paixam
nam curaua do ſeu guado

E como em a baixeza
do ſangue e penſamento
he certa eſta certeza
cuidar que o mericimento
eſtaa ſoo em teer riqueza:
Emquerirom que teria
e do amor nam curarom
em que bem ſe deſcontarom
riquezas ſe faleciam
por males que ſobejauam

Entam deſcontentes diſto
leuaromna a longes terras
eſconderomna entre hũas ſerras
honde o ſol nam era viſto
e a Crisfal deixarom guerras:
Alem da dor principal
pera mor pena lhe daar
puſeromna em luguar
mao para dizer ſeu mal
mas boom pera o chorar

Alli os dias paſſaua
em maguoas da alma ſaidas
dizer, a quem longe eſtaua
e choraua por perdidas
as horas que nam choraua:
Em vale mui ſolitario
ſombrio e ſaudoſo

R ii

ſendo monte temeroſo
pera o choro neceſſario
pera a vida mui danoſo

Dizer o que elle ſentia
em que queira nam me atreuo
nem o chorar que fazia
mas as palauras que eſcreuo
ſam as que elle dezia:
Alli ſobre hũa Ribeira
de mui alta penedia
donde a aguoa dalto caya
dizendo deſta maneira
eſtaua a noite e o dia

Os tempos mudam ventura
bem o ſei pelo paſſar
mas por minha gram triſtura
nhũs puderam mudar
a minha deſauentura:
Nam mudam tempos nem annos
ao triſte a triſteza
antes tenho por certeza
que o longuo vſo dos danos
ſe conuerte em natureza

Coitado de mim cuitado
pois meu mal nam ſe amança
com choro nem com cuidado
quem diz que o chorar deſcança

he de ter pouco chorado
que quando as lagrimas ſam
por igual da cauſa dellas
viraa deſcanço por ellas
mas como deſcanſaram
pois que ſam mais as querellas

Com tudo olhos de quem
nam viue fazendo al
chorai mais que os de ninguem
que o que he para maior mal
tenho jaa para maior bem:
Lagrimas manſo e manſo
proſiguam em ſeu oficio
que nam façam beneficio
nam ſeruindo de deſcanço
ſeruiram de ſacreficio

Minhas lagrimas cançadas
ſem deſcanço nem folgança
a minha triſte lembrança
vos tem tam auiuentadas
como morta a eſperança:
Correi de toda vontade
que eſta vos nam faltara
mas yſto como ſeraa
pedilaei a ſaudade
e a ſaudade ma daraa

Todos os contentamentos

R iij

da minha vida paſſarom
e em fim nam me ficarom
ſenam deſcontentamentos
que de mim ſe contentarom:
Deſtes polo meu pecado
ynda que nunca pequei
aquem amo e amarei
nunca deſacompanhado
me vejo nem me verei

Fazme eſta deſconfiança
ver meu remedio tardar
e jaa aguora eſperar
nam ouſa minha eſperança
por me mais nam maguoar:
Se por yſto deſmereço
deſeme a culpa aſſim
e ſeja jaa com a fim
que ha muito que me conheço
aborrecido de mim

Meu coraçam vos abriſtes
caminho a meus cuidados
pera virem a ſer banhados
na aguoa de meus olhos triſtes
triſtes mal galardoados:
Neceſario he que vamos
algum remedio buſcar
para ſe a vida acabar
eſte bem que deſſejamos

efte nofo deffejar

Hiremos pella eftrada
por onde os triftes vam
por que nella por rezam
deue fer de nos achada
achada confolaçam:
Sobirmeei a o penfamento
que alto de alli verei
verei ou fe poderei
ver algum contentamento
de quantos perdidos ey

Mas o que poderaa ver
quem jaa da vifta cegou
por que quem me amim leuou
meu alongado prazer
nhum bem ver me deixou:
Deixoume em efcuridade
hum mal fobre outro fobejo
pello que trifte me vejo
tam longe da liberdade
como do bem que deffejo

Uerei a vida que vida
bem vifta tanto aborrece
aborrece a quem padece
trifteza mal merecida
que minha fee mal merece:
Leuaromme toda a gloria

R iiii

com quanto bem deſſejei
deſſejei e alcancei
ficoume ſoo a memoria
por door de quanto paſſei

Lembrança do bem paſſado
que nam diuera paſſar
eſta me ha de matar
dame tal door o cuidado
qual ſe nam pode cuidar:
Nada ſe nam for a morte
me daraa contentamento
ſegundo ſei do que ſento
nam ſento prazer tam forte
que conforte meu tormento

Nam deuo eu mal querer
aquem me aqui deixou
que ouuido nõ poſſa ſeer
jaa me algum bem ficou
que he meu mal poder dizer:
mas triſte nam ſey que digo
yſto he falar a eſmo
que aſſaz me foy enemiguo
quem ſe vingou de mi meſmo
com me ſoo deixar comiguo

Que me queira conſolar
o meu mal nam tem conforto
nem eu lho poſſo buſcar

para o prazer ſou morto
e viuo para o pezar:
Quanto mal tam deſuairado
e todos para dar fim
tudo me he contrairo aſſi
deſcuido matou meu guado
cuidado matou amim

Uida de tam longuos males
como nam cança de ſer
que eu canço jaa de viuer
e o Eco deſtes vales
cança de me reſponder:
As Ribeiras em eu velas
correm mais do que he ſeu foro
entrando meu chorar nellas
e pois ajudam meu choro
quero ſoo falar com ellas

Companheiras do meu mal
agoas que dalto correis
onde cais deſigual
parece que me dizeis
por que nam choras Crisfal:
Contaruos quero amiguas
o que eſta noute ſonhei
com ho qual tal dor me dei
que minhas muitas fadiguas
em mais fadiguas dobrey

Deſpois de ontem deixar
de vos contar os meus malles
fuime caa baixo geitar
no mais baixo deſtes valles
antre peſar e peſar:
Onde deſpois que a os ventos
deſcobri minhas paixoẽs
gaſtadas muitas rezoẽs
mudei hos meus penſamentos
em minhas contemplaçoẽs

Contente de deſcontente
a noute ſendo calada
como he certo em quem ſente
nam ficou couſa paſſada
ca me nam foſſe prezente:
Uindome a memoria dar
em quando andaua com o gado
ter com Maria ſonhado
fezme o dormir deſſejar
de mim pouco deſſejado

E crendo que aproueitaſſe
pera meu contentamento
ſe eu com ella ſonhaſſe
deume lugar meu tromento
que algum pouco repouſaſſe:
E como cançado eſtaua
do que no dia paſſei

a dormir pouco tardei
e adormecido ſonhaua
o que vos hora direi

Sonhaua em meu ſonhar
onde dormindo eſtaua
alli velando eſtar
quando da parte do mar
gram vento ſe aleuantaua:
Ho qual com tal ſobreſalto
chegaua onde eu jazia
e que da terra me erguia
em tanto eſtremo alto
que a viſta me falecia

Uendome em lugar tal
baixei os olhos a terra
vi craro dia nam al
e os valles e a ſerra
tudo julguei ſer ygual:
Mas como aborrecido
tanto da vida andaſſe
que meu mal jaa deſſejaſſe
temor tam pouco temido
nam creo eu que ſe achaſe

Depois de me ſeer moſtrado
eſte periguo de morte
a terra mais abaixado
contra a parte do norte

ſonhaua que era leuado:
Entre tejo e Odiana
era o meu caminhar
donde poderey contar
ſe o que notey nõ me engana
couſas bem pera notar.

Por que vi muytos paſtores
andar guardando ſeus gados
veſtidos dalegres cores
bem fora dos meus cuidados
mas nam dos de ſeus amores:
Nam querendo mais aueres
nem querendo mais riqueza
por que amor tudo deſpreza
mas todos os ſeus prazeres
foram pera mim triſteza

Em hum valle deſcontente
eſtaar Natonio vi
deſtes aſſaz diferente
que caſi nam conheci
ſendo bem meu conhecente:
Aqueſte he o paſtor
que jaa veo aqui buſcarme
nam mais que por conſolarme
e vio con tanta door
que door me daa o lembrarme

Chorando lagrimas mil

eſtaua conſiguo ſoo
ao modo paſtoril
de doo bem pera auer doo
tinto o habito vil:
Em hũa frauta tangendo
ao pee de hum aruore eſtaua
deſque da boca a tiraua
de dentro dalma gemendo
Em vez de cantar choraua

Quiſera ho eu conſolar
mas em cujo poder hia
nam me deu a mais lugar
que ouuirlhe que dezia
O guiomar guiomar?
Em vos pus minha eſperança
e quanto ella encobre
aguora em door ſe deſcobre
perigos de confiança
fizerom do rico pobre:

Aſſi por elle paſſando
Natonio, tenhas prazer
lhe dixe gram brado dando
tee o da uiſta perder
os olhos nelle deixando:
Deos lhe de contentamento
pois que nos fez a ventura
companheiros na triſtura

em que ſeu e meu tormento
cada vez tem menos cura

Daqui fomos deſcorrendo
atee o Tejo paſſar
a aguoa de quem eu vendo
me foi door ſobre door dar
yndo jaa door padeſcendo:
Chorando a lembrança della
virada foi minha face
pera onde o guado paſce
da grande ſerra da eſtrella
da qual o Zezare naſce

Poſto no ſeu alto cume
deixaromme alli eſtar
o meu coraçam preſume
que foi por me maguoar
como tinham por cuſtume:
Dalli os pãis ſemeados
ver a meus olhos deixarom
que por nam grados julgarom
mas poſto que foram grados
eu ſei que nam me agradarom

Jaa o Sol ſe encobria
a eſte tempo e mais
ficando a terra ſombria
e o gado aos currais
jaa entam ſe recolhia,

ouui caẽs longe ladrar
e os chocalhos do guado
com hum toom tam confertado
que me fizerom lembrar
de quanto tinha paſſado

Por mais minhas queixas vaãs
vi berrar o guado moucho
cuberto das finas laãs
e afouiar o Moucho
com o trifte cantar das raãs:
Jaa as ſerranas ao briguo
ſe hiam: os prados deixando
as mais dellas ſoſpirando
hũa dezia ay Rodrigo
outra dezia ay Fernando

Hũa ciumes temia
outra de ſi tem receo
hũa ouui que dezia
quanazinha a noute veo
outra jaa tarda o dia:
E por eſte eſperimento
foi Amor de mim julgado
por nom menos occupado
do que o penſamento
que nunca eſtaa deſcançado

Antre eſtas ſoo ſaudoſa
vi antre duas ribeiras

hũa ſerrana queixoſa
cercando hũas cordeiras
ſendo cordeira fermoſa:
Como alli tem por vſo
em hũa roca fiando
mas como que hia cuidando
cahiaſelhe o fuſo
da mão: de quando em quando

Tendo parecer deuino
pera que milhor lhe quadre
cantar canto de ledino
yo me yua la mi madre
a ſancta Maria del pino:
Ho veſtido lhe oulhei
e vi que era hum brial
de ſeda e nam de ſayal
a qual eu afigurei
a Mengua: la del boſcal

Depois dacabar ſeu canto
dezia ninguem me crea
por me veer alegre tanto
viſtome a vontade alhea
e o meu cantar he pranto:
Anda a door deſimulada
mas ella daraa ſeu fruito
a minha alma traz o luito
de pouco ſam eſpoſada

mas

mas defcontente de muito

Troquei amor por riqueza
por que mo trocar fizerom
mas bem paguo efta crueza
q̃ em q̃ cem contos me derom
defcontaranfe em trifteza,
Meu efpofo aborreço
quando me a lembrança vem
do primeiro querer bem
ninguem venda amor por preço
pois elle preço nam tem

Nam tenho que lhe falar
fe nam fam coufas paffadas
fe lhe eftas quero contar
vam fer todas namoradas
pera o pouco namorar:
Fora elle o meu amor
e viuera eu pobremente
que grande engano de gente
que pobreza ha hi maior
que a vida defcontente

Quando com elle me affento
mil vezes cayo em mingoa
por que por efquecimento
falando defcobre a lingua
o que eftaa no penfamento:
Faznos yfto entam ficar

S

eu muda e elle mudado
amame como he amado
pera me difto guardar
por bom ey guardar o guado

Maria perdi mefquinha
logo em fermos apartadas
do meu mal fui adeuinha
milhor fejam fuas fadas
do que foi a fada minha:
Deus a dee ao feu Crisfal
por ambos contentes teer
e mais nam lhe quero veer
mas jaa fei pelo meu mal
o bem doutrem efcolher

Quando a eu affi ouui
doerfe de minha pena
com nouos olhos a vi
e entam que era Elena
minha amigua conheci:
Efta paftora e dama
certo que milhor lhe hia
quando a cantar ouuia
dando fee que em fua cama
o velho nam dormiria

Pena me deu de nam crer
vella em tal trifteza pofta
quiferalhe eu refponder

mas trespos hũa trespoſta
pello qual nam pode ſer:
Depois de verme ſem ella
os meus olhos me chorarom
quantas couſas lhe lembrarom
que antre mim Maria e ella
em outros tempos paſſarom

Deſque aqui com meu cuidado
me eſtiue fazendo guerra
ſendo o dia jaa paſſado
vime leuado da terra
contra as nuueis alçado:
Entam como que voante
de quem me alli trouxera
ſonhei que leuado era
contra onde a tarde, ante
o ſol vi que ſe puzera

Hindo nam com menos door
em que jaa com mais ſoſeguo
os ventos me foram poor
depois de paſſar Mondeguo
ſobre as ſerras de Loor:
Uam alli grandes montanhas
de algũs vales abertas
todas de ſoutos cubertas
e os naturais eſtranhas
mas a ſaudade certas

S ii

Junto de hũa fonte era
o lugar onde fui poſto
onde ſelo nam quizera
ſendo bem lugar de goſto
pera quem goſto tiuera:
Mas amim nem o paſſado
nem o que me era preſente
nada me nam fez contente
que niſto o maguoado
he como o muito doente

Cuberta era a fonte
de tam freſco arboredo
que nam ſei como o conte
mui quieto e mui quedo
por ſer antre monte e monte:
A noite de ventos muda
como ſaudade eſcolha
e por que mais prazer tolha
chouia aguoa meuda
por cima da verde folha

Depois que alli chegaua
ou depois que alli cheguei
ſonhaua que acordaua
e do que atras paſſei
de ſer ſonho me lembraua:
O que entam me era moſtrado
tendo ſoo por verdadeiro

ao pee de hum caſtanheiro
me pus triſte aſſentado
ouuindo o toom de hũ ribeiro

Meus olhos e eu paſſamos
alli a noute em clamores
atee que ao tempo chegamos
a que nos outros paſtores
o diluculo chamamos:
Naqueſte tempo corrompe
a aue que chamam leal
o ſilencio de ſeu mal
que he quando a alua rompe
e o dia faz ſinal

Entam por que tudo fale
contando as mais paixoẽs
que rezam he que nam cale
ouui gritar hũs pauoẽs
laa no mais baixo do vale:
Tras yſto pouco tardando
hum doce cantar ouuia
que na minha alma cahia
o qual eu bem eſcutando
entendi que aſſi dezia

Nam ſei para que vos quero
pois me d'olhos nam ſeruis
olhos aqui eu tanto quis

Pera ver me foſtes dados
vos ſoo a chorar vos deſtes
e ſe eu tenho cuidados
meus olhos vos mos fizeſtes:
Deſque nelles me puzeſtes
de deſcanço me fugis
olhos aquem eu tanto quis

Meus olhos por muitas vias
vſais comiguo cruezas
tomais as minhas triſtezas
pera voſſas alegrias:
Entam noites entam dias
olhos nunqua me dormis
olhos a quem eu tanto quis

Quando vos primeiro viſtes
que nam me era boom ſabieis
mas por gozar do que vieis
em meu dano conſentiſtes:
O que entam me encobriſtes
agora mo deſcubris
olhos aquem eu tanto quis

Andouos a vos buſcando
couſas que vos dem prazer
e vos quanto podeis ver
triſtezas me andais tornando:
Agora vouuos cantando
vos amim chorando me his
olhos aque eu tanto quis

Quem o que diguo cantaua
desque o cantado teue
nam sei que o causaua
mas espaço se deteue
assi como que cuidaua:
Depois de cuidado ter
a voz de nouo alçou
este cantar começou
o qual deuia de ser
aquilo em que cuidou

Como dormiram meus olhos
nam sei como dormiram
pois que vela o coraçam

Toda esta noite passada
que eu passei em sentir
nunca a pude dormir
de ser muito acordada:
Dos meus olhos foi velada
mas como nam velaram
pois que vela o coraçam

As horas della cuidei
dormilas: foram veladas
pois tambem as empreguei
dou has por bem empregadas:
todas as noutes passadas
neste pensamento vam

S iiii

pois que vela o coraçam

Paſaros que namorados
pareceis no que cantais
nam ameis: que ſe amais
de vos ſereis deſamados:
Em meus olhos agrauados
vereis ſe tenho rezam
pois que vela o coraçam

Como a cantiga moſtraua
femenil a meu cuidar
era a voz de quem cantaua
quem por mais de bem cantar
eu ouuir me contentaua:
Por que de quem ſer podia
entam ſoſpeita me deu
que todo ho cantar ſeu
era o da minha Maria
ou a do deſſejo meu

Com hum temeroſo prazer
que ſoe teer quem recea
deſſejaua eu de ver
aquem eu ainda veja
antes da vida perder:
Neſte deſſejo de ſima
eſtandoha eu ouuindo
a Deus, ſer ella pedindo
via vir o vale acima

em ſeu cantar proſiguindo

Muito a vi eu mudada
mas com tudo conheci
ſer a minha deſſejada
a quem aſſi vendo vi
a viſta no cham pregada:
Com o ſeu cantar penſozo
e paſſadas eſquecidas
ao toom delle medidas
veſtida vir de arenoſo
as mãos nas mangas metidas

Hũa coiſa nam laurada
antes ſem nhum lauor
e encima por mais door
hũa talhinha pedrada
ou hum pedrado a tenor:
Quiſera a hir receber
vendoha ante mim preſente
mas nam pude de contente
que yndo pera me erguer
de prazer me achei doente

Uendo entam que me forçaua
o prazer fazer demora
olhei o que mais paſſaua
e via que aquella hora
comiguo emparelhaua:
Dando hũs mui doces brados

ſaidos do coraçam
a cantiga vinha entam
em meus olhos agrauados
vereis ſe tenho rezam

Ao que eu reſponder
me lembra: ſam agrauados?
podem logo os meus dizer
que ſam bemauenturados
pois que vos puderom ver
como ella em me ouuir
gram ſobreſalto ſentiſſe
quis fugir: mas quem lhe diſſe
que ſe puzeſſe em fugir
lhe fez com que nam fugiſſe

Nas molheres o temor
tanto o poder empede
quanto o medo mayor for
e contra donde procede
os olhos cuſtumam por:
Ella fazendoo aſſi
vendome ficou mudada
depois jaa em ſi tornada
ſe chegou mais pera mim
a ſer bem certificada

Depois de me viſto ter
e jaa que me conhecia
lagrimas lhe vi correr

dos olhos que nam mouia
de mim ſem nada dizer:
Eu lhe diſſe: meu deſſejo
vendoa tal com aſaz dor
deſſejo do meu amor
crerei eu ao que vejo
ou crerei ao meu temor

A yſto bem ſem prazer
me tornou entam aſſi
com voz de pouco poder
Crisfal que ves tu em mim
que nam ſeja pera crer:
Eu lhe reſpondi: perderuos
de vos ver por tanto anno
fazme aſſim temer meu dano
que vejo meus olhos veruos
e temo que me engano

Pois cree certo que eſta ſam
deu a yſto por reſpoſta
aynda que alegre nam
e quem em tal dor he poſta
o que della nam creram?
Bem he de crer o meu choro
a que tu cauſa me deſte
nam teſpante o que fizeſte
que quem me pos neſte foro
tu es o que me puſeſte

Por ti vim eu deſterrada
a eſtas eſtranhas terras
de donde eu fui criada .
e por ti antre eſtas ſerras
em vida ſam ſepultada:
Onde a fe me perderem
a frol dos annos ſe vam
ora julga ſe he rezam
das minhas lagrimas ſerem
menos daqueſtas que ſam

Deſpois que yſto falou
como quem em ſi reſpeita
as mãos ambas ajuntou
e poſtas na face direita
dizer aſſi começou:
Sobre o muito que perdi
nhũa couſa duuido
em ter o ſaber perdido
pois tam mal me defendi
do que me era defendido

Eu lhe preguntei a hora
mui triſte de aſſi a ver
quem teue tanto poder
que tenha poder ſenhora
de nada vos defender:
Reſpondeo por antre dentes
como fala quem ſe peja

dirtoey: em que erro ſeja
defendenme meus parentes
que te nam fale nem veja

E Crisfal he me forçado
fazer a vontade ſua
por que lho tenho jurado
e tambem por que da tua
o certo me tem moſtrado:
Que me dam certa certeza
por que fazem conhecerme
o que eu ey por gram crueza
o amor que moſtras terme
ſer ſoo por minha riqueza

Ouuirlhe eu yſto me era
paſſar o trago mortal
que nam ha couſa tam fera
como he acharſe o mal
onde o bem acharſe eſpera:
Uendo jaa que eſtaua poſta
em o que eu nam eſperei
com minha dor trabalhei
por lhe dar eſta repoſta
que me lembra que lhe dei

O Maria, O Maria
brando achara meu mal
ſe para minha alegria
vos vira a vontade tal

como me ella ſer deuia:
Mas nam he noua vſança
quem grande bem eſperou
nam ver o que deſſejou
muito pode a mudança
pois que vos tanto mudou

Quem pudera ſoſpeitar
que no amor e na fee
me auieis de faltar
mas pois ja iſto aſſi he
tudo he pera cuidar:
Pois por mal que ſe guarde
ſempre ſera meu amor
como a ſõbra em quãto eu for
quanto vay ſendo mais tarde
tanto vai ſendo maior

Quando vos dei a vontade
ynda vos erais menina
e eu de pouca ydade
mas cahio minha mofina
ſobre a minha verdade:
Muito vos quis bem primeiro
que de riquezas ſoubeſe
pois meu amor verdadeiro
de quem ſoo ſois yntereſe
quem me faz yntereſeiro

Sobre a terra anda o gado

e ſobre ella ouro e riqueza
mas pera que he deſſejado
que em fim nam tira triſteza
e acreſcenta cuidado:
Nam ſei em que ſe emcerra
ſer eſquecida e eſtranha
eſta verdade tamanha
ca fica o auer na terra
o amor a alma acompanha

Nuus neſte mundo naſcemos
e nuus ſayremos delle
neſte meyo que viuemos
ſoo rico he aquelle
que ſer contente ſabemos:
E que grandes beẽs vos deſſẽ
aqueles que velos derom
eu ſei bem que nuus naſcerom
e antes que os tiueſſem
he certo que nam tiuerom

Pois ſe yſto he aſſi
e o eu tambem conheço
como ſe crera de mim
que ſofrer o que padeço
pode ſer a eſte fim:
Cuidar que cuidado tinha
das voſſas riquezas groſas

nas coufas paffadas noffas
vereis fer riqueza minha
vos, que nam riquezas voffas

Mas que foffe affi e mais
que remedio vos daam
com quem confelho tomais
a grande obrigaçam
em que quanto a deus, me eftais:
Que nam fam cafos pequenos
pera que fe a alma nam doa
refpondeo, effa he boa
dizem que yffo he o menos
que Deus: que tudo perdoa

E dizem que eu moça era
ao tempo que yffo foi fer
e como tempo de crefcer
tinha: que affi jufto me era
telo: de me arrepender:
yfto e mais feme diz
cree que te falo verdade
que nam tinha liberdade
pera fazer o que fiz
por minha pouca ydade

Entam me mandam que meça
amor com quam longe eftamos
pera que mais nam me empeça
e fe prazeres paffamos
os defemule e efqueça:

E que

e que entam me bufcaram
hum mui grande cafamento
tam de meu contentamento
quanto meus olhos veram
e que o mais crea que he vento

E eu de mui efquecida
voulhe fazer o contrairo
a fer tal culpa fabida
fei certo que efte defuairo
pagarei com minha vida:
E em yfto fer affi
afaz de razam feria
pois tam mal naquefte dia
o feu mandado compri
como o que me amim cumpria

Nam te veja aqui ninguem
vaite Crisfal defta terra
nam quero teu querer bem
porque me nam dee mais guerra
da que jaa dado me tem:
Em lhe yfto eu ouuindo
fui pera lhe refponder
mas depois de o dizer
contra donde tinha vindo
feme tornou a boluer

Dei hũa voz mui dorida
por que me negais conforto

T

alma deſagradeſcida
entam cahi como morto
oxala perdera a vida:
Nam ſey eu o que paſſou
em quanto yſto paſſey
mas junto comigo achei
quem me eſte mal cauzou
depois jaa que em mim torney

E dizendo O mezqúinha
como pude ſer tam crua
bem abraçado me tinha
a minha boca na ſua
e a ſua face na minha:
Lagrimas tinha choradas
que com a boca goſtey
mas com quanto certo ſey
que as lagrimas ſam ſalgadas
aquellas doces achey

Soltei as minhas entam
com muitas palauras triſtes
e tomey por concruzam
alma por que nam partiſtes
que bem tinheis de rezam:
Entam ella aſſi choroſa
de tam choroſo me ver
jaa pera me ſocorrer
com hũa voz piadoſa

começoume aſſi dizer

Amor de minha vontade
ora nõ mais: Crisfal manço
bem ſey tua lealdade
ay que grande deſcanço
he falar com a verdade
Eu ſey bem que nam me mentes
que o mentir he diferente
nam fala dalma quem mente
Crisfal nam te deſcontentes
ſe me queres veer contente

Quando contigo faley
aquela vltima vez
o choro que entam chorey
que o teu chorar me fez
nunca o eu eſquecerey:
Foy eſta a vez derradeira
mas começo de paixam
paſſandome eu entam
para o caſal da figueira
do val de pantaliam

Minha fee te he verdadeira
no mal que te fiz ho vy
por que em fim a derradeira
nam quero mal contra ty
que o meu coraçam queira:
Por me veer libre de door

T ii

deixara eu de te querer
ſe o podera fazer
mas poder e mis amor
nam podem eſtar num poder

Neſte paço acordei eu
e o meu contentamento
que eu cuidaua que era meu
deume depois tal tormento
qual nunca couſa me deu:
Nam ſei eu que q̃ a deus cuſtaua
por que nam me outorgara
que neſta gloria ficara
ou pois jaa que acordaua
que diſto nam me acordara

Aſſi como nos lugares
em morte e enterramento
os ſinos dobram a pares
morreo meu contentamento
dobraromſe meus peſares:
Por quam gram dita tiuera
ſe por dar fim A triſtura
eu neſte tempo morrera
ſabe Deus que eu bem quiſera
mas nam quis minha ventura

Nam vos poſſo mais contar
aguoas minhas: minhas aguoas
que me nam deixa peſar

ora choray minhas maguoas
que bem ſam pera chorar:
Que em que cem olhos tiuera
como teue Argos paſtor
da vaca yo guardador
mais olhos miſter ouuera
para chorar minha door

Yſto que Crisfal dezia
aſſi como o contaua
hũa ninfa o eſcreuia
num Alemo que alli eſtaua
que aynda entam creſcia:
Dizem que foi ſeu yntento
de eſcreuelo em tal lugar
pera por tempo ſe alçar
onde baixo penſamento
lhe nam pudeſſe chegar

Eu o treladei dali
donde mais eſtaua eſcrito
que aqui nam eſcreui
por que mal tam infenito
nam ſe lhe pode dar fim:
O que ſe fez de Crisfal
nam ſabe certo ninguem
muitos por morto o tem
mas quem viue em tanto mal
nunca ve tamanho bem

Finis

CARTA DO MESMO ESTANDO

preſo q̃ mãdou a hũa ſenhora cõ q̃ era caſado a furto cõtra võtade de ſeus parentes della, os quaes a queriã caſar com outrem, ſobre que fez (ſegundo pareſce) a paſſada

Egloga.

OS preſos contam os dias
mil años por cada dia
mas os meus ſem alegria,
como os contarey eu
verdadeiro amor meu
a quem por meu Deus conheço,
pois como prezo padeço
e como aquem vos nam vee
mal, cuja door ſe nam cree,
de priſam ⁊ de auſencia
pois ſem pecar, penitencia
faço detras de hũa grade
meus olhos de eſcuridade
jaa nam veem jaa eſtam mortais
mas pera que era ver mais
deſque vos elles nam virom
deſque de vos ſe eſpedirom
bem ſe enxerga nos dãnos
que eſtou preſo ha cinquaños
a fora os que ey de eſtar
paſſando em deſſejar

o tempo que vos nam vejo
vede que fee de deſſejo
em que lugar macompanha
nunqua ſe vio fee tamanha
nem tam mal agradeſcida
nam quis Deus que a minha vida
foſſe pera mais que yſto
aynda que em vos ter viſto
nam naſci em vam ſenhora
que a vida he de hũa ora
eſte bem ſera eterno
que quer eſtee no ynferno
que quer eſtee no parayſo
nunqua me veram deuiſo
da queſte tamanho bem
e nam vos diga ninguem
que o mal que me tendes feito
me faz teer outro reſpeito
ynda que fora rezam
mas nam quer ho coraçam
pelo muito que vos quero
e ſempre yſto ha de ſer
em quanto eu viuo for
que verdade e que amor
pera ſenam ter em muito
e quam pouco boom he o fruito
que delle tenho tirado
quem lançaſe o meu cuidado
onde o nam viſe mais

T iii

pois lembranças tam mortais
traz a minha fantesia
que basta hũa de hum dia
pera me os meus tirar
nelle vos vi eu chorar
e nelle chorei tambem
derradeiro do meu bem
e primeiro do meu mal
nada senhora me val
nam sei em que me sostenho
pois que vos escrito tenho
por que nam vejo reposta
quem vos pos no que estais posta
que palauras vos disseram
que mais que a rezam puderam
que jaa entre nos pusemos
cuidai quanto nos quisemos
e nam vos possa mudar
dizer que vos podem daar
outrem que tenha mais que eu
poder ser nam nego eu
mas bem vos posso afirmar
que nam podereis achar
outrem que vos tanto queira
olhai que a derradeira
riqueza nam tira door
pois antre ella e o Amor
qual he mais pera estimar

deue ſer bem de julgar
mas com quanto eu yſto diguo
mal acabarei comiguo
ſenhora que poſſa crer
mudarſe voſo querer
por nenhũs outros quereres
eſquecendo os prazeres
do noſſo tempo paſſado
que me faz tam esforçado
que em quanto (a meu cuidar)
a terra me nam gozar
ninguem gozara de vos
ſenam meus cuidados ſoos
que em voſa contemplaçam
os tempos gaſtando vam
como ſe foſeis preſente
com hũa fee tam contente
como no tempo milhor
e ſe yſto ante vos for
que me puz a eſcreuer
querei ſenhora entender
que tinha que dizer mais
mas lembrarãme os ſinais
voſos: e olhos fermoſos
e os meus de ſaudoſos
lembrandoſe que vos virom
com lagrimas me ympedirom
poder poor mais por eſcrito

baſte o que tenho dito
pera a veer por galardam
tres regras de voſa mão
pera reſpoſta das quais
ſenhora fique ho mais
que aqui eſcreuer diuera
ſe o eſcreuer pudera.

Finis.

Cantiga.

Ui ho cabo no começo
vejo ho começo no cabo
de feiçam que nam conheço
ſe começo nem ſe acabo

Quando meu mal comecei
com muyto bem começou
mas ho fim que lhe eſperei
no começo ſe acabou:
Acabouſe no começo
pois ſe começa no cabo
de modo que nam conheço
ſe começo nem ſe acabo

No começo de meu mal
vi cabos de muyto beem
mas eſte beem ſahio tal
que nhũ bom cabo teem:
Face no cabo começo

ſendo no começo cabo
de feiçam que nam conheço
ſe começo nem ſe acabo.

Outra

Nunca ſinto hum mal vir ſoo
nem ſingelo mas dobrado
por que hũ doo tras outro doo
hũ cuydado outro cuydado

Quando vejo hum mal comiguo
paſſo pella pena delle
com outra moor de perigo
de muytos que veem com elle:
Por que nunca veem hũ ſoo
para ſeer ho mal dobrado
mas hum doo traz outro doo
hũ cuydado outro cuydado.

Eſparça.

Deixaime cuydados vaõs
deſſejos deſeſperados
olhos mal auenturados
quanto me foreis mais ſaõs
ſe vos tiuera quebrados:
Trabalho por nam ſer voſſo
cada dia e cada hora
e entam fico ſenhora
contente quando nam poſſo.

Cantiga

Que forte fortuna ſiguo
aque grande eſtremo vim
que jaa nam vejo periguo
para mim maior que mim

Tudo ſoube arrecear
quera bem que arreceaſe
quem auia de cuidar
que de mim eu me guardaſe:
Nam me guardei como deuo
e vim teer ao que vim
que jaa nam vejo periguo
pera mim mayor que mim

Outra

Senhora pois por vos ver
aſſi me deſconheci
nam me queirais vos fazer
ho que por vos fiz amim

Todo eſte tempo tee gora
em que me amim bem nam hia
nam me mataua ſenhora
ſenam por que vos nam via:
Agora vindo vos veer
deſconhecerdeſme aſſi
acabo jaa de ſaber
que nam ha bem para mim

Outra

Quem me vos leuou ſenhora
tam longas terras morar
olhos que vos virom hir
nunqua vos veram tornar

Milhor me foreis quebrados
olhos, que neſta partida
verdeſme tirar a vida
e ficarenme hos cuidados:
coitados olhos coitados
naſcidos para chorar
olhos jaa fonte tornados
em que me hei de alagar

Conſertouſe eſta mudança
com a pouca ventura minha
eſperança atee qui tinha
aguora perco eſperança:
Perdeſſe o que ſe alcança
louuado ſeja ho peſar
que atee na deſeſperança
me quis fazer ſingular

Cantigua

Eſta ſoo razam me ajuda
para teer gram ſufrimento
ſaber certo que ſe muda
a furtuna como ho vento

Tenho jaa certo ſabido
niſto nam ha deferença

que ho homem bem ſufrido
nunca pode ſeer vencido
Nem ha couſa que nam vença
quẽ do mal quer vencimento
com paciencia ſe eſcuda
por que tam preſto ſe muda
a ſurtuna como ho vento

Nunca ninguem deſeſpere
em quanto lhe a vida dura
na memoria ſe tempere
que ho mal que entam ho fere
por tempo pode teer cura:
Finja algum contentamento
deſmayo de ſi ſacuda
por que tam preſto ſe muda
a fortuna como ho vento

Outra

Nam poſſo dormir as noites
amor nam as poſſo dormir

Deſque meus olhos olharom
em vos ſeu mal e ſeu bem
ſe algum tempo repouſarom
jaa nhum repouſo tem
dias vam e noutes vem
ſem vos ver nem vos ouuir
como as poderei dormir

Meu penſamento ocupado

na caufa de feu penfar
acorda fempre ho cuidado
para nunca defcuidar:
As noites do repoufar
dias fam ao meu fentir
noutes de meu nam dormir

Todo ho bem he jaa paffado
e paffado em mal prefente
o fentido defuelado
ho coraçam defcontente:
ho juizo que yfto fente
como fe deue fentir
pouco leixara dormir

Como nam vi ho que vejo
cos olhos do coraçam
nam me deito fem deffejo
nem me erguo fem paixam
hos dias fem vos ver vam
as noites fem vos ouuir
eu as nam poffo dormir

Bufcarei remedio algum
mas onde ho hirei bufcar
que ahi nam auia mais que hum
que me leuou o pefar:
Tudo me foram leuar
ficoume foo ho fentir
pera nam poder dormir

Hos meus cuidados crecerom
as eſperanças minguarom
prazeres adormecerom
hos pezares acordarom:
Ao bem os olhos cegarom
ao mal os foram abrir
nunca mais pude dormir

Outra

Coitado quem me daraa
nouas de mim onde eſtou
pois dizeis que nam ſou laa
e qua comiguo nam vou

Todo eſte tempo ſenhora
ſempre por vos perguntei
mas que farei que jaa agora
de vos nem de mim nam ſei:
Olhe voſa merce laa
ſe me tem ſe me matou
por que eu vos juro que qua
morto nem viuo nam vou

Cantiga

Senhora pois nam deixais
a minha vida viuer
jaa agora nam peço mais
que deixardela morrer

Por que moura cada hora
nam ma cabais de matar

e por

e por me mais maguoar
quando me matais ſenhora
nam dais a morte lugar:
A vida vos a matais
pois a nam deixais viuer
aſſi que nam peço mais
que deixardela morrer

Cantiga

Comiguo me deſauim
vejome em grande periguo
nam poſſo viuer comiguo
nem poſſo fugir de mim

Antes que eſte mal tiueſe
da outra gente fugia
agora jaa fugiria
de mim ſe de mim pudeſe:
Que groria eſpero ou que fim
deſte cuidado que ſiguo
pois trago a mim comiguo
tamanho ymiguo de mim

Partido fiz com meus olhos Outra
que vos nam quiſeſem ver
nam mo poderam manter

Com elles me conſertei
a vos nam ver ſe obrigarom
o que com elles fiquei
por certo mal ho guardarom

U

feito ho partido cegarom
nam vos vendo por vos veer
nam mo poderom manter

Como a vifta foy vedada
vi mil mortes contra a vida
por que a coufa defendida
he loguo mais deffejada
fui hos tomar na cilada
e acabei de conhecer
que morreram por vos veer

Confintirom no partido
mas foy tudo vaydade
que depois de prometido
mudarom loguo a vontade
jaa fei delles a verdade
que nunca mam de manter
partido de vos nam veer

Pullos em outro lugar
para mudar a tençam
mas eu logo os fui tomar
com efte furto na mão
confentio ho coraçam
que vos nam quifeffem ver
nam ho puderom manter

Cantiga

Uentura fempre no mal
e no bem tam pouco dura

que nam ſe chame ventura

Mudei terra e natureza
esperando mudar mais
entam crecerom meus ays
cheos de tanta aſpereza:
Nunca ſe vio bem olhado
eſtremo tam deſigual
em peſares eſtremado
ventura ſempre no mal

Buſquei por terras eſtranhas
lugares de ſuydade
por deſuiar a vontade
de ſuas dores tamanhas
Nada podem valer manhas
a quem no mal tem ventura
e no bem tam pouco dura

Nunca me deſenganei
na mudança dos lugares
ſe nam agora que achei
que nam mudei os peſares
Antes crecem a milhares
e o bem tam pouca dura
que nam ſe chame ventura

Nada quero tudo engeito
o mayor bem maborrece
o prazer me entriſtece
e o viuer por que he ſogeito

U ii

aquem delle aſſi ſe eſquece:
ſe mouro acaba ho mal
fim nam queria ver
ſe viuo, o padecer
deſta dor he tam mortal
que me nam poſſo valer

Outra

Caſada ſem piadade
voſo amor me ha de matar

Nunca ceſſa a fanteſia
nem afrouxa ho penſamento
ſe eſpero algum bom dia
entam crece meu tormento
e por mais me maguoar
nam credes minha vontade
caſada ſem piadade
voſo amor me ha de matar

Quando cuido que acabais
ſinto no que vejo em mim
que de nouo começais
hũs cabos que nam tem fim
eu ho nam tenho em amar
ſem vida e ſem liberdade
caſada ſem piadade
voſo amor me ha de matar

Se vos eu vira caſada
com quem vos bem conhecera

jaa em vos ver deſcançada
algum deſcanço tiuera
mas ho voſo mao caſar
dobra minha ſaudade
caſada ſem piadade
voſo amor me ha de matar

Como vos tam mal caſaſtes
logo eu com mal andei
como tam mal acertaſtes
com nhum bem acertei
e por tam mal acertar
perdi vida e liberdade
caſada ſem piadade
voſo amor me ha de matar

Para ſempre vos caſaſtes
para ſempre ho ſentirei
e pois no caſar erraſtes
daime parte do que errei
nam vos engane o caſar
pois nam tolhe liberdade
caſada ſem piadade
voſo amor me ha de matar

Se me as vezes reſpondeis
voſſo nam poſſo he nam quero
o que quero nam quereis
aſſi que jaa deſeſpero
deſeſpero dalcançar

ho que quer minha vontade
cafada fem piedade
voffo amor me a de matar

Efparça

Solteira foreis fenhora
virauos viuer contente
ainda que o eu nam fora
fora eu foo ho defcontente
mas veruos mal empregada
trifte de vos e de mim
de vos por ferdes cafada
e de mim por que vos vi

Refponde ella

O enganofo cafar
o cafar cheo de enganos
fe eu tal pudera cuidar
folteira fora mil años
mas fui trifte enganada
com enganos me perdi
ynda meu veja vingada
de quem fe vingou de mim

Doutrem

Se a do mundo cafareis
jaa que ho nam fois a voffa
eu penara e vos penareis
fora ygual a minha e voffa
mas ho voffo mao cafar
roubou minha liberdade

ſenam vſais piedade
voſſo amor me a de matar

Para quem tam mal contente
eſtaa de tal caſamento
nam erra a Deus nem a gente
em tirarme de tormento
Nam me queirais mal tratar
pois ſois certa de vontade
que ſe vſais crueldade
voſſo amor me a de matar.

De hũa peſſoa a outra

Se vos viueis en triſteza
eu viuo vida penada
ſe chorais ſeer mal caſada
eu choro voſſa crueza
Olhai minha fee em amar
trataime com piedade
que ſe vſais crueldade
voſſo amor me a de matar

Baſte ho mal que me fazeis
com vos veer tam deſcontente
o voſſo minha alma o ſente
o meu nem veer o quereis
Nam me queirais acabar
pois vos dei a liberdade
que ſe ſois ſem piedade
voſſo amor me a de matar.

U iiii

Quero tanto a meu cuidado
  eſtimo tanto ſeu danno
  que quero ſer enganado
  e nam quero deſengano

Quero ſeguir afeiçam
  com que engane ho deſſejo
  nam quero jaa ver rezam
  ſe a quero nam na vejo:
  Aſſi quero a meu cuidado
  quero ho com ſeu engano
  por que em ſer deſenganado
  ho terei por mor engano

Antes do mal seer mortal
  bem queria a meu cuidado
  ja gora querolhe mal
  por me ter em tal eſtado:
  Temo mal em tal eſtado
  que de nam ſentir meu danno
  folguo com ſeer enganado
  e nam quero deſengano

Se meus cuidados perdeſe
  meus tormentos perderia
  ſe jaa delles meſquecеſe
  de mim lembrança teria
  O quẽ delles ſe eſquecera
  ou eſquecer eſperara
  ditoſo quem hos perdera

pois perdendohos ſe cobrara

Em deſconto do meu mal   Cãtiga
nam queria maior bem
que nam mo ſaber ninguem

Do mal que meu mal me deſſe
menos pena ſentiria
quando ſeguro eſtiueſe
que meu mal ninguem ſabia:
Conſolaçam me ſeria
para mal ſeria bem
ho nam mo ſaber ninguem

Eſpalhei a fanteſia   Outra.
pera nam poder cuidar
nam a ouſo de ajuntar
pello mal que me fazia

Uiame tam enleado
de cuidados cada dia
que vi bem que me compria
por em mim melhor recado
Por lhe poder atalhar
eſpalhei a fanteſia
nam ha ouſo de ajuntar
pollo mal que me fazia

Antre mĩ meſmo em mim   Outra.
nam ſei que ſe aleuantou
que tam meu ymiguo ſou

Hũs tempos cõ grãde engano
viui eu meſmo comigo
aguora no maior periguo
ſe me deſcobrio moor dano
caro cuſtou hum deſengano
e pois me eſte matou
aſaz caro me cuſtou

De mim ſou feito alheo
antre cuidado e cuidado
eſtaa hum mal derramado
que por meu grã mal me veo
Noua door nouo arreceo
foi eſte que me matou
que tam meu ymiguo ſou

Cãtiga.

Pois tudo tam pouco dura
como ho paſſado prazer
yſo me daa teer ventura
como deixala de teer

Acabaſe com a vida
juntamente o mal e o bem
e quem maior dita tem
tem mais penada partida
E pois he couſa ſegura
que tudo fim a daueer
yſo me daa ter ventura
como deixala de teer

Nunca vi contentamento
durar em nhum eſtado
e vi dar muito tormento
lembrança do bem paſſado:
Pois magoa e pouco dura
a refega do prazer
yſo me daa ter ventura
como deixala de teer

He tam breue em ſi a vida
que tudo lhe coreſponde
o prazer ſe nos eſconde
ou tem breue deſpedida:
E pois ſam de pouca dura
a vida e o prazer
yſo me daa ter ventura
como deixala de teer

A triſteza e o tormento
ſempre vi em mim ſobejo
e nam vi contentamento
que nam vieſſe a deſſejo:
Como a vida nam he ſegura
e dura pouco ho prazer
yſo me daa ter ventura
como deixala de teer

Toda a deſcriçam conſiſte
em ſaber homem com cedo
que nhum prazer faz ledo
pois ho ſeer da vida he triſte

ſe a vida nam he ſegura
e os goſtos nam teem ſeer
yſo me daa teer ventura
como deixala de teer

Eſtilo da natureza
he, prazer vir de paſſada
e o pezar e a triſteza
fazer comnoſco morada:
E pois tam pouco ſegura
he a vida e o prazer
yſo me daa ter ventura
como deixala de teer

Eſparça

Pellos prazeres paſſados
deſconfio dos preſentes
por que nunca vi contentes
ſenam hos deſconfiados
o que por menos ſegura
tem a vida e o prazer
tem ho tempo e a ventura
ſugeitos a ſeu querer

Nunca pus minha fermeza
em nhum prazer mundano
por que a propria natureza
daa de ſi o deſengano:
E quem por menos ſegura

tem a vida e o prazer
tem mais ſogeita a ventura
para tudo o que quiſer

Se mas dais para contar Cãtiga.
de meus males algum ponto
nam ſe pode conta dar
de contas que nam tem conto

As contas que ſam de bem
que de voſſa mão vierom
eſtas conto e cabo tem
as do mal nunca ho tiuerom
Nem eu preſumo contar
taẽs contas que nam tem conto
por que ſe nam pode achar
nellas cabo nem deſconto

Eu conto mas nunca acabo
as contas de meu tromento
pollas que tem cabo
ſem fim no merecimento
e pois nam poſſo contar
nas voſſas ho menor ponto
muy vaom ſera contas dar
das minhas que nam tem conto

Senhora neſſe amarello Outra.
que trazeis me certefica:
que he voſſo ſoo ho trazello

e meu ho que ſenefica:
Que a door do deſeſperar
he tanto mal de ſofrer
que nam he para paſſar
quanto mais para trazer.

Mas yſto vai daquella arte
quando ſe entre mõtes brada
ho toom he em hũa parte
e em outra he apancada
aſſi foy que a minha door
moſtrou em vos ho ſinal
por que ao menos na cor
vos lembraceis do meu mal

Enganoſas eſperanças   Cantiga.
pois ſem rezam vos tomei
com ella vos deixarei

Tomeiuos por hum engano
dalgũa cor ajudado
trouxeſtesme aſim enganado
hum anno apos outro año
tudo foi para mais dano
pois nam vi ho que eſperei
e vejo o que arreceei

Quando vos tomei em vão
com errado penſamento
falſas ereis e de vento
nam vos conheci entam

pois vos tomei ſem razam
com ellas vos deixarei
jaa nunca eſperarei

Cantiga

Quem vos viſe e nam cegaſe
aſaz de cego ſeria
quem perdido nam ficaſe
quam perdido ficaria

Para poder eſcapar
deſte cegar ou perder
o remedio he nam vos ver
ou nam vos ſaber oulhar
Mas quem aſſi eſcapaſe
quam perdido ficaria
quem vos viſe e nam cegaſe
ſenhora quam mal veria

Outra

Mal empregada ſenhora
ſejaes vos em quem vos tem
a minha alma por vos pena
e a voſa nam ſei por quem

Se vos eu vira empregada
como rezam requeria
minha alma ſe contentara
padecera apena minha
frol das frores eſcolhida
eſperança de meu bem
a minha alma por vos pena

e a vofa nam fei por que

Deixaftefme trifte foo
no lugar donde vos vi
de que ouuereis dauer doo
jaa que o nam tinhẽs de mim
a minha alma fe confola
de perder tamanho bem
tam mal empregada agora
quam bem no he quem vos tem

Outra

Nam paffeis vos caualeiro
tantas vezes por aqui
que abaixarei meus olhos
jurarei que vos nam vi

Se me quereis de verdade
nam mo deis a entender
folgai muito de me ver
dentro na voffa vontade
mereceime em fuydade
mas fe paffais por aqui
pois nam tenho liberdade
yurarei que vos nam vi

Quem tanto mal por vos fente
nam lhe deueis caufar mais
e pois em minha alma eftaes
nam deis que falar agente
ynda que eftejais aufente
fempre vos vejo em mim

mas

mas ſe mais vos vir preſente
jurarey que vos nam vi

Cantiga

Nam viue quẽ vos nam vio
nem creo que pode ſeer
veruos e poder viuer

Quem na vida conſentio
ſabendo ſerdes naſcida
nam crea que teue vida
ſe na vida vos nam vio
e porem quẽ deſcobrio
ſenhora poderuos veer
nam ſeraa pera morrer

E ſabeis como yſto ſey
por que deſpois que vos vi
eu creo que nam viui
nem aguora viuirei
hora ſei o que ganhei
que auia de morrer
e ficaua ſem vos veer

Quem neſta vida viueo
ſem vos veer nam teue vida
quem vos uio tem na perdida
quem uos nam vio mais perdeo
mas ho que ſe atreueo
veruos para ſe perder

nam ouuera de morrer

Cantiga

Yſabel e mais Franciſca
ambas vam lauar ao mar
ſellas bẽ lauã milhor torcem
namoroume ho ſeu lauar

Lauam com grande ſocego
ſem fazer nhum rogido
ynda que ho mar he crecido
faziãno andar quedo
ambas poſtas em hũ penedo
lauam com doce cantar
ſellas bẽ lavã, milhor torcem
namoroume o ſeu lauar

Uamſe ao longo da praia
afaſtadas do lugar
deitam a roupa enxugar
a ſombra de hũa faya
Yſabel encolhe a ſaya
Franciſca deixa molhar
ſellas bẽ lauã milhor torcem
namoroume ho ſeu lauar

Eu me achei no preſente
onde eſtauam eſcondidas
e no penedo metidas
lauando ſecretamente
mais quiſera ſeer auſente

que prefente me achar
fellas bẽ lauã milhor torcem
namoroume o feu lauar

Lauam com lagrimas viuas
todas as vãas efperanças
batem em defconfianças
ahi vos torcem as vidas
inda diffo mal feruidas
piores de contentar
fellas bẽ lauã milhor torcem
namoroume ho feu lauar

.A. .L.

Olhos que vem ho que veem
queria que mais nam viffem
e com yffo me fogiffem
para mais nam uer ninguem

E daqui fe uam fenhora
mais longe do que cuidais
onde jaa nam ueram mais
pello que virom agora:
Pois uirom tamanho bem
queria que mais nom uiffem
queria que me fogiffem
para mais nam uer ninguem

Outra do dito

Acabai acabai jaa
meus cuidados onde eftais

X ii

para que hé cuidardes mais

Defcuidar he a verdade
pois cuidar nam aproueita
mas a vontade fogeita
nam tem effa liberdade:
Defuiando a vontade
cuidados fe em uos eftais
deixareis ho que cuidais

Outra do mefmo

Como ahi ouue boõs olhos
ouueos maõs para mim
para me ferem affim

He ho mal dos boõs milhor
que dos maõs ho maior bem
hos boõs damme desfauor
por que muito fauor teem
os maos amim nam mo dem
que dos boõs que vos eu vi
ho mal quero para mi

Outra

Nam fabe quam bem parece
ho que he mui grande bem
para aquelles que a ueem

Se de tamanha verdade
jaa tiuefe ho defengano
nam vos ueria no anno
hũa uez por piadade

que feria crueldade
para aquelles que a vem
pois que nam tem outro bem

A hũa fenhora a quem dixe hũa verdade q̃ ella nam quifera

A verdade me matou
ho mentir me dera a uida
fe jaa nam fora perdida

Hum contrairo outro cura
eu com elle me curara
pode feer que me matara
mas tudo fora ventura
ora ho que feme afigura
que me pode dar a uida
minha alma nam no duuida

A verdade embuçada
nam oufa jaa parecer
do rifco que pode teer
guarde deus nofa poufada
nam aproueita jaa nada
antes faz perder a vida
affi a tenho perdida

Outra

Perdi a vifta no mar
hindo meus olhos tras ella
correo mais ho deffejar

que a nao que vai auela

Aſſi que della perdido
fico tal que a nam uejo
agora tenho ſabido
que corre mais ho deſſejo:
Deſque a perdi nomar
cego na terra por ella
deſeſperado de vella
que poſſo jaa eſperar

Cantiga

Nam me ſei deſeſperar
e inda que tenha razam
nam mo quer o coraçam

Nam poderia viuer
hũa ora ſem eſperança
eſta muita confiança
ueem de muito merecer
nam a queria perder
que faria ao coraçam
muito grande ſem razam

Outra

Menina pois ſois fermoſa
nam ſejais deſpiadoſa

Que nam parece razam
tendo tanta perfeiçam
que tenhais a condiçam
tam eſquiua e deſdenhoſa
nam sejais despiadoſa

Por vos de mim efquecido
ando tam trifte perdido
que tomara por partido
nam vos veer fer tam fermofa
virauos mais piadofa

Nam fey jaa como vos veja
que para meu mal nam feja
fe rides matais dem veja
fe por cafo eftais yrofa
fois muyto mais perigofa

Outra

Cuidados fe defcuydais
fazeis bem
que aqui tendes quem os tem

Yfto foo me falecia
acabo de todo teer
para me poder valer
gram cuydado me compria
hum defcuydo dum foo dia
a que s'os meus cuydados dem
ficaram fem quem hos teem.

Outra

Acabo de tantos años
quando cuidei defcançar
em galardam de meus danos
queremme defenganar:
pude com meu mal a te qui
de meu engano ajudado

X iiii

agora trifte de mim
que farei defenganado

Se lembranças me deixarom
pudera eu meu mal deixar
fe coufas fenam mudarom
defcanço fora cuydar
Pois tudo fe muda affim
e eu nam fey fer foo mudado
camanha perda perdi
em perderfeme ho cuydado

Todo ho bem dura hum momento
ho mal he de todo año
por breue contentamento
grande tempo grande engano:
foy do engano, e deixou
ho mal da vida que figuo
affi que quem me matou
trago eu fempre comiguo

Hum cuidado que eu prantei
de que agora colho ho dano
tudo ho que tinha empregei
e leuoumo hum defengano
e por que do meu tormento
mais que de mim fui amiguo
por faluar hum penfamento
fiquei eu foo no periguo

Fico affi efperando a fim

que meu mal me quiſer dar
que paſſou jaa para mim
todo ho tempo de folgar:
Mas pois aſſi foy ſeruida
quem mo ſoo pode teer dado
eſperar mais neſta vida
para mim he eſcuſado

Minhas juſtas eſperanças
derramoumas hum pezar
eu nam cuydo nas mudanças
canſado eſtou de cuydar:
Neſte mal tam ſem conforto
diſto ſoo ſou conſolado
que muyto ha que ſou morto
da parte de meu cuidado.

Cantiga

Antre tamanhas mudanças
que couſa terei ſegura
duuidoſas eſperanças
tam certa deſauentura

Uenham eſtes deſenganos
do meu longo engano e vaom
que jaa hos tempos e os años
outros cuydados me daom
jaa nam ſam para mudanças
mais quero hũa door ſegura
vaa crer as vaãs eſperanças
quẽ nam ſabe o que em auentura

Outra

Com quantas coufas perdi
aynda me confolara
fe me a efperança ficara

Mas parece que fabia
defauentura ou mudança
fe me ficaffe efperança
ho bem que me ficaria
tornoufeme em noute o dia
que tanto bem me otorgara
que ao menos me enganara

Tudo me defemparou
defemparado de mim
cuydado que nam tem fim
efte foo me nam deixou:
De mim nada me ficou
e a vida me nam leixara
fe melle affi nam ficara

Fuy tanto tempo enganado
quanto compria a meus dannos
agora vanfe os enganos
que cõpriam a meus cuydados
tudo do que era he mudado
fe me tambem eu mudara
quantas magoas qu'atalhara

De efperança em efperança
pouco a pouco me leuou

grande engano ou confiança
que me tam longe deixou:
Se me yſto tomara outra hora
cuydara de ver lhe fim
mas que eyde cuydar jaa gora
ſem eſperança e ſem mim

Chegou a tanto o meu mal
que nam ſey eſtar ſem elle
e fujo donde ay al
como ſe fugiſſe delle:
Mas vendome em tal eſtado
que me vou claro matar
nam quero mais que ho cuydar
por ver de perder cuydado
que me nam pode enfadar.

Outra

Cuydados dos meus cuydados
quando me aueis de deixar
para tanto mal cuydar

Com meu mal vos ſofreria
ſe antes da vida perder
cuydaſe ainda veer
algũa hora em hũ ſoo dia:
Mas tudo ho q̃ eu mais queria
jaa ſe foy para lugar

donde ho nam deixam tornar

Foram bem auenturados
nam conhecerom mudança
hos que na moor efperança
foram da vida leuados
Nam tiuerom hos cuydados
que fenam podem cuydar
e muyto menos leixar

Efta vida que foy minha
tal que vella he crueldade
hum modo de piedade
feria matarme azinha
de quanta efperança eu tinha
nam pude hũa foo faluar
e viuo e eyde cuydar

Efparça.

Tudo feu tempo ha de teer
que vos pefe do meu dano
nam pode deixar de fer
pello tempo e pello año
fenhora oulhay fe me engano:
Camanho engano feria
pois vos quero de maneira
que nam pode vir efte dia
tam cedo como eu queria
nem tam tarde que ho nã queira.

Outra

Donde ey meu mal de por

cuidados que eu fui tomar
querreime ora deixar

Tudo foy parece engano
e eu fuy o enganado
acabado he eſte dano
noutro mayor começado:
Cuydados de outro cuydado
ſe vindes a me acabar
cedo auereis de tornar.

Por hũas vaãs eſperanças
em que eu jaa tanto eſperei
vi depois tantas mudanças
que a meu mal conta nam ſei
cuydados que eu nam cuydei
dezeime ſe eyde cuidar
que aueis tambem da cabar.

Outra

Cuydados aſſi vos quero
que ſejais deſeſperados
querouos para cuydados

Tempo foy que nunca fora
quando com outra eſperança
toda minha confiança
pus em vos ſoo por hũa hora
Muito mais vos quero agora
por que ſois deſeſperados

querouos para cuydados

Nam vos quero por vaã gloria
deteruos, ainda que a tenho
comiguo qua ſoo os tenho
de mim a mim ſoo faço hiſtoria
puſuos na minha memoria
donde nunca outros cuydados
foram tam deſeſperados

Cuydados aſſi vos quero
ho que tenho dou a vos ſoos
deſeſperados ſoes vos
eu ſou ho que deſeſpero
vinde que aſſi vos eſpero
quanto mais deſeſperados
querouos para cuydados.

Outra

Mandais que leyxe cuydados
ſenhora, mas ſe hos tomei
por vos como hos deixarei

Sobre mim deſque vos vi
nam me ficou mais poder
ſe mandais tornaime a mim
e virei ſe pode ſeer:
Ainda que ſe em meu querer
ha de ficar, eu nam ſei
de vos para onde me hirei:

Finis.

A B C D E F G H I K L M N
O P Q R S T V X.
Todos sam qua-
dernos.

A B C D E F G H I K L M N
O P Q R S T U X
Todos ſam qua-
dernos.

BIBLIOTECA DE ESCRITORES PORTUGUESES

SÉRIE A)

Publicados:

BERNARDIM RIBEIRO e CRISTOVÃO FALCÃO — *Obras*. Conforme a edição de Ferrara. Edição preparada e revista por Anselmo Braamcamp Freire, e prefaciada por D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos. 2 volumes. 2.ª edição.

Em papel de linho .... –
Em papel de algodão........... -

CANTIGAS D'AMIGO DOS TROVADORES GALEGO-PORTUGUESES. Edição crítica acompanhada de introdução, comentário, variantes e glossário pelo Dr. José Joaquim Nunes. 3 vols.

Vol. I e III:
Em papel de linho.............. 90$00
Em papel de algodão........... 45$00

Vol. II (texto):
Em papel de linho .... 25$00
Em papel de algodão .... 15$00

SÁ DE MIRANDA. — Comédia dos Vilhalpandos. Conf. a 1.ª edição. Rev. pelo Dr. A. J. Lopes da Silva, 1 vol.

Em papel de linho .... 15$00
Em papel de algodão........... 7$50

No prelo:

SILVIA DE LISARDO.

CANTIGAS D'AMOR DOS TROVADORES GALEGO-PORTUGUESES. Edição crítica pelo Dr. José Joaquim Nunes. 1 vol.